

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**MESTRADO EM ESTUDOS HISTÓRICOS EUROPEUS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

***IMAGENS DE PODER NA IMPRENSA PERIÓDICA  
REGIONAL***

***O Alentejo Português e a Estremadura Espanhola  
(1930 – 1940)***

**Dissertação realizada por:**

**Noémia Maria Redondo Serra Serrano.**

**Dissertação orientada por:**

**Professora Doutora M. Fátima Nunes**

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri”

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**MESTRADO EM ESTUDOS HISTÓRICOS EUROPEUS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

***IMAGENS DE PODER NA IMPRENSA PERIÓDICA  
REGIONAL***

***O Alentejo Português e a Estremadura Espanhola  
(1930 – 1940)***



**Dissertação realizada por:**

**Noémia Maria Redondo Serra Serrano.**

152 596

**Dissertação orientada por:**

**Professora Doutora M. Fátima Nunes**

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri”



## INDÍCE

	Pag.
Nota Prévia.....	
Introdução: História da imprensa regional – Um tema em aberto.....	7
<b>PARTE I – <i>Notícias de Évora e Hoy</i>: A imprensa regional peninsular nos anos trinta.....</b>	<b>25</b>
<b>Cap. 1. Em busca de uma matriz teórica: Poder e imprensa - a relação possível...27</b>	
Portugal.....	27
Estado Novo e Salazar.....	28
Política externa.....	30
Propaganda.....	30
Espanha.....	32
Franco e o poder.....	35
O Iberismo: Conflito e convergência.....	36
<b>Cap. 2. <i>Notícias de Évora e Hoy</i>: A estrutura de dois periódicos regionais.....39</b>	
Imprensa local e opinião pública em tempo de exceção.....	39
<i>Notícias de Évora</i> .....	43
Empresa.....	44
Colaboradores.....	47
Fontes.....	50
Estrutura formal.....	51
Distribuição.....	52
Discurso e conteúdo.....	53
<i>Hoy</i> .....	55
<i>Hoy</i> como empresa.....	57
Distribuição.....	60
Colaboradores.....	61
Fontes.....	62
Estrutura formal.....	63
Discurso e conteúdo.....	64
Em jeito de balanço.....	68



<b>PARTE II – Imagens de poder: Relações e desafios.....</b>	<b>72</b>
<b>Cap. 1. Poder, censura e conjuntura.....</b>	<b>74</b>
Legislação.....	74
Censura em Portugal.....	78
<b>Cap. 2. Poderes retratados sob a lente da censura no <i>Notícias de Évora</i>.....</b>	<b>86</b>
Poderes e valores.....	86
Universo cultural do <i>Notícias de Évora</i> .....	87
Família.....	88
Nacionalismo.....	91
Trabalho, disciplina e ordem.....	93
Religião.....	94
Universo político e social do <i>Notícias de Évora</i> .....	96
O Poder nacional.....	96
O Poder local.....	99
<b>Cap. 3. Poder, censura e conjuntura: viagem ao interior da censura em Espanha</b>	
Legislação.....	105
Censura em Espanha.....	110
<b>Cap. 4. Poderes retratados sob a lente da censura no jornal <i>Hoy</i>.....</b>	<b>113</b>
Universo cultural no <i>Hoy</i> .....	114
Religião, conservadorismo e nacionalismo.....	114
A família e a mulher.....	119
Cultura e tradição.....	120
Universo político e social do <i>Hoy</i> .....	121
O Poder local.....	121
O Poder “nacional”.....	122
<b>PARTE III – Encenação político-cultural.....</b>	<b>126</b>
<b>Cap. 1. A Nova Ordem portuguesa no <i>Notícias de Évora</i>.....</b>	<b>126</b>
Deus, Pátria, Família.....	126
Família e valores morais.....	130
A Pátria Una.....	131
A ordem internacional.....	135

<b>Cap. 2. Inovação e tradição no <i>Notícias de Évora</i>.....</b>	<b>138</b>
Uma visão cultural.....	138
O Ensino visto no jornal.....	140
A Agenda cultural.....	143
Tradição ou inovação.....	149
A ciência e o progresso encenado.....	150
<b>Cap. 3. <i>Hoy</i> e a Nova Ordem em Espanha.....</b>	<b>153</b>
Tradição e anti-socialismo.....	153
A Nova Espanha nacionalista.....	155
Deus-Pátria, Trabalho-Ordem.....	157
<b>Cap. 4. Tradição e Inovação no <i>Hoy</i>.....</b>	<b>160</b>
A intelectualidade espanhola no <i>Hoy</i> .....	160
A agenda cultural.....	163
Inculcação de valores.....	166
Tradição e Inovação.....	167
<b>Cap. 5. Posturas ideológicas e discursos dominantes no <i>Notícias de Évora</i> e no <i>Hoy</i>. .....</b>	<b>169</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>177</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>182</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>183</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>196</b>
<b>Anexo 1A.....</b>	<b>197</b>
<b>Anexo 1B.....</b>	<b>198</b>
<b>Anexo 2.....</b>	<b>199</b>
<b>Anexo 3.....</b>	<b>203</b>

## DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

### ***IMAGENS DE PODER NA IMPRENSA PERIÓDICA REGIONAL O Alentejo Português e a Estremadura Espanhola (1930 – 1940)***

#### RESUMO

A dissertação estabelece as imagens de poder na imprensa periódica regional do Alentejo Português e da Estremadura Espanhola, nos anos trinta, tendo como fontes o *Notícias de Évora e Hoy*.

Estudando a imprensa como estrutura, enquadram-se os dois periódicos nas condições materiais de produção e compara-se a sua estrutura de funcionamento. Equacionam-se as imagens de poder local e nacional veiculadas nesta imprensa, explorando os mecanismos de controlo ideológico e as relações e desafios estabelecidas entre ela e o poder. Finalmente apresenta-se a encenação político-cultural expressa nessa imprensa.

Os dois periódicos, diferenciados por uma geografia mais cultural que política, souberam sobreviver no contexto de um terrível aparelho de repressão e controlo ideológico, interiorizando a adesão a uma “nova ordem”. Tiveram a sua cota-parte de responsabilidade na formação da opinião pública das suas regiões, constatando-se a importância da imprensa periódica regional no meio em que é difundida e o seu enorme valor para o poder instituído como veículo de transmissão e inculcação da sua mensagem.

*IMAGES OF POWER IN THE REGIONAL PERIODICAL PRESS.  
The Portuguese Alentejo and the Spanish Extremadura (1930-1940)*

#### ABSTRACT

This essay establishes the images of power in the Regular and Regional Press of Portuguese Alentejo and Spanish Extremadura, in the Thirties, using as sources the papers: *Notícias de Évora* and *Hoy*.

Studying the Press as a structure, both papers are fitted in the material conditions of their production and their structure of operation is compared.

The images of local and national power, expressed in this Press are established and the essay explores the mechanism of the ideological control and the relations and challenges between Press and Power.

Finally we present a sort of political and cultural “staging”.

Both papers, distinguished by a more cultural than politics geography, knew how to survive in the context of a terrible repression and ideological control apparatus. They have supported a New Order. They have had their responsibility in the public opinion of their regions and we can proof the great importance of Regular and Regional Press in its environment and its enormous value to the Power as vehicle and inculcation of its message.

## NOTA PRÉVIA

A cultura como sistema aberto, como acto e drama que se expressa na palavra ou na imagem, deixou há muito a “torre de marfim” e equaciona-se agora numa atitude activa que mobiliza a discussão e oferece á investigação um campo cheio de problemas a explorar.

Um programa de investigação pretende sempre responder a um ou vários problemas que se tornam o cerne e o fulcro das nossas vidas, num determinado momento.

A elaboração da tese de Mestrado é por isso um momento crucial, onde culmina por um lado, uma série de aprendizagens, de contactos com a investigação e de escolhas que nos levam á consecução de um projecto que se traduz num produto final em relação ao qual se sente um carinho muito especial.

Antes de passar á apresentação do tema da tese: *Imagens de poder na imprensa periódica regional: A Estremadura Espanhola e o Alentejo Português (1930 - 1940)*, quero agradecer a colaboração prestada por todas as entidades a que recorri e a todas as pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho. Serão sempre poucas as palavras de agradecimento e apreço pelo trabalho dos professores que nos ministraram as aulas do mestrado. Porém é para a orientadora desta tese, Ex<sup>a</sup> Senhora Professora Maria de Fátima Nunes que vai o meu maior agradecimento e para o professor Santiago Zapata Blanco que me auxiliou na procura do que me era necessário em Espanha.

Partilhando uma concepção de História dinâmica, como acção modeladora permanente das conjunturas sobre as estruturas e deslocando-me constantemente, de uma maneira tão sistemática quanto possível, da cultura para a política e desta para as forças sociais, apresento nesta tese uma abordagem que salienta o comparativismo e a análise de conteúdo numa articulação que pretende ser inovadora e contribuir para um melhor esclarecimento de algumas questões que a História da imprensa (cuja importância é indelével pois mantém uma vinculação directa e intensa com a sociedade) só agora começa a abordar, no nosso país.

**IMAGENS DE PODER  
NA IMPRENSA PERIÓDICA REGIONAL  
(O Alentejo português e a Estremadura espanhola - 1930-1940)**

**INTRODUÇÃO:**

**História da Imprensa Regional – Um Tema em Aberto**

A imprensa periódica regional é um dado cultural de inegável importância e interesse. Veicula-nos uma interpretação de saberes que vão desde as técnicas de impressão e de valores estéticos às mundividências dos seus colaboradores, à linha programática dos editores e à recepção dos leitores o que, por reflexo, nos permite reconstituir mentalidades e sentir o pulsar do tecido social em que opera.

A liberdade de expressão e a crítica fazem da imprensa o equacionar dialéctico da realidade e transformam-na numa seiva de culturas que nos permite de alguma forma perspectivar o grau de desenvolvimento de uma sociedade pois o diálogo e a crítica constituem uma condição “*sine qua non*” para a realização de uma sociedade onde a liberdade/responsabilidade sejam a ordem cultural dominante. É por isso ela atrai tanto a atenção do poder e simultaneamente a ouvimos apelidar de “quarto poder”.

A imprensa periódica pode representar um campo privilegiado de polémica, de aferição de ideias ou de inovação. Pode assumir ou não o papel de contra poder, de recusa do “status”, veiculando posições que entram em rota de colisão com o poder instituído. Pode pugnar pela inovação e pela renovação, numa cruzada cívica, paradigmática, que se afirme contra qualquer aridez cultural. Pode também servir o poder, ampará-lo e propagandear-lo de livre vontade ou por imposição. Sobre o que não se fica no campo das probabilidades é o facto da imprensa constituir um auxiliar precioso para o estudo das sociedades contemporâneas.

No contexto do estudo da imprensa periódica regional e simultaneamente no contexto dos estudos históricos europeus, o meu trabalho tem como questão central o estabelecimento das imagens do poder na imprensa periódica regional, da Estremadura espanhola e do Alentejo português, nos anos trinta. Serve-se dos dois mais representativos e duráveis jornais que se publicavam nestas duas regiões: o *Notícias de Évora* e o *Hoy*.

Pretende explorar por um lado os mecanismos de controlo ideológico do poder sobre essa imprensa e por outro, a influência desta sobre o poder, de forma a estabelecer um paralelo entre a imprensa destas duas regiões.

Desta questão central decorrem três ângulos de análise:

- 1º- O relacionamento, autoritário ou não, do poder com a imprensa periódica regional.
- 2º - As representações de poder veiculadas por essa imprensa.
- 3º - Os reflexos dessa imprensa na área do poder.

Os três ângulos de análise de correntes da questão central atrás enunciados, dada a sua extensão, necessitam de uma operacionalização decomposta em várias áreas de abordagem. No que diz respeito ao primeiro sobre o relacionamento do poder com a imprensa periódica regional, uma área incontornável é a censura pois os regimes ditatoriais ou os que impõem uma liberdade mitigada instalam sempre um regime de censura que pretensamente os põe a coberto de críticas e de denúncias. Por se encontrar intrinsecamente relacionada com o quotidiano, a imprensa regional “exige” dos regimes não democráticos uma vigilância especial que impeça a circulação de ideias que o regime considere subversivas ou lesivas do seu interesse nacional.

No que diz respeito às representações de poder – imagens, valores e mensagens – veiculadas pela imprensa regional, também a decomposição é inevitável, tornando-se imprescindível o tratamento dos temas e personalidades nacionais nesta imprensa, o saber como eram seleccionados os assuntos destinados a produzir notícias e qual o papel das agências e dos correspondentes na difusão dessas imagens. Outro assunto a debater é a questão de saber se o contexto no qual se situam os assuntos particulares é ou não primeiramente político e como evoluiu a “visibilidade” das elites regionais, na imprensa regional dos anos trinta, verificando também como se posiciona esta imprensa face à tradição e inovação, à cultura e à ciência.

Finalmente, no que diz respeito aos reflexos da imprensa na área do poder e para os casos do *Notícias de Évora* e do *Hoy* as áreas de abordagem prendem-se com a difusão cultural da notícia, os seus reflexos no público que ao posicionar-se vai afectar o poder. Este último ângulo de análise não faz parte deste trabalho, podendo vir a constituir por si só motivo de posterior investigação.

O objectivo primordial do meu trabalho é o de procurar analisar e interpretar as imagens do poder veiculadas pela imprensa periódica de duas regiões distintas, política e administrativamente diferenciadas mas com semelhanças inequívocas, no mesmo

período temporal (os anos trinta), de forma a demonstrar como essa imprensa apresenta formas estruturais diferenciadas e diferentes formas de intervenção na sociedade.

A imprensa periódica regional mantém um vínculo directo e intenso com a sociedade e é frequentemente chamada a intervir, a comentar e a tomar posição sobre os acontecimentos em curso. Não pode por isso ser entendida globalmente fora das condições sociais, políticas e económicas em que é produzida. Assim, visando reconhecer a importância desta imprensa, o trabalho realizado enquadra-se no âmbito da História política na medida em que exige uma definição do conceito de poder e uma análise do seu exercício sobre a imprensa e das suas relações com ela. Enquadra-se também no âmbito da História social em cujo contexto as abordagens possíveis são inúmeras mas aqui focalizadas sobre quem eram os rostos retratados na imprensa periódica regional, quem exercia efectivamente o poder nessa imprensa, que acolhimento tinha junto do público, como o influenciava e como era influenciado.

É verdade que a imprensa se apresenta como um precioso repositório de cultura e constitui um acervo importante da nossa memória colectiva mas não é apenas como repositório de informação que eu pretendo abordar a imprensa periódica estremenha e alentejana. O meu objectivo não é “usar” a imprensa mas sim estudá-la como estrutura para perceber o seu funcionamento endógeno e a partir dessa compreensão ponderar então e perspectivar os problemas colocados, residindo aqui no essencial a pertinência deste trabalho que se afasta da maioria dos estudos portugueses sobre imprensa.

Enquadrando-se nos estudos sobre a História da Imprensa peninsular e no debate sobre o valor sócio-cultural da imprensa regional, este trabalho tem a particularidade de abarcar no mesmo período temporal, dois países vizinhos mas distintos, vivendo-se no caso português os primeiros anos do Estado Novo e no caso espanhol um período que é recheado de mudanças e contradições que culminarão no Franquismo. Esta particularidade permitirá numa perspectiva peninsular, verificar como dois países autoritários apresentavam nos anos trinta, imprensas periódicas regionais que obedeciam ou não a um aparelho de controlo que funcionava como um microscópio dos comportamentos, reproduzindo uma disciplina mecânica de uma certa moral e de um certo direito cuja função era prevenir todas as “anormalidades”.

Organizei este trabalho em três partes, subdivididas em capítulos. Numa primeira parte apresento os dois periódicos estudados – *O Notícias de Évora* e o *Hoy* – enquadrando-os nas condições materiais da sua produção, clarificando um pouco as características da imprensa periódica regional peninsular. Na segunda parte tratou-se de

equacionar o problema das imagens de poder veiculadas nos dois jornais e entender as relações e os desafios que se estabeleceram entre a imprensa e o poder. Numa terceira parte apresenta-se então a encenação político-cultural expressa nessa imprensa, elaborando o repertório ideológico dos dois periódicos em estudo. Apresento depois algumas conclusões e pistas para reflexão.

Tendo em conta a importância da imprensa periódica regional e no contexto deste mestrado onde as realidades europeias constituem o fulcro da investigação, este trabalho quer revelar uma visão sobre a imprensa periódica regional peninsular como veículo cultural e de transmissão de valores por excelência. A política de informação dos estados influência não só o conteúdo da imprensa mas também a sua própria estrutura. É esta que se investigou, equacionando a partir dela as problemáticas expostas.

O exercício da reflexão histórica exige sempre um olhar crítico e problematizante sobre os dados sociais, o domínio dos conceitos e hábitos de rigor, revestindo-se a metodologia e as opções conceptuais de particular importância. Do ponto de vista conceptual este projecto de investigação impõe a definição de dois conceitos: o de região e o de poder.

Dentro da nomenclatura geográfica, região constitui um vocábulo com múltiplas acepções mas a que me serve de base e referência define região como uma entidade geográfica onde a estrutura do solo, o relevo, o clima e o homem são factores essenciais<sup>1</sup>. Daqui decorre que a região é entendida neste trabalho, do ponto de vista material como um território que se distingue de outro por condições particulares de clima, de produção de habitação e de características morfológicas. É neste conceito integral de região em cuja definição entram dados físicos, antropológicos e históricos que me baseio para considerar que a Estremadura espanhola e o Alto Alentejo português, apesar de distintos administrativa e politicamente podem ser vistos como uma região de interdependências variadas, partilhando não apenas características geográficas mas também de natureza vivencial. Nesta linha, considero também que Évora e Badajoz são espaços de polarização da referida região, espaços cuja área de influência é grande e importante, importância a que não são alheios factores como o crescimento urbano, a modernização de algumas infra-estruturas e a existência da Universidade. Esta polarização conhece aliás algum desenvolvimento na época dos anos trinta que constituem o espaço cronológico desta investigação e mantém-se até aos

---

<sup>1</sup> Ver RICCHIERI, G (1978).

Ver RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne (1987).



nossos dias. Poder-se-á mesmo encontrar alguns vestígios de complementaridade inter-regional que no campo da cultura dão alguns passos efectivos através de contactos, parcerias e intercâmbios.

O conceito de poder tornou-se muito discutido sobretudo na área da investigação sócio-política onde o estudo analítico e empírico do poder é um problema central. Todos sabemos o que a palavra “poder” significa mas quando se trata de precisar o conceito colocam-se alguns problemas que tornam impossível uma definição universal aceite por políticos, sociólogos, economistas e historiadores.

Num sentido muito geral o poder pode ser visto como a capacidade ou habilidade de produzir efeitos de dependência e nesse sentido o poder pode ser definido como uma capacidade transformadora possuída por todos os seres humanos<sup>2</sup>. Este conceito é ainda muito vago precisando de ser especificado no sentido de clarificar se é algo que se possui ou que se exerce, se é um elemento dominante num conflito de interesses ou existe apenas como processo de legitimação de estrutura organizacionais.

Os aspectos conflituais do poder são inevitáveis pois ele exerce-se entre pessoas com relações assimétricas. No contexto das relações sociais pode ter-se uma visão tridimensional do poder em que se admite a existência não apenas de interesses individuais mas também de agentes colectivos, com interesses e objectivos de grupo onde se movem interesses particulares que provocam conflitos latentes. Neste sentido o poder é a capacidade ou disposição que provoca efeitos sobre terceiros e que só existe se o seu exercício for bem sucedido. Daqui resulta que força, manipulação e persuasão são os mecanismos envolvidos nas relações de poder de toda a espécie<sup>3</sup>. Mas é com base em Roderick Martin que vou utilizar o conceito de poder como um fluxo de comunicação específico, entre indivíduos grupos e instituições<sup>4</sup>. Esse fluxo de comunicação não tem necessariamente um carácter político e pode estabelecer relações de mútua conveniência. A posição deste autor mostra que o poder é uma propriedade de relação e não de indivíduos e é um sinal, isto é, um modo específico de comunicar. Esse sinal só faz sentido para os emissores e receptores de uma situação precisa. Por isso é variada a natureza do poder (política, sócio-económica e cultural).

Ao equacionar as questões do poder na sua relação com a imprensa periódica regional que é objecto deste trabalho encontramos um fluxo comunicacional onde a

---

<sup>2</sup> Ver GIDDENS, A. (1982).

<sup>3</sup> Ver WRONG, D. H., (1979).

<sup>4</sup> Ver RODERICK, M. (1994).

força, a manipulação e a persuasão estão bem presentes e a teoria que me serve de sinalização é a de que a imprensa regional como meio de expressão do homem em sociedade, apesar do controlo ideológico, cresceu de importância (nem sempre em quantidade).

Entre os jornais e as ideologias dominantes existiram sempre relações recíprocas, por vezes agrestes, por vezes coniventes<sup>5</sup>. Na verdade toda a produção jornalística significa que a notícia é o resultado de um processo pelo qual uma matéria-prima é apreendida, escolhida e transformada num produto vendável e posteriormente transmitida através do suporte de uma rede de distribuição que a vende a uma clientela. Todo este processo implica necessariamente relações de poder que se traduzem em imagens expressas explícita ou implicitamente no jornal. Estas imagens que pretendo estabelecer são o testemunho de que a imprensa por detrás da cobertura dos eventos ocasionais e das reportagens, representa não só uma forma de retratar o poder mas uma forma de poder em si, quer faça ou não uma publicidade disfarçada às ideias, aos regimes, às elites ou ao cidadão comum.

Do ponto de vista metodológico, socorro-me do método comparativo, do estudo de caso e da análise de conteúdo, procurando realizar uma análise que me permita estudar a imprensa periódica regional como estrutura e como um dado cultural e não apenas como simples acervo de informação. Através da comparação estabeleço um paralelo entre a imprensa periódica das duas regiões em causa, nos anos trinta. O recurso à comparação será inclusivo e limitado à imprensa periódica de Évora e de Badajoz, duas cidades escolhidas pela relativa proximidade e por questões relacionadas com a pesquisa das fontes.

O estudo diacrónico desta imprensa feito no período temporal de dez anos dá conta das alterações endógenas dos dois jornais, o *Notícias de Évora* e o *Hoy*, relacionando-as com as alterações verificadas nos dois países. A grelha de análise utilizada, enquanto instrumento de sistematização permite encontrar um quadro geral de referências que ajudam a esclarecer o papel da imprensa periódica regional, enquanto estrutura, procurando o sentido das permanências ao mesmo tempo que possibilita um jogo de reflexos que conduz ao estabelecimento de analogias e diferenças entre as duas imprensas vizinhas. Procuro assim uma pluralidade de dimensões corporizadas no

---

<sup>5</sup> Esta teoria é cara à historiografia francesa. Ver VOYENNE, Bernard (1971). Ver também RUDEL, Christian (1989).

*Notícias de Évora* e no *Hoy* que permita o equacionar da cultura espanhola e portuguesa no contexto da civilização europeia da época.

O tema em estudo enquadra-se sem dúvida no âmbito da História cultural mas também, no âmbito da História político – social. No âmbito da micro-análise, a questão central do meu trabalho enquadra-se nos estudos sobre a História da Imprensa e no debate sobre o seu valor cultural, na forma de jornais e de revistas, debate que vem trazendo a lume posições por vezes extremas e contraditórias. Assim, se há algumas visões que consideram a imprensa jornalística na sua forma de escrita uma antecâmara da literatura, sem nunca atingir a sua dignidade, a sua auréola e o seu estatuto<sup>6</sup>, existem modernamente posições que consideram que a imprensa periódica e o jornalismo têm uma função motora e um desempenho essencial na mutação da sociedade e correspondente adaptação a essa mudança do estado e do poder<sup>7</sup>.

O estudo da imprensa periódica regional, nos anos trinta, no caso português não pode ignorar o ambiente cultural do Estado Novo, esse período cuja génese se pode encontrar no golpe de Maio de 1926 e cuja estruturação se encontra já delineada em 1933.

A aprovação da Constituição de 1933 era o culminar de um projecto levado a cabo por Salazar, no sentido de institucionalizar um estado autoritário, centralizado e corporativo, anti-democrático e anti-parlamentar. O ano de 1930 foi um ano charneira, em que a ideia da transitoriedade da ditadura com o oportuno retorno à normalidade constitucional, deu lugar ao projecto de uma ordem política nova para a qual Salazar contribuiu com alguns textos decisivos, nomeadamente o manifesto da União Nacional e o discurso com que acompanhou a apresentação desse manifesto. Nele, partindo da nação como conceito base, sublinhava o princípio do estado forte, defendia o poder executivo independente, estável e prestigiado, insusceptível de ser derrubado por Assembleias legislativas. Nele expôs também a concepção orgânico-corporativa do estado, baseada e hierarquizada a partir da família, passando pelos municípios e acabando nas corporações morais e económicas.

A constituição de 1933 institucionalizava este novo regime cujos traços essenciais foram reforçados pela lei de onze de Abril do mesmo ano que institucionalizou a lei da

---

<sup>6</sup> Ver CUNHA, Alfredo da (s/d), pp. 314.

<sup>7</sup> Ver ALVAREZ, Jesús Fernández (1992).

censura prévia à imprensa (que já vigorava desde 1926) e a lei que regulava o direito de reunião<sup>8</sup>.

Jacinto Baptista<sup>9</sup> traça-nos em linhas gerais a ideologia e a mentalidade do salazarismo a propósito da cultura, ao abordar as relações de António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, com Salazar. É de particular interesse para o estudo que pretendo levar a cabo a entrevista concedida por Salazar a António Ferro em 1938, em que, sobre o “problema do espírito”, reafirma a sua posição já vinda a público<sup>10</sup>, de que a política do espírito se entende como a defesa dos valores espirituais contra a vaga crescente de materialismo. Esses valores são a tríade Deus, Pátria e Família que se enunciam como base da sua filosofia política na seguinte frase: “Não discutimos Deus e a Virtude; não discutimos a Pátria e a sua História, não discutimos a autoridade e o seu prestígio. Não discutimos a Família e a sua Moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu Dever.”<sup>11</sup>

Nessa entrevista (1938) Salazar mostra-se complacente com a prática da censura, contrariando a alegação apresentada por Ferro de que a censura agrava o analfabetismo, nomeadamente afirmando que ela constitui a legítima defesa dos estados livres independentes, contra a grande desorientação do pensamento moderno.

Sem dúvida que um dos instrumentos de controlo político foi a restrição das liberdades públicas, nomeadamente da liberdade de imprensa, da liberdade de reunião, de manifestação e de associação, sobretudo no plano político e sindical. De facto para impedir preventivamente a “perversão da opinião pública” o Estado Novo instituiu o controle da imprensa através da censura prévia e mais tarde em 1936 estabeleceu também a necessidade de autorização prévia para a fundação de novos jornais e a possibilidade de apreensão e encerramento administrativo de publicações.

Estabeleceu também o controle prévio de livros de conteúdo político-social, bem como a entrada de periódicos estrangeiros, controle que se estendia à exibição de filmes e montagem de peças de teatro.

---

<sup>8</sup> Ainda no mesmo ano foi publicado o Estatuto do Trabalho Nacional, criados o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) e ainda o Tribunal Militar Especial com competência para julgar os delitos políticos

<sup>9</sup> Ver BAPTISTA, Jacinto (1998).

<sup>10</sup> O SPN publicou em 1934 o *Decálogo do Estado Novo*, cumprindo o propósito que Salazar lhe confiara: a tarefa de ser um instrumento utilíssimo de enaltecimento do regime. O SPN foi uma “oficina de doutrinação”. Com uma dimensão eminentemente política, esta oficina de propaganda do regime, deu-nos uma série de textos que nos ajudam a captar a essência da ideologia e da mentalidade do Salazarismo no período da sua formação e cristalização.

<sup>11</sup> SALAZAR, António Oliveira (1945), vol. II, pp.130.

É neste contexto que se produz, difunde e divulga a imprensa periódica regional portuguesa que me proponho estudar. O debate sobre a imprensa e o seu valor cultural está bem vivo na historiografia europeia e tem vindo a despertar interesse em Portugal. Efectivamente existem alguns trabalhos publicados sobre a imprensa periódica em Portugal que não respondem ao que pretendo investigar, pois são praticamente inexistentes os trabalhos sobre a imprensa analisada do ponto de vista estrutural.

Nos anos 40, foram publicados alguns trabalhos que se debruçam sobre o jornalismo e o seu “modus operandis” como são o caso dos trabalhos de Rafael Ferreira<sup>12</sup>, Joaquim Manso<sup>13</sup> e Hugo Rocha<sup>14</sup>. Estes trabalhos tratam o jornalismo como uma profissão que influenciando a vida social, comporta um conjunto de meios e técnicas de informação pública, caracterizado pela periodicidade. Publicados entre 1940/46, estes trabalhos não abordam os problemas das relações com os poderes públicos, mas sim o carácter e a evolução da técnica jornalística. Preocupam-se com o problema das fontes de informação nacionais e estrangeiras e com a “formação” do jornalista.

Neste âmbito seria interessante encontrar estudos sobre a vida interna e a elaboração dos jornais, considerando desde a redacção e os problemas que ela suscita à direcção e à administração do jornal, à sua distribuição e divulgação pois só assim será possível conhecer aprofundadamente os jornais e as condições objectivas da sua existência.

Considerados globalmente e do ponto de vista da evolução cronológica, podem destacar-se os contributos de Rocha Martins<sup>15</sup> e de Joaquim Salgado<sup>16</sup>. O primeiro apresenta uma resenha da evolução da imprensa portuguesa, com fundamentação crítica ausente. É um trabalho descritivo que vale pelo facto de balizar épocas na História da Imprensa Portuguesa. Porém estão ausentes as análises sobre as condicionantes do jornalismo e da sua produção. Quanto à obra de Joaquim Salgado, *Virtudes e Malefícios da imprensa*, publicada sob o signo do Secretariado Nacional de Informação o qual substitui, numa operação de cosmética, o Secretariado da Propaganda Nacional, aborda a imprensa problematizando o seu papel na sociedade, como meio de combate ao analfabetismo mas como veículo que pode trazer a “barbárie” e o excesso. Enquadra-se no contexto da “política do espírito” que equivalia, na vida como na arte, a estabelecer e

---

<sup>12</sup> Ver FERREIRA, Rafael (1942).

<sup>13</sup> Ver MANSO, Joaquim (1941).

<sup>14</sup> Ver ROCHA, Hugo (1946).

<sup>15</sup> Ver MARTINS, Rocha (1942).

<sup>16</sup> Ver SALGADO, Joaquim (1945).

a organizar o combate contra tudo o que é feio, maléfico, grosseiro e doentio, isto é, enquadra-se no caldo cultural do Estado Novo.

Um marco na História da imprensa periódica em Portugal é a obra do professor José Manuel Tengarrinha<sup>17</sup>. No seu prefácio à 1ª edição, equaciona uma série de problemáticas consideradas indispensáveis na abordagem dos estudos sobre a História da imprensa periódica que vão desde a definição de periódico, à classificação das publicações periódicas (segundo o âmbito geográfico, as relações com os poderes públicos e religiosos, as orientações, a matéria, a periodicidade e o género) e ao problema da expansão e influência da imprensa. Este historiador considera que “alguns interessantes problemas de cultura, seriam dilucidados com o estudo das relações e influências recíprocas entre o jornalismo e o panfletarismo, o jornalismo e a literatura e o jornalismo e a oratória.”<sup>18</sup> Considera igualmente que a evolução da imprensa não poderá ser entendida e compreendida sem que se analisem detidamente os problemas relacionados com a vida interna e a elaboração de jornais. Mas o que me parece absolutamente imprescindível e inovador nesse prefácio é o reconhecimento da existência de dois tipos de trabalho e metodologias sobre a história da imprensa: “por um lado fazer a História da imprensa, por outro utilizar a imprensa como fonte histórica ou instrumento”<sup>19</sup>.

Já então se tornava evidente que a imprensa precisava e merecia ser estudada não apenas como copiosa fonte de informações sobre os acontecimentos mas também como estrutura com determinada evolução, com determinadas condições materiais de vida, em que desempenham papel importante a técnica jornalística, os órgãos que a servem e o seu apetrechamento historiográfico. O autor reconhece também a importância do fenómeno jornalístico que não pode ser analisado de uma maneira estática e formalista. Trata-se de uma obra de grande folgo que abarca os antecedentes da imprensa periódica desde as folhas noticiosas manuscritas aos almanaques, reportórios e prognósticos e que estabelece três épocas na História da Imprensa periódica portuguesa: a 1ª época: --Da gazeta de 1641 à Revolução de 1820; a 2ª constituída pela imprensa romântica e de opinião até aos fins do século XIX; a 3ª a do século XX. A 2ª edição que ocorre em 1989 e que continua então a ser a melhor obra sobre imprensa periódica portuguesa, atesta bem o quase deserto da investigação neste campo, entre nós. Esta última edição

---

<sup>17</sup> Ver TENGARRINHA, José Manuel (1989).

<sup>18</sup> Ver TENGARRINHA, José Manuel (1989), pp. 19.

<sup>19</sup> Ver TENGARRINHA, José Manuel (1989), pp. 20.

conta com dois capítulos inteiramente novos sobre os antecedentes e primórdios da imprensa periódica portuguesa, tendo vindo a lume mais dois sub capítulos “A imprensa ilegal durante a guerra civil” e o “Desenvolvimento da imprensa operária”. Infelizmente esta História, que pela sua estrutura e dinâmica se afasta de forma evidente da maior parte dos outros estudos, abarca apenas o período de tempo que vai até à implantação da República.

As Histórias de Portugal<sup>20</sup> pouco abordam a problemática da imprensa portuguesa, no período de tempo que é objecto do meu estudo e quando o fazem, limitam-se a traçar algumas linhas rápidas e sempre como corolário da “ política do espírito” e da censura, características do Estado Novo, cuja “orientação cultural” até aos anos 40, parecia ter como objectivo “oferecer certezas -as suas que facilitassem o direito de mandar (manda quem pode, obedece quem deve). Porém, todas elas usam a imprensa com fonte de informação.

Dada a temática que quero abordar e no período que o quero fazer são importantes os trabalhos de Graça Rodrigues<sup>21</sup> e o de Graça Franco<sup>22</sup> que nos dão conta dos danos que a censura causou à cultura portuguesa e ao jornalismo, não só através dos seus mecanismos repressivos exteriores mas também pela imposição da auto-censura e contenção. Existem outros trabalhos sobre censura mas do ponto de vista evolutivo é importante um trabalho anterior a estes agora referidos: o do António Borges Coutinho, publicado em 1969, pela Seara Nova e que contempla o regime jurídico da imprensa em Portugal nos finais da Monarquia, na República e no Estado Novo.

Após o 25 de Abril de 1974 publicaram-se vários livros sobre jornalismo, dos quais quero destacar o de Silva Araújo<sup>23</sup> por analisar o jornal como algo vivo e abordar a profissão de jornalista e muito do que lhe é inerente.

Igualmente há que destacar *Os Cadernos de Imprensa*<sup>24</sup> que abordavam os problemas do jornalismo e da imprensa na sua época. Mais recentemente foram publicados alguns livros sobretudo sobre a censura que no estudo desse tema se

---

<sup>20</sup> Ver MEDINA João (dir.), (1998) vol XII e XIII.  
NOGUEIRA, Franco (1981), 2º suplemento  
ROSAS, Fernando (1994), vol. VII, pp.268/295.  
MARQUES, Oliveira (1974).  
SERRÃO, Veríssimo (1997), vol. XIII, pp.510/514.

<sup>21</sup> Ver RODRIGUES, Graça, (1980).

<sup>22</sup> Ver FRANCO, Graça, (S/D).

<sup>23</sup> Ver ARAÚJO, Silva (1988).

<sup>24</sup> Começaram a ser publicados em Julho de 1987, subsidiados pela Fundação Calouste Gulbenkian e neles participavam vários jornalistas como Mário Mesquita, Nelson Traquinas e Francisco Pinto Balsemão.

tornaram incontornáveis. É o caso dos trabalhos de Arons de Carvalho e de Cândido de Azevedo<sup>25</sup>.

Quando pesquisamos sobre a existência de trabalhos sobre imprensa periódica regional, confrontamo-nos com alguma escassez numérica e de variedade de abordagens. Na sua maioria são estudos localizados e ou sob a forma de inventário ou de estudo de caso-região.

Dois exemplos sobre o que existe sobre imprensa regional são as obras de Carlos Galvão<sup>26</sup> e de Alfredo Gândara<sup>27</sup>. A primeira obra inscreve-se no período de tempo em que o esforço de António Ferro à frente do S.P.N. se traduzia no colocar a cultura “ao serviço da nação”, isto é, do Estado Novo. Assume um carácter cronológico e de transmissão de conhecimentos, numa abordagem pouco problematizante. A segunda obra obedece à ideia de que a imprensa regional serve para corrigir a ideia particular e original que cada um forme das realidades nacionais e para contribuir para que todos conheçam da mesma maneira e com a mesma “veracidade” os mesmos factos, no conjunto da vida da nação. Assim a imprensa regional podia e devia ter inseridas determinadas frases “edificantes” de Salazar servindo para propagar as ideias da “Revolução Nacional.”

Para a região portuguesa do Alto Alentejo, que é objecto da minha investigação, a maioria dos estudos reveste-se sob a forma de inventário e não são muito abundantes. São de referir o trabalho de António José de Carvalho que publicou em 1931 o livro: *Notas para a História do jornalismo em Elvas* e também os trabalhos de Gil do Monte<sup>28</sup>. Estes trabalhos referenciam a imprensa produzida no distrito de Évora e constituem uma recolha valiosa sobre o que existiu e se produziu nesta região.

Também se pode referenciar o trabalho de António Ventura e Aurélio Bravo, que publicaram, em 1981 o livro “*Inventário da Imprensa de Portalegre em 1836/1970*”.

O meu pequeno contacto com a historiografia Europeia sobre o tema imprensa, revelou-me estudos de outra natureza e dimensão. A produção historiográfica sobre o tema é profícua e situa-se numa outra fase de problematização.

---

<sup>25</sup>Ver CARVALHO, Arons de (1999).  
Ver AZEVEDO, Cândido de (1999).

<sup>26</sup> Ver GALRÃO, Carlos (1937).

<sup>27</sup> Ver GÂNDARA, Alfredo (1956).

<sup>28</sup> Ver MONTE, Gil do (1955a).  
MONTE, Gil do (1955b).  
MONTE, Gil do (1978).  
MONTE, Gil do (1984).



De facto a maioria dos estudos consideram cruciais os seguintes problemas: a produção da notícia e a sua emissão, a análise de meio (morfologia e estilo), a intervenção estatal e os processos de recepção. “Quem diz? O que diz? A quem? E Com que efeito?” são preocupações constantes nos trabalhos sobre imprensa.

Mesmo os trabalhos mais antigos como o de George Weill<sup>29</sup> e outros apresentam-se não na forma de inventário (também os há, tal como dicionários e enciclopédias só sobre imprensa periódica), mas como obras de análise, umas mais problematizantes que outras, estudando a imprensa como um dado cultural e não apenas como memória. A História da Imprensa periódica em França é das mais estudadas<sup>30</sup>. Existem depois uma série de obras onde são estudados aspectos particulares da história da imprensa, com muitos estudos de caso e estudos regionais. Outros estudos existem que se servem da imprensa e que através dela e à sua luz, estudam os factos históricos<sup>31</sup>

A historiografia inglesa parece também não se afastar muito da francesa na sua visão e forma de abordagem, embora a tónica do debate pareça assentar mais no papel da imprensa nos sistemas democráticos, nos problemas do jornalismo de profundidade e nas questões economia/dependência/independência da imprensa<sup>32</sup>.

Quanto à Espanha a produção historiográfica sobre imprensa periódica e sobre o período que quero tratar é volumosa. Recentemente, (1998) foi publicada uma *História do periodismo em Espanha*, de Maria Cruz Seoane e de Maria Dolores Saíz que é a todos os títulos notável. No seu terceiro volume estas autoras abordam o problema da evolução da imprensa periódica no primeiro terço do sec. XX, referenciando dois tipos de periódicos: os de opinião que se encontravam na dependência de partidos, personalidades ou movimentos e os chamados periódicos de empresa, concebidos como um negócio suportado pelos anunciantes e leitores e com uma variedade de interesses quase enciclopédica para agradar ao maior número de leitores que vão progressivamente aumentando à medida que a sociedade espanhola se vai industrializando e massificando.

Os periódicos de empresa seguiram nos primeiros trinta anos do século uma marcha ascendente, aumentando a tiragem, a paginação, diversificando as suas secções e produzindo um discurso ambíguo para captar um público heterogéneo. Pelo contrário

---

<sup>29</sup> WEILL, George (1934),  
CALVET, Henri (1958).  
VOYENNE, Bernard (1971).

<sup>30</sup> Uma obra ainda hoje incontornável ainda hoje é a *Histoire général de la Presse française*, (1969/75), 4 vol., Paris, PUF.

<sup>31</sup> ROSSEL, André (1982).

<sup>32</sup> STEED, W. (s/d).

a vida dos periódicos de opinião tornava-se mais precária embora na opinião destas autoras ocorra um fenómeno paralelo no sentido de que a influência destes sobre os leitores era intensa e terá contribuído para a formação da consciência de classe. Cada um dos exemplares chegava a um número maior de leitores, através de leituras colectivas cuja importância era inegável em meios pouco alfabetizados ou passando de mão em mão nas Casas do Povo ou na Taberna.

Abordam ainda a questão da independência dos periódicos de empresa, apontando vantagens e inconvenientes deste tipo de periódicos. Referem a mudança da imprensa espanhola após a 1ª guerra mundial, com a “velha imprensa” a entrar em decadência sem contudo se assistir a um processo de massificação completo pois o analfabetismo, a urbanização deficiente, a relativa escassez de público e o permanente estado de crise político-social não constituíam o clima apropriado para que o capital visse na imprensa por ela mesma um negócio rentável.

O debate está vivo e centra-se à volta de dois problemas candentes: as transformações sofridas pela imprensa num período de tempo tão recheado de mudanças políticas e sociais e os efeitos da imprensa periódica sobre a opinião pública.

No primeiro tema agora enunciado debate-se também o tipo de periódico espanhol por comparação com os da Europa da frente, apontando a maioria dos estudos para o facto dos periódicos espanhóis serem híbridos entre o diário – informativo – interpretativo e o jornal de opinião pois em Espanha não são a tónica dominante nem os grandes diários, em que a informação séria e racionalmente organizada predomina sobre a opinião, nem o diário popular, sensacionalista. Editorial político, crónica literária, ensaio e sensacionalismo misturam-se nos jornais espanhóis destes primeiros trinta anos do século XX, originando um periodismo de forte impregnação literária, de grande cultura intelectual mas de deficiente informação.

Com efeito, os anos trinta em Espanha foram recheados de acontecimentos entre os quais se destaca a guerra civil entre 1936/39 que é ainda hoje um ponto quente na historiografia sobre a Espanha do sec. XX, já que muitas obras produzidas nos anos 60 não se mantêm por avanços significativos na informação e nos métodos de a analisar e interpretar. A guerra civil espanhola insere-se na crise geral que recaí sobre a Europa e o mundo entre 1918 e 1939 e traduz um mal-estar interno que vinha de longe.

A primeira ruptura importante e definitiva do sistema espanhol da restauração dá-se em 1917. De facto, vários autores dos quais destaco Júlio Aróstegui<sup>33</sup> e Manuel Tuñon de Lara<sup>34</sup> mostram-nos como se assiste progressivamente à agonia do regime político bipartidário (1917-1923), à implantação de uma ditadura militar e civil que começa sob o signo da contenção revolucionária e acaba com a tentativa de encontrar uma solução política corporativista (1923-1930) e por fim a ruptura que significa o regime republicano que pretende encontrar uma recomposição modernizante, sobre uma base liberal-democrática, das relações entre grupos e classes, num contexto de depressão generalizada do sistema capitalista mundial (1931-1936). Os três últimos anos deste período são o culminar do drama da busca de um novo sistema de relações sociais de dominação e a sucessão de regimes políticos não era senão o sintoma das mudanças que se estavam a operar nas estruturas sociais básicas do país.

A imprensa deste período, durante o qual se consuma a conspiração contra o regime republicano espanhol e se desenrola a guerra civil, tem uma determinada estrutura, apresenta uma determinada evolução e postura diversificada face aos acontecimentos, dando-nos conta e mediatizando os factos de maneiras também bem diversas. Para além de várias histórias, dicionários e enciclopédias sobre a imprensa periódica e sobre o periodismo, algumas sobre a imprensa “provincial”<sup>35</sup>, existem estudos sobre os mais diversos aspectos da vida da imprensa, enquanto produto cultural, enquanto actividade empresarial, enquanto memória e repositório de informação. Existem estudos sobre a liberdade de imprensa e a censura, imprensa e poder, imprensa e movimentos sociais, sobre imprensa e opinião pública. As abordagens são diversas e entre a vasta lista de produção historiográfica existem alguns livros cruciais pela problematização que apresentam e pelas pistas e caminhos que deixam em aberto.

As relações da imprensa com o poder mas as posições de Angel Benito Jaen<sup>36</sup> e de José Luis Dader Garcia<sup>37</sup> apresentam estas relações de uma forma problematizante e crítica. O primeiro dá-nos conta de como o poder político, social e cultural traça um

---

<sup>33</sup> AROSTÉGUI, Júlio (1984).

AROSTÉGUI, Júlio (1985).

<sup>34</sup> LARA, Manuel Tuñon de (1981).

<sup>35</sup> Ver TOBAJAS Marcelino (1984).

ALBERTOS, José Luis Martínez (1984).

ALTABELLA, José Hernández (1983).

AGUILERA, Cesar Castillo (1988).

SEOANE, Maria Cruz; SAIZ, Maria Dolores (1998).

<sup>36</sup> JAEN, Angel Benito (1982).

JAEN, Angel Benito (1988).

<sup>37</sup> GARCIA, José Luis Dader (1980).

determinado conceito de informação e impõe condicionalismos variados à produção da notícia. Como já afirmei a notícia apresenta-se como o resultado de um processo complexo que passa pela apreensão e escolha dos dados e inevitavelmente pela sua transformação até se tornar um produto vendável e posteriormente difundida através do suporte de uma rede de distribuição que a “vende” a uma clientela.

No âmbito dessas relações colocam-se as questões de saber se nas notícias a tónica é ou não dada a personagens políticas que são uma elite social importante pela posição que ocupam. Esta problemática faz-me colocar outras questões que me interessa analisar na imprensa periódica regional: Como são tratadas, se são tratadas nas notícias as elites económicas, militares e intelectuais? Como evolui a “visibilidade” dessas elites no poder? Estes problemas não foram ainda respondidos e correspondem a uma área de investigação com inúmeras entradas.

Também Dader Garcia aborda a problemática da relação poder/imprensa do ponto de vista da repercussão política que a mediação periódica desempenha nas democracias ocidentais, equacionando bem os problemas da “espetacularidade” da notícia e da sua “intenção”.

O papel das ideologias, a questão da liberdade e da censura são também objecto de estudos sobre a imprensa quer a nível geral, quer a nível regional, existindo mesmo algumas teses de doutoramento sobre estes assuntos. A tese de Maria Rosa Amorós<sup>38</sup> analisa a liberdade de expressão na segunda república espanhola numa perspectiva da legislação existente e neste âmbito existem trabalhos que analisam, partindo da legislação, o direito à informação local e o trabalho da censura e os seus efeitos<sup>39</sup>.

Também a imprensa é estudada como estrutura empresarial que evolui e se adapta às diversas conjunturas políticas, económicas e culturais. Do ponto de vista empresarial nos finais dos anos sessenta e nos anos setenta, já existiam alguns trabalhos que tentavam explicitar o conceito da empresa periodista e fazer a sua história interna e externa, enquanto que mais recentemente e com base na evolução da própria História empresarial, vieram a lume diversos trabalhos sobre empresas particulares com evidente

---

<sup>38</sup> AMORÓS, Maria Rosa (1988).

<sup>39</sup> São de referir as obras de:  
ANSEJO, Porfirio Barroso (1984)  
LARA, Pedro Crespo de (1977).  
SINOVA, Justino (1989).  
BEL MALLEEN (1990).

interesse historiográfico.<sup>40</sup>

Apesar dos seus progressos a imprensa é ainda um fenómeno “minoritário” em Espanha e quando se pretende precisar a difusão e o grau de circulação de um periódico deparamo-nos com muitas dificuldades. Embora existam estatísticas oficiais sobre a difusão de alguns periódicos nos anos de 1913, 1920 e 1927, até aos anos trinta estas estatísticas apresentam-se como pouco fiáveis pois os dados eram fornecidos pelos próprios directores dos jornais o que pode viciar os dados, além de que faltam muitíssimos dados referentes a muitos periódicos. A quantificação pode ser edificada sobre um terreno muito movediço e por isso enganador.

Outro problema colocado pela produção historiográfica espanhola é a da produção e obtenção das notícias. Debate-se o problema de saber se o produto jornalístico das agências é o protótipo do discurso dominante no campo jornalístico e qual foi o papel das Agências mundiais na imprensa espanhola. Na realidade em termos mundiais as grandes agências internacionais monopolizam cada vez mais o mercado informativo. A agência internacional para a Espanha era a Havas, sendo a agência espanhola mais importante a Fabras que foi comprada pela primeira e mesmo quando se converteu em sociedade anónima e em 1927 foi nacionalizada não se modificou a sua dependência em relação à Havas. Só no final dos anos vinte esta agência francesa começou a sentir a competição movida pela Internews, Associated Press e United Press.

Nos anos trinta, a agência alemã Deutche Nachrichtenburo estabeleceu-se em Madrid tentando contrariar as fontes de informação francesas e americanas. A questão que se coloca é a de saber que “imagens” de poder veiculavam e difundiam essas agências internacionais em Espanha e o problema não foi ainda equacionado, pelo menos nos diversos estudos a que tive acesso. Para mim será importante saber se os periódicos que vou estudar colhiam também a sua informação nessas agências ou recolhiam-na por via indirecta através de outros grandes jornais do país.

No universo da imprensa periódica regional, também é assunto importante a forma como eram seleccionados os assuntos destinados a produzir notícia. Dado que a imprensa foi um veículo fundamental na difusão da cultura, muitas novelas e ensaios vieram a lume nesta imprensa e dela deram o salto para jornais maiores. A conjuntura

---

<sup>40</sup> São exemplos do que afirmo as seguintes obras:  
TAMARGO, Afonso Nieto (1967)  
TAMARGO, Afonso Nieto (1973)  
GONZALEZ, Francisco Iglésias, (1990).

espanhola mostra que a colaboração literária era mais barata para os jornais e fonte de receitas para o escritor que atingia um público maior.

Finalmente, outra área em que existem alguns trabalhos é a da esfera da opinião pública e que acentuam o debate sobre a influência da imprensa na formação e evolução da opinião pública estabelecendo relações entre a imprensa o público e a sociedade.

É este o ponto da situação ao qual pretendo acrescentar um pouco mais da História da imprensa portuguesa e espanhola, referente a duas regiões próximas cujo futuro passará seguramente pela cooperação e respeito no quadro das instituições europeias.

## PARTE I

### **NOTÍCIAS DE ÉVORA E HOY: A IMPRENSA REGIONAL PENINSULAR NOS ANOS TRINTA**

A imprensa tende a ser considerada, prioritária e preferentemente, como fonte documental. Neste projecto fiz dela a personagem principal, analisando-a como estrutura e dado cultural o que me levantou alguns problemas teórico-metodológicos.

Ao considerar a imprensa como estrutura e ao aplicar este quadro referencial aos periódicos que me propus estudar – *Notícias de Évora e Hoy* – tornou-se imperioso criar uma matriz de análise que me facultasse a estrutura de funcionalidade dos dois periódicos em causa, integrando-os no contexto historiográfico respectivo. Foi-me assim possível “historificar” as publicações em causa no panorama mais amplo da comunicação social da época a que pertencem e ao mesmo tempo avaliar o seu grau de eficácia na difusão das imagens de poder.

Era impossível fazer este estudo sem ter em conta que os anos trinta foram, para o caso português, os anos de ascensão e afirmação do Estado Novo, os anos em que a Revolução Nacional ganhou terreno face a um “revirvalho” algo desconcentrado e pouco eficaz, algum exilado na vizinha Espanha Republicana, em relação à qual o Estado Novo se mostrava céptico e frio. Não pode também ignorar-se a evolução política que levou o ministro das finanças – António Oliveira Salazar – ao cargo de presidente do Conselho de ministros e à dominância completa do poder político em Portugal durante quase meio século.

Era também impossível, para o caso de Espanha, ignorar o conturbado período da década de trinta que fez inflectir a vida política desse país da República à ditadura e a Franco, passando por uma guerra civil cujas feridas foram inevitáveis.

Tornou-se por isso imperioso referenciar a conjuntura política que serviu de pano de fundo à vivência dos dois periódicos, analisando os seus efeitos na produção da notícia e as suas repercussões na vida da imprensa periódica regional. Sem vida fácil nestes conturbados anos, a imprensa regional ou soube e pôde adaptar-se às exigências do poder ou soçobrou e viu desaparecer muitas publicações.



O *Noticias de Évora* e o *Hoy*, com percursos e histórias diferenciadas, foram jornais que conseguiram adaptar-se e criar um público fiel que os lia, apoiava e incentivava, numa relação de partilha e comunhão de valores que agradava ao poder instituído.

A comunicação é um dos símbolos mais fortes do século XX e para melhor comunicar é preciso reforçar as identidades, reencontrar o tempo e respeitar o que nos separa. Nos anos trinta o seu êxito e a sua importância eram já uma realidade e o poder estava consciente dessa importância, obrigando a imprensa, no caso dos dois jornais estudados a um discurso normativo que veiculasse os seus valores e ideais.

A apresentação dos dois jornais e um pouco da sua história vão permitir-nos clarificar algumas características da imprensa periódica regional portuguesa e espanhola, nos anos trinta, permitindo-nos verificar como a comunicação se colou à pele das sociedades contemporâneas, foi invadida por interesses e ideologias que nem sempre a respeitaram e deixaram respirar livremente.



## Capítulo 1. Em busca de uma matriz teórica: Poder e *imprensa* – a relação possível

### Portugal

Os primeiros anos do século XX em Portugal foram recheados de acontecimentos que os tornaram política e socialmente complexos. A queda da monarquia, a implantação da república e o vaivém dos ministérios republicanos abriram caminho ao golpe de estado do 28 de Maio de 1926<sup>41</sup> que acabaria por iniciar um período que serviu de transição para o regime salazarista, que introduziria profundas modificações na lei de imprensa e transformaria o panorama da imprensa portuguesa.

O golpe de estado de Maio de 1926 teve até certo ponto um carácter consensual pois os republicanos pareciam ver nele não o pôr em causa do regime liberal-parlamentar mas sim o desejo de regenerar a república. Esta concordância fácil e frágil trazia consigo uma duríssima e prolongada luta pelo poder que só se resolveria definitivamente com a institucionalização do Estado Novo.

A partir de 9 de Julho de 1926 encontramos duas correntes estruturadas do bloco político militar conservador no poder. De um lado a maioria dos chefes militares de formação republicana, maçónica e liberal conservadora. Do outro, Salazar e a sua corrente constituída por católicos, integralistas e opositores a qualquer regresso ao sistema liberal pluralista.

É na perspectiva que a ditadura era necessária mas transitória que Carmona foi reeleito presidente da República em 25/3/1928 com o apoio discreto do Partido Republicano Português e que o General Vicente de Freitas foi nomeado chefe do ministério. É também para este governo que Salazar é chamado para a pasta das finanças, na qual até aí estivera Sinel de Cordes que tinha sido incapaz de resolver a crise económica.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Ver. ROSAS, Fernando (1994). O 28 de Maio foi interpretado como instrumento de salvação nacional mas a chefia do movimento não era absolutamente clara. Ao grupo Mendes Cabeçadas / Cunha Leal depressa se opôs Gomes da Costa que após 42 dias do pronunciamento de Braga é afastado, procedendo-se então gradualmente à eliminação do republicanismo liberal. Salazar surge pela 1ª vez no trio de Coimbra que fez parte do governo de 15 dias de Mendes Cabeçadas. No novo ministério de Gomes da Costa, Salazar não aparece, sendo substituído por Filomeno da Câmara que era próximo da direita fascizante. Contudo Gomes da Costa toma uma série de medidas conturbadas e contraditórias e acaba por ser demitido, sendo nomeado presidente do ministério o General Óscar Carmona. Estava afastada a direita radical e o poder passou então para o bloco militar conservador, começando aqui verdadeiramente a ditadura militar.

<sup>42</sup> Ver. Ferraz, Ivens (1988), pp100/105. Salazar aceitou com um assentimento reticente a sua entrada no governo fazendo algumas exigências. De facto a sua ditadura financeira exigia que cada ministério limitasse os seus serviços dentro de uma verba global que o ministério das finanças lhe atribuía. O ministério das finanças podia ainda vetar os aumentos das despesas correntes e de fomento.

## Estado Novo e Salazar

Salazar é uma figura destacada do Centro Católico e a ditadura vê nele uma excelente oportunidade para formalizar um acordo com a igreja e alargar a sua base de apoio. Salazar granjeou a áurea de “mago das finanças” e era visto como o “técnico” mais do que como político. Contudo, satisfeitas as suas exigências, no seu discurso de posse Salazar afirmou: “Sei muito bem o que quero e para onde vou”<sup>43</sup>, o que deixava antever que o técnico era também político e sabedor das formas de controlar e “normalizar” a imprensa e a opinião pública.

No final de 1929 já era claro que a ditadura tinha de escolher entre duas opções: salvar a economia e as finanças sacrificando o liberalismo ou manter a república liberal, apoiada nos velhos partidos, prescindindo de Salazar.

Nos anos de 1931/32 a luta pelo poder no seio da ditadura foi intensa<sup>44</sup> e estes anos revelaram-se cruciais na ascensão de Salazar (que é nomeado para a presidência do ministério em Julho de 1932) e na passagem do republicanismo liberal conservador para a oposição<sup>45</sup>.

Salazar desde finais de 1931 mudara de tática e tentava, no centro, encontrar apoios, atraindo a direita republicana ao projecto unitário conservador da União Nacional. Longe do poder, o republicanismo militar deixava de ser alternativa para o liberalismo conservador que aderiu a Salazar. E depois dos civis verificou-se a adesão da maioria dos oficiais.<sup>46</sup>

Com Fernando Rosas<sup>47</sup> concorda-se que o Salazarismo foi um hábil processo de integrações, eliminações e compromissos, conduzido com grande sentido de oportunidade no quadro mais ou menos caótico que eram então as direitas portuguesas e o emaranhado de interesses contraditórios que as dividiam, fazendo das diversas direitas uma direita capaz de controlar o estado. De facto Salazar soube manter, reproduzir, arbitrar e equilibrar essa direita constituída, até ao limite possível da sua durabilidade.

---

<sup>43</sup> Ver. SALAZAR, António de Oliveira, (1937/1967), vol I, pp4/5.

<sup>44</sup> Nestes anos, a instabilidade é grande e a linha de Salazar parece soçobrar. Os reviralhistas lançam os seus últimos ataques com as revoltas da Madeira Açores e Guiné, A Liga 28 de Maio de Rolão Preto parece ganhar terreno e até em Espanha a ditadura de Primo de Rivera cai e dá lugar à implantação da República em 14 de Abril de 1931.

<sup>45</sup> Ver. CARRILHO, Manuel (1987).

<sup>46</sup> Ver. FERREIRA, José Medeiros (1992). Em 1934 um grupo de chefes militares e o ministro da guerra desafiam abertamente a chefia de Salazar que responde de imediato apresentando a demissão colectiva do governo e só aceita continuar a chefiar o ministério depois de uma nota oficiosa de Carmona lhe reafirmar a confiança.

<sup>47</sup> Ver. ROSAS, Fernando, (1994), pp151/299.

Esse equilíbrio foi também conseguido através da acção disciplinadora da imprensa que, enquadrada pela nova legislação, salvo raríssimas excepções, servia os interesses do Estado Salazarista apregoando as suas realizações e os seus ideais.

Entretanto, as classes dominantes portuguesas, dependentes do Estado para salvaguarda dos seus interesses, temiam a agitação e a desordem e afastavam-se da direita radical e fascista portuguesa e também da Liga 28 de Maio. Estas classes esperavam uma reforma autoritária e intervencionista para vencer a crise e queriam-na feita na ordem e no respeito pelas hierarquias e valores que eram o seu tradicional património ideológico, feita através de instituições tão seguras de o garantir como as forças armadas e com a ajuda enquadrada e disciplinadora da Igreja Católica.<sup>48</sup> Por isso apoiaram o Estado Novo.

No Alentejo, espaço onde se produzia e difundia o *Notícias de Évora*, António Costa Pinto<sup>49</sup> dá-nos uma perspectiva da aderência ao Estado Novo e a Salazar cujo programa se baseava na recusa do liberalismo democrático e parlamentar, na defesa do nacionalismo corporativo e do autoritarismo ainda que limitado pela moral e pelos princípios do direito das gentes.

Como diz Braga da Cruz<sup>50</sup> não sendo teoricamente totalitário, o Estado Novo não escondia desígnios políticos totalizantes, visando a “conquista das almas” pela veiculação de uma concepção de vida e de uma moral dominantes que enquadrassem através de uma forte orientação ideológica, a juventude, a família, o trabalho, a cultura e o ensino<sup>51</sup>.

Em síntese, nos anos trinta, Portugal era uma sociedade periférica em que o salazarismo surgiu com resposta ao desejo de ordem nas finanças, nas ruas e nos

---

<sup>48</sup> Ver. ROSAS, Fernando (1994) vol. VII pp. 174.

<sup>49</sup> Ver. PINTO, António Costa (1985), onde nos fala da ausência de mobilização de um fascismo rural no sul latifundiário, registando-se contudo a existência de delegações do movimento nacional-sindicalista em Évora, onde em 1931 se verificaram confrontos com contra-manifestantes anti-fascistas. Salazar afastou-se deste movimento, criou a União Nacional em 1930, e o afastamento foi subindo de tom até 1933. O ministro do Interior através dos governadores civis ordenou uma razoável limpeza das “infiltrações nacionais sindicalistas nos órgãos autárquicos”, ao mesmo tempo que se proibiam comícios, conferências e manifestações, proibindo-se em Setembro de 33 a publicação do “Revolução”, jornal da propaganda nacional-sindicalista e que se decretou o exílio de Rolão Preto.

<sup>50</sup> Ver. CRUZ, Manuel Braga da (1988), pp. 52 e seguintes.

<sup>51</sup> Ver. ROSAS, Fernando (1994). O estado surge também como o “educador de almas”, através de uma educação nacional, concebida para moldar os jovens nos valores do nacionalismo e também com a orientação ideológica do Secretariado da Propaganda Nacional, criado para tutelar artes, espectáculos e todas as formas de expressão escrita. Tudo isto também sob a vigilância da PVDE, núcleo duro da segurança do regime, servido igualmente por uma censura prévia que foi sendo progressivamente reforçada e alargada.

espíritos pelo reforço dos poderes do estado pervertendo a lógica formal das instituições e esvaziando de poderes os órgãos formalmente legitimados pelo sufrágio directo.

O Estado Novo foi a materialização da superação contra-revolucionária do liberalismo, na passagem dos anos vinte para os anos trinta, nas condições económicas, sociais, políticas, culturais e mentais do nosso país. No dizer de Fernando Rosas<sup>52</sup> ele fez uma síntese pragmática e arbitral dos interesses dominantes no quadro de uma plataforma comum anti-liberal, anti-parlamentar, anti-socialista, corporativa e autoritária.

### **Política Externa**

É face à guerra civil espanhola que a política externa de Salazar se afirma nas relações internacionais pois até meados dos anos trinta as suas preocupações eram os problemas internos e a consolidação do regime. Só em 1935 são delineados os objectivos estratégicos da política externa do Estado Novo obedecendo a três linhas de orientação: 1º defesa da independência nacional face ao perigo espanhol que vinha dos governos da esquerda republicana espanhola e também de alguns sectores da Falange que não eram ignorados mesmo quando Salazar passou a apoiar os franquistas;

2º A defesa do património colonial;

3º A defesa do Atlantismo pois para o Estado Novo, Portugal era uma nação atlântica, presa por natureza à Espanha, política e economicamente debruçada sobre o mar e as colónias.

No quadro da Guerra Civil de Espanha e apesar dos problemas que surgiram e de que não cabe aqui falar Portugal nunca se afastou verdadeiramente da política londrina, tradicional aliança portuguesa<sup>53</sup>, participando no Comité de não Intervenção de Londres, aceitando fiscalizar as fronteiras com a Espanha, não reconhecendo de imediato o regime de Burgos, reconhecendo-o apenas quando isso lhe interessou.

Esta posição portuguesa ajuda a explicar o comportamento da imprensa portuguesa e em particular do *Notícias de Évora* face à guerra civil espanhola.

### **Propaganda**

O Regime salazarista empreendeu um trabalho sistemático de inculcação de valores

---

<sup>52</sup> Ver. ROSAS, Fernando, (1994) vol. VII.

<sup>53</sup> Ver. FERREIRA, José Medeiros, (1993)

Com a orientação ideologizada do ensino<sup>54</sup> e adopção de uma “política do espírito” a cargo do SPN (Secretariado da Propaganda Nacional).

Por outro lado, nos anos trinta em Portugal, no contexto do moldar das mentalidades, politicamente “o que parece é”, ou dito de outra maneira, politicamente só existe o que se sabe que existe. Por isso, era preciso “encenar” as certezas do regime, era necessária a propaganda. A encenação propagandística do regime começava na sala de aulas, passava pela organização dos tempos livres, pela assistência à família, pela acção corporativa e pelo enquadramento miliciano da juventude. Cada um destes sectores, funcionava com os seus organismos subordinados ao estado, cada um deles com a sua propaganda e o seu “espectáculo”, corporizado em boletins, paradas, excursões, missas, acampamentos, congressos, exposições... A propaganda do regime preocupava-se muito com a reprodução para o exterior da encenação do prestígio do poder tendo por isso de controlar a imprensa, dominando-a tanto quanto possível.

Num estado que aspirava a regenerar e a formar os espíritos de acordo com as suas certezas imutáveis, a pedagogia de inculcação ideológica era um dever e a encenação propagandística do regime contemplava desde o acto mais simples ao mais complexo. Era o grande espectáculo político-cultural com salões de pintura, prémios literários, exposições coloniais, pavilhões nas exposições internacionais, até pontificar tudo isto na Exposição do Mundo Português.

A produção legislativa desta época abre caminho à supressão das mais pequenas e comezinhas liberdades individuais não se podendo ignorar o peso cada vez maior da censura que a partir de 1933 estava perfeitamente legislada e institucionalizada em Portugal. O S.P.N. (Secretariado da Propaganda Nacional) e a sua política do espírito já tinham nos meados da década em estudo obtido bons resultados. Uma parte significativa da imprensa nacional e provincial já tinha dado uma volta à sua linha editorial e poucas eram as publicações que se atreviam a desafiar o governo com a sua posição crítica. Em estreita colaboração com a censura, o Secretariado possuía uma equipa de várias dezenas de redactores que fabricavam notícias e informações e que enviavam aos jornais para sua publicação, “elevando assim o valor político do jornal”<sup>55</sup>.

Ao mesmo tempo que o lápis da censura cortava e tornava o país monocórdico e cinzento assistia-se à encenação de um país que não existia, harmonioso e equilibrado.

---

<sup>54</sup> Sobretudo após as reformas de Carneiro Pacheco, com programas politizados, livro único, policiamento do corpo docente, enquadramento da juventude na Mocidade portuguesa, formação das futuras mães através das instituições Obras das Mães para a educação nacional ou Instituto para a defesa da família.

<sup>55</sup> Ver. ROSAS, Fernando (1994). Vol VII.

Evocava-se a grandeza reencontrada do império e dos seus heróis e reconstruía-se a história do país cujo verdadeiro fio condutor era o nacionalismo do Estado Novo que assim “superava”o século das trevas do liberalismo. Para se completar o quadro falta ainda referir a exteriorização da autoridade e da força militar e a aliança legitimadora da Igreja católica. Foi neste contexto cultural e político em que o *Notícias de Évora* teve de movimentar-se e perdurar.

## ESPANHA

A conjuntura espanhola do início do século XX é bastante complexa pois este país num curto espaço de 20 anos mudou de regime, substituindo a monarquia pela república, conheceu um período dramático de guerra civil e assistiu ao nascer e afirmar do franquismo.<sup>56</sup>

De facto, de 1917 a 1931 a monarquia espanhola entrou em crise. A confusão política e social instalou-se, a dança dos ministérios tornou-se evidente pois ocorreram segundo Pierre Vilar<sup>57</sup> treze crises totais e trinta parciais internamente enquanto externamente o problema de Marrocos exigia solução rápida.<sup>58</sup>

Durante a ditadura, os problemas regionais mantiveram-se e o fracasso político tornou-se por demais evidente.<sup>59</sup>

Todas estas transformações políticas reflectiram-se sobre o modo de produção e divulgação da notícia, sobre a imprensa e o seu funcionamento.

---

<sup>56</sup> Ver. LARA, Manuel Tuñon de (1981).

Entre 1930 e 1931 – Assinatura do pacto de San Sebastian para o estabelecimento da República entre os velhos partidos e os anti – monárquicos.

12/12/1930 - Proclamação da República na guarnição de Jaca mas os chefes do movimento, os capitães Galán e Garcia Hernandez foram fuzilados e a experiência fracassou.

1931- As eleições nas aldeias dão a vitória a caciques sem concorrência mas nas cidades a esquerda triunfa por toda a parte. Queda da monarquia e exílio do rei.

1931/33- 1º biénio reformador da república

1933/35- Biénio conservador

1936-vitória da Frente Popular e início da guerra civil.

<sup>57</sup> VILAR, Pierre, (s.d).

<sup>58</sup> De 1921 a 1923 faz-se uma penosa reconquista de Marrocos enquanto alguns políticos protestavam e o general Primo de Rivera em Setembro de 1923, seguro do auxílio das classes dirigentes e da guarnição militar, proclamou-se chefe de um directório aceite pelo o rei. Este “Directório militar” tornou-se civil em fins de 1925 e projectou uma constituição. A História da ditadura militar mostra como, com a resolução do problema marroquino, o exército de Marrocos se tornou, na mão dos seus generais, autónomo e forte. Economicamente foram anunciados alguns projectos económicos importantes e a prosperidade mundial foi aproveitada pelo o regime mas não se verificaram verdadeiras mudanças estruturais.

<sup>59</sup> A imitação do fascismo foi superficial, não existia um partido de massas nem uma mística da juventude e já ninguém parecia apostar nela. Primo de Rivera afastou-se dando lugar a uma semi ditadura assumida pelo o general Berenguer.

Ao chegarmos aos anos trinta assiste-se de facto na História da Espanha a mudanças políticas significativas, das quais se destaca a implantação da República<sup>60</sup> que governou com muitas dificuldades, pois os problemas a resolver iam desde a questão do ensino, à das forças armadas, às questões regionais e ao controlo de uma Espanha conservadora e imobilista, avessa às mudanças.

Não deixa de ser curioso o facto de o ideário republicano espanhol se assemelhar ao dos republicanos portugueses da 1ª república, preocupando-se com a constituição e com os problemas políticos das liberdades e garantias dos cidadãos, com a escola e o ensino, as igrejas, o exército e os problemas sociais.<sup>61</sup>

Tal como os republicanos portugueses também estes defendiam a liberdade de expressão e de imprensa, embora mesmo sob a sua égide se verificasse a acção da censura, sobretudo nos anos da guerra.

A questão da religião desempenhou um papel importante na História da Espanha desta época pois os republicanos espanhóis declararam que a Espanha deixara de ser católica e uma certa esquerda anarquizante apregoava esse anti-clericalismo que se traduziu em incêndios e destruições de conventos e na retirada de crucifixos das escolas. Tudo isto representava vitórias para uns e atentados insuportáveis e vexatórios para outros.

Os católicos liberais teriam aceite uma “separação” do estado desde que isso não significasse supressão do seu poder o que era impensável para os mais conservadores. Devido à falta de verbas para laicizar o ensino seriam as congregações religiosas a manter o grosso dos alunos o que tornava difícil a passagem da mensagem republicana nível de ensino.

Por outro lado, é nestes anos que a igreja luta através de todos os seus meios para manter o seu prestígio e poder, integrando-se nessa luta a constituição de alguns jornais e revistas encarregados de fazer passar a mensagem católica. É neste período de tempo carregado de contradições que vai nascer, no seio desta imprensa de inspiração católica o jornal *Hoy*.

---

<sup>60</sup> Maio de 1931

<sup>61</sup> Este período de tempo é considerado o biénio reformador. A constituição seguiu o modelo da de Weimar. A Espanha foi proclamada “República de trabalhadores” com um sistema parlamentar de câmara única, sufrágio universal abrangendo mulheres e operários, com um presidente da república que podia dissolver duas vezes a câmara e desempenhar o papel de moderador na vida política espanhola. As regiões podiam pedir um estatuto de autonomia.

Em termos sociais as classes humildes acreditavam na mudança. A reforma agrária estava prometida mas era um assunto controverso e as diversas forças políticas pretendiam diferentes reformas agrárias<sup>62</sup>.

Por sua vez os salários aumentaram e as rendas baixaram mas a agitação que tudo isto provocou acentuou o desemprego.<sup>63</sup> A agitação voltou aos processos do século XIX: ocupação de terras, violação de matas privadas, fogo posto, enquanto crescia o conflito quotidiano com a Guarda civil que o povo detestava, mas os republicanos não ousaram dissolver e até a reforçaram com uma “Guarda de Assalto”.

A reforma agrária não conseguira conquistar o espírito camponês e a massa agrária desviara-se da república. O movimento operário que inicialmente apoiava a república também se divorciava dela. Tal como ocorrera em Portugal, também em Espanha a base social de apoio da república parecia minada. Uma oposição de centro uniu os liberais aos defensores de uma república conservadora enquanto os intelectuais choravam sobre uma realidade muito afastada dos seus sonhos. A imprensa estava cheia das decepções de Unamuno e de Ortega.

Por sua vez a oposição no seio da direita também se foi organizando<sup>64</sup> e mostrando a contínua existência da “Espanha negra”: no cimo interesses agrários, em baixo tradição e religião, onde o clero mobilizava a opinião rural e a massa feminina.

O comunismo pouco papel director desempenha na República e só mais tarde em 1936 terá atraído jovens sedentos de acção.

De 1933 a 1936 decorre uma conjuntura que desembocará na guerra civil<sup>65</sup>. Neste período de tempo, marcado por vários ministérios, pela 1ª vez a República convida elementos de direita para formarem parte do governo. A República está doravante desfigurada e nas Astúrias e na Catalunha estalaram duas revoltas difíceis e sangrentas,

---

<sup>62</sup> Só em 1932 surgiu a lei que devia aplicar-se ao latifúndio clássico na Andaluzia, Estremadura, Mancha, Salamanca e Toledo. A sua aplicação foi muito lenta e no fim de 1933 ter-se-iam expropriado cerca de 890000 hectares e autorizado a ocupação temporária de uma área sensivelmente equivalente. Era muito pouco face às expectativas.

<sup>63</sup> Ver. VILAR, Pierre (s.d.)

<sup>64</sup> Ver. LARA, Manuel Tuñón (1981) As direitas viram então assegurada uma coesão parcial através da formação da CEDA (Confederação das direitas autónomas) lideradas por um jovem chefe: Gil Robles. Surgem também outras coligações a JONS ou Juntas De Ofensiva Nacional Sindicalistas caracterizada por ser anti-liberal, anti-marxista, e anti-semita e a Falange de José António Primo de Rivera que em 1933 diz: “Nem direita nem esquerda nem capitalismo nem socialismo, Revolução na maneira de viver”.

<sup>65</sup> Ver. VILAR, Pierre (s.d.) Em 1933 eleições parciais são desfavoráveis à Azafia e Alcalá Zamora demite-o formando-se o Ministério de Lerroux que não teve êxito governando sem a direita mas sob a pressão desta. Aproximava-se uma violenta reacção que se corporizou em 1934/36. A agitação social é intensa e em Dezembro de 1933 podemos registar um movimento comunista libertário na Estremadura e em Aragão. Lerroux cede o poder a Samper que rapidamente é derrubado e de novo Lerroux é chamado a formar novo gabinete para o qual chama três elementos da CEDA.



sobre as quais, durante um ano, a imprensa oficiosa retomou quotidianamente o tema das “atrocidades revolucionárias” enquanto clandestinamente circulavam as histórias da repressão desses dois movimentos. Atacada em muitas frentes a república utilizava já a censura para controlar a imprensa.

Quando se chega a 1936 o pêndulo eleitoral regressa à esquerda e a vitória da Frente Popular<sup>66</sup> provocou alguma perturbação (ataques a alguns conventos e igrejas, agitação agrária que aumentou em Badajoz e Toledo, registando-se em algumas aldeias conflito aberto e maciço com a guarda civil e a saída de alguns governadores de província sem esperar por sucessor.

O governo está numa posição muito difícil para impor a ordem. Não quer as chacinas e por isso é mais brando na repressão e na manutenção da ordem o que é visto por uma boa parte dos espanhóis apenas como incompetência. Entretanto os generais conspiram e o governo ou ignora a situação ou trata apenas de exilá-los.

### **Franco e o poder**

Tudo se complica até que se dá a sublevação militar<sup>67</sup> com o general Franco, nas Canárias a aderir ao movimento.

Estamos então perante algo absolutamente inovador. Se tecnicamente o pronunciamento é conseguido, ao fracassar politicamente nas partes vitais da nação, ele vai significar guerra civil e revolução. O golpe de estado foi bem sucedido porque privava a República dos seus quadros militares mas fracassou na medida em que o exército reconstituiu o poder apenas numa parte do território e porque o governo não se assumiu como derrotado apesar da destruição do seu instrumento militar. Mesmo sem exército o governo reencontra apoio moral nas camadas sociais médias ao passo que contra ele se levantava a Espanha negra dos padres e generais. Entretanto os conventos dão asilo aos insurrectos e pregam a sua cruzada contra os vermelhos. É a guerra civil.

---

<sup>66</sup> Ver. ARÓSTEGUI, Júlio (1984), A Frente Popular constituída entre Junho e Agosto de 1935, conseguiu a vitória em Fevereiro de 1936, apesar da direita ter operado uma grande mobilização contra a “revolução”. O duo simbólico Gil Robles /Calvo Sotelo em Madrid e Lerroux /Cambó na Catalunha foram derrotados e o poder entregue a Azafia em 24 horas.

<sup>67</sup> Ver. ARÓSTEGUI, Júlio (1984), Dá-se em 18/7/1936 mas havia meses que ela se preparava. Calvo Sotelo e Sanjurjo tinham contactos nas diversas guarnições e planeavam agir no fim de Julho mas a morte de Calvo Sotelo fez despoletar e antecipar a situação. Assim no dia 17 o exército de Marrocos fez o seu Pronunciamento. No dia 18 o general Franco, nas Canárias, adere ao movimento. Nesse mesmo dia várias guarnições se “pronunciaram” e se é prevista pouca resistência a autoridade civil cede à força, se é prevista muita resistência os militares estão divididos.

As operações militares começam a desenvolver-se sendo urgente travar os combates pelas ligações e Franco que liderava as tropas do sul, encontrou apoios exteriores. Em 14 de Agosto a coluna Marroquina de Yague estava em Badajoz onde o combate acabou em Massacre e a junção norte-sul estava assegurada. Este episódio marcaria de forma inequívoca a vida da imprensa periódica regional de toda a região de Badajoz e o *Hoy* não foi excepção.

A guerra seguiu o seu curso até que Franco ocupou Madrid em 28 de Março de 1939, chegando então ao fim.

Durante a guerra, a Espanha foi como o lugar das paixões e decepções do mundo e o General Franco foi alicerçando o seu poder. Após a morte de Sanjurjo, Franco foi promovido tornando-se Generalíssimo enquanto chefiava uma Junta técnica que por sua vez se tornou um Partido. Em Agosto de 1937 Franco foi proclamado Caudillo e chefe de Estado, contando com a ajuda e apoio da igreja. O seu programa era nacionalista, totalitário e populista, defendendo um estado em que se respeitassem os ensinamentos da igreja, a tradição e uma determinada justiça social.

### **O Iberismo: conflito e convergência**

Era de facto bastante complexa a situação e difíceis as relações ibéricas sobretudo no período que vai de 1931 a 1936.

César de Oliveira<sup>68</sup> e Hipólito<sup>69</sup> de La Torre Gómez estão de acordo que no 1º terço do século XX o iberismo adquire uma nova dimensão que se construiu através de etapas diferenciadas. De facto o nacionalismo português falava muitas vezes do “perigo espanhol e a fractura peninsular foi-se abrindo cada vez mais até chegar às posições antagónicas e irreconciliáveis impostas de um lado pela ditadura portuguesa e do outro pela democracia espanhola. O período que vai da proclamação da 2ª Republica em Espanha a 14/4/1931 até à guerra civil em 18 de Junho de 1936, caracteriza-se pelo distanciamento entre as duas nações peninsulares e traduz a antipatia que os dois regimes tinham um pelo outro.

---

<sup>68</sup> São incontornáveis algumas das suas obras sobre este assunto, nomeadamente ver:

OLIVEIRA, César (s/d).

OLIVEIRA, César (1988).

OLIVEIRA, César (1995).

<sup>69</sup> GÓMEZ, Hipólito de La Torre (1983).

GÓMEZ, Hipólito de La Torre (1985).

GÓMEZ, Hipólito de La Torre (1988).

Alberto Pena Rodríguez<sup>70</sup> diz-nos que de 1931 a 1936 existem claramente dois momentos diferenciados nas relações dos dois estados: o primeiro de 1931 a 1933 com políticas totalmente divergentes e o segundo de 1933 a 1936, quando se instalou em Espanha um governo conservador que estendeu algumas pontes entre os dois países. De facto a proclamação da 2ª república em 14 de Abril de 1931 acendia em Salazar duas aversões monumentais: aversão ao jogo democrático e parlamentar com o sistema de partidos e aversão ao “plano vermelho” da trama internacional em que o governo espanhol se integrava.

De 1931 a 1936 a Espanha conheceu uma viragem que levou Azaña ao poder e por outro lado assistiu a uma viragem conservadora com a fundação da Falange, viragem que permitiria uma certa aproximação entre os dois estados. De facto após a queda de Primo de Rivera e as eleições de 12 de Abril de 1931 em que os republicanos obtiveram a maioria nos grandes municípios, o governo então criado, deu ao rei Afonso XIII um breve espaço para abandonar a Espanha e em 14 de Abril de 1931 foi proclamada a República. Com a queda da monarquia, a oligarquia espanhola perdeu o principal instrumento de domínio público. A pequena e média burguesias obtiveram o poder mas tiveram de enfrentar sérios problemas estruturais até então não resolvidos. Em finais de 1931 foi constituído o 1º governo da República com Alcalá Zamora como presidente e Manuel Azaña como chefe do governo. Durante este período as cortes aprovaram uma reforma agrária de carácter moderado e o estatuto autonómico para a Catalunha, tendo desenvolvido importante legislação social. Isto provocou a oposição dos sectores mais conservadores da Igreja e do exército como ficou demonstrado pelo falhado golpe de estado encabeçado pelo General Sanjurjo. Em 1933 produziu-se o triunfo eleitoral da Confederação Espanhola das direitas Autónomas (CEDA) que todavia não contou com a maioria para poder governar sozinha. Este governo de aliança com o grupo centrista de Lerroux suscitou uma tentativa revolucionária em 1934 que foi reprimida com extraordinária dureza e deixou sequelas na sociedade espanhola. Contudo a vitória da Frente Popular em Fevereiro de 1936 reacendeu a desconfiança em Portugal e agudizou a instabilidade em Espanha onde a Falange e outras facções de direita se recusaram a aceitar os resultados eleitorais. Esta mesma instabilidade conduziria à sublevação dos generais em 18/7/1936. A adesão de Salazar a este movimento foi praticamente instantânea e quando em 23/10/1936 se rompem definitivamente as relações de Portugal

---

<sup>70</sup> Ver RODRÍGUEZ, Alberto Pena (1998), pp28/30.

com a 2ª República espanhola, quatro meses após o início da guerra civil, Salazar, na feliz expressão de Fernando Rosas, tinha-se tornado “ministro dos negócios estrangeiros” do Generalíssimo Franco e no plano internacional defendia a causa nacionalista em associação com a causa nacional.<sup>71</sup>

A Espanha conheceria então três anos de guerra civil a qual possuiu uma dimensão internacional que a fez ultrapassar largamente as fronteiras do território espanhol pois nela se enfrentaram duas visões do mundo que acabariam por digladiar-se na 2ª guerra mundial. Estes três anos foram duros e difíceis, dividiram e destruíram uma parte significativa do país vizinho e acabariam com a vitória dos nacionalistas que impuseram então um novo regime autoritário.

---

<sup>71</sup> Ver ROSAS, Fernando (1985), pp. 33/53.

## **Capítulo 2. - *Notícias de Évora e Hoy*: a estrutura de dois periódicos regionais**

Em Espanha como em Portugal, o poder, fosse ele qual fosse, sabia bem a importância da imprensa e por isso tratou de controlá-la. Nestes complicados anos trinta do contexto peninsular, o próprio poder sofreu modificações profundas que se reflectiram inevitavelmente na sociedade e na cultura, nos processos de comunicação da sociedade e na imprensa periódica nacional e regional.

Nestes anos, a imprensa periódica regional, apesar de todas as vicissitudes sobreviveu e revela-nos como entre os jornais e as ideologias dominantes existiram sempre relações recíprocas, umas vezes agrestes outras coniventes.

### **Imprensa local e opinião pública em tempo de excepção**

Foi em contextos históricos, inicialmente bem diferenciados mas que em crescendo se foram aproximando, que tiveram de movimentar-se e sobreviver os dois periódicos desta região fronteiriça (Alentejo português e Estremadura espanhola) que servem de base a este estudo: o *Notícias de Évora e o Hoy*.

Em busca de uma matriz de análise que me permitisse apropriar da estrutura de funcionalidade dos jornais em estudo, tornou-se imperativo primeiro apreender a estrutura económica dos periódicos de modo a que fossem contemplados os custos, os financiamentos, as mais-valias, isto é, a sua vida enquanto empresas, com receitas e despesas geridas em moldes empresariais. Em ambos os periódicos encontraram uma estrutura empresarial com quatro sectores distintos:

Administração

Redacção

Produção (oficinas)

Distribuição.

Depois foi pertinente averiguar as fontes e os colaboradores dos dois periódicos de modo a construir a teia, onde de maneira indissociável se representaram jogos políticos, influências financeiras e sensibilidades culturais, contribuindo voluntária ou involuntariamente para a socialização política dos leitores.

No caso das fontes tornou-se importante analisar o papel das agências mundiais e também as origens da esmagadora maioria das notícias veiculadas por estes dois jornais.

Por outro lado, por colaboradores entendi aqui, na óptica de Silva Araújo<sup>72</sup>, toda a vasta gama de pessoas que contribuem para a elaboração do jornal que é sempre fruto de um trabalho de equipa a qual pode ser maior ou menor conforme as possibilidades financeiras da empresa jornalística em causa. De facto nas empresas de pequena dimensão a mesma pessoa executa várias funções. Por isso nesta designação de colaboradores cabe uma panóplia de gente que vai do repórter ao cronista local, aos correspondentes cuja profissão na maior parte dos casos, não é o jornalismo, mas que procuram manter o jornal informado do que se passa na sua área, constituindo uma espécie de antena mais avançada numa região ou localidade. Existem ainda também os colaboradores externos ao jornal, em geral escritores ou especialistas que não fazem do jornalismo a sua actividade principal mas que gostam de escrever porque lhes pagam ou por uma questão de prestígio.

Não poderia também ignorar-se os níveis formais dos dois periódicos, contemplando a forma e as técnicas utilizadas, nomeadamente:

O formato e tamanho

O número de páginas e a paginação

A titulação e o nível de linguagem utilizada

As técnicas de impressão usadas e o uso ou não de fotografias.

Desta forma foi possível comparar os periódicos do ponto de vista formal e analisar a sua evolução em termos de imagem e estrutura externa.

Outros elementos importantes na caracterização dos periódicos em causa e tendo em conta o contexto histórico em que se desenvolveram são as funções que desempenharam. É que a par das funções previstas, na sua origem o jornal tem ainda uma outra dimensão de funcionalidade. De alguma forma cabe ao jornal a tarefa de mostrar a representação que as sociedades têm de si próprias e das outras ao mesmo tempo que deixa transparecer a multiplicidade de esforços de todos os actores do jogo para modificar esta imagem de acordo com os seus próprios objectivos.<sup>73</sup> Daí que para além das funções previstas os jornais possam ter funções possíveis e ao observar o jogo dos espelhos, numa construção em abismo, onde os políticos, os homens ilustres e os cidadãos comuns se contemplam, apercebemo-nos também de funções virtuais, significativamente importantes para serem ignoradas.

---

<sup>72</sup> Ver ARAÚJO, Silva (1988), pp. 22/26.

<sup>73</sup> Ver JEANNENEY, Jean-Noël, (1996).

Finalmente, preocupei-me ainda com a opinião pública, do ponto de vista dos leitores e dos clientes, mais quantitativamente do que qualitativamente pois, trata-se de uma área que pela sua especificidade e complexidade levanta uma série de questões que poderão ser desenvolvidas noutro tipo de trabalho. De facto afigura-se muito interessante o problema da existência de uma opinião pública face à multiplicidade de factores tão numerosos e diferenciados como as regiões, as profissões, a idade, a mentalidade... num período temporal marcado pela censura e pelo autoritarismo. De facto, como analisar a questão da intensidade e dos ritmos da opinião pública, os laços indispensáveis que se estabelecem entre o jornalista e os seus leitores?

Do ponto de vista metodológico, com José Extramiana<sup>74</sup> considero que não há um método universalmente válido para abordar a imprensa porque tudo depende do que se pretende extrair do periódico e da utilização que dele se quer fazer.

Para além de utilizar os dois periódicos em causa como repositórios de factos e de acontecimentos, optei também por estudá-los na sua forma e no seu fundo e também no contexto espaço-temporal de tudo o que os rodeava: promotores, produtores, público e conjuntura de publicação e de difusão.

Um problema metodológico básico que se me colocou foi o de eleger a amostra verdadeiramente significativa dos dez anos de jornal no caso do *Notícias de Évora* e sete anos no caso do *Hoy*. Fazer uma análise de todos os jornais, número a número representava uma enorme dificuldade em termos temporais. Colocava-se portanto a questão dos critérios de selecção da amostra e decidi trabalhar com critérios variados. Primeiro selecionei uma semana de jornal de todos os meses de todos os anos, sendo no primeiro trimestre analisada a primeira semana do mês, no segundo trimestre a segunda semana e assim sucessivamente. Esta selecção teve a vantagem de oferecer-me uma visão regular das publicações no período em estudo mas tinha o inconveniente de por vezes deixar escapar um número extra ou excepcional das publicações. Por isso, num segundo critério, decidi estudar todos os números comemorativos dos aniversários dos jornais e num terceiro critério selecionei uma série de números dos jornais por datas previamente escolhidas: Festas e efemérides políticas, festas locais, ano-novo e natal.

Para recolha dos dados dos periódicos elaborei inicialmente uma grelha de análise que apresento em anexo. Nessa grelha contemplo os aspectos que vão desde a data, ao

---

<sup>74</sup> Ver EXTRAMIANA, José (1982), pp.331 (tradução livre).

número do periódico, ao seu Director e editor, ao preço e número de páginas pois ambos os jornais não apresentam ficha técnica durante quase todo o período estudado. Nessa mesma grelha contemplo também outros aspectos formais e de funcionamento dos periódicos recolhendo dados sobre as assinaturas, que me dão informação sobre quem lê o *Notícias de Évora* e o *Hoy* e como se expandiram geograficamente os jornais, permitindo traçar a sua mancha cartográfica. Recolho também dados sobre os colaboradores que assinam os artigos com o seu nome ou sob pseudónimo, que são locais ou não e que de alguma forma permitem traçar uma visão sobre quem escreve no contexto sócio-económico e político-cultural das regiões em presença. Recolho igualmente dados sobre as fontes e a censura.

Finalmente a grelha contempla as características temáticas dos periódicos recolhendo dados sobre assuntos regionais, assuntos nacionais e internacionais, sobre políticos e homens célebres, muitas vezes retratados como heróis nas suas realizações. Há ainda espaço para registar os assuntos culturais e para algum destaque dado à publicidade. No fundo esta grelha está subdividida em duas partes de forma a recolher os elementos necessários à estrutura formal e externa dos periódicos por um lado e os elementos decorrentes de uma análise de conteúdo que me permitissem estabelecer as imagens de poder veiculadas por esta imprensa.

A análise de conteúdo foi feita sempre na perspectiva de ultrapassagem do recenseamento e descrição dos periódicos e da procura de uma explicação do seu papel e importância no processo histórico das duas regiões em que os jornais se movimentavam.

Pretendi também identificar e quantificar as diferentes posturas do jornal face aos poderes sejam eles locais ou nacionais, onnipresentes ou omniscientes de forma a poder reconstruir as imagens de poder nestes dois órgãos de informação. Para tal tentei fazer um cálculo (aproximado) da percentagem do espaço dedicado aos acontecimentos do “poder” em relação à superfície total do periódico e também do espaço dedicado a tais acontecimentos em 1ª página, em relação à superfície total que o periódico lhes dedica. O 1º cálculo dá-nos a importância real que o periódico dá ao ocorrido e o 2º indica-nos o carácter mais ou menos sensacionalista que lhe quer dar.

Interessou-me também averiguar através do estudo de caso, averiguar como o que se disse foi dito, de forma a elaborar em traços gerais, o “repertório ideológico” das publicações. Este procedimento consistiu em agrupar todas as formas distintas de expressar uma mesma ideia numa categoria, agrupando depois as diversas categorias em



unidades lógicas de sentido, sendo cada categoria classificada pela sua frequência. Este procedimento foi utilizado em relação à Guerra Civil Espanhola por se tratar de um acontecimento com extensão temporal e um grau de importância incontornável no período estudado.

À imprensa cabe de certa forma a tarefa de mostrar a representação que as sociedades têm de si próprias e das outras ao mesmo tempo que deixa transparecer a multiplicidade de esforços utilizados por todos os actores do jogo para modificar esta imagem de acordo com os seus objectivos. Este estudo tenta trazer alguns contributos para clarificar o papel desempenhado pelas duas publicações em presença, no contexto do devir histórico da época.

### **NOTÍCIAS DE ÉVORA**

O *Noticias de Évora* é um jornal que surge pela primeira vez em 8 de Setembro de 1900. É considerado o mais antigo do Alentejo e foi criado pelo Cónego Alfredo César de Oliveira e pelo Dr. Francisco Eduardo Baharona. Era então o órgão do Partido Progressista e surge numa conjuntura política complexa que vai acompanhando e com a qual vai interagindo. De 1900 a 1907 o Cónego Alfredo César de Oliveira mantém a liderança e a orientação do jornal que permanece como órgão central do Partido Progressista. Até esta mesma data o seu primeiro editor foi José Augusto Costa.

Depois desta data o jornal mudou várias vezes de dono e de ideologia e foram vários os seus administradores: Alípio Ferreira, João José Pereira e João Germano Rosa. Este, que recebeu do anterior a propriedade e a direcção, tornou o jornal Regenerador liberal. Também o ano de 1909 foi conturbado na vida do jornal. Teve como director Maximiano da Costa que foi substituído no mesmo ano por Armando Ramos.

No ano seguinte, ano da implantação da república, teve como administrador Carlos Pinto Pedrosa e com os acontecimentos revolucionários foi suspenso por seis dias. Reapareceu depois como propriedade de Pedrosa e &, sendo igualmente Carlos Pedrosa seu editor. O seu redactor principal era então Joaquim Mota Capitão. O jornal mantém a sua traça e características passando a ter uma secção agrícola cujo redactor era o Dr. Santos Garcia.<sup>75</sup> O jornal assume-se então como diário independente agrícola e de informação. Em 1912 Mota Capitão deixa de fazer parte da redacção e os dois cargos

---

<sup>75</sup> Esta situação acontece a partir do número 3045 de 26/11/1910.

são ocupados por Santos Garcia. É também por esta época que o jornal se assume como empresa e se faz representar na Exposição Nacional de Artes Gráficas, em Lisboa, na Imprensa Nacional, com três exemplares de 8 de Setembro de 1913, treze anos após o seu início.

Um ano depois é a vez do Dr. Santos Garcia deixar de fazer parte do Diário, entrando para essas funções de novo Mota Capitão.

Quando o jornal atinge o nº 4236 Carlos Pedrosa torna-se o seu único proprietário ocupando também os cargos de Director e editor, numa época em que o jornal tinha a sua oficina na Rua dos Mercadores, nos números 24/26. É Carlos Pedrosa que dirige o jornal até à data em que faleceu<sup>76</sup>, tendo então sido substituído pelo seu genro – Joaquim dos Santos Reis.

Este jornal teve sempre oficina própria, passando pelos seguintes lugares:

Rua de Ciciosa, nº13B A 13C

Rua do Poço, nº125<sup>77</sup>

Largo da Sé nº3<sup>A78</sup>

Praça do Sertório nº11/12/13<sup>79</sup>

Rua dos Mercadores nº24/26<sup>80</sup>

Rua do Raimundo nº41/43<sup>81</sup>

Era esta última morada que o jornal ocupava na década que é objecto do nosso estudo

## **Empresa**

Na década de trinta, o jornal *Notícias de Évora*, que se assume como “regionalista da manhã e independente”, é verdadeiramente uma empresa, possuindo um proprietário, um director, redactores, colaboradores, correspondentes, assinantes, anunciantes e clientes.

Administração, Redacção e oficinas são as três componentes do jornal cujo funcionamento se caracterizou por um grande entrosamento entre estas partes distintas, verificando-se o facto da mesma pessoa desempenhar variadas funções nestas três instâncias. O funcionamento desta empresa obedecia a uma hierarquia bem definida

---

<sup>76</sup> Carlos Pedrosa faleceu em 23/10/1935

<sup>77</sup> Sete de Julho de 1903.

<sup>78</sup> Trinta e um de Dezembro de 1907.

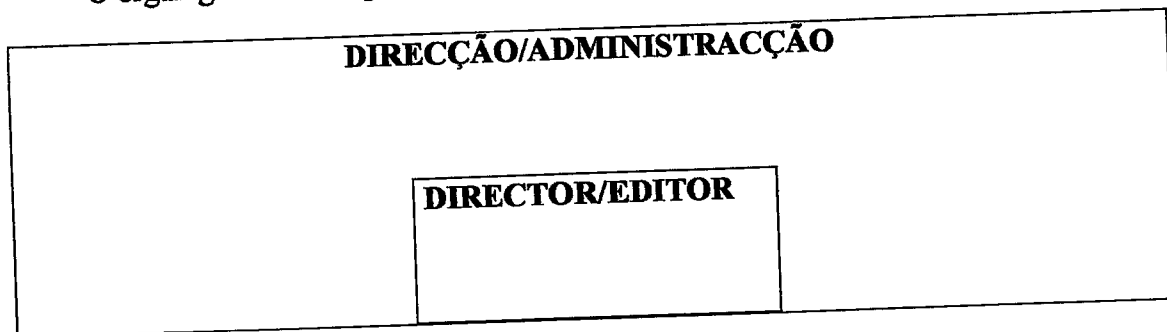
<sup>79</sup> Um de Outubro de 1910

<sup>80</sup> Dois de Dezembro de 1915

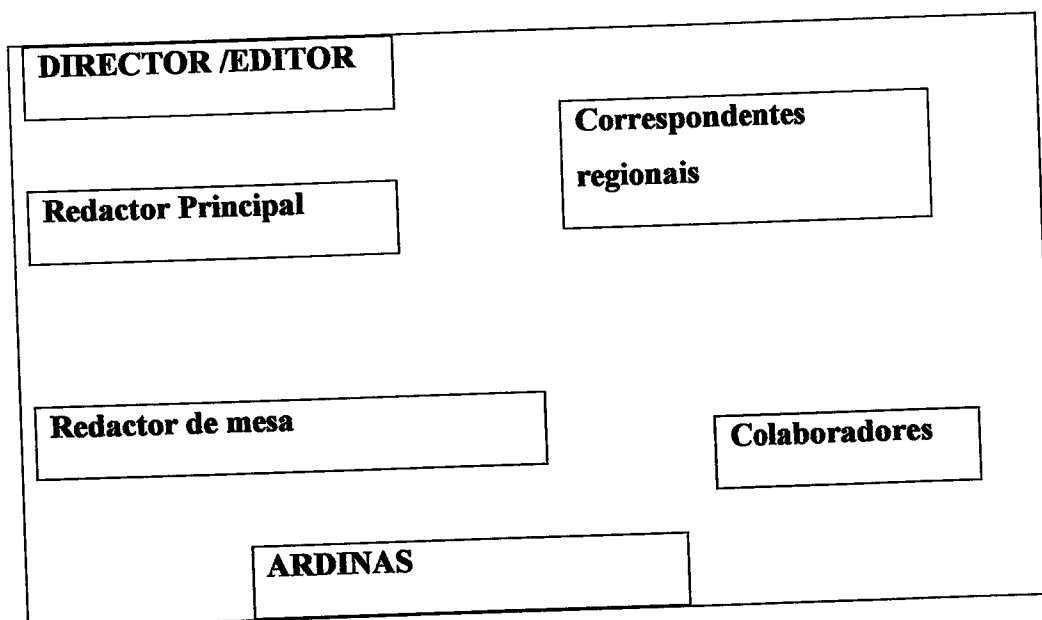
<sup>81</sup> Desde um de Dezembro de 1918

quer a nível da redacção quer a nível das oficinas, estando os papéis perfeitamente definidos. Os colaboradores, respeitando obviamente as hierarquias estabelecidas, funcionavam um pouco à parte, desempenhando aqui a função de “valor acrescentado” com o qual o jornal podia atingir um leque mais variado de público.

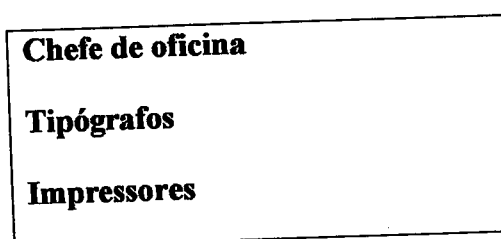
O organigrama da empresa *Notícias de Évora* pode configurar-se neste modelo:



### REDACÇÃO



### OFICINAS



O *Notícias de Évora* faz trabalhos tipográficos variados que constituem mais valias económicas e publicita-se a si próprio. Tem um caderno de preços que informa sobre o preço de cada trabalho e serviço prestado e moderniza-se passando a ter máquinas movidas a electricidade.

Cada número do jornal custa trinta centavos enquanto que a assinatura mensal em Évora custava 5\$00, fora da cidade 7\$50 e se a assinatura fosse trimestral custava 21\$00 dentro ou fora da cidade. Estes preços mantêm-se constantes quase ao longo destes 10 anos e só a partir do dia um de Outubro de 1939 sofrem alteração para quarenta centavos, alteração que é motivada pelo aumento do custo do papel, sobre o qual o jornal tece algumas considerações críticas.

Quando começamos o nosso estudo<sup>82</sup>, o *Notícias de Évora* é um jornal com implantação na cidade, na região envolvente e é até lido em Lisboa, em Cascais e no Porto, sem que no entanto lhe possamos dar uma dimensão nacional.

Sem dúvida que a carteira substancial de assinantes<sup>83</sup> e o volume da sua tiragem asseguram em parte o seu financiamento mas uma grande parte deste é também proveniente da publicidade dos diversos anunciantes e dos trabalhos tipográficos que executa. Um jornal que possui apenas quatro páginas mas em que duas estão praticamente cobertas por publicidade, esta tem forçosamente de representar a face mais visível da organização económica do jornal.

Notícias avulsas dão ainda conta de que o jornal recebe donativos para distribuir pelos seus pobres. Se bem que a este fenómeno não se possa chamar mecanismo de financiamento, ele serve sobretudo para documentar o entrosamento do jornal na sociedade local e funciona como mais-valia não económica mas de prestígio e de poder.

Os custos são também elevados pois para além das despesas do papel e das máquinas há ainda um número razoável de empregados a que é preciso pagar. Por vezes, nota-se na própria leitura do periódico, a existência de algumas dificuldades económicas que são expressas abertamente pelo Director ou pelo redactor principal. De facto são publicadas notas sobre a necessidade de regularizar pagamentos e assinaturas para que o próprio jornal possa honrar os seus compromissos.

---

<sup>82</sup> No início de 1930 o jornal vai já no número 8709

<sup>83</sup> Não foi possível durante este trabalho de investigação localizar a carteira de assinantes deste jornal. A informação recolhida foi obtida a partir do próprio jornal que faz questão de anunciar os seus assinantes mais célebres e de enunciar muitos dos outros localizados em várias partes do país.

## Colaboradores

Quanto à existência de colaboradores e fontes de informação, podemos dizer que o jornal foi tendo para além de um redactor principal, mais alguns redactores e uma lista de colaboradores que foi crescendo com o tempo e que apresento em anexos. Essa lista é verdadeiramente volumosa e significativa, encontrando nela homens célebres da cultura eborense e nacional. Professores, engenheiros, militares, doutores, padres, poetas e escritores fazem parte do conjunto dos colaboradores do jornal e nomes sonantes como os de José e Luís Cordovil, Morais Sarmiento, Ramiro da Fonseca, Capitão Ventura, Professor Oliveira Charrua, Dr. Celestino David e Nizeth de Ataíde pseudónimo de Dona Luísa Segurado, directora de um colégio Particular de Évora mostram como o jornal “independente e regionalista da manhã” tinha impacto nos meios da cultura e da intelectualidade eborense e ao mesmo tempo são o testemunho de que na elaboração do jornal participava uma elite cultural de Évora a qual também o lia embora o raio de acção do jornal e o número de leitores que tocava fosse incomensuravelmente maior ou não teria sido capaz de sobreviver como empresa.

Em vários números o jornal publica em primeira página<sup>84</sup> a opinião sobre Évora de alguns escritores, homens da cultura e jornalistas. É o caso de Severim de Faria, Gabriel Pereira, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão e Pedro Muralha. A partir de 1936, encontramos alguns artigos assinados pelo próprio Secretariado da Propaganda Nacional, o que nos mostra de alguma forma a evolução “quase inevitável” de um jornal que se manteve sempre em funcionamento quer durante a ditadura militar quer durante o Estado Novo.

Um dado curioso sobre os colaboradores do jornal é que alguns deles usavam e escreviam os seus artigos sob pseudónimos enquanto outros assinavam os seus artigos só com iniciais. Por exemplo Edmundo Belfonte é o pseudónimo correspondente a Pedro Guedes Real tal como Nizeth de Ataíde é Luísa Segurado, Cromwell é José do Rosário, João Agreste é Álvaro Aires da Mata, Dinis de Castro é Ramiro da Fonseca. Um estudo sobre este escrever sob pseudónimo, no contexto histórico a que nos reportamos seria sem dúvida complexo mas interessante. É difícil resistir à tentação de tentar perceber quem se escondia, do quê e porquê detrás de um pseudónimo.

---

<sup>84</sup> Ver *Notícias de Évora*, 29/6/1933.

Faz-se normalmente um paralelismo entre a escrita sob pseudónimo e a actuação da censura. Quando se pretendia publicar um artigo que fosse mais crítico ou simplesmente quando se pretendia que a colaboração dada não fosse do domínio público recorria-se ao pseudónimo. Porém rapidamente essa escrita sob pseudónimo para atacar e criticar o poder perante a obrigatoriedade de responsabilização do editor e do Director por tudo o que era publicado, deixa de ser possível.

O inventário dos pseudónimos mais repetidos ao longo dos dez anos de estudo é o seguinte:

Nae	A.S	Alfa	Almedina
ABS	Edmundo Belfonte	S.P.	Cromwell
K	E	Ninguém	A. A.D.
Nizeth de Ataíde	X	O.C.	Sem Pavor
C.	S	A. C. M.	Ari Dolou

Todos estes pseudónimos, com excepção feita aos ligados à poesia como são os casos de Nae e Ninguém (mesmo assim alguma dela patriótica), se ligam a artigos abonatórios do Estado Novo. São bom exemplo o caso do pseudónimo K ao longo de todo o ano de 1933 e do pseudónimo E que assina artigos a favor dos nacionalistas e contra a Frente Popular espanhola.

Quase todos os artigos assinados apenas por letras parecem emanados ou encomendados pelo SPN pois fazem a apologia do Estado Novo e das suas realizações. Tais artigos são comparáveis às consignas espanholas e estando nitidamente ao serviço do estado, revestem-se por vezes de uma “cultura moral” que era necessário inculcar na opinião pública eborense. Estes artigos constituíam uma terceira via, sem a presença assumida do estado mas como seu instrumento encapuçado para corrigir o que cada um pensava da Revolução Nacional e produzir uma resposta única enquadrada no Estado Novo. Eram parte da “guerra da propaganda”, superiormente dirigida por António Ferro que, para além da censura, encontrava estas outras formas de controlar a imprensa.

Os artigos assim assinados são muito variados e permitem verificar que até 1935 e a despeito das sucessivas investidas de aperfeiçoamento da máquina da censura do Estado

Novo, a sedimentação dessa censura não foi imediata nem uniforme pois alguns destes artigos fugiam aos cânones ideológicos do Estado Novo<sup>85</sup>

O tipo de redactores e colaboradores que encontramos no *Notícias de Évora* levanta-nos algumas questões: Poderão eles ser considerados jornalistas? Seriam eles comunicadores desinteressados?

Toda a profissão é sobrecarregada de imagens mas no jornalismo essas imagens são de tal forma poderosas que fazem dele um contra-poder. Nos nossos dias muitas vezes o produto jornalístico é apresentado como uma transmissão não conspurcada de um acontecimento. Mas será o jornalista um comunicador desinteressado? Poderiam sê-lo na época a que o meu trabalho se reporta?<sup>86</sup>

Parece-nos por demais evidente que os jornalistas são participantes activos no processo de construção da realidade e as notícias acontecem na conjugação dos acontecimentos com os textos. As notícias registam as fontes literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento. São as formas literárias e as narrativas que garantem que o jornalista, sobre a pressão tirânica do tempo, consiga transformar um acontecimento em notícia. Por outro lado as notícias registam também os constrangimentos organizacionais pois as decisões do jornalista no processo de produção da notícia só podem ser entendidas se as inserirmos no contexto da organização para a qual trabalha. Há que ter em conta a política editorial da empresa que pune e recompensa e que leva o jornalista, por osmose, a “socializar-se” com a política da casa. O jornalista não é um homem só mas um homem de uma organização.

No caso português do *Notícias de Évora*, os “jornalistas” reflectem a política da casa a qual por sua vez e sem grande escapatória vai reflectindo a conjuntura política e económica do momento e os efeitos de uma máquina de censura que obrigava o jornal a responder segundo o repertório ideológico criado para o país.

---

<sup>85</sup>Por exemplo, **Silvio Bom** critica Hitler e apresenta alguma lucidez sobre o nazismo, **K** critica António Ferro e Fernanda de Castro e faz um editorial sobre a maledicência política de Évora e do Alentejo muitas vezes injuriados e injustiçados. **Raimundo Belo** critica o Secretariado da Propaganda Nacional e o fado como símbolo de Portugal, “**Sem Pavor**” escreve desassombadamente sobre alguns temas.

<sup>86</sup> A concepção de observador neutro para definir o jornalista tem segundo Nelson Traquina dois momentos cruciais: 1º em meados do século. XIX surge a ideia de um novo jornalismo com a separação clara entre factos e opiniões, de acordo com o positivismo reinante. O jornalismo seria então um espelho capaz de reproduzir a realidade, como uma máquina fotográfica; 2º Nos anos 20/30 do sec. XX, a noção de objectividade, reformula um pouco esta questão, reforçando ainda mais o papel de espectador do jornalista como se os acontecimentos brotasse do mundo real e os jornalistas sem se misturarem com eles, os transmitissem fielmente. Era o jornalista – espelho, simples mediador, anulado no momento de reprodução da notícia.

## Fontes

Quanto às fontes, elas desempenham também um papel importante no *Notícias de Évora* e justificam o tipo de notícias reproduzido pelo jornal. As principais fontes do *NE* eram os seus correspondentes nas diversas partes do país com destaque para os de âmbito regional. O distrito estava bem coberto por correspondentes que através da rubrica “Correio do Distrito” ou em notícias soltas traziam até Évora novidades da região, as quais, reescritas atingiam de novo o seu local de origem e também as várias áreas de implantação do jornal.

Outra fonte importante, para a obtenção de notícias nacionais ou internacionais era o próprio Diário de Notícias com o qual as relações eram excelentes. De facto, o próprio jornal referencia como fonte a TSF (Telefonia sem fios) e um serviço de informação do DN com três dias de atraso.<sup>87</sup> Porém em Abril do mesmo ano as notícias emanadas dessa fonte têm apenas um dia de atraso. Conclui-se por isso que muitas vezes as notícias vêm via rádio em serviço combinado com o DN. Esta relação excelente com o DN, que era de algum modo próximo do governo, mostra também que o *Notícias de Évora* não fugiria muito à veiculação de notícias pró-regime. De facto verifica-se que as notícias de âmbito nacional são sobre as comemorações do Dia da Marinha, do 1º de Dezembro e de uma série de efemérides de organização estatal ou próxima, sobre a semana do trabalho nacional ou sobre medidas do governo da ditadura militar ou mais tarde do Estado Novo, todas elas sempre escritas numa perspectiva colaboracionista, de engrandecimento do Estado.

Outras vezes o jornal também elabora notícias curtas a partir de outras notícias publicadas por outros jornais da capital, nomeadamente no *Século* e no *Diário de Lisboa*.

Para as notícias do estrangeiro e por estranho que possa parecer não é a Havas a agência referenciada mas sim a Agência Americana. As notícias são curtas e pouco interessantes. A partir de 1935, o *Notícias de Évora* utiliza também o *Times* como referência e fonte e as notícias chegam por telefone. Há mesmo um serviço de cinco linhas que faz chegar a informação ao jornal. Mais tarde o *Notícias de Évora* passa a receber informações pela Agência Editorial Lda., continuando a chegar à redacção

---

<sup>87</sup> Ver. *Notícias de Évora*, 1/1/1930.



informação via radiotelegráfica<sup>88</sup>. Finalmente outra agência referenciada é a Exchange Telegraph e no fim de 1940 são fundamentalmente esta última agência e a Agência Editorial Lda as que fornecem informação internacional ao jornal.

No que diz respeito à compilação e circulação das notícias os progressos eram consideráveis pois o telégrafo eléctrico estreitara a geografia tempo do mundo ocidental. O mercado da informação torna-se mundial e o papel das agências torna-se central. O facto do *Notícias de Évora* também as utilizar, ainda que em muito pequena escala, mostra-nos que era um jornal que tentava estar actualizado e não perder a possibilidade da inovação.

### **Estrutura formal**

Finalmente podemos dizer que do ponto de vista formal o jornal é composto por quatro páginas. O formato é de 45x33cm. A primeira página é na maior parte das vezes uma miscelânea em que não se encontra formalmente um editorial. Possui normalmente um artigo que parece fazer as vezes do editorial e que versa sobre assuntos históricos ou regionais, poucas vezes nacionais no início da década de trinta e mais frequentemente nos finais da década. Outras vezes a primeira página é composta por artigos de opinião sobre a moral, bairrismo, ou alguma efeméride ou data festiva e um poema. Também na primeira página aparecem anúncios publicitários. Este tipo de página permite-nos concluir que parece não estar bem definida a separação entre artigos de opinião/informação/publicidade sendo que os artigos de opinião são mais abundantes e ocupam maior espaço no jornal. Daqui decorre que, nos inícios dos anos trinta, o *Notícias de Évora* parece longe do chamado “ Novo jornalismo” ou Jornalismo informativo.

No final do ano de 1931 começam-se a encontrar algumas alterações: artigos mais pequenos e delimitados e no seu trigésimo segundo aniversário do jornal, a sua primeira página é uma verdadeira auto-proclamação. O jornal considera-se o Diário da manhã regionalista com maior número de leitores, assinantes e anunciantes, o mais lido e procurado em Évora em virtude de pugnar sempre pelos interesses da cidade e da província e recorre já a entrevistas com fotografias.

---

<sup>88</sup>Ver. *Notícias de Évora*, 14/11/1937.

A segunda página tem notícias regionais, poucas nacionais e raramente internacionais e na sua parte inferior há normalmente espaço para o folhetim, se bem que este não tem um lugar certo no jornal.

As duas últimas páginas são quase sempre exclusivamente de publicidade e de informações úteis como sejam horários de funcionamento de alguns serviços e de transportes.

Tecnicamente o *Notícias de Évora*, na década de trinta tinha oficina própria e máquinas para impressão do jornal e realização de trabalhos tipográficos variados. Possui bons tipógrafos dos quais podemos destacar José Luís dos Santos (anterior às máquinas movidas a electricidade), conhecido por José da Horta<sup>89</sup>.

### Distribuição

A distribuição do jornal era eficaz e levava-o a vários pontos do país. Na cidade era vendido em vários pontos e possuía alguns “ardinas”, sendo o mais célebre Frederico Paula Henriques que utilizava o pregão: “TÍCIAS!” e que foi também homem dos sete officios, isto é, foi impressor, cobrador e vendedor.

Apesar de lido em Lisboa e no Porto era de facto na região do distrito que era mais lido e atingia muitíssimas das suas localidades. O mapa seguinte revela-nos os principais circuitos do jornal, pois era lido em todos os concelhos de Évora, facto que não impedia incursões no distrito de Portalegre, Setúbal e Beja



<sup>89</sup> José da Horta foi considerado o empregado do ano em 1932.

## Discurso e Conteúdo

Fazer uma análise semiótica ao discurso do *Notícias de Évora* não é objectivo deste trabalho mas o seu nível da língua e o tipo de linguagem que utilizava interessa-nos para mostrar como o jornal conseguia atingir sectores intelectuais e cidadãos comuns. A língua é clara e corrente, por vezes cuidada, apesar de algumas vezes, sobretudo a partir dos meados da década parecer estar condicionada por uma matriz ideológica, que se vai impondo sub-repticiamente a quase toda a imprensa regional portuguesa.

O periódico independente, em termos de mensagem parece transmitir uma comunicação directa e única que se dirige a um público que partilha a mesma ideologia e que descodifica a mensagem do modo desejado pelo produtor. Todos os órgãos de imprensa possuem uma bagagem ideológica implícita que constitui o código básico do seu conteúdo e é por isso mesmo que os órgãos de imprensa são à sua maneira meios de formação e de pressão e poderosos instrumentos de persuasão. O texto publicado dirige-se aos seus leitores que constituem um público mais ou menos bem definido que descodifica a mensagem de acordo com o seu sistema de expectativas e códigos de referência que se presumem semelhantes aos do produtor da mensagem. No caso do *Notícias de Évora* produzia-se muito pouco ruído semântico, parecendo existir uma linguagem moderada que após 1933 se torna mais agreste contra o que não se enquadrasse na nova ordem política e moral. Frases de propaganda nítida surgem no jornal<sup>90</sup> de que é óptimo exemplo a seguinte: “ A Nação portuguesa, grande Império colonial, precisa viver una e forte. Conta para isso com o teu esforço calmo mas sem desânimos.” A nação, o império, o Estado forte e o esforço calmo ilustram a conotação referida. Algumas excepções aparecem ainda em 1933 quando Sílvio Bom escreve contra o nazismo ou quando surgem crónicas intituladas “ fantochadas” com crítica à cultura de António Ferro.

No que diz respeito às funções possíveis previstas e virtuais o jornal começou como órgão de um partido. A sua função era obviamente defender e ventilar a ideologia do partido procurando os argumentos mais credíveis e simultaneamente mais capazes de convencer e “comover”. A honestidade, a capacidade e uma série de qualidades que não são diferentes das da maioria dos cidadãos comuns, estimulavam a imitação e tentavam criar um discurso social onde os partidários se reviam.

---

<sup>90</sup> Ver. *Notícias de Évora*, 12/7/1033

Até à implantação da república o jornal mudou várias vezes de ideologia e de discurso mantendo contudo a função de defender, promover e aglutinar a ideologia a que estava agregado e os seus partidários.<sup>91</sup>

Com a implantação da República e a administração de Carlos Barbosa, o jornal assume-se com “independente” e a sua função muda. Segundo o seu próprio discurso a sua função é procurar e expor a verdade dos factos, de uma forma isenta e clara, servindo sempre os interesses da cidade e da região. É por isso que se atribui a si próprio o título de regionalista.

Dentro do serviço aos interesses da cidade e da região o *Notícias de Évora* chamava para si a função não só da informação mas também a da divulgação das belezas turísticas e históricas da região, dos usos e costumes das suas populações e da cultura e actividades culturais desenvolvidas.

Ao longo da década de trinta as suas funções mantêm-se do ponto de vista formal mas em termos de conteúdo e à medida que se avança nos anos, passa a ter a função “prevista” de defender o poder instituído, exaltar os valores pátrios, defender a moral e a nova ordem do Estado Novo e de criticar tudo o que se lhe oponha. É verdade que noticia as revoltas que vão ocorrendo mas sempre do ponto de vista de apoio a um governo forte e defensor da pátria, da ordem e dos bons costumes. Mais do que isso, o jornal tem também uma função virtual de espelho, função que por vezes lhe escapa pois nos seus artigos “Correio do Distrito” e “Ecos da Sociedade”, o jornal dá visibilidade a uma sociedade onde os grandes e os homens ilustres reflectem uma imagem de poder e importância, parecendo que toda a sociedade ali desfila. Essa mesma sociedade vê-se e contempla-se e age em função da imagem quer ter junto da opinião pública. Contudo, no reverso “espelho”, nas notícias soltas e curtas vislumbra-se o outro extremo das sociedades a da sopa dos pobres, a das crises de trabalho, a dos indigentes. Esta duplicidade de imagens faz do *Notícias de Évora* um manancial de informação sobre a vida da região ao mesmo tempo que justifica a grande aceitação que usufruía na região. Quanto aos leitores e à opinião pública desde sempre, o homem tem sede de notícias exactas e frescas. Por outro lado, efectivamente desde a origem dos tempos até aos movimentos bolseiros de hoje, uma notícia apenas adquire todo o seu preço, quando se possui a sua exclusividade provisória<sup>92</sup>. A notícia torna-se ela própria uma mercadoria

---

<sup>91</sup> Ver MONTE, Gil do (1978).

<sup>92</sup> Ver JEANNENEY, Jean Noël (1996).

que é vendida a uma rede de clientes – os leitores – que se transformam em público que estrutura e forma a sua opinião a qual é simultaneamente espelho e reflexo da notícia.

A regularidade das publicações instaurou um laço particular entre o jornalista e o leitor que acabam por se encontrar todos os dias nas páginas do jornal. Muitas vezes o *Notícias de Évora* é palco de encontro e pólo de conversa entre colaboradores/jornalistas e público e às vezes é palco de diálogo controverso entre os próprios colaboradores e jornalistas.

A imprensa periódica regional pode ter o lugar e interpretar o papel de intermediário permanente entre os acontecimentos e o seu conhecimento público. O *Notícias de Évora* que tem uma larga carteira de assinantes bem implantada na região contribuiu para a estruturação de uma opinião pública que já não é apenas o resultado espontâneo das diversidades de uma região mas sim o resultado daquilo que leu e que o jornal lhe ofereceu a ler.

Por outro lado essa opinião pública influencia também a feitura do jornal. Este acaba por tornar públicos os desacordos existentes, torna os confrontos ostentáveis e confere identidade às facções que tecem a trama da vida política, cultural e social da cidade de Évora e da sua região.

## **HOY**

Nascido no seio da Editorial católica, o jornal *Hoy*, surge-nos com um ideário próprio que ele mesmo anuncia e no qual podemos destacar a difusão da palavra e da voz do papa e a divulgação das iniciativas pastorais e episcopais da região da Estremadura espanhola. Enuncia ainda a pretensão de servir o povo, proclamando e defendendo os seus direitos. Tem também a pretensão de apoiar os governos enquanto gestores do bem comum e de despertar a confiança de governantes, empresários e trabalhadores para alcançar uma distribuição mais justa de todos os bens. Segundo as suas próprias palavras pretendia também promover a visão dos católicos sobre a vida e o mundo, promovendo o diálogo com todos os que agissem de boa fé mesmo que pensassem diferentemente.

A vida privada do jornal *Hoy*, isto é, a sua arquitectura e planificação surgem nos finais de 1932, sob a direcção de Santiago Lozano. No dia um de Janeiro de 1933 o periódico vem pela primeira vez a público para defender os interesses da região de

Badajoz que possuía na época quarenta e cinco mil habitantes, sendo um jornal de inspiração católica.

Ao longo dos sete primeiros agitados anos da sua existência, o jornal *Hoy* teve como directores Santiago Lozano já referido, Juan Miguel Seminário, António Óbregon, Benjamim Ventura, Narciso Campillo e Hermínio Pinilla. Todos eles deixaram a sua marca no periódico que começou por ter oito páginas, mas que devido às vicissitudes do período em que surgiu, apresentou frequentemente número variável de páginas chegando a interromper a sua publicação, quando ocorreram os feitos de Badajoz, apresentando algumas vezes apenas uma folha, outras vezes quatro páginas e outras seis páginas. No pós-guerra civil, durante parte significativa dos anos de 1939 e de 1940 apresentou-se sempre com quatro páginas.

Situava-se este jornal na Plaza de Portugal, nº 38 em Badajoz, apresentando dois telefones: o 1563 da Redacção e o 1562 da Administração. Não apresenta qualquer ficha técnica, talvez porque na época tal não era obrigatório nem usual.

Ao longo dos sete anos que constituem o objecto de estudo deste trabalho, verificámos que o jornal se foi transformando e que embora nunca perdesse de vista o seu ideário, ao atravessar o período da guerra civil espanhola, se enquadrou naquilo a que Pierre Vilar<sup>93</sup> Ricardo de la Cierva,<sup>94</sup> e Santos Juliá<sup>95</sup> chamam de “Espanha negra” dos padres e dos agrários.

Perante os acontecimentos da guerra civil e em particular os de Badajoz, o jornal interrompe a sua publicação e quando reaparece, visado já pela comissão de censura militar, passa a apresentar na sua primeira página a seguinte frase bem elucidativa da evolução do jornal: “Una Pátria, un Estado, un Caudillo: Una Pátria: España; un Caudillo: Franco. Em inícios de 1937 passou de oito para quatro páginas quase não apresentava publicidade e parece assumidamente promover e defender a política de Franco e dos nacionalistas, sem contudo perder o carácter e o cunho religioso que possuía. Continuava a fazer referência à juventude católica, ao papa Pio XI e a outros acontecimentos religiosos, publicando artigos em que os “vermelhos” são sempre

---

<sup>93</sup> VILAR, Pierre, (s/d.)

<sup>94</sup> CIERVA, Ricardo de la (1976).

<sup>95</sup> JULIÁ, Santos (1979).

apresentados como hereges, capazes das maiores violências em relação à igreja. Por conseguinte em 1937 podemos afirmar que o jornal é nitidamente controlado pelos nacionalistas da Falange, entrando activamente na Guerra da informação ao lado de Franco. Por vezes publica apenas uma folha especial sobre o evoluir da guerra sempre na perspectiva das vitórias nacionalistas e das derrotas e desastres vermelhos.

Em 1938 tem no cabeçalho da sua primeira página a frase: “Órgão oficial da Falange Espanhola Tradicionalista y de las J.O.N.S.”. Em Abril do mesmo ano tal frase desaparece mas mantém-se o símbolo da Falange. Também em Abril do mesmo ano, pela primeira vez surge uma ficha técnica onde consta o proprietário e a sua sede: Editorial Católica SA com direcção em Peñaflores, 12, San Sebastian. Nessa ficha técnica é apresentado um Conselho de redacção composto por: José Maria Peñan, Fray Justo Perez, Pedro Sainz Rodrigues, José Félix de Lequira e Alfonso Garcia Valdecasa. O secretário era Juan José Pradera.

São estas as características do jornal que se mantêm até ao fim de 1940 com poucas nuances. Contudo, em finais de 1939, lentamente o jornal vai-se revigorando e afirmando e a par dos grandes artigos de engrandecimento e de louvor a Franco e aos generais da guerra, proliferam também artigos religiosos estabelecendo-se complexas relações entre Cristo Salvador e Franco Salvador. Surgem também artigos de reportagem e notícias nacionais e internacionais e o jornal chega a atingir 24 páginas. Custa então 25 cêntimos e possui já muita publicidade. Sob a nova Ordem, a região parece reanimar-se o que também se espelha na vida do jornal que nas suas páginas apresenta o novo preçário da publicidade. Este jornal não se publica à segunda – feira.

### **HOY como empresa**

À questão de sabermos como funcionava o jornal enquanto empresa podemos afirmar que o *Hoy* nunca foi um jornal de empresa de tipo familiar. Antes pelo contrário foi sempre um jornal de empresa e talvez devido a isso pôde sempre contar com a inovação técnica. Nos seus primeiros anos seguia as técnicas da imprensa europeia mais evoluída e possuía uma máquina Linotype. A rotativa que utilizava era da marca Mann que conseguia tirar cinco mil exemplares numa hora e que podia utilizar dois tipos de tinta de impressão. Este jornal que ainda hoje se publica teve a característica de pertencer a uma empresa proprietária que sempre investiu na modernização e foi sempre adequando instalações e técnicas utilizadas à evolução e aos avanços tecnológicos mais recentes.

Para além das inovações técnicas, o “homem” foi sempre considerada a peça fundamental da elaboração do jornal. Na opinião dos seus vários directores, eram os jornalistas que percebiam os acontecimentos ao seu redor e com uma “especial” forma de os interpretar, os transmitiam aos leitores tal como lhes transmitiam opiniões e reflexões sobre os mesmos feitos<sup>96</sup>.

Por outro lado, as modernizações nunca alteraram a verdadeira essência do periódico nem provocaram grande variação na maneira de o fazer, nos motivos ou porquês da sua existência. O funcionamento do jornal fez-se sempre com uma grande conexão existente entre Redacção, Administração e oficinas. A redacção funcionava dividida em várias secções: Direcção, Subdirecção, existindo redactores-chefes, redactores de mesa e redactores de rua. Dentro destas secções funcionavam então os homens “especializados” da reportagem, da entrevista, da informação, da opinião, do desporto, da religião e da crítica dos espectáculos. Entre as várias secções existem ainda dependências que são visíveis no organigrama que elaborei e que a seguir apresento.

**DIRECTOR**

**SUBDIRECTOR**

**REDACTOR –CHEFE  
DE REGIÃO**

**REDACTOR-CHEFE  
DE CÁCERES**

**REDACTOR-CHEFE  
DE NOITE**

**CORRESPONDENTES**

**REDAÇÃO DE  
CÁCERES**

**REDACTORES DE  
MESA**

**REDACTORES DE CALLE**

Logo desde o início o jornal teve redacções próprias em Badajoz e Cáceres mais recentemente ao longo dos anos criou delegações em Mérida, Plasência e Don Benito – Villanueva. A informação nacional era servida essencialmente pela agência Logos e as

<sup>96</sup> Ver caderno publicado pelo próprio jornal para comemorar os seus 50 anos, consultado no arquivo do jornal *Hoy*.



notícias eram dadas com um dia de atraso. Desde sempre o jornal contou com vários “corresponsales”, inclusivamente no estrangeiro. Dependente do chefe de produção, encontravam-se as secções de fotocomposição, fotomecânica e rotativa. Para além destas secções que intervêm directamente na feitura do periódico existem outras de grande importância e a que os espanhóis chamam de: Mantenimiento, Cierre, Reparto e transporte.

Como gerentes da parte administrativa podem apontar-se os seguintes gestores: Campos Hoyos, Zopio, Carrasco Gallego, e recentemente Trigo Mendez. À administração cabia e cabe a difícil mas importante tarefa de regular os diversos aspectos económicos da empresa e era composta pelas seguintes secções: circulação/publicidade, contabilidade e pessoal.

Nos primeiros números não aparece afixado o preço do periódico mas sim o preço das assinaturas na cidade, na província nas outras províncias, em Portugal e no estrangeiro. O preço era o seguinte: Na cidade um mês custava três pesetas, na província da sede do jornal e nas outras, um trimestre custava 7 pesetas. Por outro lado, na América do sul e em Portugal um ano de jornal custava 36 pesetas enquanto que no resto do estrangeiro, um ano custava 60 pesetas.

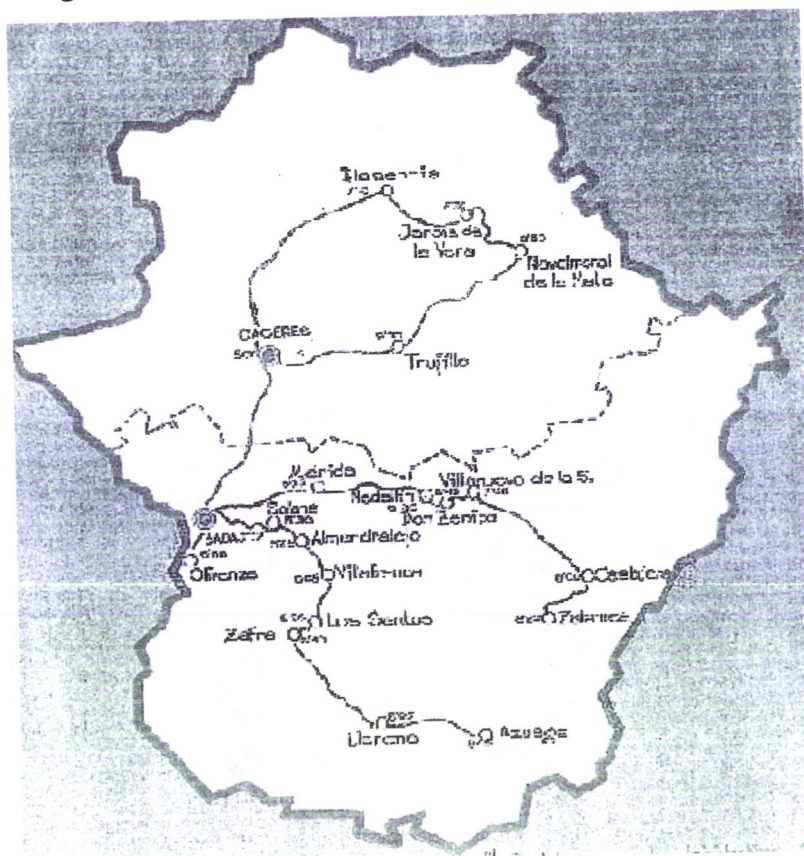
Podemos também verificar que a publicidade (exceptuando o ano de 1936 após dezoito de Julho) tem muita importância na vida do jornal. Inicialmente apresenta um preço de anúncios consoante o número de palavras e a sua localização nas páginas do jornal. No final do período em estudo e a partir de 1939, quando se está em pleno “terceiro ano triunfal” de Franco, o jornal apresenta as novas tarifas de publicidade por página e não por palavra, talvez para atrair novos anunciantes. Uma página custava então 325 pesetas, meia página 175 pesetas, 1/4 de página 90 pesetas, 1/8 de página 50 pesetas e por linha 0,40 pesetas.

Para além das vendas avulso o jornal tinha também uma substancial carteira de assinantes, factor que de alguma forma o financiava, bem como uma carteira de anunciantes que representavam a face mais visível do financiamento do jornal. Porém nos difíceis anos da guerra, quando os custos se afiguravam insuportáveis, o jornal contou com o apoio da empresa a que pertencia e com o da Falange que fez dele o seu órgão de propaganda na Estremadura Espanhola. Chegou a publicar-se com apenas uma folha quando as dificuldades de obtenção de papel eram intensas.

## Distribuição

Só o preçário anteriormente referido, por si mesmo, mostra que o jornal, integrado num grupo forte, pretendia expandir-se e ser lido em várias partes do mundo, incluindo Portugal.

Pretendia assim criar uma zona de implantação significativa, facto a que não seria alheio o propósito do jornal de espalhar a mensagem cristã e a voz do Papa. Contudo era a nível local que o jornal *Hoy* mais pretendia afirmar-se e realizar a tarefa para que tinha sido idealizado. Com a sua delegação em Cáceres e posteriormente em Mérida, era lido em muitas povoações estremenhas como Olivença, Zafra, Llerena, Almendralejo, Don Benito, Villanueva de la Serena, Plasência e Trujillo. O mapa da sua distribuição na província era o seguinte:



Eram muitos os quilómetros percorridos e um dado curioso é que ao contrário do Notícias de Évora que seguia para os seus destinos por correio, o Hoy possuía inicialmente 1 carrinha de distribuição e em 1939 já possuía três furgonetas próprias.

O jornal tem desde o seu início uma dimensão regional e não apenas local e durante os anos da guerra acaba por ter particular relevância nos territórios libertados do “terror rojo”, fazendo apelos para que todos os funcionários e redactores da Editorial Católica que se encontrem em território libertado enviassem o seu nome e direcção às “oficinas” do *Hoy* e em 1939 era mesmo vendido em Madrid no quiosque de Teófilo Gomez.

As mais valias obtidas por este jornal prendem-se com o facto de durante a guerra civil e após o problema de Badajoz ter estado sempre controlado pela propaganda de prensa da Falange e do lado da “nova ordem” que se estava instaurando em Espanha. Assim com uma breve interrupção continuou sempre a publicar-se enquanto que outros jornais desapareceram para sempre como *Vanguardia* que era um diário republicano de esquerdas que se publicava em Badajoz e o *Heraldo Estremeño* que sofreu igual destino.

### **Colaboradores**

Já se disse que o jornal nasceu no seio da Editorial Católica SA, tal como outros jornais como *El Debate* e *Ya* e teve sempre por detrás do seu funcionamento uma empresa devidamente estruturada. Nos conturbados anos que antecederam a guerra civil o jornal contou com um director, um subdirector, três redactores-chefes, e um número significativo de redactores de mesa e de “calle”.

Possuía também jornalistas especialistas em entrevista, opinião, desporto, crítica espectáculo, etc. Contudo não encontramos a assinar as suas páginas nomes de vulto da cultura espanhola em termos nacionais ou até em termos locais. Em termos regionais o jornal possuía uma vasta rede de colaboradores e também de correspondentes que informavam o jornal sobre os acontecimentos nacionais e regionais que surgiam em rubricas com os nomes: “Da Província”, “Ecos De Madrid” Ou “Notas Da Vida Local”. Os correspondentes cobriam toda a Estremadura, outros faziam a cobertura da guerra, nas frentes do conflito como eram os casos dos conhecidíssimos Alvarez Solis e António Reys Huertas. Existiam obviamente correspondentes em Madrid e no estrangeiro, nomeadamente em Paris, Roma, Londres e Bona. É como se o jornal, enquanto empresa jornalística, tentasse impor ordem no espaço, estendendo uma rede para capturar os acontecimentos.

Gaye Tuchman<sup>97</sup> explica como as empresas jornalísticas utilizavam algumas estratégias para cobrir o espaço nomeadamente a territorialidade geográfica, a especialização organizacional e a especialização temática. O jornal *Hoy* dividia o seu “mundo” em áreas de responsabilidade territorial pelos seus jornalistas, estabelecia “sentinelas” em certas organizações capazes de produzir acontecimentos noticiáveis e “auto-dividia-se” em secções responsáveis por certas rubricas do jornal. Nessa distribuição geográfica dos correspondentes devem destacar-se os de Madrid que em termos organizacionais “cobriam” o governo, o parlamento e as forças da ordem. No estrangeiro era o Papado e as organizações políticas (governos e parlamentos) que mereciam a atenção do jornal.

Um factor curioso é que inicialmente poucos artigos eram assinados e no estudo feito não encontramos referência a pseudónimos. Durante o período da guerra civil muitos artigos são assinados por militares e outros por correspondentes de guerra.<sup>98</sup> As notícias eram publicadas com um dia de atraso, embora durante a guerra surgisse no jornal uma rubrica intitulada “Noticias Do Dia” que relatava acontecimentos do próprio dia.

## Fontes

O problema das fontes no jornal *Hoy* tem de ser visto em função da evolução do jornal. Eram os correspondentes que asseguravam a maioria das informações para o jornal mas outros jornais nacionais eram utilizados como fonte informativa. Aliás possuiu até 1936 uma rubrica que se intitulava “Comentários De Prensa” onde surgiam extractos do ABC, El Socialista, El debate e La Libertad.

O Jornal aproveitou o levantamento da censura à imprensa feito em 8/12/1933 para do seu ponto de vista, interpretar a situação política espanhola. Depois durante o decorrer dos anos da guerra o jornal era visado pela censura militar e recebia as informações de Prensa e Propaganda da Falange, com o ponto de vista dos franquistas sobre o desenrolar dos acontecimentos.

As Agências que servem de fonte de informação ao jornal são fundamentalmente a Logos que é mais referenciada embora também surjam as agências EFE, a Lozadel e a

---

<sup>97</sup> Ver TUCHMAN, Gaye, (1978).

<sup>98</sup> Os nomes que se destacam são os de Francisco Martins Moreno, Alvarez Solis, Alonso de Castilla, Moreno D'Ávila, Reys Huertas, Mamel Almeida Segura, Francisco de Cáceres e Marcel Chaminade (o homónimo de Ferro que entrevistou Franco). Após o final da guerra surgem outros nomes como os de Hermínio Pinilla, Yubero Lopez Zida, Medina Gato, Pedro de Ledesma, Domingos Alcena, José Maria Salaveria e Claudio de Montfort

Welt Press. A agência mais citada era a Logos. Também ela passada a crivo pela censura enviava aos jornais apenas o publicável. O *Hoy* recebia também informações através de uma ronda pela imprensa internacional e as notícias eram publicadas geralmente com um dia de atraso

No caso do *Hoy* a frase “o jornalista não é um homem só, é um homem de uma organização”<sup>99</sup> aplica-se claramente pois a linha ideológica do jornal exige-lhes que escrevam de determinada maneira e vejam os acontecimentos de determinada forma e os constrangimentos organizacionais condicionam aqui claramente o processo de produção da notícia. No entanto as notícias são apresentadas de forma “indexical” isto é divorciadas do contexto da sua produção, criando uma realidade por vezes virtual, sempre carregadas de flexibilidade. Saber o modo como as notícias são produzidas afigura-se-nos a chave para compreender verdadeiramente o que significam.

Para além da ordem no espaço, esta empresa tentava impor uma ordem no tempo. As notícias eram na sua maioria transmitidas com um dia de atraso mas este jornal possuía uma agenda que incorporava uma série de acontecimentos previstos, permitindo a organização de uma parte do seu trabalho com uma certa antecedência. Confrontados com os acontecimentos os jornalistas tentam também criar um ritmo e a “rotina do inesperado” pois a actualidade era e é a alma e o coração da actividade jornalística e factor de noticiabilidade.

### **Estrutura Formal**

O formato do *Hoy* era de 45 cm por 33 cm. Ao longo destes sete anos o jornal apresentou um número variável de páginas. Nascido com oito páginas, apresentou-se muitas vezes com seis, com quatro e até, durante a guerra, com apenas uma folha. A partir de 1938 o número mais usual de páginas é quatro.

A sua primeira página também variou com o tempo e as vicissitudes da evolução política espanhola. Assim, a página mostrava-nos artigos variados de origem regional ou religiosa e continha sempre algumas fotografias. Nos primeiros tempos não encontramos um editorial clássico mas sim uma panóplia de rubricas. Na segunda página encontram-se notícias nacionais e na terceira e quarta notícias internacionais. O jornal possuiu sempre muitas fotografias e até ao estalar da guerra civil publicava um folhetim literário, normalmente no final da 2ª página, como meio de reforçar a

---

<sup>99</sup> Ver TRAQUINAS, Nelson (1995).

fidelidade dos seus leitores. Antes da guerra possuía uma página “agrícola e granadera” que se manteve<sup>100</sup> nos anos de 1935 e 1936. A terceira página possuía normalmente muita publicidade comercial e política enquanto que a quarta página misturava artigos locais com internacionais e publicidade.

### **Discurso e conteúdo**

Durante a guerra civil e após a conquista de Badajoz pelos nacionalistas, a sua primeira página tem sempre dois tipos de artigos: Um em que se narra a “versão oficial” da guerra sempre do ponto de vista dos nacionalistas outro em que se exortam os espanhóis contra “os vermelhos” e em que se pede a todos vigilância para denunciar os “traidores”, passando este último artigo a funcionar como editorial. Existe mesmo uma nomenclatura lexical de alguma forma surpreendente num jornal de inspiração religiosa católica. Os “vermelhos” são os “bandidos, violadores, saqueadores e incendiários” por isso o “terror vermelho” tinha que ser vencido e expurgado e também eliminados todos os vestígios do marxismo vermelho e do materialismo histórico. Na primeira página surgem também frases como: “Arriba España!, Viva el Ejército! Una Pátria, Un Estado, Un Caudillo!”. Toda esta emblemática se vai refinando até que o jornal aparece como órgão oficial da Falange e quando deixa de trazer essa frase impressa continua a trazer o seu símbolo.

Nas outras páginas apresentam-se temas de âmbito regional em artigos subordinados ao título “Notas Da Vida Local” ao mesmo tempo que surgem também notícias de âmbito nacional sobretudo referentes ao desenvolvimento da guerra nos outros pontos do país. Os acontecimentos de Madrid têm destaque e são de ordem variada. Vão desde a “tomada do ABC pelos vermelhos” à morte de Unamuno, aos progressos das tropas franquistas, nos arredores de Madrid, aos fuzilamentos, etc. Em 1937 o jornal esforça-se por manter um cunho religioso, divulga acções da juventude católica e no número 1365 assume-se como defensor da riqueza moral e material da Estremadura. Ao longo deste ano e do ano seguinte o jornal vai estabelecendo um paralelismo entre a religião e a política nacionalista corporizado na imagem de Jesus

---

<sup>100</sup> Esta página teve importância na vida local a que não terá sido alheio o facto de em Fevereiro de 1936 a vitória da frente popular ter permitido o retomar da reforma agrária e em Toledo e Badajoz se terem dividido 25000 hectares de terra, mais do que se fizera em toda a Espanha. Do lado da Espanha Negra da igreja e dos grandes proprietários, o jornal bem pugnava na sua página rural pelo fim da “anarquia rural” em Badajoz.

Cristo Salvador do mundo e na de Franco Salvador da pátria. Na sua missão apologética o jornal dá muitos conselhos aos habitantes de Badajoz, quase todos emanados do seu governador civil. O jornal publica também as conferências dos diversos chefes militares e na terceira e quartas páginas encontram-se artigos de ordem internacional dando conta de como a situação espanhola é vista no exterior, desde que essa visão seja favorável aos nacionalistas ou dando conta dos pactos e alianças que se iam realizando entre os países e que os conduziriam à 2ª guerra mundial. Contudo a terceira página é quase sempre preenchida com publicidade política e comercial. Esta volta a ter uma importância grande no jornal após os inícios de 1938.

O jornal *Hoy* no seu ideário tinha como já dissemos uma função prevista e claramente enunciada: a de perpetuar o ideal católico numa Espanha onde apesar das transformações políticas, em plenos anos trinta, a igreja católica, apostólica e romana, continuava omnipresente e omnímota no tecido social. Nascido no seio da Editorial Católica ao jornal previa-se a tarefa de ajudar a igreja a assegurar a continuação de um controlo social e ideológico, através do acompanhar e interpretar à sua maneira a vida quotidiana pública e privada, individual e colectiva.

Perdido à muito o controlo absoluto sobre a comunicação social e a imprensa, a Igreja tinha agora de lutar com as mesmas armas e confrontar-se com um controlo discutido e disputado<sup>101</sup>. Face aos progressos do liberalismo (liberdade de pensamento expressão e culto) e à supressão da censura prévia, instituiu-se um novo marco legislativo em Espanha que tornou mais difícil à Igreja manter o controlo sobre a produção intelectual impressa que se diversificava intensamente. O seu controlo passava a ser indirecto e apenas exercido sobre uma ínfima parte do que era publicado. Face a essa situação a Igreja multiplicou as suas tentativas e a imprensa católica passou a estar fortemente representada nas províncias.<sup>102</sup> É que a igreja precisava que a vida social quotidiana estivesse constantemente debaixo dos seus auspícios e controle, publicando também inúmeros calendários e almanaques. Contudo todas estas publicações atingiam um público restrito, católico confesso. Era preciso encontrar outro modo de controlo e propaganda mais vasto. Foi neste contexto que começaram a surgir os jornais juntamente com o aparelho de controlo da produção. Foi o caso de *El Debate* e do *Hoy*

---

<sup>101</sup> Ver BROTEL, Jean François, (1982), pp119/184.

<sup>102</sup> Publica-se muita literatura para formação do clero e também revistas pois a nível nacional quase todas as ordens têm a sua revista especializada. Os boletins oficiais eclesiásticos em muitas províncias foram durante muito tempo os únicos periódicos existentes. Entre a literatura de piedade e devoção existia bastante variedade e abundância numa tentativa de contrapor o que a igreja chamava de “boa literatura” à “má literatura”.

que se assume como “veículo de propaganda do bem”, defensor da riqueza moral da Estremadura e que surge também com o firme propósito de responder aos abusos provocados pela liberdade de imprensa.

O jornal, dentro da sua linha editorial foi desempenhando todas as funções possíveis de fornecer relatos dos acontecimentos que “acabavam” de acontecer segundo uma óptica própria e através de uma mediação profissional que denunciava uma postura ideológica completamente afastada da Frente Popular.

Sob o ponto de vista da imparcialidade, o jornal noticiava os acontecimentos de Madrid num distanciamento discursivo que apresentava a maioria das acções políticas observadas através de um sistema valorativo onde era necessário “volver las cosas à su lugar”, usando se preciso métodos drásticos para obter a “seguridad ciudadana”.

No momento em que a instrumentalização triunfava, o jornal misturava de maneira indissociável valores e interesses, ideais e ideologias. Ao fazê-lo construiu imagens virtuais de fraqueza, debilidade e ineficácia dos políticos de Madrid, e à medida que se desenrola a guerra civil construiu também imagens virtuais de ordem, poder e rigor, personalizados na figura de Franco e dos generais vencedores da guerra. Estas últimas imagens pareciam prever o futuro contido naquele presente e de certo modo, paradoxalmente a Espanha franquista encontra refúgio neste jornal.

Estas imagens virtuais não remetem o leitor para o lugar distante mas para uma iniciação aos prazeres de uma Espanha a reorganizar-se ou para as dores do olhar daqueles que assistiam às mortes, às perseguições e ao desabar das esperanças. Imagens virtuais de amor e ódio mas sempre de poder com acesso restrito. A função do jornal passa a ser a de difundir uma imagem de regresso ao “glamour” de uma Espanha grande e empreendedora ao serviço de Franco.

Dominique Wolton afirma que a comunicação é sempre um intercâmbio entre um emissor uma mensagem e um receptor permitindo às comunidades representar-se, entrar em relação umas com as outras e agir sobre o mundo.<sup>103</sup> Ainda segundo o mesmo autor não existe uma diferença fundamental entre informação e comunicação. Se a informação tem como objectivo dar forma ao mundo, dar conta dos acontecimentos e contribuir para o funcionamento de sociedades complexas, ela é inseparável da comunicação que para além do ideal normativo de troca e interacção, constrói o modo de difundir essas informações e de construir as suas representações. De facto na palavra

---

<sup>103</sup> WOLTON, Dominique, (1999), pp. 404/414.



comunicação coabitam uma dimensão normativa e funcional. A primeira remete para o ideal de partilha; a segunda remete para a necessidade de trocas no seio de sociedades complexas, para a divisão do trabalho e para a abertura das sociedades em relação umas às outras. Estas duas dimensões quase ontologicamente ligadas tornam-se contraditórias uma vez que as condições de partilha real se afastam à medida que se trata de comunicação destinada a um grande número de pessoas que não partilham os mesmos valores.

Também a informação tem dois sentidos: o primeiro remete para dar forma, modelar, ordenar dar um significado. O 2º significa pôr alguém ao corrente de qualquer coisa e a partir deste último faz-se a ligação entre informação e acontecimento. De facto a informação consiste em relatar o acontecimento, em dizer tudo o que perturba ou modifica a realidade. Por isso ela é simultaneamente o que dá forma, dá um sentido e organiza o real e o relato que perturba a ordem.

Estruturar o real em função dos valores da igreja católica de Espanha e dos nacionalistas, parece ter sido a função mais frequente ao longo dos anos da guerra civil e nos imediatos.

Habermas<sup>104</sup> define o espaço público como a esfera intermédia que se construiu historicamente no período das luzes, entre a sociedade civil e o estado. É o lugar acessível aos cidadãos, onde o público se reúne para formular uma opinião pública que se identifica através do intercâmbio discursivo de posições racionais sobre problemas de interesse real.

Se no passado a lógica do poder resistia ao “contrapeso” da informação e do público, hoje é a omnipresença da comunicação e da opinião pública que destabiliza a lógica política. Porém, nos anos de estudo do *Hoy* foi a lógica do poder que formou e informou a opinião pública da região de Badajoz e fê-lo exactamente através deste periódico. É que em Badajoz os jornais *Libertad e Heraldo Estremeño* tinham deixado de publicar-se<sup>105</sup>. Publicava-se ainda o jornal *Vanguardia* que se assumia como Diário Republicano de Izquierdas e que era favorável à Frente Popular. Contudo após a conquista de Badajoz pelos nacionalistas deixou de publicar-se e a cidade, legalmente, ficou apenas com o jornal *Hoy*.

---

<sup>104</sup> Ver. Habermas, (1978).

<sup>105</sup> Os acontecimentos de Badajoz e a conquista da cidade pelos nacionalistas com a instalação de um governo militar levou à suspensão destes jornais.

Sob o mando da censura militar, relatando os acontecimentos da guerra sempre do ponto de vista dos nacionalistas, publicando frases afectas à falange e aos franquistas, palavras de ordem e discursos oficiais, o periódico foi, ao longo dos anos da guerra civil, informando e formando uma opinião pública que foi sendo conquistada lentamente pelo jornal. Tal é comprovado pelo aumento do número de assinantes e pela própria tiragem e implantação espacial do jornal. Em finais de 1939 o jornal chega a ter vinte e quatro páginas e a publicidade torna-se muito importante na vida do periódico como se a região acordasse e a economia começasse a evidenciar sinais de desenvolvimento e de paz.

Nos últimos dois anos da guerra, o jornal que não se publicava à 2ª feira contava com a mais valia da colaboração do Secretariado de Prensa e Propaganda o que lhe permite crescer sem problemas com a censura. Evoluiu entre as homenagens aos generais franquistas como Yague e as notícias internacionais sempre relacionadas com Hitler e Mussolini, continuando a defender que a imprensa tem um papel central e um objectivo próprio: cristianizar a sociedade. Talvez este propósito seja responsável pela maior adesão à leitura deste periódico que se afirma num meio onde apenas se publicavam ilegalmente algumas folhas volantes.

Faltava ainda um longo caminho a percorrer para que o jornal se “emancipasse” do franquismo. A sua capacidade de resistência e de adaptação à realidade sociopolítica do país e da região permitiu-lhe persistir, crescer e manter-se até à actualidade.

### **Em jeito de balanço...**

Os “felizes” anos vinte trouxeram uma onda de bem-estar à Europa mas neles assistimos ao desenvolvimento dos mais opostos sistemas político-económicos (socialismo e capitalismo) à emergência do fascismo italiano, à recuperação da Alemanha e à sua marcha de Weimar ao nazismo, à ditadura de Primo de Rivera em Espanha, à ditadura militar em Portugal.

São igualmente anos de grandes progressos científicos e técnicos, com especial relevo no mundo da comunicação de massas. Em 1928 nos Estados Unidos inventa-se a “teletype Sather” para composição mecânica à distância que em 1929 será estreada em Espanha pelo periódico ABC para enviar informação ao seu diário de Sevilha. As fotografias foram-se desenvolvendo e proliferando cada vez mais causando um impacto

razoável na opinião pública e nos leitores dos jornais e a imprensa gráfica generalizou-se tornando-se mais popular.<sup>106</sup>

Todos os poderes estão absolutamente conscientes da enorme importância da imprensa e por isso mesmo, em Espanha e em Portugal, a censura faz a sua aparição de forma a tornar a imprensa um elemento do regime, uma força ao serviço do estado. Em ambos os países as ditaduras então instituídas exercem-se contra um certo caos e oferecem ordem a um período de facto conturbado.

Em Espanha, a ditadura de Primo de Rivera exerce-se contra a velha política da Restauração, da oligarquia e do caciquismo.<sup>107</sup>

Em Portugal, a ditadura exerce-se contra a incapacidade republicana de resolver os problemas nacionais. É também nestes anos que se criaram laços e vínculos entre uma elite que não se resignará a perder os seus privilégios e que em Espanha reaparecerá em determinados sectores do franquismo triunfante enquanto que em Portugal se molda a estrutura do salazarismo. Muitos dos problemas dos dois países vizinhos passam pelo campo da imprensa tão fortemente politizada e depois tão submetida à “disciplina” dos ditadores.

Os anos trinta, aqueles que dizem respeito ao nosso estudo, são marcados pela censura prévia e em ambos os países os graus de eficácia e de tratamento que as ditaduras impõem aos periódicos são variáveis. Apesar de existirem muitos pontos de contacto na evolução política dos dois países, a vida e comportamento dos dois periódicos em estudo são bem diferentes. Diferentes na sua origem, na forma de produzir as notícias, no modo de distribuição e circulação, estes dois jornais constituem a prova de como, face a conjunturas com muitos pontos de contacto e face a regiões não muito diferentes, a imprensa pode ter papéis diversos e evoluir diferentemente. De facto, na sua origem o *Hoy* apresenta-se como um jornal de empresa, católico, sempre na vanguarda da tecnologia enquanto que o *Notícias De Évora* se apresenta como um jornal inicialmente fiel a uma ideologia, depois “independente” e “regionalista”, também jornal de empresa mas de empresa familiar.

Ambos os periódicos souberam sobreviver no contexto de um terrível aparelho de repressão, de propaganda e de enquadramento político e ideológico, utilizado para manter o salazarismo em Portugal e o franquismo em Espanha. Porém, também nessa sobrevivência se encontram divergências sensíveis.

---

<sup>106</sup> CLEMENTE, Eloy Fernandez (1982), pp.187/232.

<sup>107</sup> LARA, Tuñon de (1981).

O periódico *Hoy*, podemos dizê-lo, cresceu e desenvolveu-se nos anos da censura militar, imposta pelos nacionalistas após o duro combate de Badajoz e continuou a crescer com o franquismo, misturando nesses anos o ideal católico com o ideal político da direita espanhola, congregada à roda de Franco.

O Periódico *Notícias De Évora* não foi capaz de um tão grande desenvolvimento. Manteve as suas quatro páginas, viu a sua área de implantação alargada aumentando o número dos seus leitores, mas sem grandes voos. Considerado em 1934 um jornal não colaboracionista mas também não anti-situacionista<sup>108</sup>, o *Notícias De Évora* foi evoluindo, tornando a sua linha editorial mais situacionista, servindo melhor os objectivos da Revolução Nacional. De facto a sua linha editorial, sobretudo a partir de meados dos anos trinta parecia obedecer à ideia de que a obra de reconstrução nacional exigia a todos os sectores da vida pública portuguesa o “amor à ordem” que à imprensa pertenceria manter e não destruir. As notas officiosas, as palavras de Salazar, os seus discursos e as suas visitas eram sempre noticiadas nas páginas do jornal. Na realidade, assiste-se ao longo da década de trinta a uma mudança no periódico que é comum a uma parte significativa da imprensa portuguesa: Mudança de discurso, de linguagem e de objectivos que se escondem neste caso, detrás do objectivo da imparcialidade e do regionalismo como forma de amor à região que é também amor à pátria.

Estas mudanças são provocadas por factores exógenos (pressão da censura) e por factores endógenos (necessidade de interiorização da nova ordem portuguesa para sobrevivência do jornal). O jornal tenta em primeiro lugar manter os seus públicos tradicionais o que justifica a resistência à mudança que os seus quadros editoriais dominantes testemunham. Mas adapta-se à nova ordem que, aliás, é bem recebida pela maioria do seu público. Mantém-se um velho “jornalismo de opinião” sobretudo sobre os acontecimentos da cidade e da região, e também um jornalismo refractário à abertura do espaço do jornal às opiniões alheias. Nas suas páginas não aparecem rubricas do tipo “correio do leitor” onde este expresse a sua opinião mas sim do tipo “ecos da sociedade” onde o próprio jornal analisa a sociedade da sua região, dando-a a conhecer aos seus leitores, segundo os seus modelos de importância.

Perante a multidimensionalidade do fenómeno censura e perante a sua omnipresença, o *Notícias De Évora* foi capaz de encontrar um discurso jornalístico que testemunhasse uma verdade conveniente à nação. Se era à primeira vista o Portugal

---

<sup>108</sup> Ver AZEVEDO, Cândido (1999).

cinzento e uniforme que se percepcionava nas suas páginas, numa leitura mais atenta e noutra registo, também lá se podem encontrar imagens e vestígios do Portugal real, na zona de Évora, sempre que se fala das crises de trabalho, das sopas dos pobres, dos conflitos relacionados com horários de trabalho e subida de preços ou simplesmente do movimento da biblioteca, dos espectáculos teatrais, das festas e da agenda cultural da cidade.

## PARTE II

### IMAGENS DE PODER: RELAÇÕES E DESAFIOS

Uma das questões centrais deste trabalho é a de procurar analisar e interpretar as imagens de poder veiculadas pela imprensa regional de dois estados vizinhos – Portugal e Espanha— nos anos trinta, explorando por um lado os mecanismos de controlo ideológico do Estado sobre a imprensa e por outro a influência desta sobre o meio onde se insere, de forma a estabelecer um estudo comparativo entre a imprensa periódica regional dos dois países em questão.

Três ângulos de análise marcam esta questão central: o relacionamento autoritário ou não do estado com a imprensa periódica regional, a diversidade de representações de poder seja na forma de imagens, valores ou mensagens e os reflexos dessa imprensa no público e na área do Poder.

Numa breve viagem ao interior da censura nos dois países, deparamo-nos com um manancial de leis que estabeleciam um crivo bem apertado ao mundo da notícia e do acontecimento para que os jornais percebessem o que podia ou não ser dito. Por isso mesmo os jornais trataram de encontrar um vocabulário novo para difundir as notícias e deram em muitos casos uma volta bem grande à sua linha editorial. A selecção das notícias, a obrigatoriedade de publicar as notas officiosas ou as “consignas”, a ornamentação do discurso trazia por vezes aos periódicos um certo “valor acrescentado”.

No caso dos dois jornais em estudo é necessário ter em conta que o *Notícias de Évora* como jornal “independente” foi um canal em que a mensagem teve de passar inevitavelmente pelo filtro e matriz ideológica do seu editor que por sua vez estavam condicionados pela conjuntura da máquina censurante estabelecida. No caso do *Hoy*, após 1936 o periódico assumiu-se durante algum tempo como órgão da Falange, tornando-se num periódico de partido.

Com o aval consentido ou não da censura os dois periódicos retrataram um universo político, um universo cultural e um conjunto de valores que nos permitem encontrar as imagens de poder de uma época marcada nos dois países por um crescente autoritarismo e visão única imposta, imagens contudo diferenciadas por uma conjuntura que embora semelhante evoluiu de forma distinta e pelas diferenças estruturais entre os dois periódicos.

Para além do universo político e cultural representado é possível encontrar nos dois periódicos um conjunto de valores que pelo seu poder estruturante da sociedade da época denominamos de “valores-poderes”.

As relações e os desafios que se colocaram à imprensa periódica regional numa época marcada em Portugal pela ascensão e autoridade de Salazar e em Espanha pelas vicissitudes que conduziriam à guerra civil foram complexos. Rupturas e cumplicidades entre a imprensa e o Poder, entendido aqui no sentido lato que já definimos anteriormente, permitiram a sobrevivência aos dois jornais estudados. Do lado daquilo a que o poder chamava a “boa imprensa” estes jornais tiveram uma função social de reprodução da ideologia dominante, como se verá.

## Capítulo 1. Poder, Censura e Conjuntura

O triângulo “poder-censura-conjuntura”, na especificidade da perspectiva de análise adoptada, remete-nos para a particularidade de dois estados que evoluem de experiências republicanas democráticas para regimes autoritários e de partido único, onde se pretendia modelar as mentalidades e os comportamentos. Por outro lado, o Poder e os jornais sempre mantiveram relações recíprocas, umas vezes coniventes outras agrestes. A imprensa desde muito cedo seduziu os políticos que conscientes do seu poder vêem nela uma via eficaz de inculcação de valores. Na década em estudo, estabeleceram por isso um conjunto de leis que enquadraram a imprensa, a controlaram e determinaram e, mais do que isso, criaram a censura, cerceando a expressão livre do pensamento e reduzindo a imprensa a um simples repositório dos factos e ideias de quem detinha o poder. O aumento do rigorismo da censura ao longo da década de trinta não impediu contudo que surgissem formas de iludir os mecanismos censurantes.

### Legislação

Quase sempre os chamados regimes de força sofrem de uma debilidade fundamental: querem sempre ter razão e estar absolutamente certos. O poder e a ordem, sob a forma da arbitrariedade e da coacção, exercem-se utilizando os mais diferentes mecanismos, entre os quais o limite ao direito de informação.

Após o movimento de 28 de Maio de 1926 foi de imediato limitado o direito à informação, sem que tivesse sido decretado qualquer diploma legal. O nosso governo da ditadura nacional usa a censura com o fim de evitar que a imprensa seja utilizada como arma política contra a sua reconstrução nacional e contra o bem-estar nacional. Esta situação faz da censura, inicialmente, uma medida transitória que sob a forma de simples comunicação aos directores dos jornais, entrou em funcionamento obrigando os jornais a trazerem impressa a frase: “ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA”, um dado constante que atravessou toda a ditadura e todo o Estado Novo. De facto no dia 22 de Junho de 1926 todos os jornais de Lisboa publicaram uma comunicação assinada por dois comandantes da polícia em que se dizia que por ordem superior era estabelecida a censura à imprensa não sendo permitida a saída de qualquer jornal sem que 4 exemplares do mesmo fossem presentes ao comando geral da GNR para aquele fim.



Arons de Carvalho<sup>109</sup> explica que a reacção de desaprovação a esta medida foi pouco enérgica pois embora surgissem na imprensa artigos sobre e contra a nova medida, ela era até certo ponto entendida e justificada com o desbragamento da linguagem e a propaganda verdadeiramente escandalosa da imprensa reaccionária.

As reuniões dos directores dos jornais com o coronel Pratas Dias, chefe inicial dos serviços de censura que exerce no quartel da Graça, servem para informá-los dos conteúdos que serão sujeitos à censura e da exigência do envio de quatro provas de cada página de jornal, sendo proibidos os espaços em branco.

Na província, iguais medidas foram tomadas e o *Notícias de Évora* passa a ter a frase “este nº foi visado pela comissão de censura” ao mesmo tempo que perante a evolução situacional as críticas à censura subiam de tom à medida que aumentava o rigorismo desta.

Numa breve viagem ao interior da censura verificamos que entre os diplomas legais publicados sobre este assunto em Portugal podemos destacar o decreto 11.839 de 5 de Julho de 1926 que é a lei de imprensa e que vai ser alterada pelo decreto 12008, alguns dias depois, nomeadamente no dia vinte e nove do mesmo mês.

Este decreto vai ser o diploma fundamental da legislação de imprensa até 1972. Estabelece entre várias coisas quem deve julgar os crimes de imprensa, tratando-se quase sempre de um tribunal colectivo. Até 1930 é o Tribunal militar territorial a fazê-lo e depois dessa data o Tribunal militar especial. Só depois de 1945 se fundam os tribunais plenários de Lisboa e Porto.

Os delitos da imprensa eram da responsabilidade do autor do escrito e do editor se não revelasse quem era o autor ou se o mesmo fosse inimputável. O director da publicação era tido como cúmplice só não sendo considerado como tal se no periódico e nos autos afirmasse desconhecer o escrito antes da publicação e que não o teria publicado se o conhecesse. Por sua vez, os colaboradores técnicos, quer fossem tipógrafos, impressores, distribuidores e vendedores não eram responsabilizados a não ser que conhecessem o conteúdo da publicação. Numa época em que muitos artigos não eram assinados, o Director do jornal era considerado o responsável autor de todos eles.

O decreto 12008 enumera também os fundamentos para a apreensão dos periódicos os quais englobam ultraje às instituições, difamação ou ameaça ao Presidente da República, instigação à falta de cumprimento do serviço militar e boatos que causem

---

<sup>109</sup> Ver CARVALHO, Arons de, (1999), pp.28/29.

prejuízo ao estado, entre outros. Estes fundamentos, alguns definidos abstractamente cobrem todo um leque de hipóteses que a partir de 1933 só não se verificam devido à existência da censura prévia. Este mesmo decreto impunha o direito de resposta por via judicial, cabendo ao juiz a decisão da obrigatoriedade da inserção da resposta a qual deveria ser publicada no jornal nos dois dias seguintes ao seu recebimento.

Este decreto 12008 foi revogado em parte pelo decreto nº 22469 de 11 de Abril de 1933 e pelo 26589 de 14 de Maio de 1936, o qual faz depender a formação de novos jornais de alguns pressupostos, proíbe a publicidade oficial em alguns deles, regula o número de páginas e a venda de publicações estrangeiras e dá à Direcção Geral dos Serviços de Censura, poderes para aplicar várias sanções aos jornais.<sup>110</sup>

A censura apareceu-nos eivada de um carácter dúbio e pouco claro. A própria constituição de 1933 traduz claramente este carácter pois no seu artigo oitavo consagra os direitos liberdades e garantias dos cidadãos, incluindo a liberdade de expressão do pensamento sobre qualquer forma. Contudo, diz também que leis especiais regularão o exercício de liberdade de expressão de pensamento, de ensino, de reunião e de associação. Essas leis especiais são afinal o decreto 22469 de 11 de Abril de 1933, já referenciado, que estipula que continuam sujeitas à censura prévia todas as publicações periódicas definidas na lei de imprensa, tal como folhas volantes, folhetos e outras publicações que versem assuntos político-sociais. Este decreto legitimou, legalizou e formalizou a censura prévia. No seu artigo terceiro estipula-se que a censura terá somente por fim evitar a perversão da opinião pública na sua função de força social. Estipula também que deverá ser exercida de forma a defender essa mesma opinião pública de todos os factores que a desorientem contra a verdade a justiça e a moral, a boa administração e o bem comum, evitando-se assim que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade. Assim se instituía legalmente a censura em Portugal e em Junho de 1933 criava-se a Direcção Geral Dos Serviços de Censura dependente do Ministério do Interior quando, desde 1926 ela era exercida por comissões

---

<sup>110</sup> Outros decretos importantes para a vida cultural do país foram:

O 12271 de 3/9/1926, 12580 de 3/10/1926, 13725 de 27/5/1927 e o 13841 de 27/6/1927. Já na década de trinta podemos apontar o 19140 de 19/12/1930, 19256 de 17/1/1931, o 22756 de 29/6/1933 o 23203 de 6/11/1933, o 22228 de 15/11/1933 e o 27495 de 27/1/1936.

Os decretos 12271, 13841 e 27495 referem-se à legislação sobre a imprensa nas colónias. Toda a legislação citada abrange as autorizações prévias para o exercício da profissão de jornalista, para a fundação de novos jornais, contemplando também os aspectos da repressão administrativa e judicial, a apreensão e os direitos de resposta, rectificações e esclarecimentos. Obviamente, nenhum destes diplomas prevê os direitos de acesso às fontes de informação e ao sigilo profissional. Com toda esta legislação a censura vai perdendo o seu carácter dúbio e pouco rigoroso.

ensórias dependentes do Ministério da Guerra. Essa Direcção Geral Dos Serviços De Censura substituiu a Comissão de Censura de Lisboa que funcionava como comissão central.

Já antes o decreto 13841 de 27 de Junho de 1927 previa uma forma de autorização prévia em relação ao cargo de Director que ficava dependente das averiguações sobre se o candidato tinha capacidade moral e técnica para ser director, o que representava uma inovação em relação à lei de imprensa estipulada pelos já referidos decretos 11839 e 12008. Tal decreto aplicava-se à imprensa das colónias para as quais, a partir de 1933, se estipulava que só se podiam fundar novas publicações realizando um depósito prévio de 50000\$00 à ordem da autoridade judicial. Estas situações na metrópole só acontecem em 1936 através da publicação do decreto 26589 que estabelece que para fundar uma nova publicação é preciso que se reconheça a idoneidade intelectual e moral dos responsáveis e que se faça prova suficiente dos meios financeiros. A autoridade competente para conceder tal autorização e avaliar a idoneidade dos candidatos era a Direcção dos Serviços de Censura, sendo possível recorrer desta avaliação para o Ministro do Interior. Foi previsto o Regulamento desta Direcção geral e alargados extraordinariamente os seus poderes que iam desde impedir a fundação de jornais, à proibição de circulação de outros, à aplicação de multas, etc.

Em 1936, como já se disse, o decreto 26589 dava ao governo poderes para aplicar sanções aos jornais sem intervenção prévia dos tribunais. Estas sanções variavam entre multas de 5000\$00 e suspensão até cento e oitenta dias, penas que eram aplicadas pelos serviços gerais de censura, podendo as publicações recorrer para a Junta de recurso da Presidência do Governo Civil de Lisboa e desta para o Ministro do Interior. Daí que ao longo dos anos trinta, em Portugal a maioria dos jornais já tinha dado uma volta à sua linha editorial e afinado critérios com o Estado Novo ao mesmo tempo que se tornava cada vez mais difícil a fundação de novos jornais.

A Direcção Geral De Censura possuiu poderes extremamente alargados que iam desde impedir a formação de novos jornais, à proibição de circulação de outros, à aplicação de multas e muito mais. Em 1940 criou-se O Gabinete de Coordenação dos Serviços de Propaganda e Informação que era constituído pelos directores do SPN e dos Serviços de Censura e pelo presidente da Comissão Administrativa da Emissora Nacional de Radiodifusão. Este gabinete que vem modificar a dependência da censura do Ministério do Interior, reunia duas vezes mensalmente e as suas reuniões eram chefiadas pelo Presidente do Conselho que passava directamente a controlar os serviços

de censura. Tal facto vai ser legalizado em 1944 quando o SPN se torna SNI – Secretariado Nacional de Informação e Cultura.

João Medina <sup>111</sup> frisa o facto do Secretário Nacional ser da responsabilidade e livre nomeação do presidente do Conselho e de com este despachar directamente o que reforça a ideia de que a censura e a sua actuação estão a partir deste momento e forma absoluta controladas por Salazar.

### **Censura em Portugal**

Como se fazia a censura? Quais eram os seus mecanismos? Todo o conteúdo dos jornais diários era submetido aos serviços de censura. O Noticiário proveniente das agências era diferente. Cabia a um funcionário do jornal a missão de diariamente se deslocar a sede da Comissão de Censura transportando o material a submeter a exame. Este material era apresentado em provas de Granel, isto é, folhas rectangulares impressas com a notícia a ser visada e em triplicado. Das provas da notícia, uma voltava ao jornal com dois carimbos: um onde se diz visado outro onde se expressava o resultado que podia ser: “autorizado”, “autorizado parcialmente”, “demorado” ou “proibido”. Dependendo da sede da Comissão de Censura também se utilizava as expressões “autorizado com cortes”, “suspenso”, “retido”, “cortado”.

Quando um artigo é “autorizado parcialmente” pertence ao jornal a decisão sobre a sua publicação. Por vezes a extensão ou importância do corte assinalado a lápis azul na prova torna a notícia incompreensível pelo que não é publicada. Quando surge “suspenso” ou “retido” significa que os censores querem consultar as hierarquias. Esta suspensão pode durar uma hora ou meses. O carimbo “cortado” significa impossibilidade de publicar o artigo que é devolvido com um X sobre ele.

Depois dos anos 60 as notícias vindas do estrangeiro vêm por telex para os jornais directamente os quais estão ligados às agências. As principais Agências a operar no país são: A ANI— Agência Nacional de Informação —que tem o exclusivo da United Press International, a France Press e a Reuter. As mesmas notícias são recebidas pela censura que transmite depois às agências a situação de cada notícia. Estas transmitem então de novo para os jornais se as notícias estão autorizadas, se tem cortes parciais ou se estão proibidas. Antes dos anos 60 as notícias provenientes das agências eram distribuídas em folhas copiadas a stencil, depois de submetidas à censura.

---

<sup>111</sup> Ver MEDINA, João (1990).

A actuação da censura prévia ainda hoje representa um mistério. O artigo três do decreto 22469 de 11 de Abril de 1933 estipulava como já dissemos que a censura servia apenas para impedir a perversão da opinião pública e que devia ser exercida de forma a defender essa mesma opinião dos factores que a desorientassem contra a verdade, a justiça, a moral e o bem comum. É esta imprecisão dos limites de actuação da censura que provoca e estabelece igual imprecisão de critérios dos serviços encarregados de a executarem, fazendo dela um verdadeiro mistério.

As relações do *Notícias de Évora* com a censura não foram particularmente dolorosas. Logo em 1926<sup>112</sup> na segunda página do Jornal, publica-se uma notícia com o Título “Censura à imprensa” cujo teor é o seguinte:

“Numa das dependências do Quartel-general da 4ª divisão, realizou-se hontem pelas duas horas da tarde uma conferência entre os directores dos jornais locais e a Comissão de censura à imprensa afim de trocar impressões sobre a maneira mais prática de fazer cumprir a lei.

O nosso diário passa d’ hoje em deante a ser visado pela Comissão de censura, composta dos senhores Capitão Luís de Camões (presidente) tenentes José António Pombalinho Júnior e Cândido Augusto de Carvalho Salgado.

Por este facto, avisamos os nossos prezados colaboradores e anunciantes que Só podemos receber originais até ás 21 horas, visto que a censura será exercida ás 22 horas.”

No dia seguinte o jornal passa a evidenciar a frase “Visado pela comissão de censura”, facto que se mantém em toda a década de trinta. Também as comissões de censura vão conhecendo outros militares mas na sua essência manter-se-ão com as mesmas características. Entretanto o jornal declara-se apartidário mas faz o elogio dos militares e talvez por isso as relações com a censura não endurecem.

Uma análise da matéria “cortada” pela censura mostra as preocupações políticas no sector da informação e pode-se mesmo estabelecer uma lista de assuntos intocáveis.

---

<sup>112</sup> Ver *Notícias de Évora*, 2/7/1926

Para o caso do *Notícias de Évora*, para além dos assuntos normalmente evitados, foram cortadas sobretudo as notícias relacionadas com a guerra civil espanhola ou com acontecimentos relacionados com agitação social ou revoltas políticas. Contudo as margens de tolerância utilizadas quer ao nível da linguagem quer ao nível da profundidade permitida no desenvolvimento dos assuntos variam com as flutuações da ideologia dominante, com as alterações da política internacional, com a propagação das “doutrinas subversivas” e sobretudo com os critérios subjectivos de cada censor. Estes que são muitas vezes quadros e reformados do exército, com alguma frequência não sabiam interpretar correctamente as directrizes superiores, cortavam por vezes assuntos de pouco alcance e deixavam passar outros suscitadores de problemas.

A censura parecia ser mais rigorosa quanto mais lido fosse o jornal e menos rigorosa em publicações que assumissem posições pró-governamentais. A ironia e a mordacidade se suscitam dúvidas no censor são cortadas ao passo que algumas críticas bem intencionadas são toleradas pois acabam por fazer o elogio ao sistema. A crítica global também atrai a censura, isto é, sempre que se procuram explicar as causas que justificam o acontecimento que é objecto de crítica, é mais provável obter o artigo cortado. São exemplos disso mesmo, as notícias sobre o mau funcionamento do serviço público ou sobre uma lei mal aplicada as quais passam se não se tentam explicar os seus porquês. Por outro lado há também uma espécie de código de escrita que em que, termos como “proletariado”, “luta de classes”, “repressão”, “revolução” e “barracas” são sempre cortados e substituídos por: “camadas menos favorecidas da população”, “antagonismos entre grupos sociais”, “intervenção das autoridades” e “casas desmontáveis”.

Por vezes o título da notícia, a fotografia e a sua dimensão também levam os censores ao corte e muitas vezes para disfarçar o seu verdadeiro objectivo o censor corta frases inofensivas. Como cada censor é um “mundo” os chefes de redacção escolhiam o dia da semana e a hora a que andavam as provas, na esperança de encontrarem os mais liberais. É que o que era permitido pelo censor x não o era pelo censor y, o que era cortado num jornal podia aparecer noutra e um artigo publicado hoje podia ser cortado amanhã.

Também não restam dúvidas que a tolerância da censura diminui progressivamente entre 1926 e 1933 e que o início da guerra civil de Espanha marcou um aumento da severidade por parte da censura. A nossa situação perante a guerra civil espanhola, o

conflito mundial e a notória simpatia do governo pelos regimes nazi e fascista, levam a censura a um rigor excessivo e por vezes ridículo.

Completamente vedados à imprensa portuguesa eram as críticas globais à política governamental, à guerra nos territórios africanos, à orgânica corporativa, a actos de governo ou dos seus membros. Em relação a notícias sobre greves, manifestações anti – governamentais, crises universitárias, prisões, etc., o critério era diverso. Se a sua repercussão era diminuta, eram silenciadas; se, pela sua evidência, se tornam conhecidas da opinião pública, o governo optava pela publicação de comunicado onde a versão oficial dos acontecimentos predominava sobre a versão dos órgãos de informação. Por exemplo os acontecimentos de Évora de 1931<sup>113</sup> foram noticiados no *Notícias de Évora* com três dias de atraso, referindo o jornal as revoltas populares então verificadas e a acção do governo para restaurar a paz e a ordem.

Nos anos trinta a censura não se limita a cortar as notícias ou comentários directamente desfavoráveis à política governamental. Impede também que sejam publicados acontecimentos estrangeiros que não dizendo respeito a Portugal, seriam cortados e silenciados se passassem entre nós. Notícias sobre movimentos estudantis, manifestações de rua, deserções do exército, protestos contra governos autoritários, movimentos feministas ou hippies, torturas ou situações de presos políticos, apelos à descolonização ou à restauração das liberdades são cortadas invariavelmente. As notícias vindas de leste, se são desprestigiadas, são publicadas mas se representam progressos, são eliminadas.

Tão grave como tudo isto é a auto-censura, praticada pelo próprio jornalista e pelo seu redactor-chefe. Estes se são inconformistas procuram um estilo rebuscado que iluda o censor ou desperte a sua condescendência.

Em 1931, no dia 28 de Agosto, é enviada pelos serviços da censura uma circular urgente que é a prova da intenção do regime de limitar a imprensa a uma mera função propagandística. Essa circular fornece instruções às delegações da Direcção Geral de Censura sobre a forma de a exercer e foi enviada aos jornais para sua própria orientação. Após um prólogo em que se tecem considerações globais e gerais sobre o papel da imprensa, essa circular traz instruções gerais que se subdividem em três partes:

A)Fins; B)Publicações abrangidas; C)19 Directivas. Por ela ficamos a saber que os fins ou objectivos da imprensa eram apenas os de assegurar que a imprensa fosse utilizada

---

<sup>113</sup> Ver. *Notícias de Évora*, 16/12/31e dias seguintes.

como arma política contra a realização do programa da reconstrução nacional e contra o bem-estar do país. Por outro lado as dezanove directivas eram pouco objectivas, ressaltando que as actuações da censura deviam ser feitas com um “critério sólido elevado e coerente” e na “medida justa”. O corte não era uma punição para o jornal mas uma indicação para que evitasse males maiores. Permitia a crítica serena e colaborativa. Tal circular afirma ainda que à imprensa cabe o papel de acalmar os espíritos e que um jornal gerido inteligentemente pode ser um óptimo auxílio no progresso da nação. Por vezes as instruções da censura são dadas por telefone e podem ter duas conotações: Ou perguntar se o discurso de tal ou tal ministro é publicado ou lembrar que tal assunto a ser publicado será censurado.

Assim se construiu um país virtual em que a aparência vale a realidade. A censura garantia a concretização dos interesses políticos – ideológicos da ditadura e depois do Estado Novo, condicionando as consciências e manipulando ideias e comportamentos. Como afirma José Cardoso Pires, o regime e Salazar tentavam “fazer da censura uma sintaxe do pensamento colectivo, uma autêntica profilaxia do estado que não visava apenas controlar mas a criar formas de mentalidade adaptadas ao poder.”<sup>114</sup> Também Hipólito Raposo nos falava da “célebre república da Ilusitânia, criação maravilhosa da nova idade do ferro e do oiro...situada à maior latitude do arbítrio pessoal”<sup>115</sup> onde o país legal se sobrepunha ao país real, prevalecendo uma imagem de ficção oficial de um Portugal virtual que pouco tinha a ver com o país real que os portugueses conheciam, com o país vivido no dia a dia difícil do desempenho das mais diversas actividades.

O SPN, criado em 1933 teve um papel importante na neutralização da imprensa periódica da província, não situacionista. A sua criação prova que o regime salazarista se apercebeu desde muito cedo da verdadeira revolução que no domínio da publicidade e da propaganda se podia pôr em marcha, utilizando a imprensa, a informação e a cultura como instrumentos eficazes de propaganda política, de acção ideológica e até de mobilização das massas populares. Ao SPN cabia por isso a missão estratégica de integrar os portugueses no pensamento moral que devia dirigir a nação. O SPN foi dividido em duas secções: interna e a externa, competindo à interna, entre várias competências, regular as relações da imprensa com o poder do estado; fomentar a edição de publicações que se destinem a fazer conhecer a actividade do estado e da

---

<sup>114</sup>Ver PIRES, José Cardoso (1977), pp.199/200.

<sup>115</sup> Ver RAPOSO, Hipólito, (1940), pp.22.



nação portuguesa e combater por todos os meios ao seu alcance a penetração no nosso país de quaisquer ideias perturbadoras e dissolventes da unidade e interesse nacional.

Contudo, a acção do SPN não se esgota nas acções de propaganda do Regime nem na manipulação da informação. Desde Outubro de 1933 este Secretariado, na sequência da reunião com o Presidente do Conselho com os Governadores civis e os presidentes das Comissões da União Nacional, desencadeou acções tendentes a neutralizar politicamente os jornais de província conhecidos pela sua oposição à ditadura. Foi então criado um grupo de trabalho a que foi atribuída a missão de ler durante semanas todos os jornais de província e de estudar as suas tendências políticas e sociais, o aspecto gráfico, o seu impacto e influência no meio e o valor intelectual dos colaboradores. Os elementos assim recolhidos eram depois comparados com as notas enviadas pelos governadores civis sobre os jornais que se publicavam nos seus distritos.

Após este estudo a imprensa provincial foi dividida em cinco categorias: Situacionista, anti-situacionista, simpatizante, neutra e jornais de classe. Estes dados constam de um relatório do SPN datado de 1/1/1934 bem como as recomendações feitas sobre a situação.<sup>116</sup>

Para o caso do Distrito de Évora, o relatório que refere a existência de nove jornais, dois dos quais eram diários, sendo um deles o “*Notícias de Évora*”. No distrito de Évora o SPN considera desolador o estado da imprensa da província no referente à propaganda da situação mas também não assinala a existência de qualquer jornal anti-situacionista. O quadro que a seguir apresentamos revela a situação da imprensa periódica regional na perspectiva do Secretariado da propaganda e apresenta em síntese os resultados do estudo então feito.

---

<sup>116</sup> Ver Comissão do Livro Negro sobre o fascismo (1980), *SPN. A política de informação no regime fascista*, Relatório sobre o estado actual da imprensa da província – (1/1/1934), vol. I, Lisboa, pp.56 e seguintes

**JORNAIS DE PROVINCIA E SUA TIPOLOGIA =237<sup>117</sup>**

<b>Distritos</b>	<b>Nº</b>	<b>Neutros</b>	<b>De classe</b>	<b>Anti-situacionistas</b>
Viana de Castelo	14	--	1 (republicano)	4
Braga	19	--	--	5
Porto (excepto cidade)	25	1	3 maçons 1 republicano	6
Aveiro	34	--	2 Comunizantes	34
Coimbra	19	--	1 socialista 2 republicanos 1 maçónico 1 comunista	6
Vila Real	8	--	--	2
Bragança	2	--	--	1
Viseu	12	--	--	1
Portalegre	7		1 Maçónico	2
Guarda	12	--	--	3
Castelo Branco	8	--	1 maçónico	2
Leiria	8	--	1 Nacional-sindicalista 1 socialista	3
Santarém	14	--	--	--
Lisboa (excepto cidade)	7	--	--	--
Setúbal	14	--	1 comunizante	2
Évora	9	--	--	--
Beja <sup>118</sup>	8	3	2 Comunistas 1 socialista 1 maçónico	5
Faro	10	--	--	2

No que diz respeito ao Distrito de Évora o relatório do SPN afirma que era desolador o estado da imprensa no que diz respeito à propaganda do Estado Novo, se bem que não assinalasse a existência de qualquer jornal anti-situacionista. Tal posição veiculada em 1934, parece dar-nos a garantia de que o *Notícias de Évora* manteria uma posição neutral que não lhe levantaria problemas, num quadro de uma informação regionalista e local. Porém no final de 1934 o chefe da redacção dos serviços internos do SPN sublinhava o aspecto positivo da acção desenvolvida para mudar tal panorâmica da imprensa de província. De facto em Dezembro desse ano, os jornais anti-situacionistas tinham diminuído, os neutrais também e os situacionistas aumentado,

<sup>117</sup> Este quadro foi elaborado a partir de já referido Comissão do Livro Negro sobre o fascismo (1980), SPN. *A política de informação no regime fascista*, Relatório sobre o estado actual da imprensa da província - (1/1/1934), vol. I, Lisboa.

servindo melhor os objectivos da Revolução Nacional. Nesta evolução enquadra-se o *Notícias de Évora* pois a sua aproximação ao Estado Novo torna-se notória.

## **Capítulo 2: Poderes retratados sob a lente da censura no *Notícias de Évora***

Em Espanha e em Portugal, nos anos trinta a censura tornou-se uma dura realidade face à qual as publicações periódicas mas também os livros e os diversos meios de comunicação tentavam encontrar um caminho para chegar ao público. Por isso mesmo a imprensa teve de trilhar caminhos em que, sendo imprescindível obedecer aos mecanismos legais que visavam impedir a “libertinagem nas palavras e nas ideias”, lhe permitissem a sobrevivência. Assim na prática quotidiana a imprensa submetia-se a um filtro que tentava manter e agradar ao “establishment”, usando por vezes a hipocrisia, muitas vezes a subserviência, algumas vezes a luta aberta (que terminava sempre na suspensão ou proibição) e também muitas vezes a inteligência, conseguindo retratar os valores e os poderes de uma época conturbada em que vigoravam modelos autoritários.

Sob a lente da censura o binómio conservadorismo / progressismo apresenta-se como uma porta onde os conceitos de ordem, liberdade, hierarquia, igualdade, justiça, propriedade, nacionalismo e tantos outros apresentam cargas morais distintas, sendo apenas aceites as visões concordantes com o poder instituído.

Vejamos então os poderes e os valores retratados sob a lente da censura.

### **Poderes e Valores**

A censura surge como um sistema de processos de legitimação do discurso que permite ao poder predominante assegurar a sua reprodução. Ela encarrega-se, mais ou menos eficazmente, de colocar uma ordem no discurso definida e controlada pela elite no poder. Aplicada à imprensa periódica, ela acabou por criar uma representação unidimensional da sociedade.

Ao tentarmos fazer o inventário das diferenças entre os dois periódicos estudados a propósito dessa representação unidimensional imposta, encontrei retratados poder que passavam pelo crivo da censura e que constituíam um universo político-social e cultural com um certo estatuto de universalidade dentro do nosso país e da vizinha Espanha. Contudo a “localidade” tinha uma dimensão real que se traduzia na identidade e na expressão dos diferentes grupos sociais e poderes locais e regionais.

O campo da imprensa periódica nos anos trinta é o espaço onde proliferam diferentes regimes discursivos que formam a teia e a armadilha da Historicidade moderna. Os periódicos são de facto um espaço socialmente investido na medida em que neles se inscrevem de alguma forma projectos colectivos e se invertem as atitudes

dos actores sociais como num espelho. Por outro lado, os periódicos situam-se também nos lugares estratégicos da conexão do político com o sentimento ora conjugando ou disjuntando a ordem do poder com a ordem emotiva da opinião pública. É também por isso que permissividade e repressão não se excluem quando falamos das relações do poder com a imprensa. Elas associam-se como duas faces da mesma moeda, elaborando um sistema complexo onde se cruzam autonomia e dependência repressiva.

Ao construir as diversas imagens, os periódicos surgem-nos como lugares “institucionais” da transversalidade discursiva, sendo atravessados pelo dizer e pelo fazer, pela sedimentação de extractos ideológicos e por vezes pela inovação de configurações imprevisíveis. Neles se normalizam práticas sociais, se constrói o imaginário colectivo e se sedentizam os discursos instituídos, ao mesmo tempo que com eles se pode acompanhar o fluir contingente desses discursos.

Ao estudar o *Notícias de Évora*, nos anos trinta, verificamos que nele se encontra linearmente um regime discursivo segundo regras precisas de articulação, com um ritmo mais lento do que acelerado, de acordo com as estratégias de “naturalização” do poder. Trata-se de colocar e lançar na circulação imagens, personagens e ideias que se enquadram em determinadas fronteiras e que ao entrarem em circulação, vão sendo interiorizadas e aos poucos vão fazendo do jornal uma máquina de dessiminação do poder, fazendo-o penetrar por impregnação, o tecido social da região. Nas suas páginas, ao longo da década em estudo, deslocam-se algumas fronteiras, constroem-se alguns diques, desfiguram-se imagens mas edificam-se outras, consensuais, como estratégia de poder.

Michel Foucault <sup>119</sup> sublinhou que é mascarando uma parte importante de si próprio que o poder é tolerável. De facto, não é através da utilização efectiva da força que o poder prossegue do modo mais eficaz os seus objectivos instrumentais. A censura foi uma força efectiva no nosso país e no país vizinho que nos casos do *Notícias de Évora* e do *Hoy*, permitiu a construção de imagens que nos dão conta de um universo político, social e simultaneamente cultural que, sendo local, não é estranho ao resto dos dois países.

### **Universo cultural do *Notícias de Évora***

Pelo *Notícias de Évora* perpassam imagens de poder que constituem um universo

---

<sup>119</sup> Ver FOUCAULT, Michel (1976), pp.113.

Cultural, onde os valores da família, da história e do nacionalismo, da ordem, do trabalho e da disciplina estão bem presentes.

À medida que a nação avançou na disciplina e na visão do mundo salazarista, o jornal parece também acompanhar uma mecânica da moral e do direito que tinha por função prevenir todas as anormalidades. Segundo Moisés de Lemos Martins<sup>120</sup> a disciplina salazarista fazia funcionar um poder relacional, que se mantinha pelos seus próprios mecanismos e que preferia o jogo ininterrupto dos olhares calculados. Essa disciplina segregava um aparelho de controlo que funcionava como um microscópio dos comportamentos. Tratava-se de poder vigiar permanentemente a conduta de toda a gente, apreciá-la, sancioná-la, medir-lhe as qualidades e os defeitos. Esse aparelho de controlo não podia deixar de fora a imprensa que igualmente devia também responder à necessidade de vigiar e ao mesmo tempo de criar um espaço útil como uma fortaleza onde perpassassem os valores da Pátria— esses “poderes que contrariavam as necessidades ilusórias e as misturas perigosas” criadas no mundo urbano por sindicatos e organizações contestatárias.

### Família

Um dos valores da pátria salazarista portuguesa era sem dúvida a família. À família cabia a terapêutica do homem que se via confrontado, fora do lar, com a confusão, as dificuldades e o ruído das revoltas. A ela cabia a função de filtro que prendesse e separasse. Prendesse ao calor das coisas nos seus devidos lugares e separasse da confusão e do caos. A intimidade e o doce aconchego do lar, as virtudes aí criadas articulavam-se com uma disciplina do minúsculo (uma observação minuciosa do detalhe e simultaneamente uma valorização das pequenas coisas). Nesse aconchego do lar a mulher é a dona de casa inteligente, zelosa e trabalhadora que reinava na economia doméstica, tendo o poder de administrar o rendimento familiar, rentabilizando todas as pequenas coisas numa verdadeira racionalização utilitária do detalhe. O poder fazia então crer que a exactidão (rigor e moderação nas despesas), a regularidade e a normalização (a mística da intimidade do lar em que a célula familiar se organiza como um espaço funcional e hierárquico pela atribuição dos lugares e do exercício da autoridade) eram as virtudes fundamentais da vida familiar e generalizando, do próprio corpo nacional.

---

<sup>120</sup> Ver Martins, Moisés de Lemos (1986), pp.77/81.

A disciplina salazarista fazia de facto funcionar o espaço família como um aparelho de produção onde se aprende a produzir e a consumir mas também como aparelho de controlo de hierarquização e de compensação. Atribuindo lugares individuais a cada membro da família é possível o controlo de cada individuo e o trabalho simultâneo de todos.

Pode dizer-se que a pirâmide disciplinar salazarista produziu uma célula familiar no interior da qual a separação, a coordenação e o controlo das tarefas eram impostos mas eficazes. A família respondia assim a vários imperativos entre os quais formar nacionalistas obedientes, funcionando como filtro e prevenindo a licenciosidade dos costumes e dos comportamentos. Está-se na época em que a política do espírito defendia que crer é antes de mais aquilo que nos faz andar e a partir da crença estar-se-ia apto a agir e a obedecer. Esta obediência à ordem salazarista está enraizada na célula familiar que reproduzia, no “mundo das coisas pequenas”, a ordem, disciplina e noção de trabalho de Salazar.

Todos estes “valores-poderes” perpassam no *Noticias de Évora* em lugares distintos e de formas diferenciadas. A família faz parte do discurso do jornal em rubricas quotidianas e fixas como “Ecos da Sociedade” ou “Pelo Distrito” mas surge também em muitos artigos soltos, muitas vezes sobre a mulher, a moda ou a educação.

Na rubrica “Ecos da sociedade” desfilam as famílias ilustres da região, representantes de um poder local, económico, social e político, que é reconhecido, respeitado e aceite pelo jornal. Aniversários, festas e bailes, acções de beneficência, doações são os temas mais vulgares dessas notícias. Muitas dessas famílias de proprietários, comerciantes e mais raramente de industriais são leitores do jornal, desde há muito.

Na rubrica “Pelo distrito” são igualmente referidas famílias ilustres da região, embora aqui as notícias não abordem temas como aniversários, festas ou acções beneméritas mas mais viagens, negócios e outros acontecimentos que permitem obter alguma informação sobre actos económicos e políticos dessas famílias.

Em plena consonância com a família e no seu interior encontramos no jornal a imagem da mulher em rubricas igualmente variadas que vão desde a poesia à secção pedagógica e à religião ou simplesmente em notícias avulso sobre moda, teatro ou chás elegantes.

Na poesia publicada a mulher é sempre retratada como fada do lar e mulher ideal por oposição à mulher fatal e intriguista, num apelo e defesa flagrante da mulher modelo, dona de casa e mãe extremosa. Sem sair deste modelo, a mulher aparece também ligada às questões da educação. O jornal publica na sua secção pedagógica muitos artigos assinados por Nizeth <sup>121</sup> de Ataíde sobre os problemas da escola que deve formar cidadãos obedientes, orgulhosos da sua nação e dos seus heróis, continuadora dos bons ensinamentos da família. O jornal faz igualmente várias homenagens a mulheres poetas como é o caso de Maria Brandão, ou o caso de Florbela Espanca <sup>122</sup>.

Por vezes, surgem notícias sobre algumas artistas mas repõe-se sempre a visão da mulher tradicional. É também o caso do artigo “A Mulher e a moda” <sup>123</sup> ou numa outra dimensão de discurso <sup>124</sup> o artigo verrinoso contra a eleição das misses, por razões morais. Para além disso, são noticiadas exposições de chapéus, de pratas e jóias <sup>125</sup>, interesses particulares de senhoras, mergulhadas no seu mundo das coisas pequenas e dos detalhes, longe dos temas políticos.

Faz-se igualmente publicidade a “literatura feminina” como é o caso da revista Portugal feminino ou a chás elegantes <sup>126</sup> e divulga-se igualmente a ideia de que uma menina recatada e elegante tinha de saber tocar piano e falar francês.

A partir de 1936 os diversos artigos conotados com a família, retratam-na como refúgio face ao mal do mundo e simultaneamente a mulher como rainha da casa <sup>127</sup>, sem pintura <sup>128</sup>, capaz de operar milagres na economia doméstica e na educação moral dos filhos. Alias, ao longo deste ano, face à guerra civil espanhola, a única mulher que escreve de forma continuada e permanente no *Notícias de Évora*, fã-lo em defesa da paz e da ordem tão a gosto do regime salazarista se bem que se distancia de Edmundo Belfonte ou de Eduardo Pacheco que fazem a defesa do nacionalismo espanhol e se servem da guerra civil espanhola para enaltecer a obra de “paz e segurança” de Salazar.

Em 1937 publicita-se uma escola de corte e costura e mantém-se a visão tradicional da mulher. Ao mesmo tempo que se publicita o mês de Maria defende-se o papel da mulher no aconchego do lar, como esposa digníssima e mãe extremosa e também como “economista” talentosa do rendimento doméstico.

---

<sup>121</sup> Ver *Notícias de Évora*, 29/4/1930.

<sup>122</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/3/1931.

<sup>123</sup> Ver *Notícias de Évora*, 11/3/1933.

<sup>124</sup> Ver *Notícias de Évora*, 21/6/1933.

<sup>125</sup> Ver *Notícias de Évora*, 27/6/1933.

<sup>126</sup> Ver *Notícias de Évora*, respectivamente 9/1/1935 e 15/1/1935.

<sup>127</sup> Ver *Notícias de Évora*, 1/4/1936.

<sup>128</sup> Ver *Notícias de Évora*, 16/7/1936.



## Nacionalismo

Também outros “Valores-poderes” são igualmente retratados nas páginas deste jornal. Tal é o caso do nacionalismo, entendido aqui como exaltação da nação, constituída por cinco elementos essenciais: território, raça, língua, cultura e a vontade de ter um destino comum.

O nacionalismo pode afectar e no caso português afectou todas as dimensões da existência colectiva, com destaque para a dimensão política. Nesta dimensão o jornal *Notícias de Évora*, aproximou a noção de nacionalismo com as de patriotismo, de herói, de culto dos antepassados e de Imperialismo. É pois no contexto de um estado autoritário, neotradicionalista, corporativo, de partido único e católico que o jornal parece dar ênfase à afirmação de que “todo o esforço da nação, desde o início da história pátria até ao presente, deve ser exaltado como bom e digno”<sup>129</sup>. Assim devia ser objecto de justificação e de glorificação, tudo o que se fez em oito séculos de História, no sentido de fortalecer os seguintes factores fundamentais da vida social: a família como célula social, a fé como estímulo da expansão portuguesa e elemento de unidade nacional, o princípio da autoridade e de firmeza do governo como elemento indispensável do progresso geral e o respeito da hierarquia como condição básica de cooperação de valores.

O *Notícias de Évora* utilizou bem nos anos trinta estes princípios e seguiu mais ou menos à letra estas normas. Em muitos artigos históricos o jornal contribuía para a veneração das grandes figuras nacionais, os vultos nacionais, desde Afonso Henriques a Nuno Álvares Pereira, a Vasco da Gama, ao duque de Bragança, a Mouzinho de Albuquerque e obviamente pontificando em Salazar, o redentor do Estado Novo.

Os festejos comemoracionistas ou os próprios monumentos estão também presentes como forma desse nacionalismo que, nos seus anos áureos, se manifestou na dupla comemoração da Fundação da nacionalidade e da restauração de 1640 e no Congresso do Mundo Português. Esta visão uniforme só perdeu força quando face à ideologia única, se foram afirmando outras ideias. A história era aqui utilizada como um elemento fundamental da ideologia do estado e era “um instrumento ideológico de que o estado se servia para modelar a sociedade”<sup>130</sup>.

É bem verdade que o jornal se assumia como “regionalista da manhã” mas a defesa da região não ocorria fora do contexto nacional e o nacionalismo afirmava-se nas suas

---

<sup>129</sup> Ver decreto-lei nº 21102 de 15/4/1932, art. 2.

<sup>130</sup> Ver TORGAL, Luís Reis (1990), pp.99/107.

páginas como o poder de todo o povo português. A defesa da nação valorizava tudo o que era eminentemente português (o património histórico-cultural e a própria história de Portugal como resenha de feitos heróicos que davam ao povo português uma identidade e um poder marcado pelo sucesso).

Muitas vezes, em 1ª página, surgiam artigos sobre os ex libris da cidade: o escudo da cidade de Évora, a janela de Garcia de Resende, o pelourinho. Surgiam igualmente em primeira página, factos célebres da História de Portugal e sobre variadíssimas comemorações como o centenário de Nuno Álvares Pereira, o 5 de Outubro, o 1º de Dezembro, o dia da Marinha, o dia de Camões<sup>131</sup>. Tratava-se de recolher nos elementos mais autênticos da tradição as ideias força que deviam retomar o passado e continuá-lo na reconstrução autêntica do futuro. Tratava-se da defesa de valores que, desviando-se do socialismo e do liberalismo sistemático, queriam consagrar e perfilhar um nacionalismo histórico, racional, reformador e progressivo.<sup>132</sup> Tal defesa foi depois feita pela União Nacional, muitas vezes notícia no *Notícias de Évora*, onde fazia publicar as suas notas officiosas.

Muitas vezes encontramos o nacionalismo expresso também na defesa do colonialismo, facto que se torna frequente nas páginas do jornal, sobretudo a partir de 1933. Neste contexto noticiam-se as semanas das colónias promovidas pela Sociedade de Geografia de Lisboa ao longo dos vários anos, ao mesmo tempo que se faz uma propaganda colonial intensa e se considera as colónias como continuação de Portugal. O jornal publica mesmo uma frase semelhante à de Salazar: “A nação portuguesa, grande império colonial, precisa de viver una e forte. Conta para isso com o teu esforço calmo mas sem desânimos”<sup>133</sup>.

As semanas das colónias, já referidas, vão-se realizando ao longo dos anos e em Évora, chegam a ser pretexto para propaganda ao Estado Novo no Garcia de Resende com a presença do Sr. Ministro das colónias e subsecretário das corporações facto que obviamente merece um artigo no *Notícias*<sup>134</sup>. Igualmente em 4/8/36 um artigo com o título “ideias e colónias” faz a defesa do nacionalismo e do império.

Ao longo dos anos trinta este “valor-poder” vai de facto afectando todas as dimensões da vida colectiva e o jornal reflecte exactamente isso. A “Juventude

---

<sup>131</sup> Ver *Notícias de Évora*, desde 12/3/31 que estes artigos se tornam bem visíveis e se repetem ao longo dos anos.

<sup>132</sup> Ver *Notícias ilustrado*, o opúsculo de 30/7/1955. União Nacional, há um quarto de século, (30 /7/1930, Lisboa, 1955, pp. 21/29.

<sup>133</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/7/1933.

<sup>134</sup> Ver *Notícias de Évora*, 24/4/1936.

patriótica”, o Estado Novo e a vida local, o novo compêndio da História de Portugal, o Concurso da Aldeia mais portuguesa de Portugal<sup>135</sup>, a Legião Portuguesa e as suas manifestações são prova desse poder do nacionalismo em que as coisas nacionais, respirando “paz, ordem e obediência” são incrivelmente superiores à desordem e à anarquia que grassavam nos outros países. As comemorações dos centenários passam a estar presentes no diário de uma forma quase constante a partir de Janeiro de 39, preparando-se a Exposição do Mundo Português. Artigos como “1940 Ano Português”<sup>136</sup>, notícias sobre o Congresso, Exposição e Cortejo do Mundo Português proliferam no *Notícias de Évora*.

No final dos anos trinta o nacionalismo surge também como poder contra o comunismo sempre noticiado como perigo. Já nos anos 40 o jornal veicula a ideia do prestígio de Portugal no mundo e nas suas páginas expressa-se também a necessidade de fazer crer que existia reconhecimento internacional sobre a obra de Salazar. Por outro lado, o nacionalismo pode também ver-se entendido nas páginas deste jornal como “o regresso à simplicidade da vida, à pureza dos costumes, à doçura dos sentimentos, ao equilíbrio das reacções sociais”.

### **Trabalho, Disciplina e Ordem**

No universo cultural desenhado no *Notícias de Évora* encontramos outro valor-poder: o trabalho. Este, aliado à disciplina e ordem, formava parte de um triângulo essencial ao salazarismo. O trabalho entendido como “panaceia” para os males da nação era uma força e um poder que contribuía para o bem-estar geral do país. O jornal publica um artigo com o título “trabalhar é uma honra”<sup>137</sup> e publicita a semana do Trabalho Nacional que foi implementada pela Direcção da Associação Industrial portuguesa com o objectivo de defesa do nacionalismo económico português e de diminuir a crise de desemprego.

A propósito do trabalho o jornal noticia também a crise de trabalho o que prova as dificuldades regionais em termos de emprego ao mesmo tempo que refere a mendicidade e a existência da sopa económica.<sup>138</sup> Esta crise de trabalho afigura-se de facto grave pois prolonga-se no tempo e é objecto de notícia, afectando muita gente não só no mundo rural mas também no espaço urbano. Num espaço que vai de Março a

<sup>135</sup> Ver *Notícias de Évora*, respectivamente os jornais de 25/11/1937, 17/12/1937, 8/9/1938 e o de 9/9/1938

<sup>136</sup> Ver *Notícias de Évora*, 30/12/1939

<sup>137</sup> Ver *Notícias de Évora*, 5/3/1930.

<sup>138</sup> Ver *Notícias de Évora*, 20/2/1931 e 6/3/1931

Outubro de 1931 são referidos 200 operários desempregados e a manutenção do desemprego, noticiando-se também em Novembro a reunião realizada no governo civil e a petição ao Ministro do interior no sentido de resolução do problema<sup>139</sup>. No final do ano o jornal anuncia que dois lavradores importantes da região se prestam a empregar todos os desempregados rurais para evitar a grave crise de desemprego e a miséria.

A censura deixava passar notícias sobre o problema do desemprego tido sempre como um mal que o Estado tentava resolver, contando para isso com a ajuda das pessoas de bem. A sopa dos pobres e a mendicidade, noticiadas como formas de debelar ou diminuir a os problemas sociais, evidenciavam que nem tudo ia bem no país das maravilhas, sem que contudo a censura fosse capaz de fazer essa leitura.

A partir de 1933 o trabalho surge enquadrado na estrutura corporativa e o jornal faz a apologia e o elogio dos ricos e dos pobres, juntos nos grémios da lavoura e nas casas do povo, elogiando o corporativismo como fomentador da paz. O jornal não fica igualmente indiferente à campanha do trigo. Publica todas as notas officiosas da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, elogia algumas inovações nomeadamente a utilização de algumas máquinas, valorizando sempre a política estatal para o Alentejo.

Integrado no meio, o trabalho de que nos fala o jornal é predominantemente de cariz ruralista, ligado aos interesses agrícolas da região. A disciplina na vida e no trabalho, dariam ao país um progresso e um desenvolvimento de que nos poderíamos orgulhar.

A mecânica do trabalho, dirigida e projectada pelo Estado, faz-nos compreender melhor o lugar do sujeito-que-é-visto face à lei-que-vê. Esta direcção unidireccional da lei sobre o sujeito é magistralmente descrita por Foucault<sup>140</sup>. Trata-se de um sistema que permite ver sem ser visto, exercendo um controlo permanente sobre um “sujeito-objecto” que nunca dispõe de meios para saber se está ou não a ser observado. Instala-se então um poder que impõe a ordem, que exige obediência, que quer formar a consciência individual e colectiva, a “bem da nação”.

## **Religião**

Dentro do universo cultural difundido e divulgado pelo Notícias de Évora, outro poder aceite e retratado sob a lente da censura foi a religião. O periódico, que nas suas origens tanto deveu ao Cónego Alfredo César de Oliveira, manteve nos anos trinta uma

---

<sup>139</sup> Ver *Notícias de Évora*, 19/3/1931 e 11/10/1931

<sup>140</sup> Ver FOUCAULT, Michel (1975), pp204 e seguintes.

relação algo fria e distante com as complexas formas da vida religiosa da região, relação que se foi matizando de um cariz mais popular que elitista para o final da década. O jornal noticiava as festividades religiosas, a semana santa, as natais e também algumas iniciativas da igreja local.

Desde logo, a igreja reclama ao nível do discurso oficial um estatuto de universalidade por intermédio do qual se apresenta válida para todos. A “localidade” é todavia uma dimensão real que toma a seu cargo a identidade e a expressão dos diferentes grupos sociais, em especial dos que se identificam geograficamente. Há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e operários da cidade, um catolicismo das mulheres, um catolicismo dos ricos e ilustres e o dos intelectuais.<sup>141</sup> Contudo, nos anos trinta em Portugal, com o advento e a afirmação do Estado Novo, a prática religiosa parece unificar-se e verificar-se uma interdependência activa dos processos históricos conducentes ao monopólio do poder político e da religião que se apoiam mutuamente.

Sob o regime de Salazar a igreja manifestou durante algum tempo incapacidades históricas para promover uma crítica às instituições sociais e assumir-se como “agência de valores morais” pois estava encasulada num sistema de mecanismos de controlo que tornavam a sua sobrevivência dependente de arranjos políticos. Ainda faltava algum tempo para que as críticas da Juventude católica pudessem beliscar o regime. Não é o intelectualismo mas a união com a política e o autoritarismo determinado por essa união, o que perverte a religião dos “ocidentais”.<sup>142</sup>

Com a religião andavam ligadas instituições de beneficência, asilos, confrarias, hospitais e misericórdias o que evidencia bem a posição de poder adquirida pela religião no seio da sociedade portuguesa. As práticas religiosas eram então vistas como formas de fixação e de reforço das posições sociais ocupadas, tornando também visíveis os diferentes poderes: o do bispo, o do padre, o das famílias ilustres que ocorrem às missas, o do povo que ocorre às romarias, procissões e peregrinações a Fátima. Esta acabou por tornar-se a desforra contra o anti-clericalismo das elites republicanas e nos anos trinta tornou-se o símbolo da união do Estado Novo com a igreja. Fátima, “altar do mundo”, opõe-se a Moscovo, a “capital do anticristo”<sup>143</sup> e as notícias sobre Fátima e as

<sup>141</sup> Ver ESTEVES, António Joaquim, (1986).

<sup>142</sup> Ver SÉRGIO, António (1971), vol. VI, pp. 180.

<sup>143</sup> Ver ESTEVES, António Joaquim (1986), pp. 72.

<sup>145</sup> Ver ANTT. A.O.S./CO/PC-123, pasta 3/2ª subdivisão fl 108, (Textos enviados aos jornais pelo SPN); 4ª divisão, fl 220/223 (relatório sobre a imprensa da província).

peregrinações eram também um sim ao Estado Novo. Aliás, a par de muitas notícias religiosas três nomes do clero local são muitas vezes publicados no jornal, nomeadamente os dos padres João Lobato e Francisco Maria da Silva apoiantes confessos do Estado Novo e do Sr. Arcebispo D. Manuel Mendes Da Conceição Santos.

### **O Universo Político e Social Do *Notícias de Évora***

Salazar percorreu, já o vimos, um longo caminho até dominar o poder político. Nessa caminhada manteve com a imprensa uma relação estreita de amor/ódio, servindo-se dela, catequizando-a através da censura e perseguindo toda a imprensa que ousasse discordar dele. Esta relação atinge obviamente os jornais de província e o caso do *N.E.* não foge à regra. Para sobreviver o jornal vai ao longo dos anos trinta dando uma “volta” à sua linha editorial,<sup>144</sup> continuando contudo a afirmar-se como independente e regionalista. O *Notícias de Évora* vai retratando nas suas páginas um universo político e social onde os poderes se movimentam de forma clara e transparente, embora por vezes o jornal retrate também outra dimensão do poder, difusa mas presente no sentimento de Prestígio e obediência aos “grandes” locais.

### **O Poder Nacional**

Da análise do jornal destacamos neste universo político e social os membros do governo e do poder político central, os dirigentes políticos locais e um grupo de outros homens ilustres pelo poder económico, pelo prestígio e posição social que ocupam. Este universo político e social é essencialmente masculino e são raras as referências às mulheres. Quando surgem, aparecem ligadas a obras de beneficência, a assuntos pedagógicos ou a algumas festas mundanas. É o universo masculino que domina e se afirma como defensor e protector de um certo tipo de feminino que não arrisca mudar.

Ao longo dos dez anos em estudo, pelas páginas do *Notícias de Évora* passam as imagens do Presidente da República, do Ministro das Finanças e depois chefe do governo Oliveira Salazar, os outros ministros e alguns secretários e chefes de gabinete dos ministros. Estas figuras, plenas de poder, surgem associadas a notícias de carácter nacional e assumem particular relevância quando directamente envolvidas em acontecimentos de carácter local ou quando tomam medidas que se reflectem na região.

Inicialmente o jornal faz inúmeras referências à ditadura militar<sup>145</sup> e noticia sempre as visitas ministeriais a Évora ou à região envolvente de que são exemplos a visita do ministro do interior e da guerra<sup>146</sup>, a presença do representante do ministro da instrução no IV Congresso Pedagógico, a visita do Presidente do Ministério e do Ministro da Guerra<sup>147</sup>, a presença do Doutor Oliveira Salazar como ministro das finanças<sup>148</sup>, as remodelações ministeriais e a partir de 1933 o jornal faz a defesa do novo ideário político que se vinha estruturando e também muitas vezes a apologia de Salazar. Desse ano para a frente o jornal nunca deixa de publicar o pensamento de Salazar tenha ele sido expresso em conferência radiodifundida, em notas oficiosas ou em entrevistas. Neste mesmo ano o jornal transmite a imagem de um estado à procura de uma linha de actuação segura, forte e autoritária. Noticia as eleições do dia 19/3/33 com quatro dias de antecedência num apelo claro ao desempenho do dever de cidadão e apresenta depois os resultados eleitorais<sup>149</sup>.

O jornal regista também com agradável surpresa a valorização do Alentejo feita pelo Ministro do Interior, o aniversário do Sr. Presidente da República General Óscar Carmona, figura que no dia 4/6/33 merece um número especial no Notícias de Évora em virtude da sua visita juntamente com Salazar a Évora. Nesse número especial encontramos inúmeros artigos sobre Salazar, sobre o engenheiro Duarte Pacheco, Ministro das obras públicas, sobre engenheiro Sebastião Ramirez, Ministro do Comércio, industria e agricultura, Dr. Albino Reis Júnior, então Ministro do interior, sobre Gustavo Ramos que era Ministro da educação e Major Luís de Oliveira, Ministro da guerra.

Esta presença do poder político em Évora não é inocente. Efectivamente, em finais de 1931, em plena crise do trabalho em Évora, tinham ocorrido na cidade, algumas revoltas populares de que tinham resultado alguns feridos mas cujo ferimento mais doloroso tinha sido a necessidade do Ministro do Interior destituir o comandante da policia e dissolver o corpo de policia da cidade (que se tinha revelado incapaz de controlar o problema) e de trazer da capital quarenta e oito policias e cinco subchefes para policiamento da cidade. As mesmas revoltas levaram à demissão do governador

---

<sup>145</sup> Ver *Notícias de Évora*, 3/5/31; 16/12/31; 17/12/31

<sup>146</sup> Ver *Notícias de Évora*, 3/5/30

<sup>147</sup> Ver *Notícias de Évora*, 10/11/31

<sup>149</sup> Ver *Notícias de Évora*, 20/11/1931

<sup>150</sup> Ver *Notícias de Évora*, 16/3/1933 e 21/3/1933

civil Aureliado Soares da Silva, tendo sido substituído pelo Major Raul Manso Preto. A notícia dada pelo jornal é lacónica, tem três dias de atraso na sua publicação<sup>150</sup>, o que permite antever a acção da censura. No dia 17 de Dezembro de 1931 os acontecimentos voltam a ser referidos para noticiar a reincorporação dos guardas que defendiam a ditadura e ao mesmo tempo para noticiar que estavam proibidos os ajuntamentos e o trânsito de pessoas e veículos entre as 22 horas e as 6 horas da manhã. Desde então recairá sobre a cidade o epíteto de “revolucionária” e a visita destes ilustres “chefes e dirigentes do país” são aproveitadas para realizar imponentes festas em honra do Sr. Presidente da República e para desagrar a cidade. Nessa época<sup>151</sup>, o Jornal através dos seus editoriais e sobretudo através dos seus colaboradores (capitão Manuel Ventura, Celestino David e alguém que assina sob o pseudónimo “K”) abre a perspectiva de que a cidade tinha sido injustiçada, tentando provar que Évora não era revolucionária, nem contra a Ditadura Militar ou contra o Estado Novo cuja apologia é sobretudo feita pelo capitão Manuel Ventura.

Critica-se a maledicência sobre o Alentejo e em particular sobre Évora ao mesmo tempo que se faz o agradecimento público pelo facto da visita do Sr. Presidente da República ter corrido bem.

É no mesmo ano que o jornal apresenta nos seus artigos de opinião a valorização da vida rural e da agricultura (o poder da terra) e que por ordem do recém-criado SPN o jornal começa a publicar frases de propaganda nítida ao regime. Um exemplo ilustrativo é a frase: “A nação portuguesa, grande império colonial, precisa de viver una e forte. Conta para isso com o teu esforço calmo mas sem desânimo”<sup>152</sup>. Com efeito as referências a Salazar e ao seu governo multiplicam-se, faz-se referência ao final do mandato de Carmona, identifica-se Salazar como o detentor da verdade e o Estado Novo como continuação da ditadura<sup>153</sup>.

Em 1936 Évora volta a ser visitada pelo Sr. ministro das colónias e sub-secretário das corporações<sup>154</sup>, tomando particular relevância no jornal a semana das colónias e os discursos de apologia do império. O poder central, de armas e bagagens, impunha ao jornal o seu retrato, imposição contudo, consentida e assimilada ao repertório ideológico

---

<sup>150</sup> Ver *Notícias de Évora*, 16/12/1931

<sup>151</sup> Ver *Notícias de Évora*, 4,7,8,9 e 10 de Junho de 1933

<sup>152</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/7/1933

<sup>153</sup> Ver *Notícias de Évora*, 5/1/1935

<sup>154</sup> Ver *Notícias de Évora*, 24/4/1936



do periódico, que sobrevivia assim sem grandes sustos ou problemas. A “domesticação” imposta tornou-se *modus operandis*.

Neste mesmo ano, a guerra civil de Espanha é aproveitada para fazer a defesa de Salazar e do seu regime de paz que conseguiu para Portugal e mesmo nos primeiros dias da guerra em que outros jornais regionais descreveram com veemência<sup>155</sup> o drama da Guerra civil e de Badajoz, o *Notícias de Évora* manteve sempre um tom oficial.

Todo o jornal evidenciava o poder da Nova Ordem que apostava em relembrar factos e acontecimentos grandiosos da História de Portugal e na construção de uma imagem interna e externa de progresso, paz e desenvolvimento, contexto em que muitos intelectuais são convidados a visitar Portugal quer pelo SPN quer pelo Instituto de Alta Cultura<sup>156</sup>.

Ao chegarmos ao final dos anos trinta O *Notícias de Évora* construiu um universo político em que as imagens de poder nos davam conta de um estado forte e autoritário, corporizado na figura de Salazar e nas realizações do seu governo das quais se destacavam as Exposições e o Cortejo do Mundo Português e as comemorações dos Centenários. A imagem de poder mais nítida, incontestavelmente presente no *Notícias de Évora*, nos anos trinta, era a de Salazar que de uma forma diferente da de Mussolini, também ele conquistara a “rua”, sobretudo a partir de 1934, “ comendo sopa à mesa dos pobres, lançando vivas e abraçando operários”<sup>157</sup>. É efectivamente ele que visita o país, dá entrevistas e controla a imprensa, tornando do seu ponto de vista, a repressão e a censura “uma atitude sanitária que cura Portugal”.

### **O Poder Local**

No início dos anos em estudo, o Ministro da Educação, Gustavo Ramos, tinha família em Évora e é muitas vezes referenciado no jornal que igualmente revela outras imagens de poder que perpassam nas suas páginas: são as dos dirigentes políticos e dos homens ilustres locais.

O *Notícias de Évora* saúda sempre os novos dirigentes locais no momento da sua tomada de posse e vai-nos igualmente dando conta de todos os Governadores civis

---

<sup>155</sup> Ver sobretudo os jornais de Elvas “Correio Elvense” e “Jornal de Elvas” de Julho e Agosto de 1936

<sup>156</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/12/1937

<sup>157</sup> Ver MATOS, Helena (2004).

desde José Paias em funções em 1930 até Hipólito Fernandes Álvares em funções em 1940<sup>158</sup>.

O jornal escreve também pequenas notícias sobre a actividade dos senhores governadores civis, a sua forma de tratar os assuntos locais e de velar pelos interesses de Évora junto das autoridades centrais. Esse poder local cumpria a sua função e a sua missão de perpetuar e defender o poder central, com maior ou menor eficácia, ao mesmo tempo que tentava relacionar-se com a elite rica e letrada da região onde, à medida da cidade, se destacavam alguns influentes lobbies políticos. Os mais ilustres e consoante as ligações que possuíam em relação ao poder central, eram chamados aos lugares de direcção e até de governo como foi o caso de Leovigildo Franco de Sousa, agrónomo e grande proprietário eborense que foi ministro da agricultura em 1933/34.

O jornal publica sempre as sessões camarárias e ao fazê-lo refere o Sr. Presidente da Câmara, o secretário e os vogais, dando-nos conta da composição do executivo camarário e das suas principais decisões. Muitas vezes e sobretudo até 1933, o periódico confirma-nos que o Presidente da câmara e o Governador civil são muitas vezes militares, quase sempre capitães para o caso de Évora<sup>159</sup>.

Outros dirigentes políticos locais são objecto de referência no periódico, nomeadamente os dirigentes militares, quer do exército aí sediado, quer da polícia de segurança pública.<sup>160</sup> Também com alguma frequência são referidos a União Nacional local e os seus dirigentes, os delegados do Procurador da República na comarca, os representantes da Legião portuguesa e todos os altos funcionários do estado e

<sup>158</sup> A lista de governadores civis obtida no Arquivo do Governo Civil de Évora com as datas de nomeação e de exoneração para os anos trinta e cujos nomes e acções foram sempre objecto de notícia no jornal é a seguinte:

Nome	Nomeação	Exoneração
José Correia Durão Paias	7/4/1927	20/10/1930
José da Costa Pereira e Silva	20/10/1930	30/1/1931
Joaquim Aureliano Soares da Silva	30/1/1931	14/12/1931
Raul de Antas Manso Preto Mendes Da Cruz	14/12/1931	15/7/1932
Antonino Raul da Mata Gomes Pereira	11/8/1932	24/7/1933
Manuel Lopes Marçal	5/8/1933	4/12/1934
Antonino Raul da Mata Gomes Pereira	4/12/1934	4/1/1936
Sílvio Duarte de Beffout Cerqueira	4/1/1936	5/1/1938
António Ribeiro Ferreira	5/1/1938	10/3/1939
Hipólito Fernandes Álvares	10/3/1939	26/10/1944

<sup>159</sup> Não se referem aqui dias precisos do *Noticias de Évora* em virtude das sessões camarárias serem sempre notícia neste diário.

<sup>160</sup> Para os conturbados anos até 1930 são referenciados no jornal os nomes de Manuel da Fonseca Salvação como comandante da P.S.P e Bastos Pereira como comandante da polícia local.

curiosamente são igualmente noticiadas as demissões de alguns deles quando o devir dos acontecimentos obriga à retirada da confiança política por parte do Estado Novo.

O privilégio deste poder local era sem dúvida proveniente da natureza do poder central e do seu exercício numa sociedade maioritariamente rural ou pouco industrializada, esmagadoramente analfabeta, com uma pequena elite cultural e política e decorria também da estreita interferência entre os políticos e os interesses económicos locais. Aliás, este poder local parece indiscutivelmente controlado directa ou indirectamente pelos “senhores da terra” que quando não eram eles próprios os administradores dos concelhos, os governadores civis, os presidentes de Câmara, os dirigentes concelhios e distritais da União Nacional ou os chefes de lança da Legião, tinham uma palavra a dizer na sua nomeação.<sup>161</sup>

Contudo, o poder local era partilhado com outros homens ilustres pelo prestígio e posição sócio-económica que detinham a nível local e nacional e o jornal dá-nos bem conta desta situação. Fazer o levantamento exaustivo de todos os nomes ilustres a nível de 10 anos de periódico não foi objectivo deste trabalho, mas da extensa lista obtida ressaltam conclusões que me parecem de facto importantes:

A par das figuras políticas e com tanta visibilidade como elas, o jornal revela-nos uma elite económica composta não apenas por proprietários rurais mas também por industriais e alguns comerciantes. Na época de crise de trabalho o jornal bem aponta dois grandes lavradores que se oferecem para empregar todos os desempregados rurais para evitar a grave crise de desemprego e miséria<sup>162</sup>. De facto nos distritos alentejanos é o grande lavrador que oferece trabalho, vende as terras aos mais abastados, empresta dinheiro a juros proibitivos, dá a terra de renda ou parceria, concede esmola aos desempregados, quem livra da tropa... São eles que de alguma forma controlam a vida económica da região.

O jornal reconhecia a importância da agricultura numa região como Évora, ao mesmo tempo que a tenta ligar a um processo de modernização. É neste contexto que é referido o agrónomo Botelho Moniz e se refere a importância da Escola de Regentes Agrícolas e do seu director Dr. António Rosa Júnior<sup>163</sup>. Alguns artigos referem o preço e a venda de produtos agrícolas e obviamente a campanha do trigo foi publicitada no jornal.

<sup>161</sup> Ver ROSAS, Fernando (1994), vol VII, pp.44.

<sup>162</sup> Ver *Notícias de Évora*, 20/12/1931.

<sup>163</sup> Ver *Notícias de Évora*, 1/1/1933



Por outro lado Évora não ficava indiferente à realidade industrial do país, nos anos trinta e parte dos quarenta, a qual tinha um papel social e económico ainda secundário relativamente ao peso dominante da agricultura. Essa realidade era caracterizada pelo domínio dos sectores tradicionais ligados à produção de bens de consumo ou pouco duráveis, com exigências relativamente escassas de tecnologia, especialização e capital, associado a pequenas empresas de tipo familiar descapitalizadas e de equipamentos rudimentares. Tratava-se também aqui “de um mundo de coisas pequenas em larga medida mantido pelas múltiplas formas de protecção estatal e de articulação com a ruralidade”<sup>164</sup>.

Contudo seria ilusório e descabido pensar Portugal dos anos trinta como uma espécie de deserto ruralista estagnado, sem investimento industrial e sem inovação tecnológica, pois criaram-se novas indústrias ligadas aos sectores de ponta típicos da 2ª revolução industrial, nomeadamente cimentos, material eléctrico, indústria química e primeiros ensaios metalúrgicos. O que é certo é que o jornal noticia algumas figuras de relevo no âmbito industrial como era o caso de Carlos Miguel Costa e João Branco.

O jornal parece também valorizar os engenheiros que encontram nas suas páginas lugar para expressar as suas ideias, por vezes acerca de assuntos cruciais para a cidade como o caso das águas que leva o engenheiro Castro Cabrita a defender o seu ponto de vista de uma forma por vezes aguerrida<sup>165</sup>.

A conjuntura pós crise de 1929 trouxe uma tendência pró-industrializante em Portugal. Fez-se o 1º Congresso Nacional dos Engenheiros em 1931, a Grande Exposição industrial em 1932 e o 1º Congresso da Industria Portuguesa em 1933 que constituíram uma espécie de despertar da “Consciência industrial portuguesa”. A valorização dos engenheiros, aparentemente em contradição com a visão ruralista de Salazar, passa muito bem as malhas da censura e era bem aceite pelo sistema porque a argumentação doutrinária dos engenheiros tapava-se sempre com uma capa de aparência técnica e pragmática, despolitizada e sempre num quadro de apoio ao regime.

Também em Évora existia uma associação comercial e industrial cujos presidentes eram referenciados no *Notícias* tal como o nome de alguns comerciantes embora com menos frequência. Estas referências surgiam quase sempre associadas à Associação Comercial de Évora e ao seu presidente Luís Alves Martins<sup>166</sup> ou em anúncios

---

<sup>164</sup> Ver ROSAS, Fernando (1994), vol VII, pp.82.

<sup>165</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/4/1930 e vários números seguintes

<sup>166</sup> Ver *Notícias de Évora*, 29/3/1933.

publicitários que cobriam as melhores casas da cidade e da região. Na realidade comercial portuguesa, segundo dados do recenseamento de 1940, no final dos anos trinta a actividade do comércio era um fenómeno por excelência das grandes cidades, particularmente focalizado em Lisboa e Porto onde funcionavam 72% das sociedades comerciais existentes no país. No quadro da realidade comercial portuguesa, o comércio internacional e colonial, a banca, as agências e companhias de transporte eram o conjunto articulado de poderosos interesses que em Évora não tinham grande expressão. Porém o jornal refere também José Celestino David como Director da Companhia de Seguros A Pátria (nome bem elucidativo do nacionalismo existente) e do Banco Alentejano<sup>167</sup>.

Por outro lado o jornal deixa antever a existência de um grupo de beneméritos cujo prestígio na cidade é inegável e cujo poder parece residir nas doações que fazem e na capacidade que têm para as fazer. É o caso de António Gomes Namorado, António Vilas Boas, Francisco Monteiro, António Cordovil, Conde Vill'Alva, Dr. José Maria Eugénio de Almeida e tantos outros. Estas famílias fazem parte de uma classe dominante por tradição e por poder económico e delas se espera exactamente esse carácter benemérito que é bem visto pelo Estado desde que comedido de forma a não retirar-lhe protagonismo. Era uma forma de poder invisível mas que estava lá e era tido em conta até quando se tomavam decisões políticas sobre a região.

Finalmente, outra forma de poder prestigiante mas talvez menos efectiva, igualmente retratada no *Notícias de Évora*, passada pela lente da censura e por ela consentida, era o poder dos homens da cultura. Num estado que aspira a regenerar e a formar os espíritos de acordo com as verdades indiscutíveis do regime, os homens da cultura são muito importantes como partes de um “caldo cultural” de inculcação ideológica, como actores da política do espírito. Neste contexto o jornal refere os reitores e vice-reitores do Liceu de Évora (Bartolomeu Gromicho) e espelha nas suas páginas o nome de alguns jornalistas que protagonizam um jornalismo saneado do indesejável para o regime (Armando Boa Ventura, Pedro Muralha). Entre os vultos da cultura local, muitos deles colaboradores do jornal, encontramos também referência ao Director da Biblioteca Pública de Évora (Luís Silveira), ao presidente da casa do Alentejo (Vitor Santos) a Francisco Paula Soares— bibliotecário da Legião Portuguesa,

---

<sup>167</sup> Ver *Notícias de Évora*, 9/5/1930

ao grupo Pró – Évora e para o fim dos anos trinta a Joaquim Manoel, secretário-geral da Comissão Provincial do Alto Alentejo para as comemorações dos centenários.

Para além dos vultos da cultura local, alguns nomes sonantes da cultura nacional surgiram também no Notícias de Évora. É o caso de Pedro Homem de Melo que publicou alguns poemas nas páginas do jornal e que recebeu um prémio do Secretariado da Propaganda Nacional.

### 3º Capítulo – Poder Censura e Conjuntura: Viagem ao Interior da Censura em Espanha

Em Espanha, como em Portugal, a manipulação da informação traduziu-se numa função propagandística muito eficaz. A imprensa foi dos meios de comunicação que mais sofreu a acção e o ataque da censura, não apenas durante a guerra civil e o franquismo mas também durante a 2ª República.

Quase sempre a imprensa foi considerada “mais um organismo do governo ao serviço do estado e da Pátria”<sup>168</sup>. A censura estava mais que justificada pois era a fórmula através da qual os periodistas respondiam à sua missão de ser “instituição nacional” e era simultaneamente o mecanismo que permitia controlar e dirigir os jornalistas de acordo com o poder instituído. Em Espanha como em Portugal, a censura eliminava tudo o que não convinha aos interesses do governo e obrigava a publicar tudo o que o poder queria, em cada momento.

Jeroen Oskam<sup>169</sup> dá relevo ao carácter de algum modo insólito da censura franquista que se apresentava simultaneamente como controlo moral (assim era apresentada e desculpada dum certo ponto de vista católico) e como parte bem definida de um sistema repressivo que visava eliminar culturalmente e até fisicamente os seus adversários. Porém a censura é bastante anterior e podendo referenciá-la com Primo de Rivera e os seus sucessores<sup>170</sup>, é nos anos trinta que ela nos interessa particularmente.

#### Legislação

De facto, na 2ª República a imprensa era também controlada pelo poder estabelecido. A constituição de 1931<sup>171</sup> estabelecia que toda a pessoa tinha o direito de emitir livremente as suas ideias e opiniões através de qualquer meio de difusão, sem sujeitar-se à censura prévia e que em nenhum caso se podia recolher a edição de livros e periódicos sem mandato de juiz competente. Também pela mesma constituição não se podia decretar a suspensão de nenhum periódico. Porém uma coisa era a lei, outra era a realidade prática.

Nas diversas fases da República a censura actuou quer no 1º biénio com Niceto Alcalá Zamora como presidente e Manuel Azaña como presidente do governo, quer no

<sup>168</sup> Ver OSKAM, Jeroen (1991), 47, pp113/132. Um dos directores gerais da imprensa na época franquista, D. Tomas Cerro Carrochano chegou a afirmar que um periodista digno desse nome não podia ter outros amos que não fossem a verdade, a pátria e o seu serviço.

<sup>169</sup> Ver OSKAM, Jeroen (1991) pp115/123.

<sup>170</sup> Primeiro Berenguer, depois Aznar e também na 2ª república

<sup>171</sup> Ver Constituição de 1931, título III, artigo 34.

2º biénio radical-cedista que se caracterizou pelo pôr em prática de uma política conservadora de direita e também com o governo da Frente Popular. De facto, actuando sob a Lei da Defesa da República Azaña governava de forma ditatorial, suprimindo periódicos hostis, multando-os, suspendendo-os, fechando-os e em alguns casos prendendo os seus directores. As listas de ataques à imprensa são inúmeras<sup>172</sup>.

Esta censura republicana tinha, em 1936, suspendido 133 periódicos, alguns dos quais tinham sido incendiados e destruídos, outros fechados indefinidamente.

Em 1933, data da formação do *Hoy*, a censura prévia era a situação normal imposta pelo estado de alarme provocado pelas sucessivas revoltas. A liberdade de imprensa apregoada pela constituição de 1931 era uma miragem e face à acção do governo constituiu-se a “Liga de defesa da liberdade de imprensa”, onde se agrupavam periódicos de esquerda e de direita<sup>173</sup>. Contudo a maioria dos periódicos de esquerda foi concordando com as suspensões do governo o que provocou descontentamento dos outros jornais e uma crise na liga que levou à demissão do seu presidente, Mariano Marfil.

A situação da imprensa espanhola era tão complicada que o Times de Londres ao longo do mês de Outubro de 1932 publica uma série de artigos sobre o assunto, criticando fortemente a República espanhola. As agências de Noticias Fabra, Logos e Mancheta tinham nas suas salas de redacção um delegado do governo que exercia a censura e obrigava as agências a transmitir a periódicos de direita, artigos publicados pela imprensa de esquerda de Madrid. Esta férrea censura acentuou-se com a vitória da Frente Popular e todas as publicações estavam cheias de marcas brancas, provas da presença da censura.

Já em plena guerra civil, pelo decreto de 27/6/1937 o governo da Frente Popular estabelecia um tribunal especial para castigar como delito o opinar contra a rendição de uma praça ou simplesmente difundir notícias desfavoráveis sobre a evolução da guerra. Mas a verdadeira originalidade da censura em Espanha foi o seu carácter dual, acentuado após o início da guerra civil, que promovia uma informação/contra-informação, ambas censuradas rigorosamente. Com efeito, durante a guerra civil a Espanha conheceu a acção de duas censuras afectas a cada um dos movimentos em confronto, manipulando e controlando tudo o que era publicado.

---

<sup>172</sup> Ver CAL Rosa, (1994)

<sup>173</sup> Os diários que assinaram e fundaram esta liga eram inicialmente, *La voz*, *Época*, *Heraldo de Madrid*, *la Nación*, *El siglo futuro*, *El sol*, *Ahora*, *El imparcial*, *Ejército y Armada*, *La correspondencia Militar*, *Diario El Universal*, *El Debate*, *La Libertad* e *La Tierra*.



A Espanha viveu com Franco quarenta anos de excesso e defeito de informações, isto é, de manipulação informativa.<sup>174</sup> El Movimiento, a ideologia do regime representada pela FET e JONS, foi fecunda em publicações de carácter periodístico-ideológico. O Falangismo de José António Primo de Rivera foi uma das origens do regime e este partido político foi um dos pilares da ditadura de Franco, dispondo de diferentes órgãos de expressão que vieram a lume e se enraizaram durante a Guerra civil.

Depois da unificação entre a Falange Espanhola de Primo de Rivera e as Juntas de ofensiva Nacional-sindicalista de Onésimo Redondo, o novo partido precisa de um sistema de propaganda para se dar a conhecer e Primo de Rivera nomeou José Manuel Aizpurúa y Azqueta para chefe desse sistema. Depois quando a Falange foi ilegalizada e detidos os seus membros, o Serviço Nacional de Prensa foi entregue a Vicente Cadenas y Vicent que se intitulou Chefe Nacional de Prensa y Propaganda. Mas foi com Manuel Hedilla Larrey – chefe Nacional da Falange que se publicaram uma série de directrizes relativas à imprensa de que destacamos: O Servicio Nacional de Prensa Y Propaganda que tinha de autorizar antes da sua publicação todos os artigos que aparecessem nos periódicos falangistas. Este Servicio tinha de assegurar quotidianamente Boletins de informação e “consignas” aos diários da organização. As “consignas” eram autênticos “tratados-ordens” sobre como escrever determinadas notícias: Quantas colunas, com fotografia ou sem, que dizer, como dizer, mostrando bem a directividade ideológica desta incipiente “Prensa del Movimiento”.

Além disto, o Serviço Nacional de Prensa e Propaganda tinha também de enviar artigos assinados ou anónimos a toda a imprensa falangista e iniciar o funcionamento de uma Agência Informativa, capaz de fornecer notícias e material gráfico a essa imprensa. Foi assim que se forjou o aparelho propagandístico, primeiro da Falange e depois do Movimiento mas só em 1937 surgirá uma organização definitiva a nível de todas as publicações periódicas.<sup>175</sup>

Depois da unificação entre a Falange e os carlistas, assinada por Franco, a Falange passa a chamar-se desde Abril de 1937 Falange Espanhola Tradicionalista (FET) Y de

---

<sup>174</sup> Os estudos sobre a imprensa no tempo do franquismo são inúmeros. Os que nos serviram de maior apoio foram: BENGUA, Begoña Zalbidea (1996). BARRERA, Carlos (1995).

<sup>175</sup> As publicações controladas por esta organização eram *Arriba* -Periódico oficial e da manhã; *Boletim Oficial de la Falange*; *Pasamos*-Semanário Humorístico; *Flecha-juvenil*; *Fotos-gráfico*; *Estrela* e depois *Y*- a revista quinzenal feminina; *FE*- a doutrinal; *Vértice*- o magazine; *Marca* -o desportivo.

las JONS. Após a formação do 1º Governo de Franco em Burgos<sup>176</sup>, o responsável por todas as publicações passou a ser Serrano Suñer que era Ministro do Interior e chefe nacional de Prensa y Propaganda da FET Y de las JONS<sup>177</sup> embora quem desempenhasse verdadeiramente o cargo fosse António Giménez Arnau.

O exército, o clero e o novo partido uniformizaram rigidamente a informação e a propaganda do lado nacionalista na guerra. A igreja pôs toda a sua organização ao serviço da propaganda franquista<sup>178</sup>, dando parte do conteúdo ideológico ao que ia ser o novo regime e proporcionando aos chefes rebeldes a justificação necessária para a sua acção. Dispondo de menores infra-estruturas que os republicanos no governo mas apoiando-se nos jornais mais conservadores e na formação de novos periódicos, os nacionalistas foram conseguindo ampliar a sua influência. A Falange que desde a sua “jefatura de prensa” controlava 17 diários e 23 semanários aos poucos começou a fazê-los funcionar como representantes officiosos do novo estado.

Em 1936 constituiu-se o Gabinete de Prensa da Junta de Defensa Nacional que passou a chamar-se Oficina de Prensa y Propaganda. Em 1937 nasceu a Delegación del Estado para Prensa y Propaganda que em 1938 passará a depender do Ministério do interior. No ano de 1937 estabeleceram-se três normas que todos os periódicos tinham de cumprir: o limite do número de páginas, (por vezes os periódicos ficaram reduzidos a 2/3), a fixação do número máximo de inserções publicitárias e o limite de exemplares que podiam sair à rua.

A administração considerava seus os periódicos e chegava a editar os seus anúncios neles, obrigando-os a retirar a palavra independente. O director do jornal era também escolhido pelo Ministério do Interior e era ele que respondia por tudo o que era publicado no jornal. Estes directores olhavam então mais pelos interesses das autoridades que os nomeavam do que pelas empresas. Os exemplos flagrantes desta afirmação são os casos dos directores de YA e de ABC, nomeadamente Praderas e Losada. As obrigações dos censores era corrigir os escritos subversivos mas também fazer com que os jornais publicassem com “calor” as “consignas” que lhes eram enviadas.

---

<sup>176</sup> A formação deste governo ocorreu em 1/2/1938.

<sup>177</sup> Ver AAVV, (1971), pp347/48.

<sup>67</sup> Excepção feita ao clero basco, situação clarificada em: ANDRÉS – GALLEGO, José (1997).

O periodista era uma espécie de “objecto” nas mãos do poder e para assegurar a sua fidelidade criou-se um departamento oficial de periodistas integrado no Serviço Nacional de Imprensa cujo chefe assinava a carteira profissional do jornalista que só com ela podia exercer a sua profissão. Desta forma era possível extirpar da imprensa alguns jornalistas republicanos que ainda exercessem a sua profissão. Antes de passar a caderneta que creditava o jornalista, comprovavam-se os antecedentes de cada um e a sua situação. Por outro lado se alguém da oposição era detectado a trabalhar perdia a caderneta que lhe era retirada, ficando impossibilitado de exercer a sua profissão temporariamente ou perpetuamente para o caso de quadros directivos.

Com Franco criaram-se órgãos de censura cuja missão era ler as publicações antes que estas fossem para a rua “para suavizar as palavras de los escritos”<sup>179</sup> ou para as cortar. Os periódicos tinham a missão de serem instituição nacional e eram dirigidos pelo poder político que censurava o que não lhe convinha e obrigava a publicar o que lhe interessava. Esta imprensa “desinformava” e permitia aos políticos usar os periódicos como trampolim para as suas acções políticas.

Foi em plena guerra civil, em Abril de 1938, que surgiu uma lei provisória que acabou por durar quase trinta anos. Serrano Suner procurava um periodismo ao serviço do estado que servisse de canal que transmitisse ao povo o que o estado queria dizer. Ele e o redactor da lei -José António Jiménez Arnau, consideravam que não era possível tolerar-se a existência de um 4º poder vivendo á margem do estado. Por isso havia que preservar a imprensa dos males da liberdade. Os cinco pontos fundamentais da lei eram: A regulamentação do número e extensão das publicações periódicas, a intervenção na designação do pessoal directivo, a regulamentação da profissão de periodista, a vigilância da actividade da imprensa e a censura.

Cada novo projecto de imprensa tinha de possuir uma licença nem sempre fácil de obter. São estes mesmos anos que assistem ao nascimento da “prensa del movimiento”. Criou-se em 1941 uma escola de periodismo onde aos alunos eram igualmente exigidos “bons antecedentes” e ser membro da F.E.T.-JONS. O juramento que faziam estes alunos ao terminarem o seu curso é elucidativo: “juro ante Dios, por España y su Caudillo, servir a la unidad, grandeza y a la libertad de la Patria con fidelidad integra y total al estado Nacional-sindicalista, sin permitir jamás que la falsedad, la insidia o la ambición tuerzan mi pluma en la labor diaria”. Todos os artigos tinham de ser assinados

---

<sup>179</sup> Ver SINOVA, Justino, (1989).

e havia também preocupação com a identificação das fontes. Esta época foi também de profusão de “consignas” que eram de cumprimento obrigatório.

### **Censura em Espanha**

Para vigiar esta imprensa estava o Ministério de informação e o Servicio Nacional de Prensa para além do Serviço de Prensa Nacional. Estes serviços controlavam toda a imprensa por muito pequeno que fosse o jornal ou a localidade onde se publicava, de modo a que o director do jornal fosse sempre responsável perante o governador civil.

O artigo 20 da lei de 1938 estabelecia as sanções utilizadas contra os jornais que desrespeitassem as ordens do estado. Essas sanções variavam desde a multa à destituição do cargo de director, retirada da caderneta de periodista ou suspensão do periódico segundo a gravidade da falta. Outra penalização por vezes aplicada era a redução do periódico a um número reduzidíssimo de páginas. Registaram-se vários casos de suspensão de Directores quando se negavam a publicar editoriais obrigatórios.

O funcionamento da censura em si era semelhante ao da censura portuguesa. Os organismos do estado encarregados da vigilância dos meios de comunicação liam os textos dos periódicos que se publicavam no dia seguinte. Por outro lado o jornal tinha de publicar todos os editoriais que se tinham mandado e os artigos que sob pseudónimo eram do próprio Franco. As transgressões à norma eram da responsabilidade do Director que tinha de dar contas ao governador civil que por sua vez tinha de as transmitir ao responsável das informações militares da zona.

Todas as informações das agências oficiais como EFE, CIFRA e MANCHETE iam directamente ao “negociado de censura” que decidia se os textos eram lícitos ou não. Os textos escritos pelo próprio papa sofriam também censura e em plena guerra civil cortou-se parte da encíclica de Pio XII na qual se falava de tratar bem os inimigos.

Podemos então dizer que a censura em Espanha teve várias fases. De Julho de 1936 a 1951 as autoridades franquistas aplicaram a censura prévia a toda a actividade cultural, se bem que com intensidades variáveis.

Na 1ª fase que corresponde à 1ª metade da guerra, com marcado protagonismo militar a censura estava a cargo do exército. Toda a publicação estava sujeita a essa censura e devia publicar informações de inserção obrigatória e notas oficiosas.

Nomeou-se Juan Pujol como “Delegado de Prensa” que é considerado o 1º censor franquista, exercendo o seu cargo apenas três meses. Criou-se então a Oficina de Prensa com Milan Astray e o apoio de Ramon Ruiz Alonso. Em 1937 criou-se a Delegacion de

Prensa e Propaganda que começou a dar uma nova forma ao aparelho de censura e cuja função era usar a imprensa diária para dar a conhecer o Movimento Nacional e opor-se a quem o não aceitasse. Criou-se também paralelamente a Delegação Nacional de Prensa e Propaganda da FET e das JONS, surgindo o primeiro periódico falangista em Pamplona dirigido por Fermin Yzardiaga, chamado Arriba España. Esta delegação depressa começou a gerir os periódicos que tinham sido suspensos ou retirados aos republicanos na guerra civil e foi uma espécie de ante-sala da imprensa “del Movimiento”. Censurava-se tudo o que faltasse ao respeito ao exército e que atentasse contra a unidade da pátria católica.

A 2ª etapa foi marcada pela aproximação ao fascismo e ao nazismo e pela publicação da lei de imprensa de 1938 de Ramón Serrano Suñer, cunhado de Franco e encarregado do aparelho de censura. Assim, ele dominou a Delegação nacional de Prensa y Propaganda, dando á falange todas as competências no campo da informação. Esteve no governo 5 escassos anos mas influenciou-o muitíssimo, pois possuía poderes ditatoriais sobre a imprensa e sobre a polícia. Chegou a dizer-se que “Serrano Y los alemanes habían hecho de los periódicos españoles algo mas que ilegible”.

Na 3ª etapa já se encontra estruturada a Prensa d’el Movimiento. Havia sempre coisas proibidas a todos os jornais, nomeadamente o citar nomes republicanos ou de esquerda, as falências ou os desaires do governo de Franco.

Interessa também dizer que a censura em Espanha não foi um estado de emergência de carácter transitório, mas pelo contrário baseava-se em doutrinas minuciosamente elaboradas que consideravam o estado como salvaguarda do bem comum, podendo por isso decidir o que se podia ou não publicar. Interessa também frisar que a censura de publicações locais era incumbência das delegações provinciais que agiam sobre todas as manifestações culturais locais e formavam a continuação do aparelho de controlo estabelecido centralmente. Censuravam as publicações e vigiavam os cidadãos, chegando a saber quem eram os destinatários da Playboy.

Também em Espanha a par dos mecanismos de controlo censurantes, existia a auto-censura e por outro lado as relações amigáveis existentes por vezes entre os jornais e a direcção geral de imprensa. Abellan<sup>180</sup> diz mesmo que houve uma época gloriosa da imprensa, quando os censores tinham um currículo académico impressionante, seguido

---

<sup>180</sup> ABELLAN, M. L. (1978), pp110.

de outro período em que os censores eram do tipo “cavernícola y pluriempleista”<sup>181</sup>. Estes censores falangistas acabariam também por ser censurados pelo integrismo católico que foi substituindo essa censura. Esta evolução contudo não pôs em causa a amizade e a colaboração entre o mundo censório e a imprensa. Jeroen Oskam diz mesmo que essas relações passavam também por questões financeiras.

É também incontornável a questão da igreja e da imprensa católica em Espanha pois, assustadas com as investidas republicanas contra a Igreja e o clero, tudo fizeram inicialmente para combater e debilitar a imprensa republicana, colocando-se claramente ao serviço das forças mais conservadoras e do Franquismo. Porém, com Franco as relações desta imprensa católica foram também marcadas por períodos de tensão. Alguns jornais católicos sofreram mesmo pressões da censura e nem sempre tiveram a vida facilitada. O *Hoy* que sempre serviu as forças mais conservadoras e apoiou os nacionalistas, pode mais tarde, durante a guerra civil, sobreviver à custa de se ter subjugado à acção da imprensa falangista.

---

<sup>181</sup> São exemplos do 1º caso Juan Aparício que foi Director Geral de Prensa e ao mesmo tempo fundador das revistas *La Estafeta Literária* e *El Español* e de Camilo José Cela que sendo escritor se intitulava “Censor de revistas”. No 2º caso temos Pedro Lourenzo, (extremefio) que foi um censor severíssimo.

#### 4º Capítulo: Poderes retratados sob a lente da censura no jornal *Hoy*

O jornal *Hoy* apresenta-nos na década estudada 2 períodos distintos de existência. O primeiro vai da sua fundação em 1 de Janeiro de 1933 até à tomada de Badajoz. O segundo inicia-se em 1936 e vai até 1940. A própria Editorial católica, sua proprietária, consubstanciou também no seu seio duas posições diferentes que levaria os seus dirigentes a dividirem-se mesmo antes da guerra.

Enquanto Francisco Herrera pendia sempre para soluções autoritárias, seu irmão Angel Herrera inclinava-se sempre para o possibilismo colaboracionista. Por isso mesmo, Francisco Herrera demitiu-se do cargo de “Conselheiro delegado” da Editorial Católica que foi seguindo a orientação Possibilista.

Quando estala a guerra, Francisco Herrera participou num processo que o levaria à formação de uma comissão gestora constituída por homens afectos ao nacionalismo autoritário tendo sido criada uma comissão de gestão que devia encarregar-se da Editorial Católica e de reorientá-la para a ortodoxia do Movimento Nacional<sup>182</sup>. Essa comissão era formada por Pedro Sainz Rodriguez, José Maria Péman, Frei Justo Pérez de Urbel, José Félix de Lequerica, Alfonso Garcia Valdecasas e Juan José Pradera. Esta comissão transformar-se-á em Conselho de Administração com o Marquês de Larios como Presidente e Francisco Herrera Oria como conselheiro delegado, conselho que se encarregou dos três periódicos da Editorial Católica que sobreviviam na zona nacional.<sup>183</sup> A maior parte destes homens estavam ainda na direcção do jornal em 1939.

A evolução do periódico *Hoy* (de jornal nascido numa editorial católica, a órgão da Falange e depois jornal coincidente com a *Prensa del Movimiento*) permitiu-lhe retratar várias imagens de poder todas elas passadas pelo crivo da censura. Essas imagens de poder revelam-nos um universo político onde predominava a ordem ditada e imposta pela propaganda do próprio poder e que se derramava capilarmente pelo tecido social, revelando também um universo cultural que evidenciava algumas das pulsões mais prementes do povo espanhol.

<sup>182</sup> Ver ANDRÉS – GALLEGO, José, (1997).

<sup>183</sup> Nomeadamente o *Ideal de Granada*, o *Ideal Gallego* da Coruña e precisamente o *Hoy* de Badajoz.

## O Universo Cultural No *Hoy*

Nos primeiros três anos de existência, o periódico *Hoy* retrata-nos um universo cultural essencialmente marcado pelo conservadorismo e pela fé e moral católicas. Este universo cultural acabou por servir de base ideológica e propagandística da nova ordem espanhola.

Com uma tendência claramente conservadora o *Hoy* nasce para defender alguns dos valores mais tradicionais da cultura espanhola, destacando-se a moral católica com a valorização do bom e do mau (os bons espanhóis, as más vontades), o nacionalismo como forma patriótica de defesa da Nação-Pátria e das suas tradições, a ordem e a disciplina.

### Religião Conservadorismo E Nacionalismo

Sobretudo nos primeiros anos de existência o *Hoy* parece ser a plasmação espanhola da política do Vaticano de “ligação” aos regimes liberais, inclinado para um certo possibilismo colaboracionista como acontecia com “El Debate” , embora se notassem desde sempre, nas suas páginas um conservadorismo que o levava a posicionar-se de uma forma crítica ou pelo menos distante do governo de Madrid e, por outro lado, um cunho anti-socialista.

Pedro Lain Entralgo<sup>184</sup> afirmou que “ lo eterno de nuestra cultura (...) se llama así: catolicismo”. De facto a religião tinha em Espanha todo o peso de uma tradição de muitos séculos de História e o universo cultural representado com o aval da censura nas páginas do *Hoy*, tem como pano de fundo a religião e a fé católicas. O nacionalismo percebeu que a religião era o único nexos que podia unir todos os espanhóis, podendo ser em simultâneo, arma política e moralizadora no respeito sempre da tradição e da essência espanholas.

Seguindo a via possibilista até 1936 o *Hoy*, no ano da sua formação, sem poder chamar-se um jornal religioso (uma vez que abarcava os mais variados assuntos e não apenas os religiosos), tinha como pano de fundo a fé e a moral católicas e a necessidade de as defender e difundir. Apresentava de facto muitos artigos religiosos onde se reclamava um estatuto de universalidade, por intermédio do qual, a religião católica se apresentava válida para todos e acima de todos os particularismos culturais políticos ou

---

<sup>184</sup> Ver ENTRALGO, Pedro Lain (1937).



sociais. Abordava a vida católica local muitas vezes em 1ª página<sup>185</sup>, sendo dadas notícias sobre a Assembleia de Acção Católica de Badajoz, publicando-se algumas fotografias de santos e de elementos do clero local.

Após o início da guerra civil e o conflito de Badajoz que colocou a cidade no lado dos nacionalistas, o periódico aproximou-se cada vez mais da Falange e do movimento franquista, elaborando nos anos da guerra uma calda cultural em que religião e nacionalismo se fundiam.

Estando Badajoz no lado nacionalista da guerra, desde Agosto de 1936, a par da parte oficial das operações da guerra, sempre relatada com o aval da censura militar, a par dos discursos de Franco e de outros generais, existem sempre notas sobre o “terror vermelho” anti-católico, pedindo-se a todos colaboração e vigilância para descobrir os traidores<sup>186</sup>. Ao mesmo tempo publicam-se notícias sobre a juventude católica de Badajoz<sup>187</sup>, publica-se a foto de Pio XI, desejando-se as suas rápidas melhoras e o jornal afirma-se como defensor da riqueza moral e material da Estremadura<sup>188</sup>. As várias notícias de carácter religioso contemplam sempre a acção dos “vermelhos”, ferozes hereges, capazes das maiores atrocidades e violência em relação à igreja. Era urgente combater-los de todas as formas para que a Espanha pudesse continuar cristã e seguramente um estado confessional católico.

Este universo cultural representado no *Hoy* chega sempre aos leitores, acompanhado de muitas fotografias, algumas delas de figuras ilustres do mundo católico, fotografias que representam o Papa ou Monsenhor Goma, que era o arcebispo representante oficioso do Vaticano no governo de Franco<sup>189</sup>. Uma imagem absolutamente incontornável neste diário é a publicação do quadro El Greco<sup>190</sup> (Abril de 1938) representando Jesus Cristo salvador do mundo, ao lado de Franco, salvador de Espanha.

Por outro lado, ao longo dos anos de 1937 e 1938 publicam-se inúmeros artigos de cariz religioso, noticiando-se os desmandos dos republicanos vermelhos e a destruição de inúmeras igrejas.

---

<sup>185</sup> Ver *Hoy*, todo o mês de Dezembro de 1933, com incidência nos dias 28 e 29.

<sup>186</sup> Ver *Hoy*, durante todo o ano de 1937.

<sup>187</sup> Ver *Hoy*, Janeiro de 1937.

<sup>188</sup> Ver *Hoy*, 7/1/1937.

<sup>189</sup> Ver *Hoy*, 9/1/1937.

<sup>190</sup> Ver *Hoy*, Abril de 1938.

Se por um lado o jornal publica artigos sobre a necessidade de extirpar o materialismo histórico<sup>191</sup>, por outro lado afirma que o que está em jogo em Espanha não é uma luta de classes mas sim a luta entre o bem e o mal<sup>192</sup>. O periódico *Hoy* ao longo desse ano assume-se aliás como uma espécie de ponto de contacto pedindo nas suas páginas a todos os empregados e redactores da editorial católica SA de Madrid que estivessem em território nacionalista libertado que enviassem o seu nome e direcção às oficinas do jornal. Era um cerrar de fileiras na luta contra os hereges.

Em 1939 o tema religioso mantém-se e o teor de outros artigos sobre os “rojos” e a sua progressiva derrota associam indissolavelmente a religião e a política, justificando de alguma forma a polémica suscitada ao redor do “termo de cruzada”, dado ao movimento nacionalista/franquista.<sup>193</sup>

A medida que a guerra civil foi sendo ganha pelos nacionalistas, adquiriram maior peso político os sectores confessionais próximos da Associação católica nacional de propagandistas. Neste periódico o exército, o clero e o novo partido iam uniformizar rigidamente a informação e a propaganda.

Parece correcto tirar a ilação de que este periódico é um bom exemplo de como a igreja pôs toda a sua organização ao serviço da propaganda dos franquistas contribuindo com boa parte do conteúdo ideológico do que viria a ser o novo regime e proporcionando aos chefes rebeldes a justificação necessária para a sua acção embora o clero basco tenha sido a excepção a este comportamento. O periódico publica aliás alguns artigos de Millan Astray que foi o 1º delegado da Delegacion del Estado para Prensa y Propaganda defendendo já a ideia que a lei de imprensa de Serrano Suñer havia de implementar, isto é, que a imprensa é um serviço público e que os diversos organismos do estado podem interferir na sua gestão e conteúdos.

Não se pense contudo que dada a proximidade ao novo regime, não foi objecto de censura. Era submetido à censura mas não “taxado”, isto é, poucos artigos eram censurados ou absolutamente proibidos. O jornal passava pela censura na sua totalidade e quando o grupo de extracção falangista foi sendo substituído por uma forte influência inspirada no integrismo católico, a censura efectuava-se da mesma forma, sendo os anteriores censores agora censurados.

---

<sup>191</sup> Ver *Hoy*, editorial de 7/1/1937

<sup>192</sup> Ver *Hoy*, 15/1/1937

<sup>193</sup> Ver ANDRÉS – GALLEGO, José (1997), o ultima capítulo do livro.

Chamar ao *Hoy* um jornal religioso ou independente nestes anos do seu início (1933/1940) afigura-se errado. Ele é inicialmente um jornal de inspiração católica em que a interdependência entre a religião e o estado nos tempos da república era muito fraca, tornando-se depois mais forte e assegurada pelos membros da direcção que eram justamente adeptos do nacionalismo e que foram encarregados de integrar a Editorial Católica SA na Prensa Del Movimiento, como já referimos.

De acordo com Jeroem Oskam, a censura não foi apenas um instrumento para excluir os inimigos do franquismo dos meios de comunicação mas também uma monopolização por parte de um grupo de pressão católico que tomou medidas expressivas contra outros sectores do regime<sup>194</sup>.

Enquanto valor deste universo cultural revelado nas páginas do *Hoy*, esteve também sempre presente o Nacionalismo. Durante os difíceis anos da república defendia-se uma Pátria que devia “observar e manter as suas tradições”<sup>195</sup>, publicavam-se os discursos mais ou menos inflamados de Gil Robles<sup>196</sup> (16/2/36) ou fazia-se apelo ao “votai por España!”, “Se eres castellano debes votar”, esperando ansiosamente que a Acção Popular derrotasse a esquerda, pronuncio de problemas para a igreja.

Após o eclodir da guerra civil o jornal mostrava um exaltado patriotismo, onde só cabia uma Espanha “Una, grande y libre” que para conseguir-se, havia que lutar e acabar com o comunismo<sup>197</sup>. Em inícios do ano de 1937, o jornal está marcadamente nas mãos dos nacionalistas, o seu número de páginas varia muito (ora se apresenta com quatro páginas ora o faz com seis e por vezes com duas) e à segunda-feira faz publicar uma folha especial com informações exclusivamente sobre a guerra.

As frases do seu cabeçalho “UNA PÁTRIA, UN ESTADO, UN CAUDILLO” e como se os leitores não soubessem o que o jornal queria dizer acrescentava-se “UNA PÁTRIA ESPAÑA, UN CAUDILLO FRANCO”, misturadas com quadros presentes em todos os números onde se pode ler “VIVA ESPAÑA! VIVA EL EJERCITO! ARRIBA ESPAÑA!”, mostram-nos um nacionalismo aqui entendido como patriotismo/franquismo. Aliás o jornal parecia neste ano apostado em “mimar” Franco, fazendo sobre ele uma enorme propaganda, publicando muitos artigos sobre ele e todas

---

<sup>194</sup> Ver OSKAM, Jeroen (1991).

<sup>195</sup> Ver *Hoy*, Dezembro de 1933, onde na descrição da vida local se falava da perversão dos valores e confusão dos espíritos, defendendo-se uma pátria que não contemplasse a anarquia rural que se vivia em Badajoz devido à “Reforma agrária” mas sim o ruralismo tradicional.

<sup>196</sup> Ver *Hoy*, 16/2/1936.

<sup>197</sup> Ver *Hoy*, 3/1/37 onde existem notícias sobre o “terror vermelho” mas também algumas frases dedicadas aos operários, onde se afirma que a luta não é contra eles mas sim contra o “marxismo vermelho”.

as suas entrevistas<sup>198</sup>. O próprio General Millan Astray assina alguns artigos e faz pela 1ª vez um paralelismo entre El Duce, El Caudillo e El Fuhrer<sup>199</sup>. Outras vezes esses artigos aparecem sob o título “El Caudillo há dicho” rubrica que surge em 1938 e se mantém em 1939.

Nos dois últimos anos que o nosso estudo abarca (1939/40) o jornal parece vergar-se ao “culto do chefe” facto que vinha detrás. Com efeito publica muitas vezes em primeira página a frase: “Franco, Franco, Franco! Arriba España! Publica igualmente fotografias de Franco e artigos sobre a parte oficial da guerra assinados pelo chefe do Estado-maior Francisco Martin Moreno. Este nacionalismo /franquismo está também bem presente em frases como estas: “inspira-te na nueva España!”, “Escucha la radio española y non las rojas!” ou simplesmente “ España es para todos los españoles que la quieran y la sirvan en la disciplina política del estado”<sup>200</sup>.

De facto estava tudo dito. A pátria espanhola era dos espanhóis que aderiam ao estado nacionalista franquista, o único capaz de a disciplinar e conduzir aos bons e tradicionais caminhos.

Em 1939 que é considerado pelo jornal o 3º ano triunfal, o periódico considerava Franco, o Caudillo vitorioso da guerra e da paz, da reconstrução e do trabalho o qual se dedicava à tarefa de reger e governar a Espanha Nova onde a par do nacionalismo (verdadeiro amor da pátria), se valorizasse o trabalho, a ordem e a disciplina— repertório periodístico-ideológico tão próximo do repertório de boa parte da imprensa portuguesa da época.

Como já foi afirmado, o jornal fazia a apologia de que a luta de Franco e dos nacionalistas não era contra os operários— construtores com o seu trabalho da riqueza de Espanha. O Trabalho era considerado valor santo e verdadeiro<sup>201</sup>

O jornal era então caracterizado por excesso e defeito de informação, melhor dizendo, era caracterizado pela manipulação informativa. Excesso de informação sobre a guerra sempre vista do ponto de vista dos nacionalistas, excesso de “alegria e tom triunfal” como se não existissem sérios problemas para resolver. Defeito e falta de informação sobre os reais problemas de um país dividido. Não sendo possível iludir os fuzilamentos, até neste tipo de notícias se encontravam os “bons espanhóis nacionalistas”, aqueles que comutavam a pena de morte a muitos populares e “os maus

<sup>198</sup> Ver *Hoy*, 9/1/37, Entrevista conduzida por Marcel Chaminde.

<sup>199</sup> Ver *Hoy*, 12/1/37

<sup>200</sup> Ver *Hoy*, 20/1/38

<sup>201</sup> Ver *Hoy*, 12/1/38 artigo de José Ibarrola de Cáceres.

espanhóis republicanos” que fuzilavam os generais e soldados nacionalistas que se comportavam sempre heroicamente como é noticiado em quinze de Janeiro de trinta e sete.

Com o evoluir da guerra favoravelmente para os nacionalistas, os dois últimos anos do nosso estudo mostram como o jornal publicava já notícias absurdas de modas e festas, futebol e touros ou notícias quase ridículas sobre os outros países, parecendo que a Espanha, acabada a guerra era a de sempre e tudo estava bem.

Este esforço era por vezes quebrado por notícias sobre o racionamento do pão e de outros produtos que embora publicadas do ponto de vista do patriotismo e do nacionalismo nos permitem construir um registo que desmente esse aparente “paraíso”. A campanha “Dia del Plato único: cumplo-lo!”<sup>202</sup> dá-nos conta de algumas dificuldades e de como se podiam ultrapassar.

A propaganda franquista é de facto intensa e este universo cultural refina-se após o fim da guerra. As variações que o jornal apresenta do ponto de vista formal e de conteúdo, são variações que apesar do desaparecimento de algumas secções e aparecimento de outras, das mudanças de colaboradores e até da linguagem, mantém intacto o universo cultural descrito e constituem variações sobre o mesmo tema.

Estruturavam-se assim e afirmavam-se uma série de valores-poderes tão caros à hierarquia da igreja que os fazia brotar neste jornal como os únicos absolutamente certos, os únicos pelos quais valia a pena lutar e nos quais valia a pena ter “orgulho nacional”.

### **A Família e a Mulher**

A família, depósito da riqueza moral e material da Espanha, era aqui defendida de forma patriarcal. A mulher tem maioritariamente o papel de esposa e mãe. São-lhe feitas poucas referências e antes da guerra, quando (raramente) o jornal lhes dedica algum destaque, parecem ser referências de moda: o que se usa, como se usa e onde se usa mas de um ponto de vista conservador. Num mundo de homens, à mulher, que não se queria revolucionária, e muito menos fora de casa, cabiam papéis de solidariedade social. Durante e após a guerra o papel da mulher é referenciado pela sua participação e trabalho na Cruz Roja de Badajoz<sup>203</sup> e pela criação por Franco do Serviço Nacional da

---

<sup>202</sup> Ver *Hoy* 15/1/37 onde pela primeira vez aparece esta campanha ao correr da 1ª página com letras vermelhas.

<sup>203</sup> Ver *Hoy*, 7/1/38.

Mulher, no qual tinha de participar para serem boas nacionalistas e patriotas, publicando o jornal as normas do referido serviço.<sup>204</sup> Também são referenciadas as mulheres da Falange num artigo de Yzardiaga e se destaca a chefe provincial da secção feminina de Badajoz: Ana Gil<sup>205</sup>.

No ideário católico Deus era a redenção para todos, no *Hoy* Deus estava declaradamente do lado dos nacionalistas e a guerra que estes faziam estava plenamente justificada e surgia como “escola de heroísmo e fundamento de vida”<sup>206</sup>. A família competia também educar nos santos e bons princípios tradicionais que o franquismo tanto defendia.

### **Cultura e tradição**

As festas e comemorações aparecem nos primeiros três anos do jornal sob a forma de referências nacionais e locais. São sobretudo as festas religiosas como o Natal, a semana Santa e algumas romarias como a de S.Marcos em Almendralejo, S.João em Badajoz que são noticiadas nas páginas do jornal. Noutro registo aparecem noticiadas as feiras e as touradas da região que fazem parte do universo cultural popular onde se respeita e defende a “tradição”.

Ainda noutro registo e numa época de distensão e crescimento do jornal começam a ser noticiados acontecimentos culturais desportivos<sup>207</sup> que vão desde o boxe ao ciclismo e ao futebol, artigos que quase desapareceram durante a guerra e que voltam a ter alguma visibilidade nos anos trinta e nove e quarenta.

Este jornal tem ainda a particularidade de ter atravessado a guerra civil, os problemas do final da hegemonia falangista no governo e no conjunto da Espanha, assistindo e ajudando à supremacia de Franco. Pode depois desfrutar da época dourada das letras na Espanha franquista e seguir o seu caminho até hoje, possuindo forte implantação na região. O jornal que tinha secções bem definidas, dadas as circunstâncias espanholas nesses anos, virou a sua “informação” de modo quase exclusivo para a guerra, as frentes de batalha e os protagonistas fundamentalmente do bando nacional.

---

<sup>204</sup> Ver *Hoy*, 8/1/38.

<sup>205</sup> Ver *Hoy*, 12/1/38.

<sup>206</sup> Ver *Hoy*, 15/1/37.

<sup>207</sup> Ver *Hoy*, 28/4/39: é noticiada a festa do livro em Cáceres.

## O Universo político e social no *Hoy*

Dadas as características históricas que marcaram os primeiros sete anos de vida do *Hoy*, o universo que o jornal retrata é marcadamente político e os grupos sociais e pessoas que traz a público estão sempre profundamente marcados pela questão política. É certo que até ao deflagrar da guerra, o jornal tinha algumas rubricas onde os “poderosos” locais e nacionais tinham lugar. Contudo, dada a sua maior combatividade e desacordo com os governos da república, os seus artigos sobre a sociedade eram muito mais politizados.

### O Poder local

Antes da guerra, o universo político e social descrito contemplava os elementos do governo, o chefe do estado e altas individualidades vistos sempre de um ponto de vista muito crítico, muitas vezes irónico, muitas vezes ridicularizando uma república que no seu ponto de vista não sabia onde ir nem para onde caminhar.

Apesar da censura republicana o *Hoy* parecia desfrutar de uma maior margem de manobra que os jornais portugueses da época e seguramente que o *Notícias de Évora*. Tal como este publicava sempre a constituição dos diversos governos e as principais medidas que tomavam, os resultados eleitorais e as posições da oposição quando tal era consentido pela censura.

A nível local, o periódico *Hoy* retratava também os representantes do poder central mas dava alguma ênfase e particularizava os altos dignitários do clero local e os representantes das forças de direita. Mantinha uma distancia crítica em relação ao poder central e desde sempre um cunho profundamente anti-socialista. Esta sua postura era acompanhada pelo enaltecer da fé nos valores tradicionais da Espanha que sempre se assumiu católica, fé viva na pátria nacionalista, fé no trabalho e na verdade, construídas pelos que apoiavam as forças conservadoras.

Após o deflagrar da guerra as referências ao bando republicano quando existem são habitualmente depreciativas e a linguagem utilizada bastante dura. Fazendo um curto inventário dos epítetos mais usados e organizando-os pela maior frequência que ocupam no jornal encontra-se um quadro com a seguinte hierarquia.<sup>208</sup>

---

<sup>208</sup> Não faço aqui referência a números concretos ou datas do jornal porque a partir de inícios de trinta e sete e até finais de trinta e nove estes epítetos surgem em todos os números de jornal várias vezes e por vezes mantêm-se depois de terminada a guerra.

Terror vermelho
Hordas rojas
Rojos
Sin Dios
Vermelhos herejes
Barbárie marxista
Pandilla
Bolcheviques

Em alguns artigos mais inflamados, chegam a surgir insultos como “turbas”, “canallas”, “ratas” mas muito mais raramente porque o jornal mantém uma linguagem cuidada.

Este estudo mostra-nos que o universo político retratado no *Hoy* introduziu uma galeria conceptual própria para definir o bando republicano. O epíteto “sin Dios” ganha um protagonismo próprio, tornando-se testemunho evidente da ligação entre religião católica e nacionalismo e afirmação clara de que Deus estava apenas de um lado e esse era o dos nacionalistas.

Na sua “secção regional” dá notícias sobre aldeias e cidades da província, como uma espécie de roteiro itinerante onde a acção dos republicanos anti-patrióticos (porque anti-tradições e anti-igreja) é sempre reprovável enquanto a dos nacionalistas é sempre heróica.

A este universo político retratado com o aval da censura não faltam inicialmente alguns textos e algumas ilustrações de humor sobre os “rojos” republicanos. Se até 1936 esse humor entre irónico e sarcástico passava em textos e muitas vezes na rubrica aparentemente séria, intitulada “se comenta em Madrid”, nos anos da guerra esse humor surge em desenhos que ridicularizam as forças republicanas e o governo de Madrid. São quase todos os desenhos assinados com o nome de Alberto e possuem títulos sugestivos: “Emissiones rojas”, “Dinamiteros rojos” “Si non fuera pelos russos”.<sup>209</sup>

### **O Poder “nacional”**

O universo político retratado nos anos da guerra era de facto bipolar, retratando com inegável clareza a cisão política e social da Espanha dividida pela guerra civil. Ao contrário do que o jornal fazia com o bando republicano que era praticamente ignorado,

<sup>209</sup> Ver *Hoy* com particular relevância a partir de Abril de 1938.



sendo noticiados apenas os seus desaires, o lado nacionalista era retratado em toda a sua extensão: conferências e fotografias de Francisco Franco e de outros generais<sup>210</sup>, parte oficial das operações de guerra (sempre com os avanços nacionalistas e as derrotas republicanas republicanos), artigos de Queipo de Llano, Millan Astray, coronel Yagüe e obviamente fotografias e palavras do governador militar de Badajoz<sup>211</sup>, notícias sobre o governo civil e o Ayuntamiento<sup>212</sup>.

Publicavam-se entrevistas com vários ministros de Franco num plano nacional mas não se descurava o poder local e os seus digníssimos representantes. É neste contexto que vêm a lume os nomes de Jesualdo de la Iglesia Rosillo, Arcádio Carrasco, José Martín, Manuel de Castro, Ana Gil e Sardíña entre outros<sup>213</sup>.

Outra face deste universo político retratado no *Hoy* era a demonstração do aval e apoio internacional ao franquismo. Até 1936 as notícias internacionais publicadas pelo periódico são de carácter geral, muitas sobre a Itália, o Vaticano, algumas sobre a Alemanha e a França e em menor grau sobre o resto do mundo. Após o início da guerra, as notícias internacionais referem-se quase sempre á forma como a “causa espanhola era vista no estrangeiro”<sup>214</sup>. Logo no início de 37, se por um lado se noticia o pacto franco-britânico e se comenta a acção de Roosevelt, o jornal noticia o apoio dos comunistas franceses aos republicanos e estabelece o paralelismo entre Mussolini, Franco e Hitler de que já falámos.

Depois de em 1938 se noticiar a posição de alguns países face ao franquismo, incluindo a de Portugal, é em 1939 quando os nacionalistas já ocupam grande parte da Espanha e o governo de Burgos já tinha quase um ano que o artigo de José Maria Salaverria, intitulado “La derrota roja vista del extranjero”, vem a lume<sup>215</sup>. É neste ano de afirmação do poder franquista que o jornal noticia com orgulho o reconhecimento internacional desse poder. Anuncia-se o reconhecimento da França, Inglaterra e Polónia<sup>216</sup> sendo no dia seguinte a vez da Suíça, Holanda, Jugoslávia, Roménia Peru e Venezuela.

---

<sup>210</sup> Ver *Hoy*, 1/1/37, 1/2/38 entre variadíssimas datas.

<sup>211</sup> Ver *Hoy*, logo a partir da data de 5/1/37 repetindo-se ao longo dos anos.

<sup>212</sup> Ver *Hoy*, 4/1/39.

<sup>213</sup> Ver *Hoy*, todo o mês de Janeiro de 1938 para identificar respectivamente o Governador militar de Badajoz, o Chefe provincial da falange Espanhola, delegado da FETY JONS em Badajoz, o Alcaide de Badajoz, chefe da secção feminina da Falange Espanhola em Badajoz e Delegado provincial de Propaganda.

<sup>214</sup> Ver *Hoy*, 3 a 7 de Janeiro de 1937, muitas outras referências ao longo dos outros anos.

<sup>215</sup> Ver *Hoy*, 10/3/39.

<sup>216</sup> Ver *Hoy*, 14/2/39.

No dia vinte e nove de Março de 1939 noticia-se em primeira página o fim da guerra e a conquista de Madrid pelos nacionalistas e nos dias seguintes publica-se o reconhecimento do governo por mais países. Aliás, este tema é recorrente durante todo o mês de Abril, ao mesmo tempo que as notícias internacionais sobre a guerra mundial vão ocupando largamente a informação do jornal. Publicou-se a notícia sobre a invasão da Checoslováquia pela Alemanha<sup>217</sup> e três dias depois a nota de protesto da Inglaterra, vão-se multiplicando as referências a Hittler e Mussolini, dá-se conta da invasão da Polónia e da reacção inglesa e também da invasão da Albânia pela Itália.

Neste universo político assiste-se também ao estreitar de relações dos regimes peninsulares, ultrapassadas as dúvidas de Salazar. Após o reconhecimento do governo franquista feito por Salazar as notícias sobre o nosso país intensificam-se e por vezes merecem honra de primeira página. É o caso do agradecimento e dos parabéns do Presidente da Câmara de Elvas enviado por telegrama ao governador civil de Badajoz pelo serviço prestado pelos nacionalistas ao conquistarem Madrid e expulsarem o perigo comunista.<sup>218</sup> Também em primeira página se celebra os onze anos de governo de Oliveira Salazar<sup>219</sup>. No ano de 1940 permanece essa aproximação e bom entendimento dos dois regimes. Para ilustrá-lo está o facto de logo em 13 de Janeiro se publicar em primeira página a condecoração feita pelo estado português a militares espanhóis destacados na guerra civil espanhola com base numa notícia fornecida pela agência EFE.

Os universos construídos utilizavam uma linguagem claramente combativa. Sobretudo nos anos em que o periódico aparece ligado à Falange, sob a sua aparência informativa o periódico estudado assemelha-se muito a um periódico de opinião política pois as suas crónicas, reportagens, entrevistas e artigos estão carregados de intencionalidade e de valoração, transmitindo o que acontece sempre partindo da visão mediatizada da ideologia. São frequentes pequenos quadros ou janelas onde se encontram comentários ideológicos quase sempre alusivos a Francisco Franco ou ao Nacionalismo. As reportagens sobre a guerra eram sempre “interpretativas” e manipuladas e o exemplo de Guernica, interpretado como Barbarie marxista<sup>220</sup>, é talvez o mais claro e evidente.

---

<sup>217</sup> Ver *Hoy*, 10/3/39.

<sup>218</sup> Ver *Hoy*, 30/3/39.

<sup>219</sup> Ver *Hoy*, 27/4/39.

<sup>220</sup> Ver *Hoy*, 8/5/1937.

Outro dado relevante da linguagem é que, se por um lado parar descrever as “gestas de libertação” dos nacionalistas e quase épica, para referir os feitos republicanos e sempre depreciativa se bem que em ambos os casos se use uma linguagem cuidada mesmo na hora do insulto.

Na parte oficial das operações ou nas notícias sobre a vida local e regional uma das características da descrição é a superficialidade e a artificialidade. A única análise em profundidade quando surge é nos artigos religiosos ou políticos onde se combate o materialismo histórico e o marxismo.

Os correspondentes de guerra fazem muitas vezes narrações na primeira pessoa relatando com chegaram lá, o que viram, o que lhes aconteceu, etc.

Este universo político e social escrito com textos fáceis de seguir e compreender, traduz os anos iniciais do franquismo marcados pela necessidade de se afirmar, mostrando o jornal uma capacidade para captar pessoas que entendiam pouco de política mas que o conflito aproveitou e tornou simpatizantes da causa nacional-sindicalista e os manteve defensores da fé católica como sempre tinham sido.

*Hoy* cumpriu bem o seu papel do lado nacionalista. Porém, quando em meados de Abril de 1938 deixa de trazer impresso as insígnias da falange, inicia uma fase de transformação que começa a ser visível em 1939/40 e que o levará a uma progressiva independência partidária, mantendo-se contudo servil em relação ao poder constituído e beligerante com tudo o que parecesse anti-franquista ou anti-católico.

### 3ª PARTE

## ENCENAÇÃO POLITICO – CULTURAL

### 1º Capítulo: A Nova Ordem Portuguesa no *Notícias de Évora*

A nova ordem portuguesa começa cedo a manifestar-se no *Notícias de Évora*, através da censura a que o jornal, como todos os outros, é sujeito mas vai-se tornando bem visível na própria linha redactorial do periódico, ou seja, nos vários artigos impressos sejam eles sobre política, sobre cultura ou sobre o quotidiano da cidade e da sua região. As próprias fontes do jornal nomeadamente o *Diário de Notícias* (tido como jornal do governo) a Agência Americana ou a T.S.F. estão também controladas por esta nova ordem imanente da marcha de Salazar na conquista e estruturação do poder.

Essa nova ordem assume-se como um modelo de onde emerge uma autoridade que agindo em nome do interesse nacional coloca ordem nas finanças, nas ruas e nos espíritos através do reforço dos poderes do estado, mais propriamente dos poderes do chefe do governo que tudo quer “domesticar”: militares, igreja, intelectuais, lobbies, enfim todas as forças vivas da nação.

Esta ordem era necessariamente encenada, construída e projectada numa imprensa que Salazar considerava indispensável à sua governação mas uma imprensa que “edifica, que educa e moraliza”<sup>221</sup> e que ele possa usar para fazer passar a sua mensagem e para se afirmar. Dos jornais católicos aos jornais nacionais Salazar foi passando uma imagem de mago das finanças que aconselhava “apenas fé”<sup>222</sup>. Se a fé no sentido divino é um dom, no plano político ser capaz de a gerar é uma capacidade invejável e Salazar teve-a.

#### Deus, Pátria, Família

Desde sempre nos habituámos a ver unanimidade de posições entre o Estado Novo e a igreja católica. Sabemos que nem sempre foi assim.<sup>223</sup> Orientados pelas directrizes

<sup>221</sup> CRUZ, Manuel Braga (1997).

<sup>222</sup> *Diário de Notícias*, 1/8/1928, pp. 1.

<sup>223</sup> Para os anos trinta as relações estabelecidas entre os católicos e o corporativismo têm uma abordagem interessante nos seguintes trabalhos: CRUZ, Manuel Braga da; ROSAS, Fernando, (coord.), (s/d), *Portugal e o Estado Novo, 1930/60*, “O estado Novo e a igreja católica”, Lisboa, Presença; CRUZ, Manuel Braga da (1992), *Análise Social*, “As elites católicas nos primórdios do Salazarismo” vol XVII, PP547/574. REZOLA, Maria Inácia (1999), *O sindicalismo católico no Estado Novo 1931/1948*, Lisboa, Estampa.

papais em matéria social, há um grupo de católicos portugueses que procuram também instaurar uma “nova ordem” marcada por justiça social. Podemos dizer que até 1938 (período de estruturação do corporativismo português) há uma expectativa benévola por parte dos católicos sociais que procuram no Estado Novo solução para a questão operária. Desde a encíclica *Rerum Novarum* (1891) os textos pontifícios são claros na defesa da legitimidade da Igreja intervir no terreno social. Pio XI segue nessa esteira, com a encíclica *Quadragesimo Anno* que fez surgir em muitos países uma elite de homens atentos à voz da Igreja e que de diversas formas aplicaram os princípios dessa encíclica<sup>224</sup>.

Em Portugal estes textos tiveram curta repercussão pois o anti-clericalismo da 1ª República levava os católicos a preocuparem-se mais com os interesses da Igreja do que com a questão social. Nos anos trinta Pio XI propõe uma reflexão completa sobre a sociedade e no seguimento dessa reflexão surgem sindicatos católicos por toda a Europa. Entre nós este fenómeno foi algo “revolucionário” no quadro da Igreja tradicionalista e conservadora e durou apenas três anos.<sup>225</sup> Contudo, quando em 1933 se aprova a constituição e se cria um estado corporativo e social, a própria evolução do Movimento Operário Católico e do catolicismo social sofre também uma grande mudança. Salazar que militara nos quadros do Centro Católico dava à Igreja e aos católicos excelentes garantias. O compromisso e equilíbrio que ele tentava estabelecer entre as diferentes forças presentes na vida portuguesa com o estabelecimento de uma plataforma de entendimento e de criação de um estado forte, permite que os católicos participem na política apenas se integrados nos novos órgãos criados pelo regime. É neste contexto que Salazar apela à dissolução do centro católico no discurso de posse da União Nacional. É o fim da velha ordem e o surgir de uma ordem nova que aposta numa organização católica de carácter social mas controlada pelo regime. Esta nova organização será a Acção Católica Portuguesa. São fortes os laços que se estabelecem entre a Igreja e o regime mas enquanto este estabelece balizas à acção da Igreja, esta ajuda-o a incorporar no Estado Novo as massas católicas.

No *Noticias de Évora* também a nova ordem se afirma sob a forma de certezas claras e incontrovertidas que exercem uma função disciplinadora sobre tudo e sobre todos. Esta boa imprensa ajuda também a impor a ordem nas ruas e nos espíritos onde a

---

<sup>224</sup> Tratou-se de uma encíclica que se preocupava com a restauração e aperfeiçoamento da ordem social e que contribuiu para o desenvolvimento do movimento social católico.

<sup>225</sup> REZOLA, Mª Inácia (1999) pp. 52.

questão religiosa é importante. Os assuntos religiosos presentes ano após ano no *Notícias de Évora* (Natal, Semana Santa, festas e romarias religiosas da cidade e da sua região, horários das missas, visitas e ordenações de prelados importantes) apresentados como neutrais, acima dos interesses particulares e universalmente válidos, justificam o poder que os deixa vir a lume, certo da sua eficácia na acção colectiva, onde o jogo das culpabilidades e da violação das regras é duplamente condenado pela simbiose Estado – Religião, ou melhor dizendo, Deus Pátria. O sagrado constitui simultaneamente objecto de temor e de esperança e através de um delicado sistema de representações, no caso português e nos anos trinta, serve para identificar os assuntos do poder terreno com a moral católica. Deus serviu para “irmanar” eleitos e povo e a expressão oficial da fé estava presente em muitos momentos e actos do poder: a bênção das tropas, as missas campais, as procissões solenes, Fátima...

No *Notícias de Évora* tudo isto assume particular relevância durante as comemorações do Ano X da revolução Nacional e as verdades indiscutíveis do regime tomam forma no célebre discurso de Salazar de 26/5/1936, com excertos e artigos publicados nos dias seguintes no periódico eborense: “Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral (...)”<sup>226</sup>.

Deus, Pátria, Família, já anteriormente discutidos como valores-poderes, não se discutem e são impostos a todos os espíritos através da inculcação ideológica a que o nosso jornal não escapa. Deus e a religião inscrevem-se no discurso da ordem, também ela com aspiração ao “universalismo”. A colonização cultural do estado autoritário e a politização conservadora da Igreja que após a desestruturação do Centro católico se inscreveu na esfera política<sup>227</sup> estão sub-repticiamente retratadas no *Notícias de Évora* e representam essa simbiose que mistura o poder político com o poder espiritual.

Após a 1ª República as relações com o Estado parecem garantir à religião uma posição de poder na sociedade portuguesa e partindo dessa posição a lógica do seu reforço fundou-se em dois princípios complementares: negar a existência e a legitimidade de outras religiões e identificar a história da sociedade portuguesa como sua, reafirmando a tradição desde a conquista aos mouros, ao espalhar de fé pelo império, tantas vezes e de tantas formas lembrado e glorificado nas páginas do jornal.

<sup>226</sup> Ver *Notícias de Évora*, 28/5/1936

<sup>227</sup> Ver REZOLA, M<sup>a</sup> Inácia, (1999), pp.34 e seguintes. De facto em 1938, Salazar não permitia aos católicos outra forma de intervenção política que não se fizesse no interior do regime: o Padre Abel Varzim integra a Assembleia Nacional.

Por outro lado o forte peso da ruralidade no viver e no pensar permitiu, em termos populares, que as práticas religiosas se inscrevessem como formas de fixação e de reforço de posições sociais ocupadas, reforçando um outro tipo de poder – os poderes locais – também eles mais ou menos subordinados ao poder central. As famílias socialmente importantes da região assistem às missas solenes, vestidas a rigor, sentam-se em lugares marcados nas igrejas, casam com pompa e circunstância, batizam da mesma forma os seus filhos, participando da “encenação do poder”, com a concordância da Igreja local<sup>228</sup>.

Se bem que o jornal nos mostre notícias religiosas sobre a hierarquia da Igreja Católica, são essencialmente notícias sobre o que podemos chamar religião popular<sup>229</sup> que envolve os padres, os santos, as festas e os movimentos messiânicos que o jornal mais publica.

O jornal noticia sempre o serviço religioso (missas, cortejos, necessidade de extrema unção, etc.) e tem sempre espaço para as festas, romarias, peregrinações em honra de santos e santas<sup>230</sup> e para o culto mariano. Os santos encontram-se no centro efectivo e afectivo da vida religiosa popular e o Estado Novo não cerceou esses cultos. O estudo das festas onde o sagrado e o profano se misturam mostram-nos como a autoridade religiosa, com o aval do poder político, utilizou essas festas e foi capaz de configurar um modelo de celebração mobilizador de grandes massas. É o caso das peregrinações sobretudo a Fátima, cujo reconhecimento não foi imediato nem sem hesitação mas que após a instauração do Estado Novo se tornou num dos símbolos da união deste com a Igreja: Fátima – altar do mundo – opôs-se a Moscovo capital do anticristo.

As festas religiosas mais importantes estão sempre presentes no jornal, nomeadamente o Natal, a Semana Santa e o dia de Corpo de Deus,<sup>231</sup> chegando mesmo a servir de editorial. Por vezes, nas suas curtas e poucas notícias internacionais a religião também é contemplada, sendo noticiada quase todos os anos a semana santa de Sevilha.

---

<sup>228</sup> Nos artigos “Ecos da sociedade” e “Pelo Distrito” as referências a esta forma de evidenciar o poder e a importância social são uma constante ao longo dos dez anos estudados, razão pela qual referencio apenas alguns números do *Notícias de Évora* nomeadamente: 11/10/31, 1/1/32, 22/1/32 16/6/33, etc.

<sup>229</sup> Ver o artigo de ESTEVES, António Joaquim (1986).

<sup>230</sup> Ver a título de exemplo o *Notícias de Évora* de 13/9/31 com os exemplos de Nossa Senhora da Graça do Divor e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

<sup>231</sup> *Notícias de Évora*, 16/12/31, 21/12/32.

No ano de 1933 surgem muitas notícias religiosas, com referência a imprensa católica, às festas de S. João e de S. Pedro e à Acção Católica<sup>232</sup> cuja acção parece intensificar-se na cidade em 1935<sup>233</sup>. Neste ano o jornal foca também as peregrinações, com destaque para as da região e as de Fátima<sup>234</sup>.

Para o fim dos anos em estudo verifica-se cada vez mais a integração da hierarquia eclesiástica na dinâmica do Estado Novo e florescem também as notícias sobre os prelados regionais. Em 1939, o jornal noticia e congratula-se com a consagração do Arcebispo de Évora. O discurso religioso cruza-se também com o discurso político de que é bom exemplo a notícia publicada sobre a oração fúnebre a D. Manuel II, proferida pelo cónego Correia Pinto, onde se afirmou que “Abaixo de Deus a Pátria, acima da Pátria só Deus”<sup>235</sup>.

### **Família e valores morais**

Os assuntos morais cruzam-se com os religiosos e muitas vezes servem de editorial, defendendo sempre códigos de comportamento que vão oscilando entre o bem e mal e que abarcam assuntos tão dispares que vão da crítica social<sup>236</sup>, à apologia de valores conservadores<sup>237</sup> e da ideologia Salazarista<sup>238</sup>. Dentro dessa mentalidade o universo da família era indiscutível e a importância do papel do pai e da autoridade como chefe de família mantinha-se inalterado, enquanto à mulher estava reservado sobretudo um papel no interior da casa e no seio da família. O respeito pelas convenções sociais e religiosas era importante e estava retratado nas páginas do jornal.

A moral cristã reforçava também a ideia de que à mulher estava reservado um importante papel como esposa e como mãe, sendo capaz de dosear as práticas devocionais e as virtudes domésticas, nomeadamente no tocante à gestão do orçamento doméstico. Por vezes a mulher ligava-se também a acções filantrópicas de trabalho social local. É o caso da sua acção na sopa dos pobres, no trabalho voluntário nos

---

<sup>232</sup> Notícias de Évora, 9/3/33;17/6/33.

<sup>233</sup> Notícias de Évora, 7/2/35.

<sup>234</sup> Notícias de Évora, 31/1/35.

<sup>235</sup> Notícias De Évora, 3/5/1939.

<sup>236</sup> Notícias De Évora, 7/1/32.

<sup>237</sup> Notícias De Évora, 21/6/36.

<sup>238</sup> Notícias De Évora, 11/1/35. Esta apologia vai ser uma constante nos anos posteriores pelo que não destaco mais nenhum numero em especial.



hospitais, na liga de profilaxia social.<sup>239</sup> Todos estes factos, constantes das “Lições de Salazar” estavam de forma explícita ou implícita no *Notícias de Évora*.

Como diz Michelle Perrot a família, átomo da sociedade civil é gestora de interesses privados cujo bom andamento é essencial à força dos estados e ao progresso da humanidade<sup>240</sup>. Pedra angular da produção assegurando o funcionamento económico e a transmissão de património, ela é também, no dizer de Salazar, cadinho da consciência nacional que deve transmitir os valores simbólicos e a memória fundadora. Daí a sua importância e o seu papel na inculcação de valores como a disciplina, a ordem, a obediência, o valor do trabalho. Na secção “Ecos da Sociedade”, onde se noticiavam os nascimentos, baptizados, casamentos ou festas e viagens das famílias da região e também de vários assinantes, era este modelo de família que estava presente. Na “boa família”, fundamento do Estado, deve constituir-se uma continuidade entre o amor da família e o da pátria, entidades que para Salazar não se discutem.

### A Pátria Una

As referências à ditadura militar são frequentes no jornal e muitas vezes de forma elogiosa<sup>241</sup>. De igual forma o “amor pela pátria” faz surgir notícias sobre as colónias, por vezes em artigos de primeira página<sup>242</sup>, sempre na perspectiva de que as colónias eram parte integrante do território nacional, testemunhando a existência de um movimento pró – colónias não só a nível nacional como também a nível local<sup>243</sup>.

Esta forma de nacionalismo/colonialismo tão cara ao Estado Novo é objecto de grande desenvolvimento no jornal em 1936 quando a acção do SPN já se tinha feito sentir na linha editorial da maioria dos periódicos. No mês de Abril, o jornal faz a apologia das colónias e do império, noticiando e promovendo a semana das colónias, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa (19 a 24 de Abril de 1936). De facto, o jornal publica e faz referência a várias conferências realizadas neste contexto com destaque para as de Armando Carvalho Telles de Bettencourt, realizada na Associação Comercial e Industrial de Évora, a de Luís Carriço, realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa e a de Gustavo Couto. A Pátria una, acima de todos os interesses era muitas

---

<sup>239</sup> Ver *Notícias De Évora*, 17/5/1930, 8/2/31, 6/3/31, 20/1/32, 6/1/33. OS exemplos continuam a abundar durante os dez anos de jornal estudados.

<sup>240</sup> PERROT, Michelle (1991).

<sup>241</sup> Ver *Notícias de Évora*, 3/5/30; 21/10/31, 22/10/31

<sup>242</sup> Ver *Notícias de Évora*, 14/12/31

<sup>243</sup> Ver *Notícias de Évora*, 18/9/31.

vezes invocada em artigos de cariz histórico que versavam desde o património<sup>244</sup> aos feitos ilustres do povo português, às datas célebres da História portuguesa, tais como a Batalha de Aljubarrota, o 1º de Dezembro, o 5 de Outubro<sup>245</sup> e aos símbolos sagrados da Pátria como a bandeira ou o escudo nacional<sup>246</sup>.

Existem igualmente notícias sobre e em defesa do nacionalismo/proteccionismo nas nossas indústrias, tal como aparece referida a Semana do trabalho nacional<sup>247</sup> como forma de valorizar a produção portuguesa e sem dúvida um dos valores da pátria lusa: o trabalho.

No intuito de engrandecer a ditadura militar e os seus chefes publica-se também pequenos artigos sobre o dia da Marinha, o aniversário de Carmona e outros nobres servidores da pátria quer eles sejam do passado histórico<sup>248</sup> ou da história recente pois os políticos são sempre saudados no jornal, impressos muitos dos seus discursos, noticiadas as suas visitas como a do Ministro da Guerra<sup>249</sup> ou a do próprio Dr. Oliveira Salazar em 20/11/1931.

É neste ano que o jornal dá conta da estruturação da nova ordem em marcha também na cidade de Évora, dando conta da Delegação distrital da Liga 28 de Maio e do Grémio Alentejano.<sup>250</sup> O desabrochar desta nova ordem na cidade é também evidenciada nas notícias que o jornal publica sobre as reuniões e petições da União Nacional local e da tomada de posse das várias delegações da União Nacional<sup>251</sup>. A aderência do jornal à nova ordem, a que não é alheia a acção da censura, evidencia-se no facto de as revoltas ocorridas no final do ano de 1931 em Évora (que levaram à destituição do governador civil Aureliano da Silva, substituído pelo Major Raul Manso Preto) serem noticiadas apenas três dias depois e não serem objecto de 1ª página.

Apesar de tudo isto, no ano seguinte, no número comemorativo que possui vinte páginas<sup>252</sup> publica-se um editorial sobre a independência política do jornal e o seu culto sobre o regionalismo e pela região de Évora, assumindo-se ao longo de todo o ano de

---

<sup>244</sup> Ver *Noticias de Évora*, 6/4/30.

<sup>245</sup> Ver *Noticias de Évora*, 1/12/31. *O dia da Restauração ocupa toda a 1ª página, sendo referidas as comemorações que se realizaram na sala dos actos do Liceu André de Gouveia. Notícias sobre este acontecimento repetem-se todos os anos em estudo.*

<sup>246</sup> Ver *Noticias de Évora*, 8/10/31.

<sup>247</sup> Ver *Noticias de Évora*, 28/10/1931.

<sup>248</sup> Ver *Noticias de Évora*, respectivamente os dias 24/11/31 e 22/10/31 sobre o centenário de D. Nuno Alvares Pereira.

<sup>249</sup> Ver *Noticias de Évora*, 10/1/1931.

<sup>250</sup> Ver *Noticias de Évora*, 12/12/31 e 30/12/31, respectivamente.

<sup>251</sup> Ver *Noticias de Évora*, 3/3/33, 5/3/33, 8/3/33.

<sup>252</sup> Ver *Noticias de Évora*, 8/9/32.

1933 como “diário regionalista da manhã”. Em simultâneo vão-se publicando notícias em que o poder central através do seu ministro do interior valoriza o Alentejo que é objecto de um Congresso<sup>253</sup>.

Em termos de directrizes do poder central noticia-se o plebiscito da Constituição de 1933 e faz-se a apologia de Salazar e do Estado, publicando-se parte das conferências radiodifundidas ao longo desse tempo. Um dado de certo modo elucidativo da “adesão” da linha editorial do jornal aos novos valores pátrios é o facto de o Jornal *A Voz* noticiar o aniversário do *Noticias de Évora* e publicar notícias sobre o Congresso Alentejano fornecidas pelo nosso periódico, como se se tratasse do reconhecimento público do entrosamento do jornal com a boa imprensa. Em 1933 esta adesão à nova ordem é bem visível nos primeiros quinze dias de Junho nas páginas do jornal.

Efectivamente no dia 4/6/1933 é noticiada a visita a Évora de Óscar Carmona e de Oliveira Salazar em primeira página o que é normal pois qualquer periódico regional o faria, mas a forma como o faz é verdadeiramente a forma da boa imprensa, isto é, daquela que é “fazedora da opinião certa” que pode criar uma “atmosfera calma, de confiança, optimista e até de espírito de sacrificio” tal como Salazar tinha dito em entrevista ao *Diário de Noticias*<sup>254</sup> quando preparava a sua ascensão para o poder. De facto, o nosso jornal publica um número especial com artigos sobre Salazar, sobre o engenheiro Duarte Pacheco – Ministro das obras públicas, engenheiro Sebastião Ramirez – Ministro do Comércio industria e agricultura, Dr. Albino Reis Júnior – Ministro do Interior, Gustavo Ramos – Ministro da Educação que tinha família em Évora e Major Luís de Oliveira – Ministro da Guerra. No mesmo número em editorial o capitão Manuel Ventura fez a apologia do Estado Novo e publicitou-se intensamente a Semana das Colónias que são a continuação e parte integrante de Portugal, a pátria querida de todos os bons portugueses. Mas é sobretudo no agradecimento público<sup>255</sup> feito pelo jornal em relação ao facto da visita presidencial ter corrido muito bem e na tentativa de provar que Évora não era anti-Revolução Nacional (e que nos acontecimentos do final de 1931 a cidade tinha sido “injustiçada”) que a posição do jornal mais se evidencia. Évora estaria com a nova ordem, facto bem claro nos dias 13 e 14 de Junho, onde o jornal faz nitidamente a tentativa de limpar a imagem da cidade e de apresentar e impor a imagem de uma cidade de paz e de apoio ao regime. A pátria

---

<sup>253</sup> Ver *Noticias de Évora*, 1/1/33, 8/1/33, 12/3/33.

<sup>254</sup> Ver *Diário de Noticias*, 10/3/28.

<sup>255</sup> Ver *Noticias de Évora*, 9/6/33.

sagrada era glorificada no dia de Camões sempre noticiado no jornal, enaltecida nos juramentos de bandeira<sup>256</sup>, ao mesmo tempo que em artigos intitulados “Noções de História de Portugal” a Pátria que não se discute é recordada e enaltecida nas suas realizações.

Tal como em Espanha existiam as célebres consignas que eram impostas aos jornais, em Portugal quase todos os periódicos passaram também a publicar frases de Propaganda nítida enviadas pelo SPN tal como esta: “ A Nação portuguesa, grande império colonial, precisa viver una e forte. Conta para isso com o teu esforço calmo mas sem desânimos.”<sup>257</sup> Esta Pátria cheia de virtudes por comparação com os outros países, deve valorizar a vida rural e a agricultura, ruralismo tão a contento dos interesses agrários da região. O jornal no seu artigo “Ares do campo” e em numerosos artigos sobre a questão do trigo valoriza a vida agrícola e a sua importância no contexto nacional.

O ano de 1933 é definitivamente o ano de Salazar e representa também o ano em que as suas palavras valorizam a propaganda enquanto instrumento de poder e em que os actos oficiais começam a ser caracterizados pela encenação que lhes confere um carácter imponente. Nesses actos Salazar afirma-se como chefe ao qual obedecem todos os chefes de família orgulhosos de cumprirem o seu dever. As referências ao Estado Novo e a Salazar multiplicam-se, sendo este apresentado como detentor da verdade e o Estado Novo apresentado como um estado forte, com autoridade<sup>258</sup> um estado que no editorial de 12 de Janeiro de 1935 é apresentado como a superação da ditadura, ao mesmo tempo que se intensificam as notícias sobre o SPN<sup>259</sup>. No ano de 1940 o papel do SPN é bem evidenciado no jornal. Noticia-se o prémio literário de 1939 dado pelo Secretariado a Pedro Homem de Melo, colaborador neste jornal<sup>260</sup>, publicam-se documentos políticos fornecidos pelo SPN e o concurso de teatro por ele patrocinado. No mesmo ano surgem notícias em que se enaltece a política do espírito e surge mesmo um editorial sobre os serviços de Propaganda e Informação onde se dá a notícia da criação do Gabinete de coordenação dos serviços de Propaganda e Informação

---

<sup>256</sup> Ver *Noticias de Évora*, 27/6/33 como exemplo, pois notícias desta natureza aparecem com frequência ao longo dos anos estudados.

<sup>257</sup> Ver *Noticias de Évora*, 12/7/33.

<sup>258</sup> Ver *Noticias de Évora*, respectivamente 5/1/35 e 6/1/35.

<sup>259</sup> Ver *Noticias de Évora*, 18/1/35. As notas e artigos referentes ao SPN são recorrentes todos os anos. Referencio apenas exemplos notáveis em cada ano posterior a 1935. Ver o *Noticias de Évora de* 30/4/36, 11/8/37 21/1/39.

<sup>260</sup> Ver *Noticias de Évora*, (14/1/1940).

composto pelo Director do SPN, Director dos serviços de Censura e Presidente da Comissão Administrativa da Emissora Nacional.<sup>261</sup>

No final do ano de 1937 publicam-se vários artigos de opinião em que se faz a ligação do Estado Novo com a vida local e de que é bom exemplo o jornal do dia 17 de Dezembro. Aliás este entrosamento faz parte também do espaço cénico e da encenação que o Salazarismo quer impor a todo o país e a todos os domínios da vida portuguesa e pode ser visto na notícia sobre o Concurso da aldeia mais portuguesa de Portugal a que concorrem a aldeia de Nossa Senhora da Orada e de São Bartolomeu do Outeiro<sup>262</sup>.

Mas é muito em especial nos anos de trinta e nove e quarenta que começam a abundar as notícias sobre os Centenários e sobre a Nova ordem Portuguesa<sup>263</sup>. Salazar, chefe da Política de verdade como é anunciado no Notícias de 24/12/39 é honrado e homenageado pelo jornal que ao finalizar o ano de 1939 publica um extenso artigo sobre “1940 Ano Português” e sobre o Congresso e a Exposição do Mundo Português que permanecem como pano de fundo durante todo o ano. Esses acontecimentos são o afirmar da Nova ordem portuguesa e constituem um ponto alto da encenação política e cultural que é noticiada, divulgada e inculcada no sentir do Povo Português como orgulho e suprema realização de um Estado forte e vitorioso.

### A Ordem Internacional

Essa Pátria inquestionável perpassava nas páginas do jornal que entre as poucas notícias internacionais que publicava fazia sempre a defesa dos regimes “afins” da Alemanha<sup>264</sup> e da Itália<sup>265</sup>. A estas notícias internacionais, juntavam-se as de Espanha, muitas em todos os anos, sobre os diversos governos e a partir de trinta e seis, sobre a dissolução das cortes de Madrid<sup>266</sup>, sobre o anarquismo em Espanha<sup>267</sup>, sendo sempre os comunistas e os sindicalistas considerados terroristas que incendiavam igrejas. Alguns

---

<sup>261</sup> Ver *Noticias de Évora*, 30/3/1940

<sup>262</sup> Ver *Noticias de Évora*, 9/9/38.

<sup>263</sup> Ver *Noticias de Évora*, 12, 15, 19 e 21/1/39 e 14/1/39, 31/1/39 e 11/5/39 respectivamente.

<sup>264</sup> Ver *Noticias de Évora*, 23/3/33 sobre a política de Goebels, o de 30/3/33 sobre a problemática judeus/alemães, 7/4/33 sobre Einstein e a Alemanha nazi praticamente todo o mês de Junho com notícias publicadas sobre apoios a Hitler. No mês seguinte, 20/7/33 Sílvio Bom escreve um artigo com alguma lucidez crítica sobre o nazismo. No ano de 1935 surgem algumas notícias sobre a actuação da Alemanha, em 12/3/36 publica-se um artigo sobre Hitler e o Tratado de Versalhes e em 1939 intensificam-se as notícias sobre o Führer e os seus discursos (1/1/39 e 28/4/39).

<sup>265</sup> Ver *Noticias de Évora*, 11/6/33. O artigo publicado é deveras curioso pois trata-se de “conselhos” de Mussolini para combater o desemprego. Em 31/3/36 refere-se o conflito italo-etíope, referência que se prolonga no mês de Abril do mesmo ano.

<sup>266</sup> Ver *Noticias de Évora*, 6/1/36.

<sup>267</sup> Ver *Noticias de Évora*, 11 e 12/3/36.

artigos assinados sob pseudónimo revelam-se sempre a favor do nacionalismo e contra a frente popular<sup>268</sup>.

Sobre a guerra civil espanhola as notícias são uma constante. A esta nova ordem portuguesa, expectante em relação a Espanha, o movimento dos sublevados nacionalistas afigurava-se como uma forma de travar a péssima influência da Frente Popular. O *Noticias de Évora*, utilizando um estilo pretensamente informativo, noticia a morte de Calvo Sotelo<sup>269</sup>, enaltece a acção dos nacionalistas e do General Queipo de Llano e durante todo mês de Julho as notícias vão-se avolumam. Muitas vezes são dadas a partir de Campo Maior e não de Elvas (o que não deixa de ser curioso), sobretudo sobre a tomada de Badajoz.

Nos anos de 1937 e de 1938 continuam a publicar-se muitas notícias em que se estabelece por um lado a comparação entre Portugal – oásis de paz e bem-estar – com a Espanha da guerra e da violência e se aproveita para divulgar o discurso do poder contra o comunismo. Porém, só em Janeiro de 1939<sup>270</sup> o *Noticias de Évora* publica um artigo com a opinião de Salazar sobre a guerra civil espanhola e sobre política externa. O jornal publica então nos finais do mês de Janeiro de 1939 artigos sobre a vitória franquista e sobre os bravos “Viriatos” portugueses integrados na Falange<sup>271</sup>.

No ano de 1936 surgem por vezes notícias sobre a “ameaça russa” e sobre o papel da SDN, face aos conflitos que a Alemanha vai provocando enquanto que “uma fé puríssima numa Pátria maior”<sup>272</sup> num oásis de paz prosperidade e de bem-estar, vai estando subjacente nos artigos sobre política internacional, sempre de forma moralizadora com títulos como: “Teatro Internacional”, e “Realidades”.

A ordem na política e na economia é também defendida no jornal em artigos apologéticos do corporativismo que é visto como um modelo de paz e desenvolvimento para evitar a guerra civil. Ao mesmo tempo crescem também pequenos artigos sobre o comunismo essa “heresia” tão anti-Estado Novo e sob o título “Eu acuso”, noticia-se o comício anti-comunista em Évora<sup>273</sup>.

A vida nacional e internacional que se plasmava nas páginas da imprensa quer nacional quer regional e no caso particular do *Noticias de Évora* constituía uma encenação que a nova ordem política e cultural impunha ao país e aos portugueses, uma

<sup>268</sup> Ver *Noticias de Évora*, 25/4/36.

<sup>269</sup> Ver *Noticias de Évora*, 13/7/36.

<sup>270</sup> Ver *Noticias de Évora*, 5/1/39.

<sup>271</sup> Ver *Noticias de Évora*, 20/1/39 e 31/1/39

<sup>272</sup> Discurso de Cerqueira Gomes no Coliseu, in *Diário de Notícias* de 18/5/31.

<sup>273</sup> Ver *Noticias de Évora*, 21/1/37.

encenação que correspondia à vontade de Salazar. O País retratado nas páginas dos jornais era um país virtual onde os festejos e a sua grandiloquência, encenada por António Ferro e os seus colaboradores, não conseguia esconder completamente a situação real de um povo oprimido. Encenação colectiva e obrigatória, a Nova Ordem salazarista mostrou-se intolerante com a imprensa, obrigando-a a retratar um país-paráiso que era afinal um país triste obrigado a crer, obedecer e servir.

## 2º Capítulo: Inovação e Tradição no *Notícias De Évora*

O século xx inicia-se sem grandes sobressaltos e até com algum optimismo mas a partir do final da 1ª guerra mundial inicia-se um movimento de viragem em todos os campos culturais, acompanhando as mudanças políticas e sociais e a formação de uma nova mentalidade responsável por comportamentos até aí impensáveis. É também esse século o protagonista do surgir de uma cultura de massas, radicalmente diferente da cultura de elites, difundida e reproduzida pelos mass-média, nos quais a imprensa teve um papel muito importante apesar da concorrência da Rádio e depois da Televisão. É que a imprensa não sendo lida por todos os homens interessa a alguns homens de todos os níveis sociais.

Edgar Morin<sup>274</sup> afirma que a cultura reúne em si um duplo capital de saberes: o capital técnico e o capital cognitivo, um capital específico que constitui os traços da sua identidade original e que alimenta uma comunidade singular em referência aos seus antepassados e às suas tradições. Na sua perspectiva, podemos dizer que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo na sua intimidade, estruturam os instintos e orientam as suas emoções. A cultura, entendida aqui como totalidade engloba todos os tipos de cultura pois é preciso viver com tudo o que temos sem ignorar nenhum aspecto e é esta ideia de cultura-totalidade que nos interessa averiguar no *Notícias de Évora*. De facto ao jornal interessava atingir largas faixas de público, de forma a aumentar lucros e prestígio. Talvez por isso mesmo encontramos nas suas páginas dados culturais tão diversificados abrangendo interesses que vão das elites às massas, da inovação á tradição.

### **Uma visão cultural**

No nosso país, os anos trinta foram particularmente específicos do ponto de vista cultural e científico pois a estruturação do Estado Novo e as suas características tiveram reflexos imensos na vida cultural portuguesa. O Estado tomou a seu cargo a definição das normas a que a arte, os artistas, os escritores, os cientistas e a cultura em geral se deviam submeter. A cultura tinha de obedecer a imperativos ideológicos, enquadrando-se na norma vigente. Deste modo verificou-se uma espécie de imposição de uma cultura oficial, imposição que se fez através expulsões, intolerâncias e marginalização dos que não se integravam no novo modelo. Após algumas experiências de vanguarda a cultura portuguesa retomou modelos mais moderados quando a partir de 1926 a realidade política portuguesa mudou. Uma boa parte dos artistas e dos escritores acomodou-se e “normalizou-se” seguindo as regras da criação artística do Estado Novo.

---

<sup>274</sup> Morin, Edgar, (s/d), 3ª ed. , pp 162/169.



Fernando Rosas<sup>275</sup> dá-nos conta de como ocorreu a “normalização” com a acção da censura e a “abrangente política do espírito”. Nessa política do Espírito, os conceitos de “ordem” e de “equilíbrio” afirmavam-se, facto que na óptica de Salazar revelava a afirmação e a harmonia da vida portuguesa e marcava o ressurgir da pátria.

À imprensa, dependente dos interesses políticos e ideológicos, competia-lhe propagar a ideologia oficial e “educar” as massas. Funcionando neste contexto, o *Notícias de Évora* tem ao longo dos dez anos estudados uma característica estruturante e recorrente: A par de notícias inclui sempre nas suas páginas um conjunto de artigos a que hoje chamaríamos “agenda cultural” da cidade, onde se inscrevem artigos sobre novidades literárias, crónicas de teatro, cartaz e crítica de cinema, artigos desportivos e notícias de espectáculos tradicionais locais tais como touradas, bailes, festas, feiras, romarias e procissões. O jornal parece assim assumir uma dupla função: por um lado serve a “cultura de elites” de acordo com os princípios do Estado Novo, divulgando a publicação de obras de carácter científico e cultural no domínio da História, da Geografia, da literatura, da física, da agricultura e das grandes realizações do estado como “patrão” da cultura; por outro lado, serve a “cultura de massas” à qual pertence, publicando notícias sobre desporto, cinema, festas, romarias, peregrinações e outras realizações culturais locais.

Sabe-se da importância que a publicidade tinha na vida económica dos jornais “independentes”. Pierre Leon<sup>276</sup>, que valoriza o consumo de massas como uma das “vanguardas” da civilização contemporânea, fornece-nos dados sobre a relação consumo de massas/mass média revelando-nos que em termos gerais, nos anos trinta, a publicidade consome metade da produção da indústria tipográfica, cobre 50 a 75% da superfície da imprensa e invade a rádio. No *Notícias de Évora* quase sempre a publicidade ocupava metade do jornal, com uma característica particularmente interessante: a maioria dessa publicidade pode considerar-se de raiz cultural, nomeadamente a divulgação das principais publicações da época, a nível nacional. São frequentes as referências à Livraria Figueirinhas e suas publicações muitas delas acompanhadas de apresentação crítica<sup>277</sup>. O jornal faz publicidade também a outras livrarias e editoras tal como a Bertrand ou a Clássica editora<sup>278</sup>. São frequentes as referências a livros de carácter historiográfico (de que são exemplos a História do

---

<sup>275</sup> Ver ROSAS, Fernando (1992), pp.243/299.

<sup>276</sup> Ver LEON, Pierre, (1982).

<sup>277</sup> Ver *Notícias de Évora*, 31/1/30

<sup>278</sup> Ver *Notícias de Évora*, respectivamente 9/3/33 e 4/1/1940

Regime Republicano, a História da Literatura portuguesa, Portugal e a Grande Guerra<sup>279</sup>, a Enciclopédia Histórica de Portugal<sup>280</sup> e a Enciclopédia Portuguesa-Brasileira de Cultura<sup>281</sup>), valorizando-se a História e os portugueses ilustres.

### O ensino visto no jornal

Nas páginas do jornal estava muitas vezes expressa a importância dada ao ensino que nos anos trinta e no caso português foi utilizado como um poderoso instrumento de inculcação de valores e até de homogeneização de comportamentos. De facto o ensino e a escola funcionaram como um importante veículo de transmissão de valores. A generalização do ensino e a preocupação do Estado Novo com os filhos das classes trabalhadoras, e de forma geral, com as crianças vivendo nos “perigosos” centros urbanos nascia mais da necessidade de impedir que a herança cultural da República se transmitisse às novas gerações do que uma convicção nas virtudes da escolaridade das massas. Maria Filomena Mónica<sup>282</sup> mostra-nos como os grupos de pressão mais ligados à indústria estavam numa posição em que as vantagens do uso da escola como meio de controlo social lhes surgiam de forma clara e que mesmo entre a burguesia rural normalmente advogada de uma estratégia de analfabetismo já eram detectáveis vozes discordantes que embora de acordo com a tese conservadora tradicional de que a escola não mais fazia do que roubar braços aos campos, propunham que fosse adoptado um currículo especial para as escolas rurais destinado a transmitir uns rudimentos de técnicas agrícolas.

De facto, segundo a mesma autora, um dos primeiros objectivos da escola salazarista, “a sagrada oficina das almas”, era o de “combater as aberrações” que o liberalismo e a república haviam inculcado na mente popular. A escola primária era também “o viveiro de que uma sociedade dispõe para cultivar os valores éticos e profissionais de que precisa e ensaiar o homem que lhe convém”.

O *Notícias de Évora* revela uma preocupação e uma atenção às questões relacionadas com o ensino bastante notórias. O jornal publica desde o início dos anos trinta uma “secção pedagógica” onde aborda os mais diversos assuntos. A perspectiva é sempre a da orientação do ensino pela moral cristã, o discurso é sempre de matriz moralizante, realçando a simplicidade e a humildade, criticando as ambições sociais.

<sup>279</sup> Ver *Notícias de Évora*, 9/9/32

<sup>280</sup> Ver *Notícias de Évora*, 31/12/38 e todo o mês de Janeiro de 39.

<sup>281</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/1/39 e resto do mês.

<sup>282</sup> Ver MÓNICA, M<sup>ª</sup> Filomena, (1978).

O nosso periódico dá também relevo à notícia sobre o IV Congresso Pedagógico<sup>283</sup> com a presença do representante do Ministro da Instrução, como testemunho do interesse e do esforço da cidade nas coisas da cultura e do ensino. O jornal empenha-se também na tentativa de viabilizar a instalação da Escola Normal em Évora.<sup>284</sup> Este interesse por assuntos pedagógicos deriva obviamente do facto do Director do jornal considerar o tema pertinente, do facto do ministro da instrução em 1933, Gustavo Cordeiro Ramos, ter família em Évora e em parte do facto da colaboradora do Jornal responsável por estes assuntos sob o pseudónimo de Nizeth de Ataíde ser a Senhora Dona Luísa Segurado, Directora de um dos colégios particulares de Évora., atenta por isso mesmo às questões do ensino.

São também sempre objecto de noticia as actividades relacionadas com a Escola de Regentes agrícolas<sup>285</sup>. A mesma escola é muitas outras vezes referenciadas e valorizado o ensino agrícola na cidade em defesa dos interesses e do progresso da região, citando-se o nome do seu director: Dr. António Rosa Júnior. Reforçando o papel e interesse da Escola não apenas junto dos seus alunos e dos proprietários rurais, a escola passa a partir de 1935<sup>286</sup> a fornecer ao jornal um gráfico de temperaturas e uma espécie de boletim meteorológico num claro reconhecimento do valor da ligação ciência /vida prática. Referências à escola mantêm-se e são visíveis ainda em 31/1/39.

As outras instituições de ensino da cidade são igualmente objecto de notícia que podem ir da abertura das aulas, aos exames (todos os anos o jornal dá conta destes factos), às festas e comemorações realizadas quer no Liceu André de Gouveia<sup>287</sup> e na Escola Gabriel Pereira muitas vezes relacionadas com o dia de Camões, com a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa. Como homens de cultura e de prestígio local o *Noticias* faz muitas vezes referência ao reitor do liceu – Dr. Bartolomeu Gromicho e também ao Vice-reitor Dr. Pedro Bragança Gil. Na sua defesa do ensino e da instrução, o jornal publica um artigo sobre o ensino na vizinha Espanha, onde por determinação governamental o ensino passava a ser laico, obrigatório e gratuito<sup>288</sup>, enquanto por cá, no mês seguinte o jornal noticia o prémio instituído pelo governo da ditadura militar para a instrução primária.

---

<sup>283</sup> Ver *Noticias de Évora*, 3/5/30.

<sup>284</sup> Ver *Noticias de Évora*, 17/5/30.

<sup>285</sup> Ver *Noticias de Évora*, 16/9/31, 1 e 3/1/33.

<sup>286</sup> Ver *Noticias de Évora*, 1/1/35.

<sup>287</sup> Ver *Noticias de Évora*, 11/6/36.

<sup>288</sup> Ver *Noticias de Évora*, 23/10/31.

No ano de 1933 o interesse do jornal pelos temas do ensino mantém-se, agora já com artigos e notícias mais enquadradas nos quatro fins últimos da política educacional do estado português que eram em primeiro lugar garantir e impor uma instrução mínima a todos, o que obrigava a conceber o ensino primário de forma simples (ao alcance de todos) e a dedicar-lhe uma atenção privilegiada e em segundo lugar escolher os mais capazes, separando-os logo que possível dos “incapazes de ascenderem a graus superiores de cultura”, diversificando os mecanismos de selecção escolar. Esta política educacional pretendia ainda orientar os estudantes no sentido das suas “naturais vocações”, isto é, no sentido da realização dos seus “destinos sociais” e fixar de antemão as necessidades do estado e da colectividade em matéria de diplomados, criando restrições à frequência de certos graus e modalidades de ensino.

Fernando Rosas<sup>289</sup> diz-nos que “o ensino primário procura vivificar o lugar que cada um ocupa na ordem social. O projecto comporta uma dimensão integradora, que fomenta a coesão moral, no quadro de um respeito pelas hierarquias vigentes.” De facto, o nosso jornal apresenta em um artigo de 1ª página sobre as preocupações com o ensino, com as “naturais vocações e com os destinos sociais”, abordando a problemática das escolas industriais e da sua frequência<sup>290</sup>.

As notícias sobre as escolas primárias do distrito abundam, testemunhando a solidariedade com a preocupação do Estado Novo com a instrução mínima e os artigos e campanhas contra o analfabetismo também. Araújo Correia num artigo quase panfletário visava acabar com o analfabetismo<sup>291</sup>. Já dentro do espírito do programa do Estado de transmissão de valores o jornal começa a publicitar os cadernos corporativos, novas conferências pedagógicas<sup>292</sup> e traça a diferenciação das diversas educações através do artigo “a educação das meninas” publicado em 1936<sup>293</sup>.

No ano de 1937 publicam-se vários artigos sobre educação<sup>294</sup> e a reforma de Carneiro Pacheco e no ano seguinte o jornal noticia a determinação da existência do livro único como base material ideológica. De facto, partindo do mesmo livro, a “leitura” era fortemente condicionada pela posição social dos alunos pois os valores eram aí apresentados em bipolaridade, o que permitia às crianças identificarem-se

---

<sup>289</sup> Ver Rosas Fernando, (1992), pp. 128.

<sup>290</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/7/33.

<sup>291</sup> Ver *Notícias de Évora*, 8/2/35.

<sup>292</sup> Ver *Notícias de Évora*, 15, 16, 17/5/36.

<sup>293</sup> Ver *Notícias de Évora*, 26/8/36.

<sup>294</sup> Ver *Notícias de Évora*, 9/9/37, 15/7/37 sobre o funcionamento de uma Escola de corte e costura, 21/11/37 sobre Bolsas de estudo concedidas a elementos da Mocidade Portuguesa.

espontaneamente com um dos pólos. A história da criança rica que dá um brinquedo a uma criança pobre como presente de Natal constitui um exemplo perfeito em que os valores propostos não se limitam à caridade, incluem também a gratidão. Os futuros dirigentes eram doutrinados para serem caritativos e bondosos enquanto os futuros governados aprendiam a “aceitar sem relutância” e com reconhecimento.

No *Notícias de Évora* em termos de ensino encontramos subjacentes os valores que se identificam com os princípios fundamentais do Estado Novo: Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho. Esta declaração de princípios constitui um excelente meio de organizar a análise do conteúdo escolar, mesmo que não se respeite rigorosamente a sua ordem de exposição. Começava-se por Deus, autoridade, família e trabalho, deixando a Pátria e a sua História para mais tarde. No *Notícias* publicita-se igualmente o livro de História de Portugal de António Matoso,<sup>295</sup> dando-nos conta mais uma vez de que a escola e o ensino em Portugal nos anos trinta tinha uma função essencial de reprodução dos valores da ideologia dominante.

### A agenda cultural

Apesar da censura que o próprio jornal noticia<sup>296</sup>, é extraordinariamente importante o seu papel de divulgador de uma agenda cultural notável.

No campo da arte e do ponto de vista de uma “cultura de elites” o jornal dá relevo a notícias que vão desde a inauguração de quatro salas do Museu Regional de Évora ao 1º salão de Arte Alentejana<sup>297</sup>. São também noticiadas imensas exposições de pintura e de livros<sup>298</sup>. No que diz respeito à arte, sobretudo após 1933 o jornal fornece notícias que

---

<sup>295</sup> Este livro ia ao encontro do estipulado no decreto nº 21.102 de 15 de Abril de 1932 que padronizava o ensino da História. «Todo o feito que significa esforço da Nação, desde o início da História Pátria até ao presente, deve ser exaltado como bom e digno» – afirmava o artigo 2.2. E depois: «Deve ser objecto de justificação e glorificação tudo quanto se tem feito através dos oito séculos de História de Portugal, no sentido de fortalecer os seguintes factores fundamentais da vida social: a Família, como célula social; a Fé, como estímulo da expansão portuguesa por mares e continentes e elemento de unidade e solidariedade nacional; o Princípio de Autoridade, como elemento indispensável do progresso geral; a Firmeza do Governo, espinha dorsal da vida política do país; o Respeito da hierarquia, condição básica da cooperação dos valores; a Cultura literária e científica» (artigo 3.). E, abrindo as portas à repressão cultural, fechava-se o circuito: «Tudo quanto, pelo contrário, tem sido elemento de dissolução nacional, de enfraquecimento da confiança no futuro, falta de gratidão para com os esforços dos antepassados deve ser objecto de censura» (artigo 4).

<sup>296</sup> Ver *Notícias de Évora*, 5/5/33 sobre a formação da delegação do serviço de censura com referência a

Álvaro Salvação Barreto Director Geral dos serviços de censura à imprensa.

<sup>297</sup> Ver *Notícias de Évora*, 30/3/1933

<sup>298</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/1/30, 10/6/33, 30/1/35 (exposição de pintura), 16/8/36 (salão de pintura alentejana).

se inscrevem no ideário do Estado Novo. Assim noticia a inauguração de um monumento aos mortos da Grande Guerra<sup>299</sup> e para o fim da década cresceram as notícias sobre exposições sobre as colónias<sup>300</sup>. Nos anos de 1939 e 1940 são as exposições sobre as comemorações dos centenários e a Exposição do Mundo Português que preenchem as notícias sobre arte no *Notícias de Évora* bem como artigos que abordam através das realizações dos centenários o prestígio de Portugal no mundo<sup>301</sup>. No campo da arquitectura o jornal vai publicando também notícias sobre construções típicas do Estado Novo, nomeadamente a construção do bairro operário em Vila Viçosa no ano de 1935, a construção de pousadas e a fundação do Museu Etnográfico de Évora pela Comissão Das Comemorações Dos Centenários.

No que diz respeito às publicações de livros, o jornal parece estar sempre atento e faz imensas referências a livros de toda a natureza com destaque para a poesia, para a História pátria e para os que dizem respeito a Évora e ao Alentejo. É igualmente pródigo em homenagens a escritores e poetas. Veja-se o caso da homenagem a Leite de Vasconcelos que publicou um livro em que refere o *Notícias de Évora*<sup>302</sup>, o da poetisa Maria Brandão, o de Florbela Espanca e ao professor Artur Caeiro<sup>303</sup>. A poesia é recorrente no jornal. São publicados muitos poemas muitas vezes em primeira página e para além das homenagens o jornal vai apresentando artigos a que chama “Tribuna literária” no ano de 1931 ou “Impressões de leitura” (a partir de 1936), ou ainda “Novidades literárias” no ano de 1938 onde se faz crítica literária sobre novos livros publicados. A língua portuguesa é vitorizada<sup>304</sup> e realizadas muitas conferências sobre a Semana das Colónias.

Por outro lado a preocupação com a leitura é evidenciada nas páginas do jornal não apenas pelo facto de registar o movimento de leitores e volume de livros requisitados na Biblioteca Municipal e no Arquivo distrital<sup>305</sup> mas pela atenção que dispensa à criação de um Gabinete de leitura no Lusitano Ginásio clube<sup>306</sup> ou à Biblioteca da Delegação Distrital da Legião Portuguesa<sup>307</sup>, na dupla função de desenvolvimento do espírito de

<sup>299</sup> Ver *Notícias de Évora*, 14/6/1933.

<sup>300</sup> Ver como exemplo o *Notícias de Évora*, 24/11/1937.

<sup>301</sup> São bons exemplos os *Notícias de Évora*, 12/1/39, 15/1/39, 7/9/39, 30/12/39, 7/1/40, 13/1/40 e 28/1/40.

<sup>302</sup> Ver *Notícias de Évora*, 5/4/1930.

<sup>303</sup> Ver *Notícias de Évora*, respectivamente 29/4/1930, 7/3/1931 e 10/6/1933.

<sup>304</sup> Ver *Notícias de Évora*, 12/4/36.

<sup>305</sup> Ver *Notícias de Évora*, Março de 1936 onde o jornal publica para além dos números referentes aos leitores, uma circular sobre a organização dos arquivos históricos distritais (31/3/36) e também a acção do Grémio Nacional de Imprensa Diária, (28/3/36).

<sup>306</sup> Ver *Notícias de Évora*, 24/7/36.

<sup>307</sup> Ver *Notícias de Évora*, 30/2/38.

leitura e de servir os interesses e a propaganda do Estado Novo através da divulgação de uma biblioteca onde os livros seriam certamente “escolhidos”. Este afã pela leitura está particularmente expresso no artigo “Alentejo ignorado” que sendo escrito com base numa notícia do Século, faz a afirmação de que com excepção do Porto e de Lisboa o Alentejo é a região do país onde mais se lê<sup>308</sup>.

A importância dada às bibliotecas e arquivos, nos inícios dos anos trinta está impregnada na própria vida cultural da cidade pois o nosso periódico publicita a realização de vários cursos nesta área, nomeadamente o curso para o ensino de paleografia, diplomática, bibliologia e biblioteconomia, patrocinados pela Biblioteca Pública e Arquivo de Évora<sup>309</sup>. Este interesse parece manter-se ao longo da década em estudo pois em 1940 o jornal noticia e faz a divulgação da existência de leituras nocturnas na Biblioteca Pública de Évora. A própria publicação de um folhetim quase diariamente, reforça por um lado o incentivo à leitura e ajuda a fidelizar alguns leitores que não querem perder o desenvolvimento da história que funciona como uma espécie de “telenovela” da época. Em 1930 o folhetim publicado intitulava-se o “Escravo Branco”; em 1931 alternaram “A Legião do Luar” com “Terra de Promissão” ambos de Edmundo Belfonte; em 1932 continuou o folhetim “Terras de Promissão” e em 1933 iniciou-se a publicação de “Os Milhões de Monteledo” do mesmo autor, publicação que se manteve com algumas interrupções até 1936. Em dois de Fevereiro de 1937 o jornal publicava “Herança cobiçada” de Xavier de Monte Pina a qual se mantém em 1938. Em 1939, de G. Genouillac, o jornal publica o folhetim “A Acusação da Morta” e em 1940 surgem “A Dama alentejana” e o “Último processo” que são publicados alternadamente.

Em 1935 o jornal publica uma notícia sobre um leilão de livros<sup>310</sup> e é neste ano que o jornal começa a apresentar pensamentos e frases que se assemelham às consignas espanholas e que funcionam como nítida propaganda ao Estado Novo<sup>311</sup>. Nos dias em que o jornal comemora o seu aniversário (8de Setembro) o *Notícias de Évora* vai sempre valorizando a imprensa e no seu número de 8 de Julho de 1932, com edição especial de 20 páginas, o *Notícias* considera a imprensa “o baluarte das mais justas reivindicações dos povos civilizados”.

---

<sup>308</sup> Ver *Notícias de Évora*, 15/7/36.

<sup>309</sup> Ver *Notícias de Évora*, 25/9/31.

<sup>310</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/2/1935.

<sup>311</sup> Ver *Notícias de Évora*, 10/9/35, 18/9/37.

Do ponto de vista da cultura de massas o jornal cumpre bem o seu papel, promove a própria imprensa e publica frequentemente uma lista de jornais, revistas e publicações. Como não quer nem pode perder o seu cunho vincadamente regionalista, sob pena de perder o seu público, e numa operação de sã concorrência, frequentemente referencia outros jornais regionalistas, como se houvesse entre a imprensa regional uma solidariedade efectiva. Neste contexto noticia o início dos Brados do Alentejo de Estremoz, a revista Alentejo Ilustrado, a Revista Trastagana e divulga o trabalho Álbum Alentejano do Jornalista Pedro Muralha de Portalegre<sup>312</sup>. Também nos dá conta da abertura de uma delegação do *Diário de Notícias*, em Évora, facto bem importante para o *Notícias de Évora* que publicava muitas notícias a partir de dados fornecidos por aquele jornal<sup>313</sup>. Publica imensas pequenas notícias sobre a imprensa da região mas com os jornais da própria cidade surgem por vezes “pequenos diferendos”, às vezes ilustrativos da linha editorial do jornal e da sua adesão à ditadura militar e ao Estado Novo. Um dos casos mais carismáticos que me foi dado observar foi a questão com o jornal suspenso “O Manuelino”, dirigido por António Cordovil a propósito dos incidentes ocorridos em Évora em Dezembro de 1931. Aliás este espírito de artigo e contra-artigo mantém-se no jornal e repete-se várias vezes<sup>314</sup>. No ano de 1939 faz referência a uma série de revistas, com destaque para a *Revista Trastagana* chefiada por Oliveira Xarrua, seu colaborador e no ano seguinte dá notoriedade à *Revista do Ocidente*, *Revista Municipal de Lisboa*, *Revista Pirilau* e *Almanaque Alentejano*.

No âmbito do seu cunho regionalista o *Notícias de Évora* abre as suas páginas à Comissão de Iniciativas de Évora e à sua acção<sup>315</sup>, à Liga Portuguesa de Profilaxia Social<sup>316</sup> e também ao grupo Pró-Évora<sup>317</sup> que se situam no tempo em função do impacto da sua actividade na cidade. Como jornal que se assume regionalista não foge a um certo “bairrismo” que podemos encontrar em vários artigos defensores dos alentejanistas<sup>318</sup> ou na publicação exhaustiva de notícias sobre a preparação e realização do Congresso Alentejano<sup>319</sup>. Aliás, “Dar a conhecer o Alentejo” é uma espécie de

<sup>312</sup> Ver *Notícias de Évora*, respectivamente 4/2/31, 15/9/31, 5/1/35, 1/4/33.

<sup>313</sup> Ver por exemplo o *Notícias de Évora* de 27/2/1931, sendo a questão recorrente ao longo dos dez anos em estudo.

<sup>314</sup> Ver por exemplo o *Notícias de Évora*, 16/7/33 e seguintes “despique” entre Nizeth de Ataíde e um aluno da Escola Gabriel Pereira sobre o valor do ensino industrial, ou o de 12/4/30 sobre o problema das águas entre Mota Capitão e Castro Cabrita.

<sup>315</sup> Ver *Notícias de Évora* de 14/5/30, 16/10/31, 9/9/32.

<sup>316</sup> Ver *Notícias de Évora* de 17/5/30, 5/2/31, 20/6/33.

<sup>317</sup> Ver *Notícias de Évora* de 3/1/33 e 11/6/33.

<sup>318</sup> Ver *Notícias de Évora*, 5/12/1931 e 11/9/1932.

<sup>319</sup> Ver *Notícias de Évora* de 1/1/33, 8/1/33, 11/3/33, 14/3/33, 25/3/33 e 5/4/33.



crónica onde o jornal defende que fazê-lo é uma espécie de missão patriótica em que o *Notícias de Évora* está verdadeiramente empenhado. De facto, a este nível o jornal publica inúmeros artigos sobre património local, desde o “Templo de Diana” ao escudo da cidade.

O jornal evidencia também alguma preocupação com o divulgar das belezas da região e do desenvolvimento do Turismo, preocupação que aparece referida desde 1931 até 1940, com referência à acção do Grupo prós Évora na formação de cicerones.<sup>320</sup> Outro dado cultural interessante é que o jornal publica em primeira página artigos sobre Évora, a sua história e o seu património assinados por diversos escritores que sobre a cidade escreveram ao longo do tempo, desde Manuel Severim de Faria a Fialho de Almeida, a Ramalho Ortigão e Gabriel Pereira. A par destes “regionalismos” culturais, próprios de uma região à procura de afirmação e desenvolvimento, o jornal, sobretudo após 1933 não esquece o panorama nacional e vai publicitando as grandes realizações nacionais e as grandes da Pátria, perfeitamente integrado no espírito da Política do Espírito. Multiplicam-se assim os artigos “históricos” que vão desde temas longínquos como os árabes, às realizações do Estado Novo, publicando-se muitos artigos sobre as Noções da História de Portugal, perfeitamente enquadradas no decreto 21102 de 15 de Abril de 1932 que padronizava o ensino da História e que sinteticamente obedecia à máxima “todo o feito que significa esforço da Nação, desde o início da História Pátria até ao presente, deve ser exaltado como bom e digno”.

Em Évora, como um pouco por toda a parte, alguns intelectuais parecem render-se à força dos mass-média e colaboram na imprensa diária. Alguns vultos da nossa cultura nacional e local são colaboradores do *Notícias de Évora*. Entre eles podemos destacar Ramiro da Fonseca que escrevia sob o pseudónimo de Dinis de Castro, Elvira Borsati, António Bivar de Sousa, Pedro José Guia Real que escrevia sob o pseudónimo de Edmundo Belfonte, Pedro Homem de Mello que foi premiado pelo Secretariado da Propaganda Nacional e cujo prémio literário foi noticiado pelo jornal<sup>321</sup>, Alberto Pimenta, Sérgio Augusto Vieira, José Cordovil e tantos outros<sup>322</sup>. Todos estes nomes publicaram no “*Notícias*” ou poesia ou crónicas e artigos de interesse cultural relevante para a época.

---

<sup>320</sup> Ver *Notícias de Évora*, 8/5/39.

<sup>321</sup> Ver *Notícias de Évora*, 16/1/1940.

<sup>322</sup> A lista de colaboradores ao longo destes dez anos é vastíssima. Será apresentada em anexos.

O jornal possui aliás um vasto público que a ele adere, o lê, o assina e o respeita. Dentro do contexto de “agenda cultural” da cidade e da região o jornal edita uma coluna de crítica teatral, perpassando nela a vida do Teatro Garcia de Resende com as diversas peças, espectáculos e artistas que nele representam com destaque para Vasco Santana e para as peças de Gil Vicente e “As pupilas do Sr. Reitor”. A actividade cultural do teatro é de facto importante e o jornal dá-nos conta disso mesmo, publicando uma notícia sobre a deslocação do grupo de teatro Eborense a Lisboa para representar em 3 de Maio de 1939, facto que dá prestígio à cidade. O jornal chega mesmo já no ano de 1940 a publicitar um concurso de teatro patrocinado pelo SPN. Noticia também parte da actividade do Teatro Bernardim Ribeiro de Estremoz. Possui igualmente uma crítica cinematográfica onde a par da referência às grandes vedetas internacionais como por exemplo Greta Garbo<sup>323</sup>, se critica o cinema americano<sup>324</sup> e se começa a publicitar o cinema português produzido com o aval e o apoio do SPN como, por exemplo, o filme *A Rosa do Adro*<sup>325</sup>.

Actividade musical da cidade também merece referência nas páginas do jornal. Assim, o ano de 1935 foi especialmente profícuo para a música na cidade. Publicita-se a Escola de música, o projecto Musica no jardim e a presença da Tuna Académica de Coimbra na cidade<sup>326</sup>. Todas as notícias, da ópera, às filarmónicas e ao folclore surgem nas páginas do *Noticias*.

Teatro, cinema, musica e obviamente, para completar a agenda cultural, o desporto surgiam neste periódico de uma forma recorrente. O artigo mais frequente na área do desporto chamava-se “vida desportiva” e apresentava sobretudo os resultados futebolísticos dos clubes da região e sobretudo do Lusitano de Évora, embora outras notícias de desporto preenchessem também essa rubrica<sup>327</sup>. No âmbito de uma cultura popular mas de uma cultura “orientada e consentida” pelo estado, o jornal publicita, como já referimos, as festas, as touradas (da região e de Badajoz), as feiras, as romarias, os bailes, os cursos de dança, em síntese as festas populares. O Carnaval que era sempre objecto de notícia no jornal, a partir de 1939 surge sempre com o respectivo regulamento e em 1940, para além do Carnaval eborense noticia-se também o de Estremoz com a sua Batalha de flores.

<sup>323</sup> Ver *Noticias de Évora*, 9/10/1931.

<sup>324</sup> Ver *Noticias de Évora*, 8/8/36.

<sup>325</sup> Ver *Noticias de Évora*, 3/1/1939.

<sup>326</sup> Ver *Noticias de Évora*, 24/1/35, 27/1/35 e 7/2/35, respectivamente.

<sup>327</sup> Ver *Noticias de Évora*, de 11/7/36 onde se noticia a futura presença de Portugal nos Jogos Olímpicos de Berlim, noticia que se repete em muitos números e que acompanha o jornal até 24/11/37.

De acordo com as coisas “simples e boas” os jogos de azar foram proibidos e noticiada a sua proibição no *Noticias*<sup>328</sup>.

As relações do Jornal com o SPN não foram sempre iguais. O artigo intitulado “Fantochadas”<sup>329</sup> faz uma crítica serrada a António Ferro e Fernanda de Castro, crítica que se repete no dia 5 de Abril de 1933 e que contesta a defesa do fado como canção e símbolo de Portugal. Esta crítica à “canção nacional” surge noutra artigo chamado “fadonaria”<sup>330</sup> e as referências ao SPN só mudam de tom já em plena actuação do Secretariado, em 18/1/35. O tom torna-se então nitidamente favorável com referência ao Livro de António Ferro<sup>331</sup>. São então propagandeadas as iniciativas do SPN, nomeadamente o Concurso da aldeia mais portuguesa de Portugal, as comemorações dos centenários e as Exposições e Cortejo do Mundo Português. Simultaneamente, o jornal faz publicar pequenas notícias sobre serões artísticos, sobre Jogos florais e outros concursos realizados com o patrocínio do SPN. A partir de 1935 crescem as referências à TSF e o jornal elogia Octávio Rodrigues de Campos que faz o programa radiofónico “Emissões pelo império” e que é colaborador no *Noticias de Évora*<sup>332</sup>.

### **Tradição ou inovação**

Poder-se-á falar de inovação ou de tradição no *Noticias de Évora*? A resposta a este problema não é linear.

É inegável que a cultura portuguesa dos anos trinta se inspirou em modelos populares e ruralistas, entendidos como verdadeiros arquétipos da genuína alma nacional. Explorando a mundividência pré-industrial, a propaganda apelou aos valores culturais submersos que se ajustavam à utopia salazarista e que exibiam a rusticidade, o conservadorismo, o tradicionalismo. Assume-se então a defesa da “não-mudança” e António Ferro faz dela um problema das elites e de doutrinação dos cidadãos, defendendo que se devia trabalhar pelo renascimento da arte e cultura portuguesa popular, mais apaixonante, na sua opinião, que as abstracções geométricas ou as realizações vanguardistas destituídas de sentido, ele que tinha sido um vanguardista. Ao serviço da persuasão salazarista, as representações do popular suportadas pelo SPN, pela FNAT e Juntas Nacionais das Casas do Povo eram variadíssimas: marchas

<sup>328</sup> Ver *Noticias de Évora*, 26/1/1935.

<sup>329</sup> Ver *Noticias de Évora*, 1/4/33.

<sup>330</sup> Ver *Noticias de Évora*, 13/7/33.

<sup>331</sup> Ver *Noticias de Évora*, 23/1/1935.

<sup>332</sup> Ver *Noticias de Évora*, 25/1/38.

populares, concurso da aldeia mais portuguesa de Portugal, concurso de montras, ranchos folclóricos, etc. Na inauguração do Museu de Arte Popular, António Ferro disse que ele era o resultado do esforço onde se dava a fusão da “nossa arte moderna” com o espírito do nosso povo, “ o espírito eterno da Nação”.

É por isso que a resposta à questão formulada nos permite dizer que a inovação no *Notícias de Évora* existiu...mas uma inovação “enquadrada”, uma inovação “activista” da ideologia do Estado Novo. Esta inovação, consentida pela censura, traduzia-se no facto de noticiar e estar sempre disponível para publicitar o que de novo os artistas e os cientistas faziam, sempre com a garantia intelectual certificada pelo estado. Era sem dúvida uma inovação que respeitava as tradições mas não as da república. As tradições respeitadas eram as que, instrumentalizadas pelo Estado Novo, serviam para colocar o cidadão na esfera de um estado-nação com um chefe que sabia muito bem o que queria e para onde ia.

#### **A ciência e o progresso encenado**

Apesar deste tipo de inovação dominante, o jornal parecia estar atento às questões de natureza científica e à sua divulgação. Para além de um boletim agrícola mensal e do boletim meteorológico, são várias as inovações técnicas e científicas que chamam a atenção do periódico o qual lhes dedica algumas linhas. Ao longo do ano de 1931, o jornal debruça-se sobre o impacto do caminho-de-ferro, os melhoramentos citadinos e é noticiada a construção de um avião sem asas na Rússia<sup>333</sup>. Aliás as notícias sobre aviação constituem objecto de interesse renovado para o jornal que em Janeiro de 1935, publica artigos sobre a hipótese da construção de um aeródromo na cidade. O jornal é também um defensor da natureza e da ecologia<sup>334</sup>, no contexto dos princípios ruralistas do estado. Ainda do ponto de vista de uma cultura técnico – científica, o jornal dá conta aos seus leitores das inovações ocorridas ao nível da fotografia na Siemens<sup>335</sup> e o próprio jornal passa a recorrer á fotografia sobretudo a partir de 1936, numa atitude de abertura ás inovações que lhe trouxessem mais qualidade e mais público.

As notícias sobre a Sociedade de Geografia sempre muito relacionadas com os territórios coloniais eram também abundantes no *Notícias*. Por outro lado o jornal também referia alguns nomes de cientistas mundiais com destaque para o de Einstein,

---

<sup>333</sup> Ver *Notícias de Évora*, 27/10/31.

<sup>334</sup> Ver *Notícias de Évora*, 6/1/33.

<sup>335</sup> Ver *Notícias de Évora*, 8/9/35.

relacionando-o com a Alemanha nazi<sup>336</sup>. São também noticiadas descobertas arqueológicas que dão origem a vários artigos<sup>337</sup>. Em 1939 o jornal publica alguns artigos em que defende a luta pela ciência<sup>338</sup> e curiosamente apesar da Rússia representar o país de todos os males, em Dezembro deste mesmo ano o jornal publica uma notícia sobre um atendedor de chamadas inventado pelos russos.

Por outro lado, o jornal dá aos seus leitores a imagem da projecção de Portugal no mundo, sempre do ponto de vista das realizações grandiosas ou da capacidade do povo português. Esta preocupação com a imagem de Portugal surge e desenvolve-se sobretudo a partir de 1933 com a notícia sobre a delegação portuguesa à Conferência sobre economia mundial, realizada em Londres<sup>339</sup>. Aliás o jornal faz sempre referência às feiras e exposições internacionais. São bons exemplos a Feira de Paris de 13 a 29 de Maio de 1933 que o jornal referencia<sup>340</sup> ou a excursão à Exposição Mundial de Paris que é publicitada pelo jornal todo o ano de 1937, até Setembro. Também esta preocupação se integra na acção do estado que criou o SPN fundamentalmente para a propaganda. António Ferro que aceitou ser o instrumento de Salazar para a propaganda depois das entrevistas que fez a Salazar e que o *Diário de Notícias* publicou de 18 a 24 de Dezembro de 1932, assumiu-se como o homem certo no lugar certo ajudando a formar a opinião pública e lançando a Revolução Nacional num caminho que conseguiu recolher o apoio de muitos intelectuais. Ferro teve de facto uma particular importância na inflexão que imprimiu ao Estado Novo no domínio das artes e da imagem de Portugal nos meios conservadores internacionais. A sua Política do Espírito toma a partir de 1935 a forma de uma espécie de cruzada nacionalista em que se combate tudo o que “suja” o espírito, tudo o que é feio, grosseiro e bestial<sup>341</sup>.

Depois das críticas iniciais ao SPN, o *Notícias de Évora* noticia em 1935 a primeira cerimónia de atribuição dos prémios literários instituídos pelo Secretariado, tal como dá conta do recheio do Pavilhão Português na Exposição Internacional de Paris, com obras de Bernardo Marques, Carlos Botelho e Tomas de Mello<sup>342</sup>, Pavilhão que não envergonha, antes pelo contrário glorifica Portugal. O jornal dá também conta da visita de inúmeros intelectuais estrangeiros convidados pelo SPN e pelo Instituto de Alta

<sup>336</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/4/33.

<sup>337</sup> Ver *Notícias de Évora*, 1/1/39, 4/1/40 e dias seguintes.

<sup>338</sup> Ver *Notícias de Évora*, 3/5/39.

<sup>339</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/3/33.

<sup>340</sup> Ver *Notícias de Évora*, 19/3/1933.

<sup>341</sup> Ver, BAPTISTA, Jacinto; MEDINA, João (dir.) (1998), vol XIII, pp. 63/113.

<sup>342</sup> Ver *Notícias de Évora*, 23/1/37.

Cultura<sup>343</sup>, mais uma vez prestigiando Portugal, numa encenação que ultrapassava o público nacional. Também em 1939 o nome de Portugal foi levado ao estrangeiro através da sua participação nas exposições internacionais de Nova Iorque e S. Francisco e intramuros na Exposição do Mundo Português em 1940.

Todo este posicionamento do jornal face à cultura integra-se no quadro de uma encenação que não se cinge apenas à política e a transcende, invadindo todos os domínios da vida portuguesa. Encenação nos actos oficiais que são estudados e preparados e muitas vezes com extraordinária pompa, encenação nos discursos de Salazar, nas suas visitas que o jornal publica até à exaustão e encenação nas grandes realizações portuguesas, todas elas servindo o ideário do Estado Novo. Esta encenação pôde aliás contar com “criadores de valor tão superlativo”<sup>344</sup> como Almada Negreiros, Duarte Pacheco, Cassiano Branco, Cottinelli Telmo (arquitecto-chefe da Exposição do Mundo Português), Keil Amaral, Eduardo Viana, Abel Manta, Barata Feio, Carlos Botelho, Pardal Monteiro e Francisco Franco entre outros. Assim se encenava um regime e um estado que após ter ganho a batalha da propaganda internamente, necessitava de reconhecimento internacional e para a encenação ser completa havia que buscar um público internacional disposto a promover Portugal e o seu chefe. É neste contexto que Ferro convida as pessoas chave a visitar o nosso país, ocupando-se delas e mostrando-lhes o que Portugal tinha de melhor, transformando-os normalmente em amigos de Portugal. Para usar uma expressão de Raul Proença, “a festança e a papança” para propagandistas estrangeiros do salazarismo fez vir como convidados a Portugal muitos intelectuais célebres como Austen Chamberlain, Paul Valéry, Mauriac, Unamuno (dos poucos que no regresso a Espanha escreveu uma série de artigos impiedosos sobre o nosso “fascismo de cátedra”), T.S.Elliot, entre outros.

A encenação é constante, presente em toda a parte, corporizada até em frases de Salazar inscritas no espaço público seja ele escolas, livros, jornais ou até quadros de pintura. Boa parte da nossa imprensa regional seguiu um caminho também ele de encenação, onde se delineava um país mais inventado, construído e virtual do que verdadeiro. O *Notícias de Évora* parece às vezes reflectir um pouco dessa encenação e uma certa ausência de espessura e reflexividade. Mas apenas aparentemente. Na análise de algumas notícias encontramos o sentido da pluralidade do real e as características de um certo sentir português: saudade e desassossego.

---

<sup>343</sup> Ver *Notícias de Évora*, 7/12/37.

<sup>344</sup> Ver BAPTISTA, Jacinto; MEDINA, João (dir.) (1998), vol XIII, pp. 63/113.

### 3º Capítulo: *Hoy* e a Nova Ordem em Espanha

Já se verificou que o nascimento do jornal *Hoy* se fez no seio da Editorial Católica e surgiu com objectivos muito precisos de servir a moral católica, apresentando-se também fortemente politizado e conservador. Nascido em 1933, atravessou a difícil época da guerra civil e colocou-se claramente ao serviço dos nacionalistas. Nos difíceis anos trinta, na Espanha de todas as surpresas, tal como em Portugal, ocorreu uma evolução que a conduziu à ditadura e que a levaria através da guerra, da propaganda e da censura ao restaurar de uma “nova ordem” que é em boa medida uma “derivação sobre a “velha ordem da Espanha negra” de que nos fala Pierre Vilar.<sup>345</sup>

Nos anos anteriores ao deflagrar do conflito, o jornal estabelecia nos seus artigos e na sua linha editorial os princípios da ordem que queria ver a vigorar em Espanha: temor e amor a Deus, respeito pela igreja e pelas tradições, luta contra o caos e a anarquia. O jornal quis sempre o ressurgir de uma Espanha “grande, libré, justa e genuína”<sup>346</sup> mesmo no período de tempo em que se iniciou o biénio conservador de 1933/35 e após a vitória da Frente Popular nas eleições de 1936. A crispação da vida pública em Espanha revelava a existência de duas concepções de vida irreconciliáveis e o periódico *Hoy*, apesar da censura difundia sempre que podia a necessidade de um movimento nacional por uma Espanha “grande, poderosa y respectada”<sup>347</sup>.

#### Tradição e anti-socialismo

No seu primeiro ano de existência, o jornal *Hoy* apresenta sempre um artigo intitulado “Se comenta en Madrid” onde dá conta aos seus leitores dos acontecimentos noticiados na capital com destaque para sublevações e revoltas de rua<sup>348</sup> e também com destaque para os “desentendimentos” ou medidas mais controversas dos governos. Aliás sob o estandarte do amor à pátria e à sua missão de informar apresenta em 17 de Dezembro de 1933 o novo governo de Lerroux, com a indicação de todos os seus ministros e fã-lo sempre em relação aos governos seguintes. Depois de ter noticiado o estalar de um movimento anarco-sindicalista em Madrid e as ameaças de greve geral<sup>349</sup>

---

<sup>345</sup> Ver VILAR Pierre, (s/d).

<sup>346</sup> Ver *Hoy*, Março de 1933.

<sup>347</sup> Ver *Hoy*, Abril de 1933.

<sup>348</sup> Ver *Hoy*, 1/11/33, 17/12/33, 18/12/33.

<sup>349</sup> Ver *Hoy*, 9/12/33.

o periódico noticia também o fracasso do movimento de Villa Nueva de la Serenna, notícias que são sempre dadas com um cunho vincadamente anti-socialista, bem delineado no humor que o jornal faz primeiro sobre os votos socialistas e depois, ao longo dos anos em estudo sobre a acção dos “rojos”. Estas notícias têm a particularidade de mostrar o caos e a necessidade de defender e voltar à ordem e à tradição. Essa mesma necessidade é afirmada durante todo o ano e aplicada à região onde o jornal afirma a necessidade de acabar com a anarquia rural em Badajoz, na defesa dos interesses dos agrários dos proprietários da região<sup>350</sup>.

Em 1934 o jornal mantém a sua linha editorial em que, posicionando-se na defesa do nacionalismo, das santas tradições de Espanha e dum modelo de estado “enérgico e capaz de controlar o caos, publica uma coluna chamada “Comentários de prensa” onde faz uma ronda pela imprensa Madrilena, sobretudo pelo ABC, pelo El Debate e pelo El Socialista à procura de reforço das suas posições.

Após o declarar do estado de guerra e sobretudo após o caso de Badajoz o jornal pede a “colaboración activa de todas las personas patrióticas, amantes del orden y de la paz (...) na cruzada contra la barbárie”<sup>351</sup>. A partir daqui, o nacionalismo, como elemento da Nova Ordem emergente, toma o jornal que vai revelando uma certa propensão forçada mas consentida para o enquadramento das massas atrás de um chefe: Francisco Franco. Se no início do ano o periódico faz apelo ao voto nas eleições de 16 de Fevereiro de 1936<sup>352</sup> com as frases: “Votai por España” e “Se eres castellano debes votar” é porque não espera a surpresa que as eleições hão-de provocar com a vitória da Frente Popular, vitória que o jornal teve de noticiar<sup>353</sup> quando já é de novo visado pela censura. Além disso no segundo semestre de 1936 este “amor” pela Pátria nacionalista é atestado nas páginas do *Hoy* por uma página que se repete sempre: “Una Pátria: España. Un Caudillo: Franco”. Esta frase vai manter-se em 1937, então sempre antecedida por outra: “Una Pátria, un Estado, Un Caudillo” e em primeira página sempre o “Viva España! Viva el Ejército! Arriba España!” ao passo que mais para o final do ano começou a surgir “Inspira-te na Nueva España!”<sup>354</sup>

---

<sup>350</sup> Ver *Hoy*, 2/12/33.

<sup>351</sup> Ver *Hoy*, 10/11/36.

<sup>352</sup> Ver *Hoy*, 13/1/36.

<sup>353</sup> Ver *Hoy*, 19/1/36.

<sup>354</sup> Ver *Hoy*, 4/1/37.



## A Nova Espanha nacionalista

Que Nova Espanha é esta? É sem dúvida uma Espanha dilacerada onde começa a imperar uma nova ordem.

José Maria Péman que terá futuramente papel importante no periódico, escreveu no ABC<sup>355</sup> “la guerra civil iba para algo de más estatura: para cruzada de la civilización, para empreza mundial de la fe y del espíritu” defendendo a causa nacionalista como uma cruzada e o jornal *Hoy* na sua ronda pela imprensa da capital escolhe precisamente estas declarações para republicar e difundir a ideia entre o seu público, fazendo-o com um dia de atraso.

Esta nova ordem que brota em Espanha e que demora alguns anos a edificar assenta em princípios muito semelhantes aos da Nova Ordem Portuguesa: Deus e a religião, Pátria-ordem e autoridade, “el honrado pueblo español e el trabajo”. Estes são os princípios em torno dos quais o nacionalismo franquista espanhol se subleva num movimento de defesa da pátria e da religião que a República tão mal tinha tratado. Esta nova ordem espanhola, mesmo antes de estar bem definida e clarificada é de início totalmente apoiada pela igreja que se pronuncia a favor da ordem e contra a anarquia, a favor da implantação de um governo hierárquico contra o “dissolvente” comunismo que incendiava, assassinava e perseguia a igreja. O jornal publica entretanto frases que tentam intimar a população da região de Badajoz a não ficar indiferente ou inimiga da “nova ordem” instituída na cidade. Algumas dessas frases soam como avisos: “ Não escuteis as rádios vermelhas! Não ledes periódicos inimigos! Escutai as rádios espanholas!

Quando Franco se assume como chefe do governo do Estado Espanhol, recebendo os poderes absolutos do estado, deixa clara a natureza do regime: O estado é totalitário onde a vontade nacional se manifestará através de órgãos técnicos e corporações que representem de uma maneira autêntica o seu ideal e as necessidades. O Estado, sem ser confessional, concordará com a Igreja Católica respeitando a tradição nacional e o sentimento religioso da maioria do povo espanhol. Franco sabia bem que naqueles conturbados anos a religião era o único nexos que podia unir os espanhóis e que por ser tradição e essência podia ser uma arma política e moralizadora, usada pela propaganda. Franco não podia afastar-se da Falange que era ainda em 1936 uma força heterogénea,

---

<sup>355</sup> Ver ABC, 16/12/1936.

nem romper com o tradicionalismo e quer ele, quer Mola, Péman, ou Millan Astray nos actos públicos serviam-se muitas vezes da justificação religiosa, se bem que tal como em Portugal as relações “Nova ordem” igreja nem sempre fossem fáceis.

O período da guerra civil foi também usado como período de guerra de ideias contra o marxismo, o comunismo e o sistema liberal parlamentar. A unidade espiritual e física da Espanha seria também conseguida com a disciplina do “4º poder” e por isso toda a imprensa periódica sem excepção se devia entender como órgão destinado a propagar a doutrina programática do Estado Espanhol. A imprensa pela lei de 1938 voltava à sua função nobre e exacta de “a doutrinar al pueblo en los nobles ideales que transformam la humana naturaleza”<sup>356</sup> Como já se viu só a falange podia fundar novos periódicos e decidir da sobrevivência dos já existentes. Estipulava-se o Número de diários que podiam publicar-se, segundo o número de habitantes de cada lugar, os centímetros e o número de folhas que cada jornal podia ter. Tornava-se assim mais fácil inculcar os valores da “nova ordem” espanhola e combater os outros.

O *Hoy* entrou sempre na “guerra da informação” para ganhar e isso vai-se tornando mais visível ao longo do ano de 1937 pois elogiava sempre os avanços das tropas franquistas e anunciava os “fracassos dos vermelhos”. Esta “nova ordem” assentou também num certo totalitarismo que se impunha a tudo e a todos obrigando a própria religião e hierarquia católicas a “integrar-se e não a integrar”<sup>357</sup>. A fotografia de Monsenhor Goma, cardeal arcebispo e representante officioso do Vaticano no Governo de Burgos de Franco, surge na primeira página do jornal <sup>358</sup> que é também utilizado pela igreja para negar que a guerra implique uma luta de classes, sendo antes definida como um dever de todos os bons espanhóis.<sup>359</sup>

Esta nova ordem caracteriza-se também pelo autoritarismo como parte estruturante de uma nação que sabe o que quer e o que não quer e é bem mostrada no *Hoy* quando publica os discursos de Franco, ou quando faz a descrição da guerra e das partes em confronto.

Nos anos de 1937 e de 1938 o jornal publica sempre a parte oficial das operações da guerra em que o que está a acontecer é contado sempre do ponto de vista dos nacionalistas e dado aos leitores como verdades incontestáveis e absolutas. A ordem imposta em Badajoz nestes anos, sendo nacionalista é militar. O Governador militar de

<sup>356</sup> Ver ANDRÉS – GALLEGO, José (1997), pp. 264.

<sup>357</sup> ANDRÉS – GALLEGO, José (1997), pp. 67 a 123.

<sup>358</sup> Ver *Hoy*, 9/1/37

<sup>359</sup> Ver *Hoy*, 15/1/37.

Badajoz utiliza as páginas do jornal *Hoy* para dirigir-se aos seus habitantes, a censura que o jornal sofre todo o ano de 1937 é militar e as conferências e discursos que se publicam são de generais e de outros militares importantes<sup>360</sup> como é o caso da carta que o coronel Vague, o libertador de Badajoz, escreve ao chefe da Prensa e Propaganda da Falange de Toledo<sup>361</sup>.

Nesta época o jornal está completamente dominado pelos nacionalistas da falange. Um dado curioso deste mês de Janeiro de 37 para dar corpo à nova ordem em construção o jornal publica uma entrevista ao Generalíssimo Franco, conduzida por Marcelo Chaminé, que cumprindo um papel semelhante ao de António Ferro em 1932, nas suas entrevistas a Salazar, traça o perfil de um homem frio, pequenino, mas “bravo”, capaz de conduzir os destinos de uma Espanha ávida de ordem e de aniquilar qualquer vestígio do materialismo histórico. Franco era identificado pelo jornal como o salvador da pátria, o grande estadista e militar que em artigo de Millan Astray pela primeira vez é comparado ao Duce e ao Fuhrer, estabelecendo-se entre os três homens um paralelismo em que ressaltavam as virtudes e capacidades de Franco.<sup>362</sup>

### **Deus-Pátria, trabalho-ordem**

Deus – Religião católica, Pátria – nacionalismo constituem dois pólos da nova ordem espanhola aos quais falta juntar a disciplina do “honrado povo espanhol” que sem extremismos, aposta no “trabalho ordeiro, probo e consciente da utilidade comum”.<sup>363</sup> Neste contexto o jornal traz algumas frases dedicadas aos operários para dizer que a luta travada pelos nacionalistas não era contra eles mas sim contra o marxismo vermelho que lhes queria “embebedar a alma e roer o coração”. O honrado povo espanhol era frequentemente avisado, informado e instado a ouvir, seguir e respeitar a nova ordem que se imiscuía em todos os sectores da vida. O povo era instado a aguentar as dificuldades da guerra, a falta de alimentos e a falta de trabalho, solidarizando-se com as iniciativas das forças da ordem<sup>364</sup>.

---

<sup>360</sup> Ver *Hoy*, 1 e 2 de Janeiro de 1937 (Conferência de Franco e sua saudação de Ano Novo).

<sup>361</sup> Ver *Hoy*, 8/1/37.

<sup>362</sup> Ver *Hoy*,

<sup>363</sup> Ver *Hoy*, 4/6/37.

<sup>364</sup> As ordens eram inúmeras e o jornal publicava-as: Dia del plato único: Cúmple-lo, Escucha la rádio española, etc.

O trabalho é visto como um valor santo e verdadeiro<sup>365</sup>, aquele que levantaria Espanha ao seu antigo esplendor, feito em paz e no temor de Deus e do Estado que premiava a obediência e o esforço.

Nesse honrado povo espanhol, o papel da mulher é também equacionado e estabelecido por Franco e o jornal *Hoy* dá a notícia da criação do Serviço Nacional da Mulher que tinha também de servir o estado<sup>366</sup>. De forma diferente, também em Espanha e na região de Badajoz, vão surgindo como em Portugal, organizações que enquadram as mulheres, que lhe traçam um “destino” em que o servir e o obedecer estão intimamente ligados e são incontornáveis. Servir o Estado e obedecer-lhe, servir a família patriarcal e defendê-la, preparar e educar os filhos nos princípios da fé e cedê-los ao Estado para defesa da pátria nacionalista faziam parte desse destino.

Em 1938 o *Hoy* é um órgão oficial da Falange Espanhola Tradicionalista y de las JONS e a “nova ordem está estampada nas sua páginas nas frases feitas do regime: “Por la Pátria, el pan y la justicia! Arriba España! Franco, capitan de la Santa Hermandad de España.” Apesar de deixar de publicar o símbolo da Falange<sup>367</sup>, ele encontra-se completamente controlado pela Prensa del Movimiento e publica inúmeras “consignas”. Nesta nova ordem o jornal publica os vinte e seis pontos da Falange ou doutrina do Estado espanhol e faz a defesa do nacional-sindicalismo<sup>368</sup> justamente através de José Maria Péman. Dois dias depois<sup>369</sup>, é um artigo de Luís Rosales que define o nacional sindicalismo como uma política de missão e este assunto é retomado ao longo do ano por vários membros do Conselho de Direcção do Jornal.

O ano de 1939 traz ao jornal algumas diferenças pois sendo o “terceiro ano triunfal”, representa o triunfo da “Nova Ordem” política, social e cultural com o fim da guerra civil e o triunfo dos franquistas. Embora o jornal continue a fazer o seu papel na divulgação e defesa dessa mesma ordem, começa agora a ter uma vida mais própria, com preocupação pelas coisas nacionais mas muito mais empenhado nas questões locais e regionais que era preciso organizar e orientar dentro do mesmo espírito. No seu artigo “el Caudillo ha dicho” publicado pela primeira vez em Janeiro de 1939<sup>370</sup> mas muitos outros dias repetido (com o mesmo título mas conteúdo diferente) apresentavam-se as ideias de Franco e a sua acção governativa, sendo usuais as fotografias do

---

<sup>365</sup> Ver *Hoy*, 12/1/38, artigo de José Ibarrola de Cáceres.

<sup>366</sup> Ver *Hoy*, 18/1/38.

<sup>367</sup> Ver *Hoy*, 26/4/1938.

<sup>368</sup> Ver *Hoy*, 5/1/38.

<sup>369</sup> Ver *Hoy*, 7/1/38.

<sup>370</sup> Ver *Hoy*, 4/1/1939.

Generalíssimo como se fosse indispensável inculcar a sua imagem em todos os espíritos espanhóis.

A Pátria sempre amada apesar da guerra, Deus sempre ao lado dos nacionalistas e dos patriotas, estavam presentes como base estruturante do jornal, como elementos da nova ordem, a qual, sobretudo a partir de 1938, já tem a possibilidade de se preocupar, de uma forma mais sistemática, com a inculcação de valores e se serve da imprensa para o fazer. Esta inculcação é bem visível nas páginas do *Hoy* quando, desempenhando esse papel de divulgador da ideologia e valores do estado, publicava a frase: “debemos laborar por que una disciplina estatal rigorosa de la educación consiga formar en los españoles un espíritu nacional fuerte y unido”<sup>371</sup> ou quando dizia “ lo papel central de la prensa es cristianizar la sociedad”<sup>372</sup>. Deus e Pátria a par também quando o jornal publica a imagem de “El Greco”, el Ressucitado e a imagem de Franco, salvador da Pátria.

Embora no contexto da pátria se englobassem as diversas regiões, o periódico *Hoy* durante os anos da guerra tinha notícias mais nacionais que locais sobre a evolução da guerra. Contudo a partir de 1938 nas “ notas da vida local” ou noutro tipo de notícias o jornal já fazia referência aos “chefes” locais: Arcadio Carrasco Chefe da Chefatura Provincial de Falange Española, José Martins delegado de la FET/JONS em Badajoz, Ana Gil, chefe da Delegação feminina da Falange Española, Manuel de Castro, Alcaide de Badajoz, Don Jesualdo de Iglesia Rosillo, Governador militar de Badajoz<sup>373</sup>.

Esta nova ordem espanhola teve com a ordem portuguesa muita consonância. Ambas emanavam de um governo de ditadura, impondo discricionariamente a sua vontade a todos os outros, reduzindo-os a um mesmo denominador comum e utilizando para isso meios repressivos. Porém a nova ordem espanhola tinha sido imposta através de uma guerra dolorosa e cruel enquanto que a ordem portuguesa tinha sido lentamente construída naquele tempo impressionante da afirmação e do “saber durar” do Salazarismo.

---

<sup>371</sup> Ver *Hoy*, 6/1/38.

<sup>372</sup> Ver *Hoy*, 3/1/39.

<sup>373</sup> Ver *Hoy*, respectivamente: 9/1/38, 7/1/38, 12/1/38, 12/1/38 e 26/4/38.

#### **4º Capítulo: Tradição e Inovação No *Hoy***

A cultura espanhola apresentou-se com características bem particulares que nos permitem desde o início do século XIX, considerar que o periodismo espanhol brilhou nos campos da cultura, da ciência e da literatura e se nutriu em grande medida de escritores e intelectuais numa época verdadeiramente excepcional da cultura espanhola. O periodismo científico, tal como o entendemos hoje, faz-se em Espanha desde os primeiros anos do século XX. As visitas de Einstein e de Schrodinger dão ocasião para se falar da ciência nas Universidades, nas sociedades científicas e nos periódicos e revistas, existindo mesmo uma velha tradição dos cientistas espanhóis de cultivar a divulgação da ciência para o grande o público.

#### **A intelectualidade espanhola no *Hoy***

Contudo as dificuldades dos anos vinte e dos anos trinta em Espanha, com atentados, greves, polarização ideológica induzida pelo contexto europeu da 1ª guerra mundial e do comunismo e pelo próprio contexto espanhol caracterizado pela alternância entre esquerdas e direitas e pela censura, repercutiram-se de forma especial sobre os meios de comunicação social que já eram imprescindíveis mas muito incómodos se não se enquadrassem na área do poder. O modelo autoritário criado com a guerra civil estreita, pelo menos nos anos da guerra, o campo da cultura e da ciência e a imprensa (a que subsistiu), empolgada com os acontecimentos da guerra, disciplinada e enquadrada no sistema, faz da cultura e da ciência uma parte da “encenação do poder”.

Os anos que analisamos no *Hoy* são de facto anos muito complexos. Nesses anos cruzam-se intelectuais espanhóis com diferentes ideias que para alcançarem o domínio público têm de passar o filtro definitivo da censura e por isso quase sempre só as ideias vinculadas ao establishment são publicadas.

Na delegação de Prensa e Propaganda, junto com Yzurdiaga encontramos uma série de intelectuais afectos ao movimento nacionalista, nomeadamente Afonso Garcia Valdecasas, Eládio Esparza, Pedro Gamero del Castillo, Dionísio Ridruego, Júlio Águila e José António Giménez Arnau. Alguns deles vamos encontrá-los mais tarde em 1939 na direcção do nosso jornal quando a imprensa da Falange e a del Movimiento já

se tornaram uma só. A eles se aproximou Pedro Lain Entralgo também ele colaborador de peso no nosso jornal. Este intelectual teve aliás uma carreira fulgurante<sup>374</sup>. Vale a pena analisar um pouco do seu pensamento para se perceber a sua importância e contribuição à linha “cultural” e editorial do Periódico *Hoy*.

No verão de trinta e sete, em plena guerra civil contactou com os Universitários do “*piso de la sabiduria*” de Pamplona entre os quais se notava a influência de Eugénio d’Ors e a sua sede de Totalidade. Entralgo considera que a missão dos homens cultos de Espanha é a de Criticar a Europa, afirmar nesse contexto uma Espanha necessariamente católica e usar como meio de afirmação o Estado totalitário.<sup>375</sup> Posiciona-se assim criticamente face a Cánovas e ao movimento de 98 que pretendeu originar a “Terceira Espanha”, uma Espanha conciliadora sem vencedores nem vencidos que na opinião do autor não teria trazido progresso, “nem hispanidade franca nem europeísmo eficaz”<sup>376</sup>. A Espanha de 98 por renegar o seu estado tinha renegado também o seu ser profundo e debaixo da política de “*pan y toros*” desenvolveu-se aquilo a que Lain Entralgo chamou “marxismo sentimental”. Surgira então uma nova geração de jovens que conheceu uma Europa feliz e confiada, antes da guerra. Nessa geração destacou-se José Ortega y Gasset, Ramón Perez de Ayala, Gregório Marañón, o católico Angel Herrera Oria e o inclassificável Eugénio D’Ors.

Ortega y Gasset é um nome incontornável da cultura espanhola que os nacionais sindicalistas, os falangistas e obviamente os homens que vão aparecer quase no fim da guerra a dirigir o nosso jornal criticam, reconhecendo contudo o seu valor e a sua influência no seu pensamento. A primeira critica que lhe fazem é a desvalorização que faz do espanhol face ao Europeu. A segunda crítica que lhe apontam é a da incoerência pois Ortega parece confiar e desconfiar do povo espanhol. Além disso a solução orteguiana parece apontar para uma simbiose entre o ideal europeísta e o aproveitamento do impulso nacional por meio da acção de uma minoria elitista e selecta que pudesse organizar as massas. Essa minoria organizou-se em torno da Revista de Occidente e de alguns projectos políticos de que Ortega e Valdecasas se desencantaram. Talvez devido a esse desencanto com a República, à qual virou costas Ortega é

---

<sup>374</sup> Ver ANDRÉS – GALLEGO, José (1997), onde nos podemos aperceber que Pedro Entralgo militou na organização “Estudiantes católicos”, fez os cursos de Verão organizados por Angel Herrera Oria com o patrocínio da Junta Central da Acção católica, filiou-se na Falange e em 1937 escreve em “*Arriba España*”.

<sup>375</sup> Esta missão é bem cara ao nosso periódico que em boa medida a assume como sua.

<sup>376</sup> Ver ANDRÉS - GALLEGO, José (1997), pp71.

reconhecido como homem culto e de valor inegável pelos falangistas e pelos nacionalistas que desejam a sua aproximação.

Outra ideia cara à direcção do jornal *Hoy* foi a ideia de Totalitarismo. Pedro Lain Entralgo já em plena guerra escrevia: “La totalidad há vuelto...como un añelo de superar el problema máximo de la filosofía de todos los tiempos: el de lo racional e irracional. Esa es la aportación del nuevo orden”. Para ele os movimientos totalitarios continúan uma doutrina e estilo de vida “que recibe el soplo de los destinos históricos y rompe com la caducidad en nombre de la esperanza: así Mussolini, Hitler, José António, Franco (...)”<sup>377</sup> Este totalitarismo tinha também uma dimensão religiosa que a falange e o franquismo haviam de ter em conta.

O que é certo é que o jornal *Hoy*, embora propriedade da Editorial Católica reflecte a calda cultural que existe em Espanha e quando o olhamos em 1933, no momento da sua formação encontramos um jornal onde as questões da cultura e da ciência são importantes, mas onde se afirma fundamentalmente a preocupação de unir todos os católicos espanhóis por cima das diferenças temporais embora denote um tom marcadamente anti-socialista. Entre os meios a utilizar para conseguir esse objectivo contava-se por um lado com uma minoria selecta e educada disposta a “formar” o povo através da propaganda e da informação que o periódico devia divulgar.

O Jornal tinha de ser sério bem informado, ponderado nas suas opiniões e católico sempre. Ao mesmo tempo e na defesa da tradição, o jornal tinha de ser o mais espanhol dos periódicos espanhóis na defesa não só da cultura popular mas dos valores tradicionais da Espanha. Seria assim possível recatolicizar a Espanha e fazê-la justa pacífica e com um lugar no âmbito do concerto ou desconcerto europeu.

Quanto aos intelectuais, o jornal mantém uma posição de alguma imparcialidade. Por exemplo noticia a morte de Unamuno<sup>378</sup> que é referido como alguém rebelde (apesar do convite de António Ferro e da estadia em Portugal, no seu regresso a Espanha Unamuno escreveu uma série de artigos não elogiosos para o regime português que apresentava muitas das características do que Franco queria para Espanha) mas profundamente religioso e incapaz das barbaridades cometidas sob a capa da Frente Popular contra a religião e a igreja.

---

<sup>377</sup> ANDRÉS - GALLEGOS, José (1997), pp.63.

<sup>378</sup> Ver *Hoy*, 21/1/37



## A Agenda Cultural

No âmbito de uma “cultura de elites” podemos verificar que o jornal publica e noticia algumas realizações culturais nacionais mas e sobretudo as realizações locais, nomeadamente exposições, conferências, passagem de personalidades célebres pela cidade. Por outro lado, no âmbito da cultura popular o jornal divulga e anuncia as festas, as romarias e as touradas. Numa outra dimensão cultural mais massificada, o periódico *Hoy* mostra-se atento à vida desportiva, ao cinema e ao folclore regional.

No entanto, ao contrário do *Noticias de Évora* onde face à escassez de assuntos políticos se sobrepõe a abundância de artigos “culturais”, no *Hoy* esses artigos são mais residuais e fortuitos, sobretudo nos anos de 1936 e 1937. Contudo, a preocupação com a arte como dado cultural numa Espanha que já tinha produzido “Génios” não passou também ao lado do interesse do jornal que publicita exposições de pintura e de escultura a nível nacional e a nível local<sup>379</sup>, algumas organizadas durante o período da guerra civil como é o caso da Exposição de pintura de Enrique Ochoa, realizada em Janeiro de 1938. Nesse mesmo ano o jornal dá uma notícia sobre o funcionamento e actividade da Real Academia De Belas Artes<sup>380</sup> quando a arte e a cultura já eram tidas, pelo bando nacionalista, como elementos constitutivos da “encenação” do regime.

Do ponto de vista da cultura popular, são sobretudo notícias das festas religiosas como a Semana santa (a de Sevilha e a local), o Natal ou então as romarias e festas onde se misturava o sagrado e o profano com destaque para a feira de São João da cidade, sobre a qual não há notícia alguma em 1936 e em 1937. Na rubrica “Notas da vida local” o jornal noticiava também as festividades de Almendralejo, Solana de los barros, Alconchel, Mérida e tantas outras. Os anos não eram de festejos e embora o jornal pugnasse pelas tradições do povo espanhol, com excepção das touradas e dos seus “heróis” onde aflorava “a raça” e a valentia características da alma espanhola, pouco mais divulgava da cultura popular. A música, por exemplo, está praticamente ausente dos variados artigos do jornal e só no triénio de 1933/36 é por vezes referida.

É em termos da cultura de massas que o periódico *Hoy* melhor cumpriu o seu papel. Cinema, desporto, moda, publicidade, ocupam algum espaço no jornal. Na divulgação do cinema (mais estrangeiro que nacional e sobretudo alemão o qual em boa parte serviu de modelo ao cinema espanhol do “movimiento”) o jornal divulgava um “cartaz de cinema” com destaque para algumas estrelas e por vezes com crítica

<sup>379</sup> Ver *Hoy*, 12/11/33, 16/2/36, 12/1/38.

<sup>380</sup> Ver *Hoy*, 6/1/38.

cinematográfica. Nos anos da guerra, com particular ênfase nos de 1936 e de 1937 as referências ao cinema quase desaparecem e só voltam a aparecer para o final de 1938. Até 1936, ainda que com algumas interrupções, o jornal publicava um folhetim novelístico que fidelizava alguns leitores mas que desapareceu nos anos da guerra.

Também bem ao gosto popular, o jornal publicava desde a sua aparição diversos desenhos e ilustrações sob a forma de humor referentes à situação política. No final de 33 o jornal faz humor sobre os votos socialistas<sup>381</sup> mas em 1934 o humor torna-se esporádico e quando aparece é sob a forma de vinhetas com pequenas historietas que ridicularizam os anarquistas e as forças de esquerda. Nos anos conturbados de 1936/37 quando tudo muda no jornal (número de páginas, tipologia dos artigos e das notícias, censura, cabeçalho, símbolos) o humor desaparece para recomeçar em 1938 sob vários títulos: “Misiones rojas”, “Heróis marxistas”, “Dinamiteros rojos”, “se non fosse por los russos” e “Final de tragédia”<sup>382</sup>. Estes quadros de humor, por vezes verrinoso, que ridicularizava o bando contrário eram quase todos assinados pelo simples nome de Alberto.

As notícias desportivas também aparecem no jornal. No primeiro ano, em que o jornal se apresenta com oito páginas, há espaço para as notícias desportivas nacionais e locais, com destaque para o futebol mas também para o boxe e para o ciclismo. Nos anos da guerra este tipo de notícia fica como que suspenso e só de uma forma muito esporádica aparece no jornal e ainda assim apenas a partir dos finais de 1937. Há mesmo uma notícia sobre o Comité Olímpico Espanhol com referência aos passados jogos olímpicos de Berlim<sup>383</sup>.

Finalmente a publicidade merece também uma referência pois também ela evoluiu e acompanhou as vicissitudes da vida do jornal, tendo mudado com ele. No primeiro ano de vida do jornal, a publicidade tinha um papel importante e o jornal esforçava-se por angariá-la. Nele se publicavam anúncios de vários industriais e comerciantes da região e não apenas da cidade mas era raro ver no *Hoy* referências publicitárias “nacionais” ao contrário do Notícias de Évora onde se pode encontrar nestes anos publicidade de empresas casa comerciais de Lisboa ou publicidade turística a outras zonas do país. Por outro lado e também ao contrário do que acontecia no Notícias de Évora esta publicidade pouco tinha de “cultural”. Porém a sua importância económica para a vida

---

<sup>381</sup> Ver *Hoy*, 2/12/33.

<sup>382</sup> Ver *Hoy*, respectivamente 7/1/38, 24/4/39, 29/4/39.

<sup>383</sup> Ver *Hoy*, 6/1/38.

do jornal devia ser razoável. O periódico apresentava as tarifas por anúncio<sup>384</sup> e também logo no número duzentos e cinquenta e três o jornal publicava o Boletim de subscripción com os preços dos diversos tipos de assinatura: cidade de Badajoz, província, estrangeiro e mensal trimestral e anual. A particularidade da publicidade neste jornal é que nos anos da guerra, quando existe ela é essencialmente política, é publicidade ao nacionalismo. Os símbolos da Falange, as fotos de Franco e de alguns generais, as frases emblemáticas e as consignas encarregam-se de publicitar a Espanha franquista de uma forma fácil de seguir e de compreender mesmo pelas pessoas que pouco entendessem de política ou fossem analfabetas. A partir do “segundo ano triunfal” (1938) que foi o ano de libertação de Cáceres, o Jornal começa a ter muita publicidade. Em 6/1/38 e praticamente todo o mês a publicidade já preenche uma página. Inteira e no início de 1939 para comemorar os seus cinco anos de existência o jornal apresenta nesse número especial vinte e quatro páginas com muita publicidade comercial e “política”. Para o fim da guerra o papel vai escassear e em 26/3/39 o jornal avisa que vai passar a publicar apenas uma folha facta para o qual também terá contribuído as novas exigências da lei. A publicidade diminuiu também como é óbvio.

No período que vai de 1933 a 1936, o jornal, do ponto de vista da cultura literária apresenta uma secção ocasional sobre publicações de livros e revistas<sup>385</sup>, secção que evolui ao longo dos anos e que se transforma numa rubrica chamada “Crítica Literária”<sup>386</sup> onde se divulga a publicação de novos livros e se criticam alguns. Rubricas desta natureza voltam a aparecer, mas de uma forma sistemática isso só acontece em 1939. A rubrica “Livros e revistas” publicita livros sempre anti-marxistas<sup>387</sup>. Em Janeiro de trinta e nove o jornal já apresentava notícias sobre o ano literário que se apresentava “empapado” de monografias sobre a guerra e começa-se a noticiar acontecimentos relacionados com o livro, como por o exemplo a festa do livro em Cáceres.<sup>388</sup>

Tal como o *Noticias de Évora* e sem dúvida devido às características da região mais agrícola que industrial, o *Hoy* publica também a partir de dois de Dezembro de 1933 uma página “agrícola y granadera” que se vai mantendo e analisando alguns dos problemas agrícolas da região mas que em 1935 se torna esporádica, desaparecendo após o estalar da guerra civil. Esta página oferecia conselhos práticos e enunciava

---

<sup>384</sup> Ver *Hoy*, 8/12/33 e os de 4 e 5/1/39 onde se apresenta todo o preço da publicidade e se pode verificar a evolução verificada.

<sup>385</sup> Ver *Hoy*, 28/12/33.

<sup>386</sup> Ver *Hoy*, 8/2/34.

<sup>387</sup> Ver *Hoy*, 7/3/39 e muitos outros números seguintes.

<sup>388</sup> Ver *Hoy*, 28/4/39.

algumas inovações no campo da agricultura, se bem que o seu tom seja mais de carácter da sabedoria popular que de cultura e conhecimentos científicos.

### **Inculcação de valores**

É a política a ciência política que preocupa o jornal e a sua direcção, que angaria e motiva os seus leitores. Esta preocupação e pendor políticos acentuam-se com o estalar da guerra civil e as transformações impostas ao jornal.

As conferências que o jornal refere ou publica são quase sempre de natureza política, em particular as de 1937 e 1938. Contudo estão imbuídas de uma espécie de “programa de inculcação de valores”. Esta inculcação de valores, nunca sendo descuidada no seio do franquismo e do nacionalismo, em inícios de 1938 passa a fazer parte de um rigoroso programa de educação.<sup>389</sup>

Existe também patente no jornal “uma preocupação cultural” com o ensino. Uma das notícias talvez mais carismática desse interesse é a da formação do Instituto de Espanha em Salamanca e a tomada de posse do seu vice-reitor, Sainz Rodrigues, que prestou juramento sobre os evangelhos<sup>390</sup>. No dia imediato a esta notícia faz-se publicar a notícia de que o Doutor Oliveira Salazar se tinha tornado “corresponsal del Instituto Español”<sup>391</sup> e para reafirmar e evidenciar a importância e estatuto deste novo instituto, noticia-se o ingresso de outros célebres académicos. Vão-se publicando imensas “notas de enseñanza” e a própria consigna de sete de Janeiro de 1938 que o jornal tem de publicar, revela uma grande preocupação com a cultura pois afirmava: “Es preciso hacer una cultura en que la crítica y la filosofía se den jocosamente la mano con la poesía del pueblo”. Mais que preocupação, esta consigna mostra até que ponto o franquismo nacionalista pretendia integrar os “intelectuais e a sua filosofia e crítica” numa cultura “populista” ao serviço do estado.

Em Fevereiro do mesmo ano, quando os artigos de Pedro Lain Entralgo já eram uma constante no jornal<sup>392</sup>, o periódico volta a falar de uma missão educativa que não só a Escola mas também a imprensa deviam ter. Tratava-se no fundo de reafirmar a ideia de que o jornal *Hoy* se assumia como o defensor da riqueza moral e material da Estremadura espanhola e que a sua função era educar na boa doutrina do estado

---

<sup>389</sup> Ver *Hoy*, 6/1/38.

<sup>390</sup> Ver *Hoy*, 7/1/38.

<sup>391</sup> Ver *Hoy*, 8/1/38.

<sup>392</sup> Dar particular destaque ao artigo publicado no *Hoy* de 3/2/38 com o título “Dios, La Pátria y el estado”.

espanhol fundado em Burgos. Esta riqueza moral e material da Estremadura Espanhola englobava necessariamente a religião católica que, com já se disse, no Franquismo devia “ser integrada e não integrar”. Era o estado que devia integrar tudo o resto no seu afã totalitário como se pode deduzir da propaganda política expressa no quadro “Espanha para todos os espanhóis que a queiram e a sirvam, na disciplina política do estado”<sup>393</sup>. Descobrimos aqui mais um ponto de contacto com o estado Salazarista que impôs também à igreja que se integrasse nas forças vivas e organizações políticas do Estado Novo.

Ainda do ponto de vista cultural e de “moldagem das mentalidades eram então frequentes os “artigos-editoriais” sobre a necessidade de aniquilar qualquer herança do materialismo histórico e da luta de classes e também sobre a necessidade de aceitar a guerra iniciada pelos nacionalistas como uma “escola de heroísmo e fundamento de vida”, no fundo como cruzada do bem contra o mal<sup>394</sup>.

Do ponto de vista da “cultura de elites” o jornal não pôde nos anos estudados ter um papel muito activo. “Os anos de ouro” da cultura sob Franco seriam os anos quarenta e cinquenta, quando vencida a guerra já era possível “encenar” a actuação de um regime que tentou moldar todos os níveis da sociedade civil de acordo com os “novos valores” e a “nova ordem”, isto é, quando tentou educá-la e formá-la na moral nacionalista, corporativa e católica. Também em Espanha surgiria uma “orientação oficial” para a cultura e para as artes, orientação moldada pela censura e por todos os mecanismos repressivos de que o estado dispôs.

### **Tradição e inovação**

Nestes duros anos, o jornal empenhou-se mais na cobertura da guerra do que e das suas vicissitudes que na divulgação da ciência e da técnica às quais, naqueles conturbados anos, os leitores davam fraca atenção.

Ao abordar-se o tema tradição/inovação no *Hoy* a perspectiva que se nos apresenta é multifacetada. Tradição, sem dúvida. Tradição católica e sua defesa intransigente naqueles “anos de chumbo” da República que no seu afã laico, consentiu que se incendiassem e vituperassem igrejas e clérigos. Tradição na defesa do conservadorismo

---

<sup>393</sup> Ver *Hoy*, 29/4/38 (tradução livre).

<sup>394</sup> Ver *Hoy*, 15/1/37.

político e no estreito alinhamento e comprometimento político e ideológico ao nacionalismo. Tradição na forma de escrita e na linguagem.

É verdade que o jornal sofreu várias vicissitudes, tornou-se órgão oficial da falange e deixou de o ser mas apresentou sempre uma espécie de evolução na continuidade, pois repisou sempre as velhas ideias e princípios, isto é, os valores intocáveis e inquestionáveis: Deus, Pátria, Autoridade, Trabalho...Essas grandes certezas transcendentais e perenes continham em si o segredo da coesão e da durabilidade do Estado Nacionalista ao qual, nestes anos, e apesar das dificuldades entre a hierarquia eclesiástica e o franquismo, o jornal sempre foi fiel.

Inovação, sim. Também. Como jornal de empresa e com uma função de luta contra o materialismo histórico, o jornal contemplava no seu ideário “pôr os meios técnicos mais perfeitos ao serviço dos melhores propósitos”. Se o compararmos com o Notícias de Évora enquanto empresa e no domínio tecnológico, o periódico *Hoy* esteve sempre à frente e a sua direcção esteve sempre disposta a introduzir as inovações técnicas que lhe foram permitindo tornar-se um grande periódico. Uma característica que o torna bem diferente do diário português é o recurso à fotografia que no *Hoy* era usual e abundante enquanto no Notícias de Évora era esporádica e foi tardia.

A outros níveis, a inovação consistiu numa espécie de reformulação das ideias de Ortega y Gasset e de Eugénio d’Ors e também na adequação do discurso religioso católico ao ideário do estado franquista. Por um lado a ideia de uma elite selecta que orientasse as “massas” por outro a “sede” de totalidade parecem ter-se transformado numa ideologia com um conceito ontológico e naturalista/organicista de um estado (um corpo com cabeça, uma família política com um chefe) com uma dimensão prática concreta: a centralização política, administrativa, financeira e cultural traduzida num estado forte e autoritário que inculca os seus valores, encenando numa construção quase mítica um poder “novo”, uma “nova ordem”. E nestes anos, o jornal serviu bem essa “novidade”.

## 5º Capítulo: Posturas ideológicas e discursos dominantes no *Notícias de Évora* e no *Hoy*

Traçar aquilo a que podemos chamar repertório ideológico (entendido aqui como posicionamento político) dos dois periódicos estudados leva-nos para o campo de uma análise de conteúdo cujo objectivo é identificar e quantificar as diferentes posturas ideológicas que os periódicos adoptam ao longo dos anos estudados. Para realizar tais propósitos selecionei um tema que pela sua importância me poderia elucidar sobre o comportamento ideológico do *Hoy* e do *Notícias de Évora*. Esse tema foi: “a guerra civil espanhola” pois teve sem dúvida grande impacto na sociedade da época.

Assim trata-se de fazer o cálculo da percentagem do espaço dedicado aos acontecimentos da guerra e à nova ordem dela decorrente, em relação à superfície total do periódico, medido em centímetros quadrados. Trata-se também de fazer o cálculo da percentagem que representa a superfície dedicada em primeira página a estes acontecimentos em relação à superfície total que o periódico lhes dedica. O primeiro cálculo mostra-nos a importância real que o periódico dá ou lhe deixam dar ao ocorrido. O segundo indica-nos o carácter mais ou menos sensacionalista que lhe quer dar.

Por outro lado interessa-nos averiguar como o que se disse foi dito, de forma a elaborar então o repertório ideológico da publicação. Este procedimento consiste em agrupar todas as diferentes formas de expressar uma mesma ideia numa categoria, agrupando depois as diversas categorias em unidades lógicas de sentido. Cada categoria foi classificada dentro de cada unidade pela sua frequência e seria interessante, num outro tipo de trabalho sobre opinião pública, classificá-las também pelo possível impacto no público em função da tiragem do jornal em que se encontravam.

A guerra civil espanhola teve uma dimensão internacional que a fez ultrapassar largamente as fronteiras do território espanhol pois nela se confrontaram duas visões do mundo diferentes que se digladiaram na 2ª guerra mundial e no quadro dos estudos históricos europeus é bem interessante verificar o impacto que tal acontecimento teve no país vizinho onde uma “ordem” e um poder autoritário se tinham estabelecido sem guerra. A repercussão da guerra civil na opinião pública não deixou ninguém indiferente e talvez por isso atraiu a atenção de tantos jornalistas e correspondentes dos mais variados países e obviamente de correspondentes e jornalistas portugueses, apesar da censura. Dela decorreu depois a estruturação e imposição de uma nova ordem a toda a Espanha que ficou então em consonância com a “ordem portuguesa”.

O estudo feito para o caso do *Noticias de Évora* e para o *Hoy* em relação à percentagem da superfície dedicada à guerra civil em relação à superfície total do periódico apresenta os seguintes resultados:

**Quadro nº1: Percentagem da superfície dedicada à guerra civil em relação à superfície total do periódico**

Periódico	1936	1937	1938	1939	Média
Noticias de Évora	7,6%	8,2%	8,7	9,2	8,4
Hoy <sup>395</sup>	7,8% 85% 46,4%	76,4%	68,2%	56%	61,75%

O *Noticias de Évora* apresenta para o ano de 1936 uma percentagem que não chega aos 8% da sua superfície total consagrada à sublevação dos militares e aos acontecimentos em Espanha. Essa percentagem é conseguida sobretudo à custa do mês de Agosto após o dia 14/8/1936 e a tomada de Badajoz pelos nacionalistas. Até lá as notícias eram curtas e apareciam sempre em segunda ou terceira páginas. Porém se compararmos estas percentagens com as atingidas por outras publicações da zona mais perto da fronteira, nomeadamente em Elvas no “Correio Elvense” (45%) e no “Jornal de Elvas” (75%)<sup>396</sup> onde na semana de 20/8/36 o Jornal de Elvas é composto apenas pelo relato dos acontecimentos, algumas notas da vida local e publicidade, verificamos que o *Noticias de Évora* não se empolgou com os acontecimentos, cujo impacto é muito controlado e as notícias muito “secas”. Tal situação explica-se pelo facto de a censura ter inicialmente deixado publicar “muita coisa” sobre os acontecimentos, publicação que geraria alguma controvérsia e problema<sup>397</sup>, facto que a levou depois a ser muito cautelosa com as notícias vindas a lume quer na imprensa regional, quer na nacional e o *Noticias* enquadrou-se perfeitamente na segunda fase comportamental da censura. Foi preciso esperar pelos últimos três meses de 1936 para que os artigos sobre a guerra civil (mais artigos que notícias) comesçassem a servir de pretexto para a propaganda anti-comunista e de apoio aos nacionalistas.

<sup>395</sup> No caso do jornal *Hoy* para o ano de 1936 apresentam-se três percentagens: uma anterior à queda de Badajoz nas mãos dos nacionalistas, outra após esse acontecimento e finalmente a média do ano. Tomámos esta por considerar que a média por si só não traduzia o verdadeiro comportamento ideológico do jornal.

<sup>396</sup> Estas percentagens dizem respeito a um estudo feito apenas sobre o mês de Agosto.

<sup>397</sup> Ver DELGADO, Iva (s.d.), pp158/174.



Nos anos de 1937 /38 a percentagem no *Notícias de Évora* sobe ligeiramente e respectivamente para 8,2% e 8,7%. Nestes anos o conflito mantém níveis de dureza que o jornal noticia mas a posição de Salazar que não é totalmente clara leva a que a censura imponha moderação nas notícias que continuam curtas e de apoio ainda que “camuflado” pela imparcialidade, à zona nacionalista. É fundamentalmente nestes dois anos que a guerra civil espanhola surge por oposição à paz salazarista, à ordem e disciplina do Estado Novo.

Em 1939 a percentagem sobe ligeiramente <sup>398</sup> seguramente devido a clarificação pública da posição salazarista de apoio aos nacionalistas de Franco expressa no jornal em 5/1/39. O *Notícias* parece então sentir-se “mais motivado” para falar do conflito que se aproximava do fim e cujo desfecho já se antevia a favor de Franco.

No *Hoy*, a situação é bem diferente. No momento do “alçamento” a percentagem da superfície dedicada ao assunto é ligeiramente superior à do jornal português, como se pode verificar pelo quadro, mas a sublevação nunca é caracterizada com a palavra “ilegal” e as notícias sobre o tema revelam fraca demarcação em relação ao assunto e sem vislumbre de condenação efectiva de um acontecimento que punha em causa o poder legalmente constituído, em Espanha. Após os acontecimentos de Badajoz a junta militar da cidade parece “tomar conta” do jornal que parece suspender-se durante alguns dias.<sup>399</sup> Em finais de Setembro de 1936 passa a ser visado pela censura militar nacionalista e publica todos os sucessos dos nacionalistas. A percentagem da superfície dedicada à guerra dispara e o seu cabeçalho traz impressa a frase: “Una Patria.España, un Caudillo: Franco”. Por todo o jornal encontramos slogans nacionalistas.

Os anos de 1937/38 no *Hoy*, têm como pano de fundo a guerra civil. À “Parte oficial das operações”, sempre presente juntavam-se depois artigos “afins” com os avanços, sucessos e actividades dos nacionalistas, das decisões do governo de Burgos e até o humor publicado era sobre a guerra tal como pequenas notícias e relatos sobre os heróis e os mortos da guerra. Assim a percentagem atinge ainda valores elevados entre os 76,4 e os 68,2%, sendo a restante superfície do jornal ocupada por alguma publicidade e notas da vida local englobando já notícias de tradições retomadas e festas populares como reforço da acção nacionalista.

---

<sup>398</sup> Ver quadro nº1.

<sup>399</sup> Nos arquivos das Hemerotecas de Badajoz não foi possível encontrar os jornais de 20/8/36 a 26/8/36 nem foi possível encontrá-los nos arquivos do Próprio Jornal.

Finalmente o ano de 1939 apresenta uma ligeira baixa nos valores percentuais pois com o fim da guerra, o jornal cria mais espaço para os artigos sobre a “nova ordem” espanhola, sobre as realizações do governo, agora de toda a Espanha, e também para notícias internacionais, muitas delas ainda relacionadas com o reconhecimento internacional do governo franquista.

Também o quadro seguinte nos dá indicação sobre a percentagem da superfície dedicada a estes acontecimentos em 1ª página em relação à superfície total que o jornal lhe dedica:

**Quadro nº2: Percentagem da superfície dedicada à guerra civil em 1ª página em relação à superfície total que o periódico lhe dedica**

Periódico	1936	1937	1938	1939	Média
Notícias de Évora <sup>400</sup>	4,2%	3,8%	3,6%	3,4%	3,75%
	11,8%	9,8%	9,5%	9,8%	10,25%
	4,8%				
Hoy <sup>401</sup>	21,2%	28,6%	17%	14%	20,2%

Quanto à medição da percentagem dedicada em 1ª página à guerra civil espanhola, até a tomada de Badajoz que para a imprensa estudada é realmente um marco incontornável, no *Notícias de Évora* ela não ultrapassa nunca os 4,2% em relação à superfície total dedicada ao assunto, alargando-se até 11,8% se considerarmos para efeito de medição da percentagem os artigos “afins” sobre a ordem e o bom governo português que a sabe manter, por oposição aos acontecimentos de Espanha.

Mais uma vez é curioso verificar que enquanto a imprensa de Elvas mostra o carácter sensacionalista que quer dar aos acontecimentos sobretudo na semana de 20/8/36, ocupando toda a 1ª página com a guerra civil espanhola, o *Notícias de Évora*, raramente dá honras de 1ª página a tais acontecimentos e quando o faz ocupa muito pouco espaço ou então serve-se dela para fazer a defesa do Salazarismo. Por isso a percentagem mesmo após os acontecimentos de Badajoz não ultrapassa os 4,8%. Nos anos seguintes raramente a guerra civil espanhola aparece em 1ª página e quando o faz

<sup>400</sup> Estes valores referem-se a dados do mesmo ano antes e depois da tomada de Badajoz e a 2ª percentagem contempla artigos “afins”.

<sup>401</sup> No caso do jornal *Hoy* os cálculos apresentados referem-se após a tomada de Badajoz. No caso de 1936, num jornal de quatro páginas coberto em 85% da totalidade pela guerra civil a 1ª página completa representava 21,25%.

são notícias curtas sobre sucessos nacionalistas ou sobre refugiados, nunca ultrapassando os 3,8% o que mostra a ausência de sensacionalismo. Se considerarmos os já referidos artigos “afins” essa percentagem pode subir até 9,8%.

No *Hoy* são os efeitos da entrada dos nacionalistas em Badajoz que permite que a percentagem correspondente à 1ª página em relação à superfície total preenchida com a guerra atinja os 21%, o que em boa verdade significa que toda a 1ª página era na maior parte dos dias de 1936 toda coberta pela guerra civil.

Em 1937 a 1ª página é quase integralmente ocupada com a guerra (operações militares, os discursos dos chefes militares e representantes do poder na região, os heróis e os mortos) e como algumas vezes o jornal só tem 2 páginas, a percentagem em estudo sobe para 28,6%.

Em 1938 esta percentagem baixa sobretudo porque muitos dos editoriais passam a ser artigos ideológicos de inculcação de valores sobre a religião, a doutrina da falange, o nacional-sindicalismo e tantos outros princípios do franquismo.

Em 1939, são o tipo de artigos já referidos, a figura e as palavras de Franco e algumas notícias internacionais que preenchem a 1ª página<sup>402</sup> pelo que de novo a percentagem cai para os 14%. Nesse momento já o regime franquista se preocupava em dar uma imagem de trabalho e organização e não de conflito e guerra.

Para compreender a postura ideológica dos dois periódicos falta-nos ainda analisar como o que se disse foi dito sobre a guerra civil e nesse contexto, após ter analisado um número razoável de artigos<sup>403</sup> sobre o tema e de os ter dividido em ideias irreduzíveis e impossíveis de mais divisão, verifiquei a existência de catorze categorias que se podiam agrupar em quatro unidades lógicas de sentido, nomeadamente:

- 1ª- Importância do acontecimento
- 2ª- Causas do acontecimento.
- 3ª- Consequências do acontecimento
- 4ª- Atitude de Portugal face ao acontecimento.

O quadro que a seguir apresento reproduz de forma sintética os resultados desta investigação:

---

<sup>402</sup> Excepção feita para o mês de Março, quando se anuncia o fim do conflito.

<sup>403</sup> Foram analisados 56 artigos no *Noticias de Évora* e 150 no *Hoy*. A discrepância deve-se ao próprio número de artigos disponíveis em cada jornal pois são muito mais abundantes no *Hoy*.

**Quadro nº3 Classificação por categorias das ideias mais frequentes sobre a guerra civil espanhola nos periódicos estudados**

<b>Unidade lógica de sentido</b>	<b>Categoria</b>	<b>Frequência no Notícias de Évora</b>	<b>Frequência no Hoy</b>
<b>1ª-Importância do acontecimento</b>	<i>Golpe de militares insurrectos</i>	3	0
	<i>Reposição da ordem contra o “terror vermelho”</i>	53	86
<b>2ªCausas do acontecimento</b>	<i>Vitória da Frente Popular e sua incapacidade governativa</i>	30	40
	<i>Desordem e anarquia</i>	15	45
	<i>Atrocidades cometidas pelos marxistas</i>	20	40
	<i>Necessidade de repor os valores tradicionais de Espanha</i>	1	40
<b>3ªConsequências do acontecimento</b>	<i>Matanças provocadas pelos vermelhos</i>	30	89
	<i>Matanças provocadas pelos nacionalistas</i>	4	2
	<i>Nascimento de uma nova ordem em Espanha</i>	20	60
	<i>Fuga de refugiados para Portugal e sua entrega às autoridade espanhol</i>	25	15
	<i>Aproximação de Portugal Salazarista à Espanha Franquista</i>	12	25
	<i>Neutralidade</i>	5	0
<b>4ª Atitude expressa pelo Notícias de Évora e pelo Hoy perante a guerra civil.</b>	<i>Apoio aos nacionalistas</i>	50	102
	<i>Intervenção política, ideológica e militar</i>	38	100

Na primeira unidade – importância do acontecimento – a categoria mais frequente nos dois jornais foi a que entendia os acontecimentos como a reposição da ordem contra o

“terror vermelho” seguida da que considerava os acontecimentos como um simples golpe militar de generais insurrectos. Tal ideia nunca foi verbalizada no *Hoy*.

Na segunda unidade – Causas do acontecimento – encontraram-se nos periódicos estudados 4 categorias estando para o caso português em 1º lugar a vitória da Frente Popular a sua incapacidade governativa e para o *Hoy* a desordem e a anarquia reinante no país. Em 2º lugar para o *Notícias de Évora* encontra-se a referida desordem e anarquia dos partidários de Moscovo, em 3º as atrocidades cometidas pelos marxistas e em 4º lugar a necessidade de repor os valores tradicionais de Espanha. No *Hoy* com a mesma frequência surgem a incapacidade governativa da Frente Popular, as atrocidades cometidas pelos marxistas e a necessidade de repor a boa tradição.

Na terceira unidade – Consequências do acontecimento – encontramos cinco categorias assim ordenadas no *Notícias de Évora*: Matanças provocadas pelos vermelhos, Fuga de refugiados para Portugal e entrega de fugitivos às “autoridades” espanholas, Nascimento de uma nova ordem em Espanha, Aproximação de Portugal à Espanha franquista e Matanças dos Nacionalistas. No caso do *Hoy* mantêm-se o primeiro lugar, e o último, ficando em segundo lugar o nascimento de uma nova ordem em Espanha, em terceiro a aproximação de Portugal à Espanha e em quarto lugar a fuga de refugiados para Portugal e a sua entrega as autoridades espanholas.

Por fim na quarta unidade – Atitude dos periódicos face à guerra – encontramos por esta ordem de frequência as seguintes categorias: 1º Apoio aos nacionalistas, 2º Intervenção político-ideológica, 3º neutralidade.

A partir dos dados obtidos é então possível reconstruir dois discursos nesta imprensa estudada. O discurso maioritário diz-nos que:

1º O ocorrido foi uma catástrofe mas decorrente da má gestão e acção dos “vermelhos” que têm total responsabilidade no ocorrido.

2º O 18/7/1936 foi um acto de reposição da ordem e dos valores tradicionais de Espanha.

3º- A política portuguesa foi de apoio aos nacionalistas que aceitaram a colaboração político-ideológica de Portugal quer ela se apresentasse sob a forma de propaganda interna e internacional quer sob a forma de vigilância fronteiriça e entrega de refugiados ou ainda da participação de voluntários no exército nacionalista.

Este discurso maioritário é doutrinariamente apoiante da Espanha nacionalista e espelha um ambiente marcadamente favorável a Franco.

## CONCLUSÃO

Diz-se que os jornalistas exercem uma função pública: denunciam, julgam, absolvem e condenam.

Diz-se que a imprensa interpreta o lugar de intermediário permanente e que dá aos acontecimentos um ritmo acelerado que desperta o sentimento de urgência permanente.

Para os anos trinta, na imprensa periódica da Península Ibérica, particularmente da Estremadura espanhola e do Alentejo português, tudo isto é apenas meia verdade pois a denúncia é controlada, a urgência iludida e ritmo mais calmo. Diferenciadas pelas respectivas matrizes culturais, as imprensas periódicas regionais referenciadas seguiram caminhos diferentes mas com muitos pontos de contacto no seu desenvolvimento histórico pois tiveram de movimentar-se nos anos de moldagem do franquismo em Espanha e do salazarismo em Portugal. Porém, apesar da existência de muitos pontos de contacto na evolução política dos dois países, os dois jornais estudados apresentam-se diferentes em estrutura, implantação, história e evolução.

O *Hoy* é um jornal de empresa, católico, sempre na vanguarda da tecnologia. Cresceu e desenvolveu-se nos anos da censura militar, imposta pelos nacionalistas da Falange após o duro combate de Badajoz, continuando a crescer com o franquismo. Congregou sempre o ideal católico e o ideal político de uma certa direita espanhola, organizada em torno de Franco.

O *Notícias de Évora* nos anos trinta apresenta-se como independente e regionalista, também ele um jornal de empresa mas de empresa familiar e pequena. Apesar de se ter desenvolvido ao longo dos anos trinta, facto testemunhado pela expansão territorial que conheceu e pela qualidade de alguns dos seus colaboradores, não teve um tão grande desenvolvimento como o seu colega espanhol, mantendo as suas quatro páginas. A sua linha editorial tornou-se mais situacionista, servindo melhor os objectivos da Revolução Nacional.

A diferença entre os dois jornais tem relação com uma geografia mais cultural que política pois em ambos, sob a pressão da censura, foi interiorizada a adesão a uma nova ordem. Porém, enquanto o discurso jornalístico do *Notícias de Évora* se identifica cada vez mais com a verdade conveniente à nação, com a verdade do Estado Novo, o *Hoy* apresenta um discurso que pretende estruturar o real em função dos nacionalistas mas também obedecer ao ideal católico. No final dos anos trinta, este periódico que chega a

ter vinte e quatro páginas, onde a publicidade tem já um papel muito importante, esforça-se por defender que a imprensa deve sempre obedecer a um objectivo próprio: cristianizar a sociedade. Começa aqui uma certa emancipação do franquismo e uma capacidade de fazer aderir um maior número de leitores que lhe permitiram crescer e viver até aos nossos dias, enquanto o *Noticias de Évora* não o conseguiu. Cada um destes periódicos tinha um enraizamento cultural num determinado modo de ser de onde emergiam mundividências particulares que se reflectiam nas suas páginas.

O que distingue o *Noticias de Évora* do *Hoy* está impregnado da própria conjuntura histórica de Portugal e de Espanha, pois para os anos estudados, enquanto o *Noticias* evolui de forma gradativa dentro da ideologia salazarista, o *Hoy*, nascido com a missão de cristianizar a sociedade, politiza-se e apresenta duas posições perfeitamente identificáveis. Primeiro, até 1936, mantém uma distância crítica em relação ao poder central, depois durante a guerra serve completamente os interesses dos nacionalistas.

Ambos os periódicos souberam sobreviver no contexto de um terrível aparelho de repressão, de propaganda e de enquadramento político e ideológico e uma breve viagem ao interior da censura nos dois países nos anos trinta mostrou-nos como em ambos a selecção das notícias e a obrigatoriedade de publicar as notas officiosas ou as consignas, se traduziam numa obediência à máquina censurante estabelecida que elaborara um conjunto de leis que estabeleciam um crivo bem apertado ao mundo da imprensa. Em ambos os países a censura não foi um estado de emergência de carácter transitório mas antes um aparelho de controlo ao serviço do poder instituído, de carácter permanente, por vezes oscilando entre a agudeza e a irracionalidade.

O *Hoy* sofreu inicialmente a acção da censura oficial dos diversos governos de Espanha que, apesar do instituído na Constituição de 1931, actuou e por vezes com mão pesada até ao eclodir da guerra civil. Contudo, apesar da censura republicana, o *Hoy* parecia desfrutar de maior margem de manobra que os jornais portugueses da época. Sofreu depois a acção da censura militar durante os difíceis anos da guerra civil e sofreu finalmente a censura do Servicio Nacional de Prensa y Propaganda que considerava que a imprensa era mais um organismo ao serviço do estado e da pátria, considerando os jornais como e os jornalistas como reprodutores da sua vontade.

O *Noticias de Évora* sofreu a acção da censura prévia, primeiro instituída pela Ditadura Militar a qual, depois, Estado Novo veio legitimar, legalizar e formalizar em Abril de 1933. A imprecisão dos limites da actuação da censura portuguesa que, segundo o regime, servia apenas para impedir a perversão da opinião pública e para

defendê-la dos factores que a desorientassem e ameaçassem o bem comum reflectia-se na imprecisão de critérios dos serviços encarregados de a realizarem. Para este jornal que nunca foi assumidamente anti-situacionista, os censores não eram particularmente severos, tornando-se apenas mais activos nos momentos de conturbação social e no que diz respeito à guerra civil espanhola.

Entre rupturas e cumplicidades, os dois periódicos retrataram um universo político e cultural com um conjunto de valores (aos quais, pelo seu poder estruturante, chamamos valores-poderes) que permitem refazer as imagens de poder nacional e regional dos anos trinta. Ao lançar em circulação determinadas imagens, personagens e ideias que passaram o crivo da censura e que ao entrarem na circulação vão sendo interiorizadas, estes jornais tornaram-se uma espécie de máquina de disseminação do poder instituído fazendo-o penetrar por impregnação o tecido social da região.

O universo cultural retratado pelo *Notícias de Évora* e pelo *Hoy* apresenta muitas convergências. Com efeito, os valores da Nova Ordem, quer portuguesa quer espanhola, repousavam no Nacionalismo, na Disciplina, na Ordem, no Trabalho, na Família, e na Religião que, sendo valores da Pátria, eram indispensáveis ao bem-estar geral e constituíam no seu conjunto a essência do poder.

O universo político e social retratado nos dois periódicos apresenta também muitos pontos de contacto. Se no caso do *Notícias de Évora* o poder político central impunha ao jornal o seu retrato, imposição que era consentida e assimilada e que se traduzia na frequência da publicação dos discursos, conferências e medidas de Salazar e do seu governo, no caso do *Hoy* o universo político sobretudo nos anos da guerra civil parece vergar-se ao “culto do chefe”, corporizado em Franco, o caudilho vitorioso da guerra e depois da paz, da reconstrução e do desenvolvimento. Neste jornal o universo social retratado era bipolar e traduzia com inegável clareza a cisão política e social de uma Espanha dividida pela guerra civil. Esta bipolaridade expressava-se na forma como eram tratados o bando republicano e o nacionalista.

Em ambos, as imagens do poder local também estão profusamente presentes. Envolvidos mais em cumplicidades do que em rupturas, os dois periódicos publicitam os dirigentes do poder local na sua missão de perpetuar e defender o poder central, retratando também as elites tradicionais, influentes pelo seu poder económico, pelos seus relacionamentos ou pela sua cultura. Numa linguagem sempre interpretativa e valorativa os dois jornais transmitem o que acontece partindo sempre da visão mediatizada da ideologia que servem.



À sua maneira, os dois periódicos traçaram uma encenação político-cultural onde estava presente uma Nova Ordem marcada no caso português pela tríade Deus – Pátria – Família e no caso espanhol pelo binómio nacionalismo – catolicismo. Nessa encenação política e cultural o autoritarismo e a censura ditaram imagens construídas pelo poder, que se retratava como queria, embora por vezes não fosse capaz de suscitar a opinião desejada. A Pátria inquestionável portuguesa e no caso espanhol a Pátria dos franquistas, perpassavam nas páginas dos dois periódicos atingindo o estatuto de encenação colectiva e obrigatória. Crer, obedecer, servir eram os pilares de uma encenação que atingiu nos dois países uma durabilidade sustentada sem dúvida pela imprensa periódica regional que serviu esta Nova Ordem e também dela se serviu para sobreviver.

Este trabalho permitiu ainda constatar a importância da imprensa regional no meio em que é difundida e por outro lado a sua enorme importância para o poder instituído. No meio, ela modela e influencia a opinião pública, fornece à sociedade uma imagem de si própria e convém ao poder que essa imagem lhe seja favorável. Por isso mesmo, consciente da sua importância e valor, nos casos estudados da imprensa periódica regional peninsular, o poder tratou de domesticá-la e torná-la um veículo da sua mensagem.

Produtos e produtores do seu tempo, o *Notícias de Évora* e o *Hoy* trilharam um caminho que lhes permitiu sobreviver. Nas suas relações com a censura encontramos sem dúvida servilismo. Servilismo na divulgação de ideias, na intenção das notícias e na sua “espectacularidade”. Servilismo na visibilidade dada às elites apoiantes do Estado e do poder e a uma sociedade colaborante. Essa sociedade vê-se, contempla-se e age em função da imagem que quer ter junto da opinião pública. Mas encontramos também uma certa transgressão tolerada quando, por exemplo, no *Notícias de Évora* encontramos notícias soltas sobre a sopa dos pobres, as crises de trabalho ou a prisão de indigentes. Esta duplicidade de imagens faz do *Notícias de Évora* uma fonte preciosa sobre a vida da região ao mesmo tempo que justifica a grande aceitação de que aí usufruía. Essa transgressão tolerada resultava muitas vezes da inépcia dos censores mais do que de amiguismo.

No *Hoy*, esta transgressão tolerada foi visível até à guerra civil, quando a censura republicana usava de maior brandura mas foi praticamente inexistente nos anos da censura militar e falangista bem como nos anos da censura franquista, quando até simples frases de perdão católico eram riscadas e proibidas de publicação. Aqui reside

uma das originalidades do Hoy que sendo um jornal de inspiração católica e nacionalista teve de suportar a censura por parte do poder que defendia.

Os dois periódicos tiveram a sua quota-parte de responsabilidade na formação da opinião pública do Alentejo português e da Estremadura espanhola, moldando e influenciando as mentalidades. Mas também eles se foram adaptando a essa opinião pública que auscultavam e com a qual tinham de manter relações cordiais para garantir o número de assinantes e de publicidade que davam vida e suporte económico aos periódicos. Nestes conturbados anos, os jornais estudados entraram nos hábitos das elites locais e da classe média dando-lhes a conhecer as grandes realizações do Estado, convencendo-a dessa grandeza. A censura, em Portugal como em Espanha, ás ordens do Estado, revela empenho de mostrar o grande espectáculo político-cultural das realizações estatais para que o olhar atento dos cidadãos possa aperceber a grandiosidade do regime.

Exercido livremente o direito de informar e de tomar posição através de artigos de opinião, a imprensa regional seria, verdadeiramente, um poder no seio do poder. Enquadrada pela censura, ela continua a ser um poder no seio do poder mas um poder conivente, consentido, orquestrado.

Sob o peso da censura pretendeu-se diluir as imagens complexas, polimorfos, fluidas e abrangentes da totalidade do real, instituindo um pensar formal e rígido avesso ao pensar “córdico” tão peninsular, um pensar onde funciona uma razão em simbiose com o coração. Porém, nesta imprensa lampejam de vez em quando essas imagens e se por vezes esta imprensa parece reflectir uma ausência de espessura e reflectividade, no seu âmago encontramos o sentido do trágico que em Portugal se reveste de saudade e espera e em Espanha de fé e tradição.

## **FONTES**

*Notícias de Évora* 1930 – 1940.

*Hoy* 1933 – 1940.

## **ARQUIVOS E BIBLIOTECAS**

Arquivos Nacionais da Torre do Tombo:

-Arquivo António Oliveira Salazar

-Arquivo do Gabinete do Ministério do Interior.

Arquivo da Direcção Geral da Comunicação Social

Arquivo Geral Militar de Ávila:

-Archivo de la guerra civil española (1936 – 1939), fondos “Cuartel General del Generalísimo”; “Zona roja”; “Zona Nacional”.

Arquivo do Ayuntamiento de Badajoz

Arquivo não organizado do Governo Civil de Évora.

Arquivo do Jornal *Hoy*

Biblioteca Nacional de Lisboa

Biblioteca Nacional de Madrid

Biblioteca Nacional de Évora

Biblioteca Municipal de Elvas

Biblioteca Municipal de Estremoz

Hemeroteca Municipal de Madrid

Hemeroteca Municipal de Badajoz

## BIBLIOGRAFIA

- ABELLAN, M.L. (1978), *Sistema*, “ Censura e prática Censória”, nº 22, Janeiro, Madrid.
- AAVV (1971), *Los 90 Ministros de Franco*, Barcelona, Dopesa.
- AAVV (1987), *Periodismo e Periodistas en le guerra civil*, Madrid, Fundación Banco Exterior, Colección Seminarios e cursos.
- AAVV, (1989), *Salazar e o Salazarismo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote
- AAVV, (1994), *Do Estado Novo ao vinte e cinco de Abril*, Coimbra, Instituto de História e Teorias das ideias, Faculdade de Letras.
- AAVV, (1996), *Portugal e a guerra civil de Espanha*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (1942), *Periódicos e relações. Periodistas e Noticiaristas* – Separata do Boletim da Academia de Ciências de Lisboa, Vol. XIII, Dezembro de 1941, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- ALMUIÑA, Celso (1997), *La Historia en el 96*, “La Historia en el 96”, Madrid, Marcial Pons.
- ANDRÉS - GALLEGO, José (1997), *Fascismo o Estado católico? Ideología, religión y censura en la España de Franco*, Madrid, Ediciones Encuentro.
- AGUILERA, Cesar Castillo (1988), *Historia de la comunicación y de la prensa*, Madrid, Atlas.
- ALBERT, Pierre (1996), *La presse*, Paris, PUF, 11ª ed.
- ALBERTOS, José Luis Martínez (1984), *Enciclopedia del periodismo y de la comunicación*, Madrid, Maveco.
- ALTABELLA, José Hernández (1983), *Fuentes Critico-bibliográficas para la Historia de la prensa provincial española*, Madrid, Facultad de Ciencias de la Información, Departamento de Historia.
- ALVAREZ, Jesús Fernández (1992), *Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX: el nuevo orden informativo*, Barcelona, Ariel, 2ª ed.
- ALVAREZ PUGA, E. (1969), *Historia de la Falange*, Barcelona, Dopesa
- ALVES, Luís Alberto (1983), *Cadernos de Estudos contemporâneos 1*, “Subsídios para a história da imprensa em Portugal”, Porto, Centro de Estudos Humanísticos.
- AMEAL, João, (dir.), (1926/1945), *Anais da Revolução Nacional*, Lisboa, 5 vol.

- AMEAL**, João (1938), *Construção do Estado Novo*, Porto, Tipografia da empresa Guedes.
- AMORÓS**, Maria Rosa (1988), *La libertad de expresión del pensamiento en la II Republica Española*, Madrid, Sección Departamental de Derecho Constitucional.
- ANSEJO**, Porfirio Barroso (1984), *Limites constitucionales al derecho de la información*, Barcelona, Mitre.
- ARAÚJO**, Silva (1988), *Vamos Falar de Jornalismo*, Lisboa, Direcção Geral da Comunicação Social.
- AREAL**, Manuel Fernández (1971), *La libertad de prensa en España*, Madrid, Edicusa.
- AREAL**, Manuel Fernández (1973), *El control de la prensa en España (1938/1971)*, Madrid, Guadiana Publicaciones, S.A., Biblioteca de ciencias de la información.
- ARÓSTEGUI**, Julio (1984), *Coloquio de la Universidad Complutense sobre la España contemporánea*, “Conflicto social e ideologías de la violencia: España 1917/36”, Madrid, Universidad Complutense.
- AROSTÉGUI**, Julio (1985), *Cuadernos de Historia 16*, “La guerra civil”. Madrid, Universidad Complutense.
- ARRIBAS**, Cândido Monzón (1990), *La opinión pública: teorías, conceptos y métodos*, Madrid, Tecnos.
- ARRIBAS**, Cândido Monzón (1992), *Opinión pública, comunicación y política: la formación*, Madrid, Ediciones de la Torre.
- ATARD**, Vicente Palacio (1967) *Los periódicos de la guerra*, Madrid, Imprenta Sáez.
- AZEVEDO**, Cândido (1997), *Mutiladas e proibidas – Para a História da Censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*, Lisboa, Ed. Caminho.
- AZEVEDO**, Cândido (1999), *A censura de Salazar e Marcelo Caetano*, Lisboa, Caminho.
- BALART**, Mirta Nuñez Diaz (1994), *La prensa de guerra en la zona republicana durante la guerra civil española 1936/39*, Madrid, Ediciones de la Torre.
- BALSEMÃO**, F. P. (1971), *Informar ou depender?* Lisboa, Edições Ática.
- BAPTISTA**, Jacinto (1998), *História de Portugal* (dir.), João Medina, “À procura do espírito na política do espírito do Estado Novo”, Ediclube, vol XIII.
- BARRERA**, Carlos (1995), *Periodismo e Franquismo: de la censura a la apertura*, Barcelona, Ediciones Universitarias.
- BARROS**, Júlia Leitão de (1993), *O fenómeno da opinião pública*, Dissertação de mestrado, Lisboa, BN, S.C. 70066 V.

- BASTOS**, José Timóteo da Silva (1983), *História da censura intelectual em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- BEL MALLEEN** (1990), *El derecho á la información local*, Madrid, Ciencia 3 Distribución.
- BENEYTO**, A. (1975), *Censura y política en los escritores españoles*, Barcelona, Euros.
- BENGOA**, Begoña Zalbidea (1996), *Prensa del Movimiento en España: 1936-1983*, Barcelona Serviço Editorial de la Universidad del País Vasco (tese de doutoramento)
- BOLÍN**, Luis (1967), *España. Los años vitales*, Madrid, Espasa Calpe
- BRITO**, J. M. Brandão de; **ROSAS**, Fernando (1996), *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Bertrand.
- BROTEL**, Jean François (1982), *Metodología de la historia de la prensa española* “La iglesia católica y los medios de comunicación”, Madrid, ed. siglo XXI de España.
- CÁDIMA**, F.R. (1996), *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa: Editorial Presença.
- CAETANO**, Marcelo (1974), *Depoimento*, Rio de Janeiro, Ed. Record.
- CAETANO**, Marcelo (1977), *Minhas memórias de Salazar*, Lisboa, Verbo.
- CAL**, Rosa (1994) *Prensa en la segunda república*, Madrid, Departamento da História e Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madrid.
- CALVET**, Henri (1958), *La presse contemporaine*, ed. Fernand Nathan.
- CARDOSO**, António Joaquim (1997), *A censura na ditadura militar e no Estado Novo, 1926-1939 Estrutura e pessoal político*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do trabalho e da empresa.
- CARREIRA**, H. Medina (1996), *Cadernos do Público*, “O Estado e a Educação”, nº7, Lisboa.
- CARRILHO**, Manuel (1987) *O Estado Novo: Das origens ao fim da autarcia, 1926/59*, “A projectada liga republicana e as ultimas tentativas dos liberais contra a institucionalização do Estado Novo”, Lisboa, Ed. Fragmentos, vol I.
- CARRILHO**, Maria (1985), *Forças Armadas e mudança política em Portugal no se. XX*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da moeda.
- CARVALHO**, Alberto Arons de; **CARDOSO**, A. Monteiro (1971), *Da liberdade de imprensa*, Lisboa, Meridiano.
- CARVALHO**, Alberto Arons de (1973), *A censura e a lei de imprensa*, Lisboa, Seara Nova.

- CARVALHO**, Alberto Arons de (1999), *A Censura à imprensa na época Marcelista*, Coimbra, Minerva.
- CARVALHO**, Joaquim Barradas de (1974), *O obscurantismo salazarista*, Lisboa Seara Nova.
- CIERVA**, Ricardo de La (1973), *Francisco Franco. Un siglo de España*. Madrid, Editora Nacional.
- CIERVA**, Ricardo de La (1976), *Historia Básica da Espanha Actual*, Barcelona, Ed. Planeta, 6ª ed.
- CLEMENTE**, Eloy Fernández (1982), *Metodología de la Historia de la Prensa Española*, “A dictadura de Primo de Rivera”, Madrid, ED. Siglo XXI.
- COLOMBO**, F. (1998), *Últimas Notícias sobre el periodismo*. Manual de periodismo internacional, Barcelona, Anagrama, colección Argumentos.
- COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O FASCISMO**, (1980), *A política de informação no regime fascista*, SPN. Relatório sobre o estado actual da imprensa da província – 1/1/1934, vol. I, Lisboa.
- COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O FASCISMO**, (1985) *Legislação repressiva e anti-democrática no regime fascista*, Lisboa, Presidência do Conselho
- COMISSARIADO GENERAL DEL EJÉRCITO DE TIERRA** (1938), *Prensa militar e periódicos murales. Instrucciones para su publicación y normas generales para su orientación*, Comissariado General Del Ejército De Tierra.
- CORREIA**, F. (1996), *Vértice*, “Os mass media da Igreja Católica” nº 70, Janeiro/Fevereiro, Lisboa.
- COSTA**, M. Silva (1983), *Jornalismo*, “Para quando um curso superior de jornalismo?”, nº41 Dezembro, Lisboa.
- COUTINHO**, António Borges (1969), *Teses e Documentos, II congresso Republicano de Aveiro*, “Breve comparação dos regimes jurídicos da imprensa em Portugal”, vol II, Seara Nova.
- CRATO**, Nuno (1989), *A imprensa. Iniciação ao jornalismo e à comunicação social*, Presença.
- CRUZ**, Manuel Braga da (1987), *Cadernos do Instituto de Estudos Europeus nº 2*, “Salazarismo e franquismo. Os mais longevos autoritarismos europeus”, Lisboa, Instituto de Estudos Europeus.
- CRUZ**, Manuel Braga da (1988) *O partido e o Estado no salazarismo*, Lisboa, Presença,

- CRUZ**, Manuel Braga da (1997), *Inéditos e dispersos*, Lisboa,
- CRUZ**, Manuel Braga da; **ROSAS**, Fernando, (coord.), (s/d), *Portugal e o Estado Novo, 1930/60*, “O estado Novo e a igreja católica”, Lisboa, Presença.
- CRUZ**, Manuel Braga da (1992), *Análise Social*, “As elites católicas nos primórdios do Salazarismo” vol XVII, pp547/574.
- CUNHA**, Alfredo da, *História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX*, pp. 314.
- DELGADO**, Iva (s/d.), *Portugal e a guerra civil de Espanha*, Lisboa, Europa - América.
- DIÁZ**, Elías (1983), *El pensamiento político español en la era de Franco*, Madrid, Tecnos.
- ENTRALGO**, Pedro Lain (1937), *Dimension de Eternidad*, “Mission Cultural del nacional-sindicalismo vol V, Madrid, Editorial Católica.
- ESTEVES**, António Joaquim (1986), *A religião popular em Portugal*, Porto, Afrontamento.
- ESTEVES**, J. P. (1986), *Revista de Comunicação e Linguagens*, “Comunicação Regional e Local em Portugal” nº 8, Lisboa.
- ESTEVES**, J. P. (1996) *Ética, Moral e Comunicação: Uma Perspectiva Sociológica*, Actas da Conferência da Arrábida, Lisboa.
- EXTRAMIANA**, José (1982), *Metodología de la historia de la prensa española*, “Prensa y Historia” Madrid, Siglo XXI editores SA, 1ª Ed.
- FERRAZ**, Ivens (1988) *A Ascensão de Salazar*, Lisboa, Ed. O Jornal.
- FERREIRA**, José Medeiros (1992), *O comportamento político dos militares*, Forças Armadas e regimes políticos no sec. XX, Lisboa, Estampa.
- FERREIRA**, José Medeiros (1993) *Política internacional*, “Características históricas da política externa portuguesa entre 1890 e a entrada na ONU”, vol I. nº 6, Lisboa.
- FERREIRA**, Rafael (1942), *Nos Bastidores do jornalismo*, ed. Romano Torres.
- FERRO**, António (1933), *Salazar o homem e a sua obra*, 1ª ed. Empresa nacional de publicidade.
- FERRO**, António (1943), *Dez anos da Política do Espírito (1933/1943)*, Lisboa, Edições do SPN.
- FERRO**, António (1978), *Salazar*, Lisboa, Edições do Templo.
- FIGUEIREDO**, António (1976), *Portugal, cinquenta anos de ditadura*, Lisboa, Dom Quixote.



- FOUCAULT, Michel** (1975), *Ssurveiller et Punir*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel** (1976), *La volonté de savoir*, Paris, Gallimard.
- FRANÇA, E. e MARQUES G.B.** (1982), *Liberdade de Expressão, Expressão da Liberdade: Conclusões, Teses e Documentos do 1º Congresso dos Jornalistas Portugueses*, “O acesso à profissão de jornalista”, Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva.
- FRANCO, G.** (1993), *A Censura à Imprensa 1820-1974*, Lisboa, Imprensa Casa Nacional da Moeda.
- FRANCO, G.** (1982), *Liberdade de Expressão, Expressão da Liberdade: Conclusões, Teses e Documentos do 1º Congresso dos Jornalistas Portugueses*, “Jornalismo ‘new-look’. Sobre a necessidade de ensino do jornalismo”, Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva.
- FUENTES, J.F; SEBASTIÁN, J. Fernández** (1997), *Historia del periodismo español*, Madrid, síntesis.
- GALRÃO, Carlos** (1937), *Imprensa Regional*, Mafra, Tipografia Liberty.
- GÂNDARA, Alfredo** (1956), *A imprensa regional ao serviço da nação*, Lisboa, tipografia Sivas.
- GARCIA, José Luis Dader** (1980), *La repercusión política de la mediación periodística en las democracias occidentales*, Pamplona, Universidad de Navarra.
- GARCIA, José Luis Dader** (1986), *Opinión Pública y periodismo: claves para una reflexión crítica*, Pamplona, Universidad de Navarra.
- GARCIA, L.** (1994), *Vértice*, “Principais tendências de evolução do universo dos jornalistas portugueses” nº 60, Maio/Junho, Lisboa.
- GARCIA, L. e CASTRO, J.** (1993), *Sociologia – Problemas e Práticas*, “Os Jornalistas portugueses, Da recomposição social aos processos de legitimação social”, Lisboa, D.O.U.
- GARCIA, L. e OLIVEIRA P.** (1994), *Jornalista Português, O que é?* Lisboa: Sindicato dos Jornalistas.
- GARCIA, L.** (1995) ‘Os jornalistas portugueses enquanto actores do espaço público medietizado: legitimidade, poder e interpretação’ in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 21-22.
- GODINHO, José Magalhães** (1971), *Lei da imprensa*, Lisboa, Ed. Excelcior.
- GODOY, A. Checa** (1996), *Prensa y partidos políticos durante la II Republica*, S A

- GÓMEZ**, Hipólito de La Torre (1983), *Antagonismo y fractura Peninsular, España-Portugal, (1910/1919)*, Madrid, Espasa Calpe.
- GÓMEZ**, Hipólito de La Torre, (1985), *Do perigo espanhol à amizade peninsular, (1919/1930)*, Lisboa, Estampa.
- GÓMEZ**, Hipólito de La Torre (1988), *La relación Peninsular en la antecámara de la guerra civil (1931/1936)*, Mérida, UNED.
- GÓMEZ**, Hipólito de La Torre (1997), *La Historia en el 96*, "Historiografía española del Portugal Contemporáneo, Madrid, Marcial Pons.
- GONÇALVES**, Luís da Cunha (1936), *O jornal e a sua vida jurídica*, Lisboa, Academia das Ciências.
- GONZALEZ**, Francisco Iglésias (1990), *Historia de una empresa periodística: Prensa española editora de "ABC" Y "Blanco y negro": 1891/1978*, Madrid, Prensa Española.
- GONZALEZ**, Francisco Iglesias (1992), *El periodista en el espacio público*. Barcelona, Bosch.
- GUBERN**, Román (1981), *La censura: función política y ordenamiento jurídico bajo el franquismo (1936/1975)*, Barcelona, Ediciones Península.
- HABERMAS**, (1978), *L'espace publique*, Paris, Payot.
- JACKSON**, Gabriel (1990), *La República Española y la guerra civil, 1931/39*, Barcelona, Crítica Ed.
- JAEN**, Angel Benito (1982), *Controlo social y político de la información*, Barcelona, Instituto de Ciencias sociales.
- JAEN**, Angel Benito (1988), *Información y poder*, Madrid, Senado.
- JEANNENEY**, Jean-Noël (1996), *Uma História da comunicação social*, Lisboa, Terramar.
- JULIÁ**, Santos (1979), *Orígenes de la Frente Popular en España (1931/1936)*, Madrid, ED. Siglo XXI.
- YZURDIAGA**, Fermín (1937), *Mensagem das bandeiras vitoriosas à juventude guerreira de Espanha*, Porto, Editorial Meio-Dia.
- LARA**, Manuel Tuñon de, (dir.), (1981), *La crisis del estado: dictadura, Republica e guerra 1923/1939*, Barcelona, Labor.
- LARA**, Pedro Crespo de (1977), *Libertad de Prensa: Condicionada.*, Madrid, Consórcio de Diários españoles.
- LEON**, Pierre (dir.), (1982), *História económica e Social do mundo*, Lisboa, Sá da Costa, vol V.

- LOPES, Norberto** (1975), *Visado pela censura*, Lisboa, Ed. Aster.
- KEANE, John** (1991), *The media and democracy*, Cambridge, Polity Press.
- MANSO, Joaquim** (1941), *Separata do Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, “Jornalismo”, Lisboa, Academia das ciências de Lisboa, vol XIII.
- MARCOS L.H.** (1986), *Conclusões, Teses e Documentos do 2º Congresso dos Jornalistas Portugueses*, “Formação Profissional: começo e futuro”, Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva.
- MARQUES, Oliveira** (1974), *História de Portugal*, vol II, Pallas ed.
- MARQUES, Pedro Correia** (1958), *Rumo*, “A imprensa: as suas dificuldades e responsabilidades” ano XII, Agosto, Lisboa, ed. Inquérito.
- MARTINS, António** (1976), *Da 1ª República ao Estado Novo*, Lisboa Iniciativas editoriais.
- MARTINS, Moisés de Lemos** (1986), *Cadernos de Ciências Sociais* nº IV, “Uma solidão necessária à ordem salazarista: a família como terapêutica nacional”, Porto, Edições Afrontamento.
- MARTINS, Moisés de Lemos** (1990), *O Olho de Deus no discurso Salazarista*, Porto, Afrontamento.
- MARTINS, Rocha** (1942), *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, ed. Inquérito.
- MATOS, Helena** (2004), *Salazar: A propaganda*, 2 vol., Lisboa, Circulo de leitores.
- MEDINA João; MEDINA João** (dir.), (1998), *História de Portugal*, Deus pátria e família: ideologia e mentalidade do Salazarismo, Lisboa, Ediclube ed., vol XII.
- MEDINA João; MEDINA João** (dir.), (1998), *História de Portugal*, Salazar e a ruptura das relações diplomáticas com a República espanhola, Lisboa, Ediclube ed., vol XII.
- MEDINA, João** (dir.), (1990), *História Contemporânea de Portugal*, Genebra, Ediciones Ferni, SA.
- MEDINA, João** (1978), *Salazar e os fascistas*, Lisboa, Bertrand.
- MESQUITA, M.** (1987) 'Tendências do Jornalismo Português' in *Cadernos de Jornalismo*, 4.
- MESQUITA M.** (1994) *Portugal, 20 Anos de Democracia*, “Os Meios de Comunicação Social”, Lisboa, Círculo de Leitores.
- MESQUITA, M.** (1995) *Revista de Comunicação e Linguagens*, “Tendências da comunicação política”, Lisboa, pp. 21-22.
- MIRANDA, Jorge** (1987), *Manual de direito Constitucional*, Coimbra, Coimbra ed, 3ª ed. Revista.

- MÓNICA**, M<sup>a</sup> Filomena (1978), *Educação e sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Presença.
- MONTE**, Gil do (1955), *A imprensa regional eborense* (fotocopiado na Biblioteca Nacional de Évora).
- MONTE**, Gil do (1955), *O jornalismo eborense: 1846/1954*, Évora, Editora Minerva Comercial.
- MONTE**, Gil do (1978), *O jornalismo eborense 1846/1976*, Évora, Ed. Gráfica Eborense.
- MONTE**, Gil do (1984), *Achegas para a História do jornalismo no distrito de Évora*, Évora, ED. Gráfica Eborense.
- MONTEIRO**, Adolfo Casais (1974), *O País do absurdo – Textos políticos*, Lisboa, Ed. República
- MONTERO**, J. Terrón (1981), *La prensa en España durante el régimen de Franco*, Madrid, CSIC. (Centro de Investigaciones sociológicas)
- MOREIRA**, V. (1994) *O Direito de Resposta na Comunicação Social*, Coimbra, Coimbra Editora.
- MORGADO**, Florindo (s/d), *Liberdade de imprensa*, Lisboa, Empresa Universidade editora.
- MORIN**, Edgar, (s.d), *O Paradigma perdido*, Europa América, 3<sup>a</sup> Ed.
- NEVES**, Mário (1986), *A chacina de Badajoz: Relato de uma testemunha de um dos episódios mais trágicos da Guerra civil de Espanha (Agosto -1936)*, Lisboa, O jornal.
- NOBRE-CORREIA**, M. (1996), *A Cidade dos Media*, Porto, Campo das letras.
- NOGUEIRA**, Franco (1977), *Salazar*, Coimbra, Livraria civilização.
- NOGUEIRA**, Franco; **PERES**, Damião (dir.) (1981), *História de Portugal*, “Estado Novo, 1933/1974”, Porto, Livraria civilização, 2<sup>o</sup> suplemento.
- OLIVEIRA**, César (s/d.), *Portugal e a 2<sup>a</sup> república de Espanha (1931/1936)*, Lisboa, Perspectivas e realidades.
- OLIVEIRA**, César (1988), *Salazar e a guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições O Jornal, 2<sup>a</sup> edição.
- OLIVEIRA**, César (1995), *Cem anos nas relações luso espanholas. Política e economia*. Lisboa, Edições Cosmos.
- OLIVEIRA**, P. (1988), *Revista de Comunicação e Linguagens*, “Elementos para uma Sociologia dos jornalistas portugueses”, n<sup>o</sup> 8, Dezembro, Lisboa.
- OLIVEIRA**, P. (1992), *Análise Social*, “A integração Europeia e os meios de

comunicação” social”, nº XXVII, Lisboa.

**OLIVEIRA, P.** (1994), *Médias Pouvoir*, "Portugal: un lent cheminement vers l'Europe » nº 36.

**OLIVEIRA, P.** (1995), *Portugal Hoje*, "Comunicação Social: verso e reverso do país real e imaginário" Lisboa, Instituto Nacional de Administração.

**OSKAM, Jeroen**, (1991), *Revista de Estudios Extremeños* 47, "Censura y prensa franquista como tema de investigación" pp. 113/132.

**PAYNE, S; TUSELL, J.** (1996), *La guerra civil*. Madrid, Temas de Hoy.

**PAULO, Heloísa** (1994), *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil*, Coimbra, Minerva.

**PEIXE, M. e FERNANDES P.** (1997), *A Lei de Imprensa Comentada e Anotada*, Coimbra, Almedina.

**PÉREZ, Juan Beneyeto** (1969), *Teoría e técnica de la opinión pública: cinco estudios sobre opinión, tiempo y sociedad*, Madrid, Tecnos.

**PÉREZ, Juan Beneyeto** ( ), *El saber periodístico 1965/1974*, Madrid, Editora Nacional.

**PERROT, Michelle** (1991), *História da vida Privada*, "Funções da Família", Porto, Ed. Afrontamento

**PINTO, António Costa** (1985) *Conflitos e Mudanças em Portugal 1974/1984*, "A direita radical e a ditadura militar: A Liga nacional 28 de Maio 1928/33", Lisboa, Ed. Teorema.

**PINTO, António Costa** (1992), *O Salazarismo e o Fascismo Europeu*, Lisboa, Estampa.

**PINTO, António Costa** (1994), *Os camisas azuis. Ideologias, elites e Movimentos fascistas em Portugal (1914/1945)*, Lisboa, Estampa.

**PINTO, M.** (1986) *Conclusões, Teses e Documentos do 2º Congresso dos Jornalistas Portugueses*, "A deontologia e a formação profissional", Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva.

**PIRES, Daniel** (1996), *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do sec. XX (1900/1940)*, Lisboa, Grifos.

**PIRES, José Cardoso** (1977), *E agora José?* Morais editores.

**PIZARROSO, A.** (1994), *Historia de la prensa*, Madrid, Editorial Centros de estudios de Ramón Areces.

**PRESTON, P.** (1998), *Franco. Caudillo de España*, Madrid, Grijalbo Mondadori.

- PRÍNCIPE**, César (1994), *Os segredos da censura*, Lisboa, Caminho.
- RAPOSO**, Hipólito, (1940), *Amar e servir— História e doutrina*, Porto Civilização Ed.
- REDONDO**, Juan Carlos Jiménez (1996) *Franco e Salazar. As relações luso-espanholas durante a guerra-fria*, Lisboa, Assírio& Alvim.
- REGO**, Raul, (1969), *Horizontes Fechados*, Lisboa, edição do autor.
- REZOLA**, Maria Inácia (1999), *O sindicalismo católico no Estado Novo 1931/1948*, Lisboa, Estampa.
- RIBEIRO**, Orlando; **LAUTENSACH**, Herman; **DAVEAU**, Suzanne, (1987), *Geografia de Portugal*, Lisboa, Sá da Costa, IV vol.
- RICCHIERI**, G. (1978), *Il Concepto di regioni e de confini nella sistematica geografica*, Bolonha, Revista Scientia, 2ª ed.
- ROBLES**, José Mª Gil (1978), *No fue posible la paz*, Barcelona, Planeta.
- ROCHA**, Hugo (1946), *Jornalistas*, Lisboa, Ed. Imprensa Social.
- RODRÍGUEZ**, Alberto Pena (1998), *El gran aliado de Franco. Portugal y la guerra civil española: Prensa, Radio Cine y Propaganda*, Sada Coruña, Edicions do Castro.
- RODRIGUES**, A.D. E **Miranda B.** (1989), *Sociétés*, La sociologie de la communication au Portugal, nº 22.
- RODRIGUES**, Graça (1980), *Breve História da censura literária em Portugal*, Lisboa Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- RODRIGUES**, J.C. (1989), *Conclusões, Teses e Documentos do 2º Congresso dos Jornalistas Portugueses*, “O Acesso à profissão de jornalista” Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva.
- ROSAS**, Fernando; **MATOSO**, José (dir.) (1994), *História de Portugal*, O Estado Novo, Lisboa, Estampa, vol VII.
- ROSAS**, Fernando (1985), *Revista História*, “A Guerra civil de Espanha na Sociedade das Nações. Salazar, ministro dos negócios estrangeiros de Burgos”, nº 82, Lisboa, pp. 33/53.
- ROSAS**, Fernando (1992), *Portugal e o Estado Novo*, Lisboa, Estampa.
- ROSADO**, Nuno (sd), *A imprensa*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional.
- ROSSEL**, André (1982), *Histoire de France á travers les journaux du temps passé*, Paris, Armand Colin, 2 vols.
- RUDEL**, Christian (1989) *Imprensa e Revolução*, Direcção Geral da Comunicação social.

- SÁ**, Vitor de (1991), *Roteiro da imprensa operária e sindical 1836/1986*, Lisboa, Caminho.
- SALAZAR**, Oliveira (1937/67), *Discursos e notas políticas*, Coimbra, Coimbra Ed. 6 vol.
- SALGADO**, Joaquim (1945), *Virtudes e Malefícios da Imprensa*, Porto, Portucalense Ed.
- SCOTT**, John (1994), *Power: Critical concepts*, (colectânea de papers), Londres, ed. Routledge, 3 vol.
- SEOANE**, Maria Cruz; **SAÍZ**, Maria Dolores (1998), *Historia del periodismo en España*, Madrid, Alianza editorial, 3 vol.
- SÉRGIO**, António (1971), *Ensaíos*, tomo VI, Lisboa, Sá da Costa.
- SERRÃO**, Verissimo (1997), *História de Portugal*, Lisboa, Verbo editora, vol. XIII, pp.510/514.
- SERRÃO**, 1. e O. Marques (1992) *Nova História de Portugal (Vol.XII)*. Lisboa: Presença.
- SINOVA**, Justino (1989), *La censura de prensa durante el franquismo, (1936/1951)*, Madrid, Espasa Calpe.
- SOUTHWORTH**, H. R. (1975), *La destruction de Guernica. Journalisme, diplomatie, propagande et Histoire*, Paris, PUF.
- STEED**, W. (s/d), *The Press*, London, Penguin Books.
- TAMARGO**, Afonso Nieto (1967), *El concepto de empresa periodista*, Pamplona, Universidad de Navarra, Instituto de periodismo.
- TAMARGO**, Afonso Nieto (1973), *La empresa periodística en España*, Pamplona, Universidad de Navarra.
- TENGARRINHA**, José Manuel (1ª Ed. 1965 e 2ª Ed. 1989), *História da imprensa periódica portuguesa*, Lisboa, Portugália editora, e Editorial Caminho.
- TENGARRINHA**, José Manuel (1983), *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Caminho.
- TENGARRINHA**, José Manuel (1997), *La Historia en el 96 "La Historiografía portuguesa en los últimos veinte años"*, Madrid, Marcial Pons.
- TOBAJAS**, Marcelino, (1984), *El periodismo español: Notas para a su Historia*, Madrid, Forja.

- TORGAL**, Luís Reis (1990), *Cadernos sociais*, “Estado ideologia e história em Portugal. Breves reflexões sobre um tema em análise” 8/9.ed. Afrontamento, Porto, pp.99/107.
- TRAQUINA**, N. (1995) *Revista de Comunicação e Linguagens*, “O paradigma do agenda setting: redescoberta do poder do jornalismo” pp.21-22.
- TRIGO**, S. (1985) *O Ensino do jornalismo em Portugal*. Comunicação para o Seminário “Jornalismo no ano 2000”, Lisboa.
- TUSELL**, Javier (1992), *Franco en la Guerra civil. Una Biografía política*, Barcelona, Tusquets
- TUCHMAN**, Gaye (1978), *A study in the construction of reality*, New York, The Free Press
- VENERO**, M. García (1967), *Falange en la guerra de España. La unificación y Hedilla*, Bordeus, Ruedo Ibérico.
- VIANA**, António, (1958), *Apontamentos para a História diplomática Contemporânea*, Lisboa, Livraria Ferin, 3 vol.
- VILAR**, Pierre (s.d), *História de Espanha*, Lisboa, Livros Horizonte
- VOYENNE**, Bernard (1971), *La presse dans la société contemporaine*, Paris, Armand Colin.
- WEILL**, George, (1934), *Le journal. Origines, évolution et rôle de la presse périodique*, Paris, ed Albin Michel.
- WOLTON**, Dominique, (1999), *Pensar a comunicação*, Lisboa, Difel.
- WRONG**, D.H. (1979), *Power: its forms bases and uses*, Oxford, Blackwell.



## **ANEXOS**

**Anexo 1 A**

**GRELHA DE ANÁLISE FORMAL**

<b>Data</b>	<b>Nº</b>	<b>Pág.</b>	<b>Director/Editor</b>	<b>Preço</b>	<b>Fontes</b>	<b>Censura</b>	<b>Assinaturas</b>



## Anexo 2

### COLABORADORES DO NOTÍCIAS DE ÉVORA

**NOTA:** Esta lista foi elaborada a partir dos trabalhos já citados de Gil do Monte. Foi acrescentada pelos nomes encontrados durante o estudo do periódico, constituindo os nomes sublinhados os que surgem como colaboradores mais frequentes entre 1930/1940.

A. Bívar de Sousa (coronel)

A. J. Nogueira

Alberto Silva

Alberto Pimenta

Albino Lapa

Alfredo Pinto (Sacavém)

Álvaro Aires da Mata (João Agreste)

Aníbal Anjos

António Cândido Ferreira (tenente)

António Cordovil

António Francisco Barata

António Sardinha

António Rego

Antunes da Silva

Artur Vasconcelos

Augusto Forzaz

Baptista de Oliveira (padre)

Baltazar dos Reis Corujo

Bartolomeu Gromicho (Dr.)

Benjamim das Neves

Bento Caeiro

Boaventura Aguiar

Bombarda (filho)

C. Faria e Castro

Campos Silva

Carlos Soeiro da Costa

Carlos Marques

Celestino David (Dr.)

Costa Serrão

Demócrito

E.

Eduardo do Nascimento (redactor)

Eduardo Geraldo

Eduardo Pacheco

Ejurem

Elisa Alvarenga

Elvira Borsati

Ermelinda Filipa Passos

Eufrásia de Almeida Rijo

Eusébio Blasco

Evaristo Cutileiro (Dr.)

F.

F.X. Rodrigues

Florbela Espanca

Florival Guerreiro

Fontana da Silveira

Francisco de Jesus Nunes

Francisco Vieira

Gabriel Augusto Mendes

Gil do Monte

Guedes de Amorim

Henrique Freire

Humberto Silveira Fernandes

Janota e Companhia

Januário Justiniano de Nóbrega

João Câmara Leme

João da Cruz

João Henriques

João Maria Ferreira

João Paiva

João Ruivo

João Seves de Oliveira (Simplicio)

Joaquim A. Tapum

Joaquim da Câmara Manuel

Jorge Ramos (Rebus)

Jorge Teixeira

José Brandão

José Cordovil

José da Graça

José do Rosário (Cromwell)

José Rico

Júlio Casinha

K

L. A. G.

Laura Teixeira

Luís Barradas (Almedina)

Luís Bonifácio

Luís Coelho

Luís Cordovil

Luís Delfim

Luís Leitão

Luisa Segurado (Nizeth de Ataíde)

Manuel Lourenço de Galvão (Dr.)

Manuel Ribas

Manuel Ribeiro

Manuel Ventura (Cap.)

Maria Isabel Gamito de Oliveira

Maria Marta

Mário Florival

Mário Guedes Real

Marques Batoque (Dr.)

Morais Sarmento

Nae

Ninguém

Noronha de Portugal



Novais Teixeira

Octávio Rodrigues de Campos

Oliveira Charrua (Prof.)

Oliveira Parreira

Pedro Cassolar

Pedro Guedes Real (Edmundo Belfonte)

Pedro Homem de Melo

Pedro Muralha

Pedro Sá

R. Laranjeira

Ramiro da Fonseca (Dinis de Castro)

Raul Miranda

Rijo Rosado Tristão

Rui de Ávila

Ruy de Alenquer

Santelmo

Santos Cravina

Santos Garcia (Dr.)

Santos Nobre

Sérgio Augusto Vieira

Silva Reis

Sousa Nunes

Teobaldo Moron Rodrigues

Túlio Espanca

Túlio Miranda

Vítor Santos (Dr.)

X.

**Anexo 3: Aniversários do *Notícias de Évora*:**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1931**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1932**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1933**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1934**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1935**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1936**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1937**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1938**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1939**

**1ª Página do *Notícias de Évora*, 8/9/1940**



# Noticias d'Evora

DIARIO DA MANHA

Director, editor e proprietario — Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redacção e administração: Rua do Raimundo, 43 e 45  
Sociedade da revista do jornal: Rua de ... 41

Officina de composição e impressão: Rua dos Teatros 2, 4 e 6  
EVORA

INSTALAÇÕES PROPRIAS (Preto todo) — MÁQUINA: MOVIDAS A ELECTRICIDADE

### ASSINATURAS

Em Evora: cada mez... 5300  
Para fóra... 7350  
... trimestre... 21300

### Calendario de Setembro

Domingo	0	13	20	27
Segunda	7	14	21	28
Terça	8	15	22	29
Quarta	9	16	23	30
Quinta	10	17	24	
Sexta	11	18	25	
Sabado	12	19	26	

1931

Setembro

8

TERÇA-FEIRA

Este numero do «Noticias d'Evora» foi visitado pela comissão da censura.

## 1900 = 1931

## Homenagem a dois distintos colaboradores

## Luiz Leitão

Entrou hoje no seu 32.º ano de publicação, o *Noticias d'Evora*.

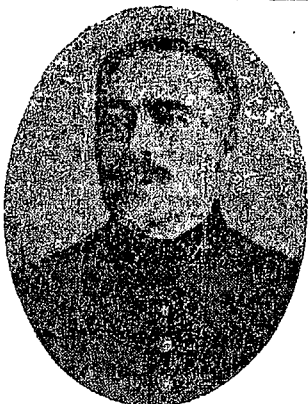
Quando, em 1900, despontou no horizonte da imprensa diária da capital alentejana, como astro brilhante ao serviço da causa progressista, que era, então, o partido geral do rotativismo monárquico, este jornal era, como hoje, afora a afinidade politica que perdeu, o paladino dos fracos e o porta-voz de todos os eborenses, do olhando a castas, nem ás diferenças sociais, dos que a elle recorriam, e procura de defesa, em todas as causas justas.

Jornal de todos e para todos, onde se cultivava, em esmero, o respeito pelo semelhante. Não é, contudo, na observância dos deveres sociais e civicos e na defesa de interesses regionais, nem um subserviente adulador, nem um irreverente párafrase de tablado. Ajusta a conveniencia da linguagem, sempre correcta e cordada, aos preceitos que regem, e adentro, as sociedades cultas e civilizadas, as relações as boas maneiras entre pessoas que se prezam, e sab' um prezar o conceito em que são tidos os seus concidadãos.

Assim, como o sol radiante, que quando nasce para todos, assim o *Noticias d'Evora* se orgulha de ser, há bom par de annos, jornal para todos, mantendo, sem esforço, nem intencional precaução, uma linha de conducta, austera e leal, que lhe permitiu merecer a estima, e consideração, de milhares de leitores que possui.

Não se arrepende, a sua Direcção, de proceder assim, em conformidade com os dictames da sua consciência, que não se deixa perturbar ás paixões que dividem os homens, e, por vêzes, uns ressaibos de mau humor que escapam na directriz que traçarem são o fructo de uma época mais agitada, cujo dominio se infiltra, insensivelmente, em todas as consciências, mas não apresentam, elles, o producto de tendências irreflectidas, para as luctas travadas no campo social ou politico.

A actual é bem diferente da que vivemos há trinta annos. As exigencias da sociedade, outras são. e os processos jornalisticos não se assemelham, quando se abstrahem do mercantilismo, as normas da sua produção industrial. Não deseja, o *Noticias d'Evora*, conservar-se alheio ás mudanças do seu passado de correcção, que não quer desejar ser, na imprensa, um jornal que recorde o arcaismo da época passada, na sua estrutura de orgão de informação da época presente. Porquanto o progresso quem regula a marcha de todas as manifestações da actividade humana, elle acompanhará o progresso sem mercadejar o producto dos seus esforços, sem mudar de opinião, sempre independente, sempre correcto, e



Pedro José G. Real

Costosamente inserimos hoje, nas páginas do nosso diário, as fotografias dos nossos amigos, e illustres colaboradores do *Noticias d'Evora*, Ex.º Sr. Pedro José G. Real, e do seu filho, Ex.º Sr. Mário Guedes Real, os quaes, com uma assiduidade invulgar, e desinteressadamente, nos tem auxiliado com a sua valiosa cooperação, há mais de um anno, pois começaram a colaborar, o primeiro em 10 de Junho de 1930, e o segundo em 4 do mesmo mes e ano.

Pedro José G. Real, é seu filho, conhecido em Lisboa, o *Noticias d'Evora* através, decerto, de algum dos nossos assinantes daquela cidade; e, reconhecendo, nelle, o jornal próprio para as suas locubraciones e devaneos literários. — como modestamente classificam as suas valiosas produções —, pela sua indole e caracter independente e apollítico, a elle confiamos, num importante concurso, a sua valiosa e variada colaboração literária e noticiosa, que muito prezamos e agradecemos.

Pedro José G. Real, é um distincto official reformado do nosso exercito; espirito lúcido e já amadurecido pela experiencia da vida, de uma vasta cultura, servida por uma intelligencia sólida, é um colaborador anónimo do *Noticias d'Evora*, fugindo sempre á ostentação e á publicidade do seu nome, nítida modestia, sincera que todos os seus amigos lhe reconhecem, e muito admiram.

Mário Guedes Real, que segue, escrupulosamente, os ensinamentos

sempre accessivel aos seus leitores, aos seus colaboradores e ao público que o procurar. A todos elles o *Noticias d'Evora* saúda, envian-do-lhes o seu mais sincero agradecimento, pelos favores do bom acolhimento, há trinta e um annos dispensado, circumstancia que lhe tem permitido auferir as maiores provas de deferencia, de estima e de consideração, entre os seus leitores, que elle procura retribuir da mesma forma.



Mário Guedes Real

morais de seu illustre pai, sólidamente apetrechado com uma cultura e illustração muito desenvolvidas, é um novo que procura, nas horas vagas dos seus afazeres officiaes, dedicar a sua intelligencia á expansão das letras; e ao estudo das artes e de todas as manifestações de actividade scientifica, a que os seus conhecimentos facilmente se adaptam. E assim, fazendo uma vida que se afasta dos moldes desta vida actual, que é toda cheia de falsas noções da moral em que os antepassados edificaram o caracter da familia, é dos povos; Mário Guedes Real, marca, como rapaz distincto e culto, um lugar de destaque na sociedade, facilitando-lhe a conquista de inúmeras amizades a que o seu belo caracter tem jus.

Ambos, como colaboradores deste diário; cuja acção tem sido muito útil ao *Noticias d'Evora*, são dignos dos nossos mais sinceros agradecimentos. E esta pequena homenagem, que lhe tributamos no dia do aniversário do nosso jornal, ainda pequena e modesta para o muito que nos tem auxiliado, para o muito que merecem; é o tributo que o *Noticias d'Evora* lhes presta, arquivando, nas suas colunas, as suas fotografias que ficarão, como o jornal, eternamente atestando a nossa gratidão, e o seu valioso concurso á nossa modesta empresa jornalística.

Que nos desculpem Suas Ex.ºs, se com isto vamos feri-los na sua modestia. Não é essa, porém, a nossa intenção.

### «Noticias d'Evora»

Diário da manhã, com 32 annos de existencia, com o maior numero de assinantes, leitores e anunciantes.

O mais lido e procurado em Evora, com uma grande tiragem para fóra; o jornal regional por excelencia, o que mais pugna pelos interesses da Provincia, e da Cidade, independente e para todos.

Assind-lo, escolhê-lo para os seus amigos e noticias, é ter a certeza de ter um bom jornal, e a garantia de uma grande utilidade, porque elle entra em todas as casas, repartições, etc., etc.

Tira a prova.

Não nos foi possível conseguir a fotografia deste nosso amigo, o mais antigo colaborador que actualmente tem o *Noticias d'Evora*, embora a tentássemos obter junto de pessoas que, possivelmente, a poderiam possuir. Tentámos, em vão, pois desejávamos fazer uma surpresa a quem tanto, e durante tantos annos, tem sido um valioso auxiliar desta casa, como preito de uma homenagem devida por inapagavel gratidão de que lhe somos devedores. Nem por isso, neste dia que marca mais uma etapa na vida deste diário; neste momento, em que, num recolhimento de recordações, nos lembramos de todos quantos tem insuflado um pouco de alento á vida deste jornal, deixamos de levar, junto de Luiz Leitão, os nossos mais efusivos e sinceros agradecimentos, pela sua amizade e colaboração muito valiosa.

Luiz Leitão, não é um jornalista da moderna geração; é, como os seus trabalhos o demonstram, um apaixonado cultivador da BONDADE, um ancião, cuja existencia desejamos se prolongue ainda, por dilatados annos, um amigo, de toda a vida, dos animais e das aves que elle acaricia, que elle socorre, que elle trata, como seres que lhe merecem a mais viva simpatia, como acaricia, como socorre, como trata, a Humanidade que a elle se acolhe. Luiz Leitão é uma alma bem formada, um caracter de eleição.

Vão para elle, as nossas mais justas homenagens, os nossos mais sinceros agradecimentos, pelo muito que o *Noticias d'Evora* lhe é devedor.

## Sérgio Augusto Vieira

Após uma forçada suspensão da sua actividade jornalística, motivada por uma doença que revestiu certa gravidade, voltou ás suas occupações, na cidade do Porto, e retomou o contacto com os nossos leitores, o Redactor correspondente do *Noticias d'Evora*, na capital do Norte, o nosso muito prezado amigo Sérgio Augusto Vieira.

Aprez-nos registar este facto, com que muito nos congratulamos, tanto mais por elle coincidir com a comemoração do 32.º aniversário do *Noticias d'Evora*, data que, como é natural, representta, sempre, uma nova alegria que se repete, para nós, todos os annos. E se esta data é de molde a orgosar-nos, pelo muito que temos feito, ella não o é menos pelo auxilio que, de tão boa vontade, nos prestam os nossos colaboradores e amigos, no numero dos quaes se encontra Sérgio Vieira, e os nossos assinantes e leitores, todos contribuindo, a seu modo, para a alegria que usufruimos, e que nos dá alento para continuar nesta senda ingrata do jornalismo, ao mesmo tempo simpática e atraente. Por que, Sérgio Vieira, sendo um novo, é um entusiasta convicto, e um apaixonado pelas lides jornalisticas, um colaborador, incançavel, com exceptionaes qualidades de crítico e de observador consciante.

Ao sollicito Redactor correspondente do *Noticias d'Evora*, na cidade do Porto, aqui deixamos consignada a nossa satisfação, muito grande, pelo seu restabelecimento, e as homenagens mais graças pela sua colaboração, que é sempre muito apreciada.

ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5000
Para fora, " " 7500
" " trimestre, 21000

Calendario de Setembro

Table with 2 columns: Day of the week and numbers 1-30 arranged in a grid.

Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHA

Director, Editor e Proprietario — Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redação e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43
Officina de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telegramas — «Noticias Evora» Evora — Telefone n.º 125
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal

O jornal mais antigo do distrito de Evora — Tipografia propria — Máquinas movidas a electricidade

1932

MEZ DE SETEMBRO

8

Quinta feira

Estê numero foi visado pela censura.

Avançado

1900-1932 Mais um aniversario

O Noticias d'Evora completou 32 anos de existencia, e entra hoje no 33.º ano de publicidade. Este já longo período de tempo, vivido através das vicissitudes próprias e inerentes a um diário de provincia, é a prova mais eloquente da simpatia que mereceu aos seus muitos leitores...

Os homens passam. Mas o Noticias d'Evora, que tem sido o baluarte altaneiro onde se defendem, com ardor, os interesses da colectividade, esse fica, para continuar na sua glória, na missão social que o orienta, sob a honesta direcção do seu actual proprietario...

É por estas razões, afinal muito ponderosas na vida de um jornal, que o Noticias d'Evora se orgulha da sua independência politica, por elle, liberto das delectérias influencias de facção...

Hoje, como ontem, a orientação deste jornal está sobejamente definida. Há sete anos, neste mesmo local diziamos nós:

«Não alimentamos descabidas vaidades, mas não podemos de modo algum deixar de sentir uma enorme satisfação íntima, a de verificar que, através de todas as vicissitudes, por vezes amargas e dolorosas, o favor público não tem deixado de nos acompanhar, dando-nos coragem para continuarmos a nossa missão.»

«Só temos em vista o progresso do nosso distrito, coração de toda a provincia do Alentejo, e do muito ou pouco que em seu proveito temos trabalhado — falamos bem claramente os anos que hoje, modesta mas altamente, festejamos, absolutamente dispostos a seguir o mesmo trilho que sempre temos pisado, auxiliando e defendendo o que é justo e útil, combatendo ou discordando do que se nos afigura prejudicial aos sagrados interesses da região ou da cidade!»

«Nunca discutimos pessoas, porque acima delas colocamos sempre os superiores interesses da colectividade, mas também jamais deixámos de prestar justiça a quem a mereceu, sem olhar o campo em que se encontrava.»

«A independência do nosso jornal é absoluta. Não depende dos partidos politicos, nem das empresas dominantes, e na hora em que seja preciso render palavras de louvor a quem a elas tenha direito — sentimos bem forte essa independência, não recebendo nem acatando sugestões de quem quer que seja!»

«Assim temos vivido! Assim vamos continuar!»

Hoje, como ontem, estas palavras têm a sua oportunidade, porque aqui nada se modificou: Ao favor público devemos uma grande parte da obra realizada nos trinta e dois anos decorridos, porque o público tem sabido corresponder, sempre, por uma simpatia comunicativa, ao esforço por nós dispendido na manutenção do mais antigo diário de Evora. A essa simpatia, que nós lisongeia pela sua espontaneidade, correspondemos nós, na medida dos nossos recursos, defendendo os interesses da região, pondo em primeira plana os interesses colectivos, por não nos merecerem especial predilecção os interesses pessoais que possam estar em jogo.

Neste dia, tão grato ao nosso espirito, diziamos isto há sete anos e repetimo-lo hoje, com íntima satisfação — desta humilde tribuna em que comunhamos com o público, saudamos comoavidamente quantos nos tem dispensado os favores da sua amizade e solidariedade, colaboradores, assinantes, anunciantes, compradores e mais intimamente o pessoal da casa, que nesta árdua tarefa nos acompanha: tão dedicadamente.

E nesta sincera saudação, envolvemos, igualmente, toda a Imprensa do País, esse baluarte indestrutível das mais justas reivindicações e aspirações dos povos civilizados.

O nosso numero de hoje

Gratidão

O nosso numero de hoje, impresso a cores, comemorativo do 32.º aniversario, contém 20 paginas.

Devendo ao trabalho extenuante que ele nos custou, e ao nosso pessoal, e ao nosso pessoal, e ao nosso pessoal, e ao nosso pessoal, e ao nosso pessoal...

Sublime palavra que comunga a alma e faz palpitar o coração, quando ella é escrita com verdade e sentimento.

Fornas educadas e pequenias a exprimir o sentimento de gratidão a todos os pessoas que nos auxiliaram — sim, porque todos tivemos a dita de nascer em berço doirado.

Como fomos dizendo — fomos sempre gratos e reconhecidos a todas as pessoas e por isso mesmo aqui vimos hoje por mão de uma ligeira mas sincera homenagem, com a publicação do retrato, — que bastante trabalho nos deu para o arranjar — no dia em que o nosso diario entra no 33.º ano de publicação, demonstrar publicamente a nossa gratidão e reconhecimento ao capitão Manuel M. Ventura, que ha quasi dois anos nos acompanha na luctiva diaria da caçificação do Noticias d'Evora, trabalhando a nosso lado, como bom amigo que é, dispensando ao jornal uma dedicacão extraordinaria e inulgar e honrando-nos com a maior estima e a máxima consideração.



Capitão, Manuel M. Ventura

Desde o seu primeiro artigo o nosso mesado amigo soube grangear as unanimes simpatias de todos os leitores, pela forma desassombreada como escreve.

Não podiamos, pois, por mais tempo, deixar de dar-lhe uma prova publica do nosso vivo reconhecimento, aproveitando hoje o maior ensejo que se nos depa-rou — o aniversario do jornal, tendo luctado imenso para que o nosso amigo Ventura, receba esta grande surpresa, preparada em poucos dias e que elle certamente nos relevará, pois embora lhe vá ferir as suas susceptibilidades, sabe muito bem que não somos capazes de mentir, nem tão pouco de insensarmos-seja quem for. Veja o capitão Ventura nesta homenagem apenas o nosso reconhecimento e a muita gratidão, pelo auxilio que nos tem dispensado e ao nosso jornal.

Não podiamos, pois, por mais tempo, deixar de dar-lhe uma prova publica do nosso vivo reconhecimento, aproveitando hoje o maior ensejo que se nos depa-rou — o aniversario do jornal, tendo luctado imenso para que o nosso amigo Ventura, receba esta grande surpresa, preparada em poucos dias e que elle certamente nos relevará, pois embora lhe vá ferir as suas susceptibilidades, sabe muito bem que não somos capazes de mentir, nem tão pouco de insensarmos-seja quem for. Veja o capitão Ventura nesta homenagem apenas o nosso reconhecimento e a muita gratidão, pelo auxilio que nos tem dispensado e ao nosso jornal.

Carlos Maria Pinto Pedrosa.

ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5500  
Para fóra, " " 7750  
" " trimestre 21500

Calendario de Setembro

Domingo	3	10	17	24
Segunda	4	11	18	25
Terça	5	12	19	26
Quarta	6	13	20	27
Quinta	7	14	21	28
Sexta	8	15	22	29
Sabado	9	16	23	30

# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHÃ

Director, Editor e Proprietario — Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telegramas — «Noticias Evoras Evora»  
A correspondência deve ser dirigida ao director do jornal

O diário mais antigo do distrito de Evora — Tipografia propria — Maquinas movidas a electricidade

1933

MEZ DE SETEMBRO

8

Sexta feira

Este numero foi visado pela censura.

Avançado

## MAIS UM ANO QUE PASSA

O *Noticias d'Evora* entra hoje no seu 34.º ano de publicação. Ao contrário do que sucede com os homens, os anos passam-lhe por cima e ele nunca envelhece. Um jornal nunca se torna decrepito; tem sempre energia, vitalidade e fé. Um jornal nunca é velho, porque todos os dias renasce, ora focando os casos mais recentes, da última hora, vibrantes de actualidade como a hora que passa, inspirados nas ideias que fazem época, ou então, por antiesse cronológica, reproduzindo ou transcrevendo narrativas da história pátria ou da história universal, bocadinhos de ouro literário que são sempre novos, que são sempre da actualidade, que são sempre da hora que se vive, em espirito, ao lê-los, porque a história, como os jornais, nunca é velha perante a humanidade.

Nesta ordem de ideias, muito paradoxal perante a realidade dos factos, em presença dos anos decorridos, o *Noticias d'Evora* continua a manter a vitalidade dos primeiros anos: da sua juventude, não obstante os seus trinta e tres anos feitos. E nesta já longa vida de continuo-labutar, nem sempre isenta de dificuldades e de sacrificios, tem o nosso jornal sabido dignificar a sua posição na imprensa local, cumprindo dignamente a missão que lhe compete, já na defesa dos interesses da região, já na propagação que há a fazer dela.

Os interesses do público têm merecido sempre o mais disvelado carinho ao *Noticias d'Evora*, razão bastante para justificar a simpatia que a cidade lhe dispensa. Por este facto, que muito nos sensibilisa, não podemos deixar de agradecer as atenções que são dispensadas ao nosso jornal, e a simpatia que lhe é tributada, não só pelos seus inúmeros leitores, assinantes e anunciantes, como ainda pelos seus amigos, colaboradores, correspondentes e vendedores. A todos, muito obrigado pelas deferências com que honram o *Noticias d'Evora*.

O dia de hoje representa o início de nova etapa a percorrer, de uma vida que renasce e que ha-de manter, no espaço de tempo que medeia entre este e um novo aniversário, o ritmo da vida de ontem, sempre honesta e digna, e, felismente, muito independente de quaisquer influências que possam ser prejudiciais a um jornal independente.

Sob a direcção do homem que soube, desde a infância do jornal, ampará-lo e guiá-lo na senda da honestidade, o *Noticias d'Evora* sauda todos os seus amigos, leitores, assinantes, anunciantes, colaboradores, vendedores e pessoal das oficinas, tornando extensiva a sua saudação, muito sincera, a toda a imprensa portuguesa, de que se considera modesto elemento e representanteda suas honrosas tradições.

## O velho Frederico

O velho Frederico, hoje asilado da Casa Pia, foi, durante muitos anos, impressor e distribuidor do *Noticias d'Evora*. Ao seu jornal, como ainda hoje se lhe refere com saúdade, o velho Frederico dedicou sempre especial afeição, amizade muito sincera, e a tal ponto ela se patenteava, que mais estimava o jornal do que tinha em conta as suas comodidades. Faz hoje anos o *Noticias d'Evora*. Por feliz coincidência, também faz anos o velho-Frederico. Estão de parabens, ele e o jornal, como se ambos fossem a mesma pessoa, partilhando das mesmas alegrias. Por este motivo, todos os que trabalham nesta casa enviam as mais cordeais felicitações ao bom amigo Frederico José Henriques, desejando-lhe saúde e conforto para o resto dos seus dias, que de trabalho honrado, e bastante, foram aqueles já passados.

**Dr. Nollá Capitão**  
Ex-Interno dos Hospitais Civis de Lisboa  
Residência-Freixo da Balza, 16/10  
Telefons 275.  
CONSULTORIO:  
Praça do Geraldo, 89 — EVORA.

## Festas em Monte de Trigo

Conforme ontem noticiámos realisaem-se em Monte de Trigo, nos dias 10 e 11 do corrente, grandes festas em honra de Santo Izidro, advogado dos lavradores e seareiros.

O programa das festas é o seguinte:

- Dia 10**
- A's 8 horas — Chegada da filarmónica Sociedade Capricho Setubalense.
- A's 11.30 horas — Festa de igreja, celebrada pelo prior da freguezia.
- A's 12 horas — Percorrerá as principais ruas da freguezia, uma vistosa procissão, abrilhantada pela filarmónica.
- A's 16 horas — Corrida á alentejana de 8 bravissimas vacas puras, abrilhantada pela mesma filarmónica.
- A's 21 horas — Kermesse acompanhada de lindo fogo de artificio, concerto, etc.

**Dia 11**

- A's 6 horas — Alvorada pela filarmónica.
- A's 11 horas — Festa de igreja celebrada pelo prior da freguezia.
- A's 12 horas — Procissão em honra de Santo Izidro.
- A's 16 horas — Corrida á alentejana de 8 corpulentos touros.
- A's 21 horas — Kermesse, concerto, fogo de artificio, etc.

Consta-nos que vão ser estabelecidas carreiras de camionetas, afim de facilitar a concorrência de forasteiros.

## T. S. F.

### Ainda o decreto que regulamenta os serviços radio-electricos

Por acharmos interessante e atendendo ao avultado numero de radiofilos existentes em Evora, inserimos algumas das passagens do regulamento, que recentemente foi publicado pelo ministerio das Obras Publicas e Comunicações:

A massa de radiofilos portugueses, que é já hoje consideravel e que até aqui tem vivido na mais completa anarquia; com prejuizo para todos os que se dedicam á radiofonía, passa a ter o seu estatuto proprio — com os seus direitos e as suas obrigações.

Nas estações telegrafo-postais de todo o país encontram-se já em distribuição os impressos destinados ao manifesto de instalações radio-electricas receptoras. Todos os possuidores de aparelhos de recepção, que sejam simples receptores de galena, que de qualquer modo possam receber esses impressos e entregá-los até 15 de setembro, depois de assinados com clareza, na estação postal que mais lhe convier.

No referido impresso o amador deverá indicar o nome, estado, idade, profissão, nacionalidade, morada e localidade onde reside. É igualmente indispensavel, além destas indicações, que se destinam á elaboração de estatísticas sobre o movimento radiofonico do país, mencionar as características da instalação. Assim, o radiofilo deverá explicar se a antena que utiliza é exterior ou interior, e se atravessa ou não a via publica; se o receptor é de cristal ou de valvulas e, neste caso, quantas possui; se a instalação se destina a funcionar em clubes ou em quaisquer outros lugares publicos e qual a forma por que deseja fazer o pagamento da taxa.

Pelo novo regulamento todas as antenas exteriores, que atravessam a via publica, ficam sujeitas ao pagamento de 3000 para victorias. Os funcionarios encarregados deste serviço ficam, no entanto, com a faculdade de não concordar com a instalação da antena e de indicar outra forma mais conveniente de a lançar.

A taxa, que como se sabe é de 6000 estudos por mês, tanto para receptores de galena como de valvulas, pode ser paga annual, semestral, trimestral ou mensalmente, á vontade do radiofilo. Os possuidores de aparelhos de galena que possam provar o seu estado de pobreza, têm uma redução de 50 por cento no pagamento das taxas.

As direcções dos clubes ou dos proprietarios de quaisquer recintos publicos onde existam aparelhos de radiotelefonía deverão

fazer a respectiva declaração para não pagar uma taxa diferente daquela que foi estipulada para os restantes radiofilos, isto é, de 6000, mas para que a respectiva contribuição industrial sofra um aumento de 5 por cento, conforme o que determina o decreto que regulamenta os serviços radioelectricos. Ficam isentos do pagamento destes 5 por cento os clubes de amadores de T. S. F., que têm, no entanto, de pagar tambem a taxa unica de seis estudos.

### Evasão de presos

Da cadeia civil de Montemor-o-Novo, evadiram-se anteontem todos os presos que ali se encontravam, os quais se muniram de chaves falsas.

Os presos andaram na feira durante o dia e á noite regressaram á prisão embriagados.

Entre os reclusos encontrava-se Hipólito José Boias, que, como os nossos leitores devem estar lembrados; foi acusado de principal na morte, em Azaruja, do infeliz Botelho Manuel Camilo, o que se não provou.

O Boias, bem como o seu companheiro de presidio Luiz Joaquim Borrego, evadiu-se, andando as autoridades em sua procura.

### Hiplismo

No proximo dia 10 do corrente vae iniciar-se em Evora uma prova hipica, a que concorrerem os regimentos da Brigada de Cavalaria com sede em Estremoz.

Será disputada a valiosa taça «Mascarenhas», instituida pelo sr. coronel Conceição Mascarenhas, que foi Ministro da Guerra.

A taça ha dois anos que está em poder do regimento de cavalaria 5 e se este ano a ganhar entra na sua posse definitiva.

As provas realisam-se no picadeiro de cavalaria 5, no campo de obstaculos sito na estrada das Alcaçovas e num percurso de algumas leguas.

### Estradas

Por não terem comparecido concorrentes, não foi adjudicado ontem o fornecimento de 228 metros cubicos de brita e a reparação do pavimento do ramal para a estação de Azaruja da E. N. 95-2.ª.

### Falecimento

Na quinta do Camões, faleceu o menino João de Matos, de 6 mezes, filho do sr. Sebastião José de Matos.

### A quem pertence?

O sr. Jacinto Canaipa, residente na Rua Romão Ramalho, deu conhecimento á policia que tem em seu poder um frango que encontrou abandonado.

## Prazos da Cadeia Civil de Evora

- Na cadeia civil desta cidade, encontram-se aguardando destino os seguintes presos:
- Jerónimo Rafael Lima, entre que ao Governo e condenado em 19 de Dezembro de 1929.
- Antonio Vicente da Rocha, condenado a pena maior em 2 de Fevereiro de 1931.
- Antonio da Cruz Cotovio, condenado a pena maior em 26 de Setembro de 1932.
- Joaquim Augusto Sim-Sim, condenado a pena maior em 14 de Setembro de 1932.

## Ouvicesaria VIEIRA

Expõe as ultimas novidades:  
EVORA — Telefones: 258

## Dr. Jorge Capinha

— MEDICO CIRURGIÃO —  
Com pratica nas clinicas de Paris e Hospitais da Faculdade de Medicina de Bordeaux  
Operações, Electricidade Medica,  
RAIOS X

Tratamentos especiais da Sifilis, Doenças venereas, Tuberculose, Bronquites asmaticas, Varizes, etc.

**CASA DE SAUDE** Consultorio e Residencia  
Rua Seipa Pinto, 19 e 23 — EVORA  
Telefone 117

## Bombeiros Voluntarios de Evora

Pediu a demissão do lugar de comandante dos Bombeiros Voluntarios de Evora, o sr. Virgílio Ferreira Vieira.

# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHA

Director, Editor e Proprietario — Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41. e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telegramas — «Noticias Evora» Evora  
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal

O diário mais antigo do distrito de Evora — Tipografia propria — Maquinas movidas a electricidade

1934

MEZ DE SETEMBRO

8

Sabado

Este numero foi visado pela censura.

Avencado

### ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5000  
Para fóra, " " 7000  
" " trimestre. 21000

### Calendario de Setembro

Domingo	2	9	16	23	30
Segunda	3	10	17	24	
Terça	4	11	18	25	
Quarta	5	12	19	26	
Quinta	6	13	20	27	
Sexta	7	14	21	28	
Sabado	8	15	22	29	

# O 34.º ANIVERSÁRIO DO "NOTICIAS D'EVORA,"

Um ano a mais conta hoje, a juntar ao rosário daqueles que já se passaram por entre vicissitudes de toda a espécie, este paladino defensor dos interesses da região e do público, o jornal que mais e melhor procura ser, na cidade e no distrito, o fidedigno intérprete das necessidades mais imperiosas desta terra abençoada, rincão ubérrimo, coração do Alentejo, ple-tórico, pujante de riquezas naturais e de encantadoras belezas artísticas.

Um ano a mais, transcorrido na honesta missão de ser útil ao interesse colectivo, ao bem comum, ao interesse da própria Pátria, com a firme vontade de não fomentar a inimizade entre os homens, exercendo moralisadora acção social, procurando não ferir os princípios morais ou espirituais de cada cidadão, grupo ou facção, não exercendo a critica pessoal nem fazendo a critica de grupos, de instituições, de famílias, de indivíduos. Toda esta orientação, que constitui a especial divisa do *Noticias d'Evora*, se deve a intelligente acção do seu Director, cujo retrato, de que se acompanha este artigo, será para ele e para o seu trabalho jornalístico, e pessoal, mais motivo de orgulho e de aborrecimento, do que agradável surpresa, em que se ufane. Porém, não devíamos nós, modestos leitores do *Noticias d'Evora*, deixar passar esta unica excepcional oportunidade de nos encontrarmos, sob motivada pela forçada ausência do nosso Director o amigo, para lhe testemunhar-mos, por esta forma, a multa estima e consideração em que temos as suas qualidades de caracter, muito embora recorrendo sempre a pena de abuso de confiança, que, se não se estivesse, não permitiria que cometéssemos, fosse qual fosse o pretexto invocação, fazendo-lhe publicamente homenagem ao prezado amigo, e ao seu trabalho jornalístico. Outra punição não mereceriamos, certamente, além da natural reprovação da nossa opinião, por parte do homenageado, uma vez que Carlos Pedrosa não pode já impedir-nos, sob pena de mais violação dos princípios legais de que poderia dispor, se se estivesse, de que honhamos o jornal em publicação.



Carlos Maria Pinto Pedrosa  
Director do "Noticias d'Evora"

o maior dos interesses das empresas, o apoio indispensavel para que o jornal pudesse cumprir a sua missão de consciencia e operário incansavel na defesa dos direitos dos pobres. E assim, elevando-se, também ao trabalho honesto e digno, rodeado de amizades muito sólidas e valiosas, criando, sua volta, a simpatia, que muito o honraram, Carlos Pedrosa viu-se um dia, não sem que lhe antecedessem horas de sofrimento, de sacrificio e de reveses, bem como a publicação do *Noticias d'Evora* e alcançado o que desejava, que tanto tem honrado.

Mal rafeito de um rude golpe, de um assalto de natureza politica as instalações e officinas do jornal, que ele, com tanto carinho e solicitude cuidara e criou, que trouxera por muito tempo pela mão a iniciativa e a tentativa dos primeiros passos no terreno da opinião publica, Carlos Pedrosa viu-se um dia na posse de um filho adoptivo, mas, em que estado? Membrado, abraçado, cerebro esfacelado, moribundo... E Carlos Pedrosa recebe-o para lhe dar vida, para fazer o milagre da ressurreição, para o progresso de que o *Noticias d'Evora*, e o seu proprietario e Director, sempre se orgulham. E tão bem o curou das mazelas e das feridas, tão bem lhe soube fazer a redução das fracturas e sanificá-lo, que o *Noticias d'Evora* dentro em pouco parecia outro, mais popular, mais querido do seu publico, mais identificado com a colectividade de que se tornara a sua voz, e a tal ponto, que ela lhe deu especial preferéncia e acclamação.

Tornou-se o jornal da cidade, por excelência, afastado do bulício tempestuoso das facções partidárias, de onde tinha saído mal ferido, e conseguiu, com a orientação que lhe tem imprimido o seu novo Director, chegar até nós de viselta levantada, a voz livre, bem timbrada e sempre moça. Por isso Carlos Pedrosa é bem digno de figurar hoje na página de honra do seu jornal, sem sua licença, sem o seu beneplácito, é certo, mas por nossa espontânea vontade, deliberada em menos de dois segundos, prova esta mais que sufficiente para se compreender a unidade de vistas dos redactores do *Noticias d'Evora*, presentes na sede, e dos ausentes se consultados fôsse em nesta emergência, acerca do grande apreço em que têm a acção do seu Director nesta nobilissima cruzada da imprensa, nesta difficilissima função de dirigir e orientar um jornal que a

tem a coragem moral de antepor aos interesses particulares, que nada são, os interesses gerais do publico, da cidade ou da região. E é esta a mais nobilissima e a mais delicada missão do director de um jornal, missão que Carlos Pedrosa desempenha com rara intuição, felicidade e orientação, muito sua, absolutamente independente. Esta circunstancia, que é também qualidade muito apreciavel e que denota vontade realçadora sem ambiguidades, sem sujeição a quaisquer sugestões, que tendam a modificar-lhe a marcha, põe bem em evidencia a acção e a orientação de Carlos Pedrosa, e do jornal que dirige, e a razão determinante desta homenagem que lhe prestamos. Estes são bem merecidos pelos actos de benevolencia, e pelos actos de caridade que o jornal realizou para com os seus praticantes pobres.

Mais, porque a acção de Carlos Pedrosa não tem sido pagada no jornalístico por muito tempo a dignidade e a popularidade de que pôde orgulhar-se, muito embora se considere, emquanto ao seu passado, no *Noticias d'Evora*, não o invejamos como jornalista e o presente não o invejamos como Director. Merece a, porque o jornal, que elle orienta, sempre pôz as suas colunas a disposição de todos os bem intencionados, para olhar a créditos nem a visões que professem, contanto que os assuntos versados não tenham por fim o desenfolar de mesquinhas paixões.

Nesta homenagem não colabora o faço de amigos, rendidos pela adulação (que não praticamos), mas apenas a justiça que é devida ao Director do jornal, e que nos entendamos dever fazer, neste momento, — liços como verdadeiros e directos, ingeração, nos serviços da redacção e da tipografia, e sua acção e orientação criteriosas, indiligentes, e absolutamente modelar. Que Carlos Pedrosa não desabe do abuso, cometido de boa fé e espontaneamente, dos seus votos que fazemos, com aqueles, muito intimos e sinceros, de sua longa vida que lhe desejamos, e ao seu jornal, para maior gloria da sua obra e da sua benéfica e honradora publicação portuguesa.

da Redacção



# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHA

Director, Editor e Proprietario — Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touroes, 11

Telefone N.º 348 — Telegramas «Noticias Evoras» Evora  
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal

O diario mais antigo do distrito de Evora — Tipographia propria — Maquinas movidas a electricidade

1935  
MEZ DE SETEMBRO  
8  
Domingo  
Este numero foi visado pela censura.

**ASSIURAS:**

Em Evora cada mez. \$100  
Anual. \$1.250  
Berlim. trimestre. \$300

Aniversario de Setembro de Salvador

1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	
7	14	21	28	

## 33 ANOS

O **Noticias d'Evora**, ao completar os seus 35 anos de existência, tem hoje um indclinável dever a cumprir para todos aqueles, dos seus amigos, colaboradores, assinantes, anunciantes, leitores e empregados, que, durante a sua vida de labor em defesa dos interesses da região, lhe têm dispensado as maiores e as mais captivantes provas de simpatia, auxilio e solidariedade. Agradecido, como lhes está, aqui lhes deixa consignado o seu profundo e inolvidável reconhecimento, a sua muita simpatia, e o bom desejo de francas prosperidades a todos, tal qual, e com o mesmo interesse e empenho, como as deseja para si. Por tantas provas de estima, o **Noticias d'Evora** se confessa sumamente agradecido à cidade de Evora, berço de insignes varões e, por excelência, Museu histórico do nosso Portugal bem amado.

### O 35.º Aniversário do "NOTICIAS D'EVORA,"

Diversas circunstâncias, de entre as quais predomina, nos últimos tempos, a minha pouca permanência em Evora, têm-me forçado a afastar as lides jornalísticas, com nítida, com saúde, mas com a firme convicção de não ter sido infroficua, se bem que muito ingrata, a missão que me propuz desempenhar na imprensa. Por sorte, como que a auxiliar a mimhlo accão, sou-

boradores, o amigo de poucos anos, que lhe dedica, não obstante, a mais forte das amizades.  
Evora, 8-IX-1935.

Caro M. Ventura.

#### Piedade

Em virtude das dificuldades surgidas, já se não encontra a picaria que fora anunciada para o dia 15, não sendo de esperar que outras se venham a realisar.

**DR. EDUARDO VILHENA DE MENDONÇA**  
Medico cirurgião  
Doenças do coração, pulmões (com o tratamento da tuberculose pelo pneumotorax)  
**Clínica geral** (193)  
Consultas das 10 às 12 1/2 e das 15 às 17  
Consultorio e residencia:  
Largo Luiz de Camões n.º 39 — 1.º  
(à Porta Nova) — Telef. 209.  
**EVORA**

**Musica no Jardim**  
Sob a regencia do sub-chefe, sr. Alberto da Silva França, dá hoje concerto no Jardim Publico das 21 horas ás 23, a Banda de Infantaria 16, que executará o seguinte programa:  
I PARTE  
«Neves de Carvalho» — Marcha — de A. França.  
«Republica del Amor» — Zarzuela — de Lléo.  
«Rusticanelo» — Canzone — de Cortopassi.  
«Les Brinaves» — Divertissement

### EROS da SOCIEDADE ANIVERSARIOS

- Fazem hoje anos:  
D. Emilia de Lemos Vieira.  
D. Mariana Augusta Rodrigues Carujo.  
Meuina, Maria Carolina Vieira.  
Cónego, Antonio Augusto da Natividade.  
Carlos da Silveira.  
Manuel Izidro da Rocha.  
Tenente, David Prates da Silva, (Lisboa).  
Frederico José Henriques.  
Mariano José de Matos
- D. Maria Jacinta, Estrada de N. (Arraiolos).  
D. Maria Rosa Nunes Pinto Bastos.  
D. Flávia de Jesus Guerra Nunes.  
D. Maria Ana Varela Martinho Cançado Carvalho.  
Teotilo Dias Roberto.  
Manuel Figueira Vilanova Sotomaior.  
Fernando dos Santos Gomes.  
Sergio Augusto Branco, (Porto).  
Elias Antonio do Rosário.  
Luiz Antonio Melro.

**DR. MOTA-CAPITÃO**  
Ex-Almoxar dos Hospitais Civis de Lisboa  
Residencia-Fratria de Baixo, 16/7/0  
Telefones 275  
CONSULTORIO:  
Praça Jo. Geraldo, 89 — EVORA

**Palha para as enxergas dos doentes do Hospital**  
O sr. José Simões Paquete, enviou ao Hospital da Misericordia desta cidade, com destino ás enxergas dos doentes ali internados, uma carrada de palha de milho. Também os srs. Francisco Morgado e João Perdigão, mandaram uma carrada de palha de milho cada.

**Mecânico Lobato**  
Por todo o Paiz, continuam a constituir-se comissões de sargentos para angariarem donativos para a compra de um mautoleu a erigir ao malogrado mecânico Lobato, companheiro do tenente Humberto da Cruz.  
No regimento de artilheria ligeira n.º 1, em Evora, a sub-comissão ficou constituída pelo 2.º sargento sr. Manuel José Nunes e pelos tenentes srs. Virgilio Nunes, Ferraz e Manuel da Mota.  
A subscricção aberta nas colunas do **Noticias d'Evora**, está em 55700.

**Para julho**  
A policia enviou ao poder judicial Manuel Joaquim Pedro Peralta, por ter agredido com uma pá de ferro o trabalhador Laurindo da Silva, que ficou com um profundo ferimento na cabeça de que teve de receber curativo no Hospital da Misericordia.  
**Ballo**  
Na sede do Sport Lisboa e Evora, realisa-se hoje um baile familiar.

Montemor, Arraiolos, e outros meios, pelos senhores Cabadoiros, João de Oliveira Fernandes, dr. Alfredo Cunha e João Torres, tendo este ultimo senhor proporcionado não só a sua cooperação individual como o gado, praya de touros e os seus creados. Poram dignas de registo a accção desenvolvida pelos bombeiros, policia de segurança, Guarda Republicana e alguns operarios a quem os pobrositos devem dedicar a sua gratidão.  
Com a conjugação de todos estes esforços, alguns contos de reis se conseguiram que, com eles se atenuará alguma coisa as dificuldades de tantos necessitados.  
Que continue a medrar a ideia do bem fazer e que se torne indispensavel se prolonge nesta cidade que provas tem dado de fazer tanto ou melhor que outros meios do nosso Paiz.

**Curativo**  
No Banco do Hospital da Misericordia recebeu curativo de varias contuzões pelo sr. Antonio Barata, residente na travessa dos Menezes, que foi agredido por Domingos Gaita.

afastado das lides jornalísticas, pelas razões expostas, muito embora na expectativa, cada vez mais accentuada, de que não poderi abandonar-as de todo, não posso deixar que passe o 35.º aniversario do nosso jornal, o jornal de Evora, sem lhe dirigir, na pessoa do seu Director, as mais efusivas e cordéis felicitações, sem lhe desejar uma vida muito longa, e muito prospera, nas mesmas carinhosas condições que hoje o guiam, sob a mesma orientação de honestidade e cavalheirismo, que constituem o timbre mais nobre do seu braço.  
O **Noticias d'Evora** é da cidade. Faz parte integrante da sua vida; é indispensavel ao commercio, á industria, ao lar e em todas as actividades economicas e sociais do nosso burgo. Por isso elle é estimado, e esperado, por todos, com o interesse que só as coisas uteis despertam. Que assim continue, pela senda do trabalho em prol de bem communio, no caminho da mais recta observancia dos seus deveres de orientador consciante da opinião publica, são os votos que faz o mais insignificante dos seus cola-

**DR. ANTONIO J. PINTO**  
Médico - Cirurgião  
Especialista de **doenças de olhos.**  
Toda a chirurgia da especialidade  
Consultas das 10 ás 12 e 3o e das 15 ás 18 horas  
Domingos: das 10 ás 13  
CONSULTORIO:  
R. João de Deus, 108-1.º  
888

**Manuel José Lourenço**  
Medico-cirurgião  
**Clínica geral**  
Doença das crianças e senhores  
Consultas todos os dias uteis das 10 ás 12 e das 15 ás 18 horas  
Praça Joaquim Antonio d'Aguiar n.º 12  
(Antigo L. de S. Domingos)  
**EVORA** 114

**Dr. Jorge Capinha**  
— MEDICO CIRURGIÃO —  
Com pratica das clinicas de Paris, e Hospitais do Facultade de Medicina de Bordeaux  
Operações, Electricidade Medica, RAIOS X  
Tratamentos especiais da Sifilis, Doenças venereas, Tuberculoses, Bronquites asmaticas, Varizes, etc  
CONSULTORIO e Residencia:  
**CASA DE SAUDE**  
Rua Serpa Pinto, 18 e 23 — EVORA  
Telefone 117

**BOENTE**  
Ha dias que se encontra guardando o leito, o nosso estimado amigo sr. José Joaquim d'Oliveira Teias, empregado do Banco do Alentejo.  
Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

**NASCIMENTO**  
Foi registada com o nome de Maria Luiza Namorado Freire, uma filhinha do nosso amigo sr. tenente Luiz Freire e de sua esposa ex.ª sr.ª D. Maria José Gomes Namorado Freire.  
O acto foi testemunhado pelos srs. tenente José Antonio Victorino e Oscar Gomes Namorado.

**PARTIDAS E CHEGADAS**  
Regressou da Costa da Caprica, onde se encontrava ha tempos, a ex.ª sr.ª D. Maria Barreira Vieira, esposa do nosso amigo e assinante, sr. Antonio Vieira Junior, conceituado joulheiro da nossa praça.  
— Seguiu para Vila Viçosa, a nossa estimada assinante ex.ª sr.ª D. Ana Martins Dias, esposa do nosso amigo sr. tenente Alfredo Manuel Dias, de cavalaria 3,

ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5700  
Para fóra, " " 7250  
" " trimestre. 21200

Calendario de Setembro

Domingo	6	13	20	27
Segunda	7	14	21	28
Terça...	8	15	22	29
Quarta	9	16	23	30
Quinta...	10	17	24	
Sexta...	11	18	25	
Sabado	12	19	26	

# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHÃ

Director e Editor—**JOAQUIM DOS SANTOS REIS** — Propriedade dos Herdeiros de Carlos Maria Pinto Pedrosa

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telefone n.º 348 — Telegramas «Noticias Evoras Evora»  
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal

O diário mais antigo do distrito de Evora — Tipografia propria — Maquinas movidas a electricidade

1936

MEZ DE SETEMBRO

8

Terça feira

Este numero foi visado pela censura.

## 1900 - MAIS UM ANO - 1936

Entra hoje no 37.º ano de publicação o diário regionalista da manhã Noticias d'Evora.

Este dia, recordamol-o com profunda saudade, porque nos falta o valoroso timoneiro desta nau que procuramos levar a bom porto, seguindo as tradições e o nome honrado de Carlos Pedrosa.

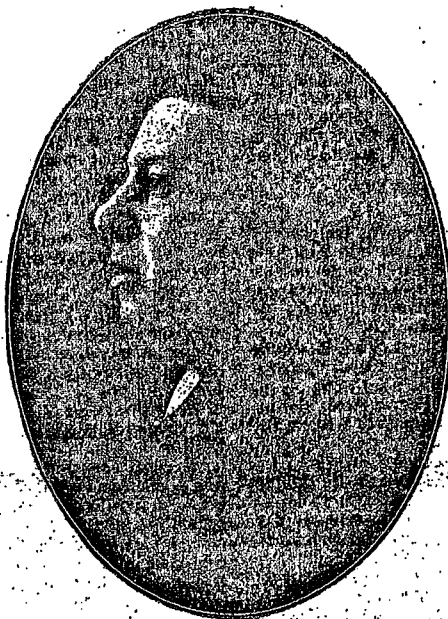
O nosso querido morto desmentindo a maxima vungente—os mortos vão depressa,—continua tão junto de nós como nos dias em que a sua presença, a sua intelligencia, a sua energia, comandavam a nossa acção e nos estimulavam a trabalhar, a cooperar na sua obra.

No espirito de quantos o servirão e amaram, ele continua a impôr-se. E, aqui, dentro desta casa que o seu sonho e o seu esforço, em perfeita simbiose, edificaram, a sua presença espiritual não se diluiu nem se apagaram—não se apagarão nunca—os traços vincados por uma existência dedicada ao Noticias d'Evora.

No dia em que comemoramos a passagem de mais um anniversario deste diário, a dor profunda que sentimos pela morte subita de Carlos Pedrosa de certo modo, suavizada pela certeza de que o seu espirito não nos abandonou e não deixou de velar por esta casa, por este jornal, por esta obra, permanentemente em curso.

A sua perda foi irreparável. Sabemos bem que o seu lugar, o lugar que ele occupou de modo insuperavel, não é de facil substituição e que toda a nossa boa vontade, todo o nosso zelo, toda a nossa perseverança não lograrão preencher-o.

Uma coisa permanece, porem, tal como ele a



Carlos Maria Pinto Pedrosa

deixou, no instante supremo da despedida: a sua herança moral. Não julgamos tê-la aumentado, valorizado, enriquecido. O esforço dispendido em curtos mezes de trabalho não nos permittiu aquilatar a continuação da obra que das suas mãos recebemos em 23 de outubro de 1935, nesse dia de luto e acabitamente.

Temos, contudo, a certeza de que do cabedal

dessa herança magnifica não desviamos um cêutil, de que essa obra, foi, sempre, religiosamente, respeitada e seguida. Essa é a nossa consolação unica. Ela nos torna, talvez, menos crucial a evocação dum mal sem remédio, duma perda que a nossa humana condição é impossivel reparar.

Como no dia em que o Noticias d'Evora observou o dever de anunciar aos seus leitores a morte daquele cuja vida entroncava na vida deste jornal, mantemos as palavras de coragem que a nós mesmos dirigimos. Os nossos propositos de ha' meses são, em tudo, e por tudo, os nossos propositos de hoje.

E' pois, sem pompas, sem ruído, sem solenidade de maior que comemoramos o 37.º anniversario da fundação do Noticias d'Evora.

Intima, singela, recolhidamente, agrupamo-nos, hoje, junto da campa onde repousam os seus restos mortais e lancemos-lhe flores rociadas de lagrimas e de saudade.

As flores que hoje todos os que servem o Noticias d'Evora, desde o seu director ao mais modesto dos seus empregados, vão juntar a campa do querido chefe, hão-de, porque são matèriais e transitórias, fenecer, extinguir-se, tambem como o pobre corpo que, sob ela se desfar. A vida delas, porem, estão as nossas almas. E são estas que ao espirito de Carlos Pedrosa afirmado, viva e robusta, a vontade de conservar e engrandecer, se tanto for possivel, a obra que nos legou.

Joaquim dos Santos Reis

Missa

Sufragando a alma do nosso director e amigo Carlos Pedrosa, realisa-se hoje na igreja de S. Francisco, pelas 9 horas, uma missa que será celebrada pelo muito reverendo sr. padre Joaquim José Baptista d'Oliveira. O Noticias d'Evora, desde já agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

**Dr. José Vaz Barreiros**  
Médico-Cirurgião

Ex-assistente livre de Consulta de Estomatologia dos

**HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA**

Doenças da boca e dentes

Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 18 horas  
Rua de Diogo Cão n.º 1-1.-D.º  
(Esquina da Rua da Salaria)  
EVORA      Telefone 33

**Noticias d'Evora**

ao entrar no seu 37.º ano de publicação, saudamos seus preçados colaboradores, assinantes, leitores, amigos e imprensa em geral, esperando que lhe continuem a dispensar a sua solida amizade.

8/9/1936

**Dr. J. Fernandes Palma**  
Clínica de doenças d'olhos  
Consultas ás terças feiras, das 11 ás 17 horas, no consultorio do  
**D.R. MOTTA CAPITÃO**  
Praça do Geraldo, 89 — EVORA

**Fundo de Desemprego**  
Até ao dia 1.º do corrente está a pagamento na Tesouraria de Finanças deste concelho, a percentagem para a Caixa de Auxilio ao Desempregados.

**Dr. Motta Capitão**  
Ex-interno dos Hospitais Civis de Lisboa  
Residência: Praça de Balço, 16 1/2  
Telefone 275  
CONSULTORIO  
Praça do Geraldo, 89 — EVORA

As terças-feiras do Luzitano  
Como de costume, deve realisar-se hoje, mais um destes concertos, que tão apreciados são pelos socios desta colectividade desportiva.  
Preparam-se para os intervalos grandes surpresas.  
A musica para belle será transmitida por um potente auto-pal-leur.

**DR. ANTONIO J. PINTO**  
Médico - Cirurgião  
Especialista de doenças de olhos.  
Toda a cirurgia da especialidade  
Consultas das 10 ás 12 e 3-0 e das 15 ás 18 horas  
Domingos das 10 ás 13  
CONSULTORIO  
R. João de Deus, 108. 1.  
888      Telefone 277

ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 7500
Para fora, 7500
Trimestre, 21250

Calendario do Setembro

Calendar table for September with days of the week and dates.

Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA BAHIA

Director e Editor—JOAQUIM DOS SANTOS REIS

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 4

Telefons n.º 348 — Telegramas «Noticias Evora» Evora
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal

O diario mais antigo do distrito de Evora — Tipographia propria — Propriedade dos H.º de Carlos Pedrosa

1937

MEZ DE SETEMBRO

8

Quarta feira

Este numero foi visado pela censura.

Tradição do nosso povo No limiar do 38.º ano

Frederico de Paula Henriques

O lugar de Murches na encosta da serra de Sintra é pelo seu aspecto humilde, e pitoresco, uma pequenina aldeia onde se pode respirar um delicioso perfume de bucolismo...

Entra hoje o Noticias d'Evora no seu trigésimo oitavo ano.

Por certo os seus fundadores—dr. Francisco Barahona e conego Alfredo de Oliveira—quando, naquelle já longinquo verão de 1900 lançaram o primeiro numero deste jornal, estavam longe de esperar que lhes sobreviveria, conseguindo atravessar epocas calamitosas impossiveis de prever nesse sossegado principio deste agitado seculo.

Por varias fases passou este jornal que sempre, acima de tudo, tem sabido pugnar pela Patria, por Evora.

Em 1915, ao assumir a sua directoria, o então seu unico proprietario, Carlos Maria Pinto Pedrosa passou o Noticias d'Evora a viver absolutamente alheio ás varias correntes ideologicas que então se degladiavam...

insofismavel a mais absoluta independencia.

A morte, que a ninguem poupa, que não olha a quem vai ceifando na sua faina a esmo, roubou-nos o querido director, abruptamente, em 23 de outubro de 1935.

Mais uma vida a quem o Noticias d'Evora sobreviveu, procurando manter o mesmo aprumo, a mesma conducta de sempre.

E o jornal continua a singrar, mercê da boa aceitação dos nossos leitores, da preferencia dos nossos assinantes, da contribuição ralhosa dos nossos colaboradores, a quem neste dia, uma vez mais, endereçamos o nosso agradecimento.

Um ano que passa na vida dum jornal, para mais diario e de provincia, é simultaneamente, um triumpho registado e um incumetimento.

Continuamos, pois, como até agora, como sempre ficamos, procurando ser bem comum, a bem de Portugal, a bem de Evora.

Se vivo fosse, completava hoje 75 anos de idade, um dos mais devotados trabalhadores deste diario.

Frederico de Paula Henriques, a quem todos os anos o Noticias d'Evora homenageava por coincidir a data do seu aniversario natalicio com a deste diario, já não conta no numero dos vivos.

Trabalhador infatigavel, com ele contámos enquanto válido, já como impressor, quando as maquinas ainda não eram movidas a electricidade, já fazendo a distribuição do Noticias d'Evora, calcurreando a cidade de madrugada procurando atender a todos de forma a não haver reclamações.

Frederico de Paula Henriques, que se acolheu á Casa Mãe, morreu serenamente, recebendo, a seu pedido, os ultimos Sacramentos.

No dia de hoje, recordamol-o com saudade e parece nos ainda vê-lo todo satisfeito, encostado á cadeira, e com uma lagrima árevida, dizer-nos: — Parabéns ao Noticias d'Evora. Que ambos contemos ainda muitos anos.

Infelizmente para ele, seguiu o destino que todos nós temos de lavar.

Porem o Noticias d'Evora continuará singrando e depois de nós, outros virão de forma a que a obra creada com tanto carinho por Carlos Pedrosa, não desapareça.

Que descanse em paz.

o Noticias d'Evora ao entrar no seu 38.º ano de publicação, saúda os seus prezados colaboradores, assinantes, anunciantes, leitores, amigos e imprensa em geral, esperando que lhe continuem a dispensar a sua solida amizade.

8/9/1937

De vez enquanto têm uma festa, mais como tradição popular, do que como nascida nas suas almas crentes!

Um dia destes o rev.º Prior de Cascais, o sr. Moysés da Silva, uma grande alma de verdadeiro apóstolo de Cristo, teve a gentileza de me convidar para assistir a essa festinha a S. Mamede, que a gente de Murches tanto gosta de apreciar.

Não conhecia aquella região, que me fascinou deveras, pois a encosta da serra de Sintra, que toda ela é uma apoteose de tonalidades sugestivas, forma o fundo da tela numa elevação de colorido, onde os poentes são poemas que se desabrocham e desaparecem sem nunca perderem o seu encantamento.

Todos esperavam o dignissimo Prior á porta da capela e a luz dourada da tarde espelhando os seus raios tão característicos, tudo em um quadro digno de um pintor como Scha Perlo.

Encheu-se a capela de um povo bondoso, uns no geral ignorantes em materia de religião, uns a sua bondade, a sua atenção e respeito davam ao ambiente um significado silencio!

Moysés da Silva com a sua brilhante palavra, tocou ao de leve no nome de S. Mamede, desejou antes falar-lhes dos deveres da nossa religião, da fé, do seu poder, e como o nosso povo é crente por natureza, e como nós tem

pos que vão correndo devemos abraçar a Cruz, como unico remedio ás nossas chagas morais.

As suas palavras ditas com o seu acostumado entusiasmo, fizeram impressão e em muitos olhos, lagrimas brotaram!

Depois da festa, realizaram-se as tradicionais tres voltas ao redor da capela, com as cabeças de gados existentes em Murches, costume encantador de tradição popular, que não deverá desa-

parecer com a chamada civilização moderna.

Um povo que tem destes costumes tão innocentes e característicos, é um povo interessante, poelico, e as aldeias onde vive comentam bem a sua forma de sentir. Devemos acolher com a devida ternura e carinho tais usos, que tanto dignificam a alma portuguesa.

Cascais. Alfredo Pinto (Sacarem)

Dr. Horta Capião
Ex-interno dos Hospitais Cruz de Lisboa
Residência-Freiria do Balço, 16/17
Telefons 275
CONSULTORIO:
Praça do Geraldo, 89 — EVORA

Festa ao Sr. dos Aflitos
Na igreja de Santa Barbara de Val de Couvo, sita na estrada do Penedo do Ouro, realizam-se no dia 19 do corrente mês, grandes festas que constam de cerimoniaes de igreja, procissão, arrabal e concerto por um grupo de musicos da Escola de Amadores de Musica Eborense.
Haverá carreiras de cantoneiros.

DR. ANTONIO J. PINTO
Médico - Cirurgião
Especialista de doenças de olhos.
Toda a cirurgia da especialidade
Consultas das 10 ás 12 e 30 e das 15 ás 18 horas
Domingos: das 10 ás 13
CONSULTORIO:
R. João de Deus, 108-1.º
888 Telefone 247

EDUARDO VILHENA DE MENDOÇA
Médico-cirurgião
Doenças do coração e pulmões
Tratamento da tuberculose pelo pneumotorax — Clínica geral
Raios X - Radioscopia - Diatermia por ondas curtas - Raios Ultra Violetas - Endoscopia - Correntes Galvânicas e Farádicas - Raios Infravermelhos
Consultas das 10 ás 12 e das 13 ás 17 horas
Consultorio e residencia:
Largo Luiz de Camões n.º 39 — 1.º
(d' Porta Nova)-Telef. 209-Evora

Dr. Manoel José Lourenço
Médico-cirurgião
Clínica geral
Doenças das crianças e SENHORAS
Consultas todos os dias uteis das 10 ás 12 e das 13 ás 18 horas
Largo de S. Domingos
414 EVORA — Telefone 16

Dr. Jorge Capinha
MÉDICO CIRURGIÃO
Com pratica das clinicas da Paris e Hospitais da Faculdade de Medicina de Bordeaux
Operações, Electricidade Medica, RAIOS X
Tratamentos especiais da Sifilia, Doenças venéreas, Tuberculose, Bronquites atônicas, Varizes, etc.
CASA DE SAÚDE
Rua Serpa Pinto, 19 a 23 — EVORA
Telefone 117

Dr. José Vaz Barreiros
Médico-Cirurgião
Ex-assistente livre da Consulta de Estomatologia dos HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
Doenças da boca e dentes
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 18 horas
Rua João de Deus, 21
(Est. Antiga, Rua Ancha)
EVORA Telefone 33



# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA MANHA

Director, Editor e Administrador—**JOAQUIM DOS SANTOS REIS**

Redacção e Administração—Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão—Rua dos Touros, 6

Telefone n.º 348—Telegramas «Noticias Evora» Evora  
A correspondência deve ser dirigida ao director do jornal

O diário mais antigo do distrito de Evora—Tipografia propria—Propriedade dos H.º de Carlos Pedrosa

1936  
MEZ DE SETEMBRO  
8  
Quinta feira  
Este numero foi visado pela censura.

### ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 2000  
Para fóra, 7500  
Trimestre, 21000

### Calendario de Setembro

Domingo	4	11	18	25	
Segunda	5	12	19	26	
Terça...	6	13	20	27	
Quarta...	7	14	21	28	
Quinta...	1	8	15	22	29
Sexta...	2	9	16	23	30
Sabado	3	10	17	24	

### Crónica

Quem se dedica ao estudo da storia d'Evora, vê-se por vezes em serios embaraços devido à falta de elementos de consulta. Não quer isto, porem, significar que poucas obras se tenham publicado sobre tal, mas sim que tempo, aliado à ignorancia, fez desaparecer muitos documentos e lançariam luz sobre certas questões obscuras.

Além disso, indo para factos mais recuados, encontram-se por vezes divergencias que deixam o estudioso perplexo, muito principalmente quanto a datas.

A bem dizer só de ha um seculo para cá appareceram os elementos destinados a esclarecer satisfatoriamente o investigador, e só daqueles factos que se podem classificar de historicos como ainda dos mais secundarios: a vida local, o ambiente, etc, para completo conhecimento daqueles, igualmente interessa conhecer.

Foi desde o aparecimento do regionalismo, dessa força enorme, e mal avaliada na maior parte das vezes, que começaram a surgir os elementos necessários para o estudo da vida eborense.

Ainda não ha muito publicou a «roda-pé» deste jornal um estudo que, embora longo, foi o que tenho encontrado mais esmiuçado, devido à abundancia de materia que existe através dos jornais da epoca.

O jornal de hoje que se percorre rapidamente com a vista, e, por vezes desdenhosamente, se lança para o lado, poderá ainda ser um subsidio valioso para o esclarecimento dum problema de interesse.

E na vida agitada da imprensa eborense, este jornal, o *Noticias Evora*, é um dos mais valiosos elementos, graças não só à sua bonita apparencia como ainda à maneira imparcial como os factos o relatados.

Percorrer os seus trinta e oito annos de existencia, representados por trinta e oito grossos volumes, conhecer o dia a dia de Evora desde aquelle já distante 8 de setembro de 1900.

Indiferente a questões pessoais, e a questões individuais, o *Noticias d'Evora*, é o mais completo.

(Continua na 5.ª columna)

**Dr. Manoel José Lourenço**  
Médico-cirurgião  
Clinica geral  
**Doenças das crianças**  
SENHORAS  
Consultas todos os dias uteis  
das 10 ás 12 e das 15 ás 18 horas  
Domingos: das 10 ás 12 horas  
**Largo de S. Domingos**  
EVORA—Telefone 16

## O FUNDADOR DO "NOTICIAS D'EVORA"



Dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoço

Faz hoje trinta e oito annos que saiu o primeiro numero do «Noticias d'Evora».

Foi seu fundador um dos chefes politicos de então, o dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoço, pelo que o jornal era o órgão do seu partido, o progressista.

Contudo, no artigo de apresentação, llam-se estas frases: claramente reveladoras dum intuito mais alto do que alimentar polemica com as forças contrarias:

*Impo-nos o encargo, sempre de difficil cumprimento, de publicar diariamente no nosso jornal, persuadidos de que prestamos a terra um bom serviço. Era de ha muito que em Evora a falta de uma publicação de importância importante como esta, significava muitas vezes prejuizo e molestia e a transitorios judicarios: veni obstar a tal necessidade de necessidade o nosso jornal.*

*Esforçar-nos emos para que esta publicação se distinga como noticia, pela prontidão e veracidade da noticia.*

E assim foi, e assim tinha de ser porque outra coisa não era de esperar dum homem da envergadura do dr. Francisco Barahona, nome que nunca deve ser esquecido pelos belos exemplos que durante a sua vida forneceu. A esse pietoso amigo d'Evora, a esse Homem-de-bem que foi fundador do nosso jornal prestamos, simples mas sentida homenagem, publicando a sua biographia e alguns dados que recordam o quanto esta cidade lhe ficou devendo.

O dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoço, natural da villa de Cuba, formado em direito na

Universidade de Coimbra, fixou residencia em Evora quando, em 1887, contrahiu matrimonio com a sr.ª D. Angelica Fernandes Ramalho, viuva do grande proprietario José Maria Ramalho Diniz Pérdigão.

Lavrador esclarecido e progressivo, administrador modelar, dispondo de largos recursos monetarios tornou-se não só o pai dos nobres e das famílias chamavam, mas o mais desvelado protector das classes atingidas pela pobreza.

Quando da sua morte, em 1900, a situação das classes pobres e das famílias chamavam, não havia a aquelle casa valiosos soporros, e no interior das propriedades que fazem parte dos haveres da casa Barahona, encontravam-se empregados de «obreiros perseguidos pela fome».

Na criação de asilos, na larga distribuição de donativos, na criação de um refugio para os velhos servidores da sua casa, nos subsidios a estudantes pobres, a famílias caídas em pobreza, afirmava-se o espirito altruista, magnanimo, do sr. dr. Barahona; sendo certo que ele impunha o segredo, como condição do bem que fazia.

Um outro jornal da epoca, *O Diario*, assim se referiu ao seu falecimento:

«Simples senhor e administrador dos seus enotimes bens, seria apenas um proprietario respeitado, mormente pelos seus caseiros e inquilinos; protector d'arte, de mais a mais inspirado por sentimentos nacionalistas, a sua personalificação de entra na beneemerencia publica. Por isso alar-

(Continua na 2.ª pagina)

### Crónica

(Continuado da 1.ª columna)

to registro da vida eborense do seculo XX.

E, valorisando as imensas paginas da sua collecção, que brilhante escol de literatos apparecem através as suas colunas: Antonio Sardinha, Alfredo Pimenta, Florbela Espanca, José Cordovil, Raul Proença, Augusto Esagui, Antonio Batoque, Leopoldo Nunes, Mario de Castro, Celestino David, Azinhal Abelho, Alfredo Pinto, etc.

Ao escrever estas linhas destinadas ao numero com que o *Noticias d'Evora* celebra a entrada no trigessimo nono anno de publicação, não quero nem posso, que de mal ficaria com a minha consciencia, deixar de recordar Carlos Pedrosa, o director deste diário quando, ha treze annos, nele inticei a minha colaboração.

Carlos Pedrosa se não foi um escritor, teve o condão enorme de saber dirigir o seu jornal, este jornal de que foi durante largos annos o habil timoneiro.

Neste dia de festa, da festa que mais querida era ao seu coração, curvome perante a sua memoria.

**Dr. Vieira Lopes**  
Retomou a clinica  
R. João de Deus, 16  
Telef. 323

### Os mortos

Se vivo fôsse, completava hoje 80 annos de idade, o sr. Frederico de Paula Henriques, um dos mais antigos empregados do *Noticias d'Evora*, que veio a falecer na Casa Pia d'Evora, e estabelecimento que o educou.

Porque, no seu aniversario, em 20 de Novembro de 1900, nos deixou.

Varia  
utarris  
cas dus  
especial  
Das 15 de 18 horas da  
cidade de A.D.—Lisboa, Tel. 247  
Clinica a pobres, 15 horas.

**DR. ANTONIO J. PINTO**  
Médico—Cirurgião  
Especialista de  
**doenças de olhos.**  
Toda a cirurgia de especialidade.  
Consultas das 10 ás 12 e 30  
e das 15 ás 18 horas  
Domingos: das 10 ás 12  
CONSULTÓRIO  
R. João de Deus, 108-1.  
888. Telefone 247.



# Noticias d'Evora

DIARIO REGIONALISTA DA BANHA

Director, Editor e Administrador—JOAQUIM DOS SANTOS REIS

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telefona n.º 348 — Telegramas «Noticias Evora» Evora  
A correspondência deve ser dirigida ao director do jornal

O diario mais antigo do distrito de Evora — Tipografia propria — Propriedade dos IL.º de Carlos Pedrosa

### ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5000  
Para fóra, 7500  
Trimestre, 21000

### Calendario do Setembro

Domingo	3	10	17	24
Segunda	4	11	18	25
Terça	5	12	19	26
Quarta	6	13	20	27
Quinta	7	14	21	28
Sexta	8	15	22	29
Sabado	9	16	23	30

1939

MEZ DE SETEMBRO

8

Sexta feira

Este numero foi visto pela censura.

## COISAS VARIAS

# 1900—1939

Medidas tendentes ao desenvolvimento da exportação e acondicionamento das importações

Como compensação ao nervosismo causado pelos acontecimentos internacionais os órgãos da grande imprensa continuam a fornecer-nos divertidos pormenores sobre a estada em Lisboa da Annabella e do seu amoroso, Tyrone Power.

Assim um dos jornalistas a que aludi na minha ultima cronica depois de nos dizer que o ditoso par passaria a noite no Aviz Hotel, participou nos que a passou no Estoril, no 3.º andar do Palacio, quarto n.º 13.

«Portugal tem a gloria—disse o jornalista—de albergar mais vinte e quatro horas o lindo par enamorado que ontem chegou a Lisboa nas azas frementes do «Clipper».

Efectivamente a gloria foi grande para nós, tão grande que ficámos todos a limpar de gloria.

O casal acordou cedo—às 6 e meia—para ir ao aeroporto de embarque. Ela pediu um chá bem quente, e ele, um «café noir» e sumo de laranja.

Deixaram-se fotografar. Tyrone Power estava pouco fotogenico porque não tinha ainda feito a barba.

O diabo, isto agora é que não parece dum Don Juan da tela!

A barba por fazer!

Pouco fotogenico!

«Annabella e o marido fizeram hoje uma vida de noivos, no Estoril. Estão instalados no terceiro andar do Palacio, no quarto 312, tendo ao lado, um amplo salão rasgado de janelas—visão doce e azul do mar, aroma de pinheiros, aroma estonteante das rosas do jardim. Quando ontem ali chegaram, o gerente mostrou-lhes um «appartement» com dois leitos. Annabella, sorrindo, declarou que não o queria. Então, o gerente mostrou-lhes outro, com cama de casal. A «vedeta», com o seu melhor sorriso, declarou-se logo satisfeita, e Tyrone Power sibilou um «yes» de plena concordancia.

Este «sibilou» deixou nos mal impressionados.

Um galá a sibilar não devia ser lá muito harmonioso.

O par enamorado está no Estoril como em pleno deserto do Arizona. Parecem dois naufragos perdidos numa ilha. Não mudaram ainda de lato, e ele viu-se obrigado a comprar á pressa «camisas brancas».

Este pormenor das camisas também não é muito poetico.

Mas enfim!

E o jornalista, acaba por nos dizer que a Annabella «evin, um «shake» hand» da sua mão muito fina, cinzelada, meteu-se no elevador, como um passarito assustado, que não acerta com o ca-

entra hoje o Noticias d'Evora no seu quadragésimo ano de publicidade. Ao contrario do que ultimamente temos feito, não apresentamos numero comemorativo de anniversario, não vestimos as costumadas pompas uma vez que tão vestiloso se apresenta o prólogo da tragédia que tem por cenário a Europa central e oriental.

Mas tão lamentável facto não nos inibe de, com a habitual sinceridade, evocarmos saudosamente os nomes queridos dos fundadores deste diário—Dr. Francisco Eduardo de Baralhona Fragoso e Conego Alfredo Cesar de Oliveira—e o do Homem que ao leme desta fragil embarcação maior numero de anos se conservou, sabendo sempre impôr o seu nome—Carlos Maria Pinto Pedrosa.

Igualmente não queremos deixar de apresentar os nossos tradicionais agradecimentos a todos que, directa ou indirectamente, nos têm ajudado na nossa missão.

minho da liberdade» e voou para os braços do Tyrone.

A grande imprensa cometeu uma «trafe» lamentável e para a qual já não há remedio—deixou-se levar o «par enamorado» á «Varanda dos Rouxinol» para ver a Madalena, a D. Inacia-capelista, o Eduardo, bofetineiro (?) de Alcoçaba, o Augusto, o Couveia e o Xavier.

Mas não perdeu o ensejo de fazer «reclame» ao cabeleireiro que penteou a «vedeta» reproduzindo até um autografo desta.

Quanto ao Tyrone tem cá em Lisboa um grande rival—é o meu barbêiro que se gaba, não sei se com razão, de que não há bela que lhe resista.

E' pena que não seja fotogenico pois lá também para o cinema e era um successo.

A grande informaçao na furia de confirmar os seus creditos e vender os seus órgãos—agora os jornaes vendem-se cá como canela—continua a fornecer-nos paginas cheias de telegramas e fantasias sobre os acontecimentos internacionaes que, por vezes, se vê forçada a desmentir.

Não seria preferivel informar-nos e melhor?

Uma coisa que me faz grandes confusões, devido talvez ao facto de eu ser um doente cronico, é verificar que os homens, agora que a ambicão leva a provocar guerras ou revoluções não deixando os outros, nem mesmo as proprias familias, em sossego, são em geral uns picos de saude, sãos como um peço.

Porque se eles fossem uns doentes, enquanto pensavam na doença e na hora de tomar os medicamentos estavam quietos e não iam buir com aqueles que, por sua vez, só desejam que os deixem estar quietos.

As grandes Companhias, não

se contentando em monopolisar os artigos da sua especialidade, afugentando a concorrência de que resultam benefícios para a comunidade, andam ainda por cima a mangar com a gente».

Assim a dos Fosforos, fazendo na imprensa o «reclame» dos «paivantes», inventou, entre outros, este episodio com certa dama; á hora do chá:

«V. Ex.» puxa do isqueiro para lhe dar lume; falha. Ela sorri. Torna a falhar;—ela ri com vontade. E' um pequeno contratempo, mas abofreido, porque o «groom» aproxima-se com um fosforo na mão e acende o cigarro da belidade.

Traga sempre fosforos consigo. Nunca falham.

Falham, falham.

Trouxe tempo: até em que uns quebravam-se e outros perdiam a cabeça.

Em cada caixa apparecia sempre uma determinada quantia de pausinhos nessas condições dando a impressão de que havia um empregado expressamente encarregado da sua stecção.

Os isqueiros, á que pelo contrario, quando não lhes falta a pedra e a gasolina, nunca falham.

Tenho trabalhado em Companhias, mas a verdade é que eu sou muito mais feliz.

Lisboa.

Estardo Pacheco

**Banheiro**  
Aberto todos os dias das 8 horas ás 6 da tarde.

—banho quente, tépido ou frio. Dous fios (com agulha), simples e resaca. Pedra-de-cócuta, de Inocência, de Inocência e medicinalis sulfurosos, alcalinos e gaseosos.—Fricções medicinaes.

Serviços independentes para homens, senhoras e crianças, na Rua dos Capellães, 117.

**Casa de Saude**  
Dr. Jorge Capinha  
Rua Serpa Pinto, 21—EVORA  
3029 Telephone 117

li, absolutamente isentos da minima parcela de vaidade, sentimento que nunca conhecemos, salientamos um facto ocorrido entre o 8 de Setembro do ano findo e este: um facto que atesta o interesse que as coisas d'Evora despertamos:—a publicação do decreto considerando como imovel de interesse publico a ermida de São Miguel.

A este assunto dedicámos varios artigos, sobre elle tivemos diversas considerações que, com alegria verificamos, não foram perdidas.

Sobre o ano que ora começa na existencia do Noticias d'Evora, decano da imprensa diária alentejana, diremos que, como sempre, nos anima o melhor desejo de sermos uteis á Patria, ao Alentejo, a Evora, não esquecendo todos aqueles que sofrem.

E fazendo os mais ardentes votos para que a tempestade, embora longinqua, cesse o mais rapidamente possivel, entramos com o entusiasmo de sempre em mais um ano de trabalho.

### Os espectáculos teatraes e cinematográficos

devem terminar, a partir da próxima segunda-feira, da

O sr. Ministro da Educação Nacional transmitiu a seguinte nota de serviço á Inspeção de Espectáculos:

«Tendo em conta a necessidade de reintegrar a vida nacional em hábitos de economia e de morigeração e seguindo até ao bom exemplo alheio, determino que a partir de 2.ª feira, 11 do corrente, inclusivé, todos os espectáculos teatraes e cinematográficos acabem ás 23,30 horas com tolerancia de meia hora no periodo de reajustamento.

A infracção a esta ordem responderá o máximo de multa legal e á reincidência o encerramento das casas de espectáculos.

Esta nota de serviço abrange igualmente esplanadas, verbenas e espectáculos em Sociedades de Recreio, sendo a multa legal de 1.000\$000.

### Queixa

Francisco Salgado, morador na rua d'Alcoutim, queixou-se ao commando da policia contra Inocência Castanheira, residente na Travessa da Palmeira, acusando-o de lhe ter vendido varios objectos pela quantia de 25000, entregando-lhe somente 13000, gastando o restante em seu proveito.

### Licenças

Foram concedidos 23 dias, de licença graciosa, ao tesoureiro da Fazenda Publica de Mourão, sr. Arlindo Domingues Claro.

—Ao 1.º official em serviço na Direcção de Finanças de Evora, sr. João Machado Lopes de Ramos, foram concedidos 20 dias de licença graciosa.

Vai ser publicado, pela Presidencia do Conselho, o seguinte decreto-lei:

«Artigo 1.º — Fica o Governo, por intermédio do Ministerio do Comércio e Industria, autorizado ao seguinte: 1.º, tomar medidas tendentes ao desenvolvimento da exportação; 2.º, prohibir a exportação de quaisquer mercadorias ou sujeitá-la ao regime de autorização prévia, nos termos julgados mais convenientes para a economia nacional; 3.º, condicionar as importações e providenciar no sentido de assegurar o regular abastecimento do Pais, em mercadorias e productos necessários ao consumo publico e as actividades industriais; 4.º, tomar todas as medidas necessarias ao reforço da disciplina das actividades comerciais e industriais, podendo determinar para todas as infracções consideradas attentatórias dos interesses da economia nacional a pena de prohibição do exercicio da respectiva actividade; 5.º, requisitar estabelecimentos de venda, a retalho e, as instalações necessarias, para assegurar o abastecimento do Pais, quando nelle haja qualquer perturbação; 6.º, estabelecer as restricções de consumo que se mostrem indispensaveis, e condicionar lo pela forma mais conveniente á economia nacional; 7.º, promover os inquéritos indispensaveis ao conhecimento das existencias do Pais, de todos os generos alimenticios; 8.º unico—As medidas previstas neste artigo serão postas em vigor, por despacho ou portaria, conforme as circunstancias.»

Art.º 2.º — O disposto neste decreto-lei applica-se aos outros ministerios, em relação ás actividades que dêtes estejam exclusivamente dependentes.»

**Dr. Manuel J. Lourenço**  
CLINICA GERAL  
Doenças das crianças e SENHORAS  
Largo de S. Domingos 3053 EVORA — Telefone 16

Monumento a D. Nuno Alvaros Pereira

A Camara Municipal de Abrantes, resolveu fazer levantar um monumento a D. Nuno Alvaros Pereira, o Grande Condestavel de Portugal, o qual será inaugurado no mês de agosto de 1940, comemorativo da batalha de Aljubarrota e apo da grande comemoração nacional.

A referida Camara Municipal de Abrantes, enviou nos listas de subscrição para o monumento ao Herói, as quais se encontram á disposição das pessoas que queiram contribuir para aquella grandiosa e patriótica homenagem.

Continúa



# Noticias d'Evora

1910  
MEZ DE SETEMBRO  
8  
Domingo  
Este numero foi visado pela censura.

## ASSINATURAS:

Em Evora, cada mez 5200  
Para fóra... 7950  
... trimestre. 21500

### Calendario de Setembro

Domingo	1	8	15	22	29
Segunda	2	9	16	23	30
Terça	3	10	17	24	
Quarta	4	11	18	25	
Quinta	5	12	19	26	
Sexta	6	13	20	27	
Sabado	7	14	21	28	

## DIARIO REGIONALISTA DA MANHA

Filiado no Grémio Nacional de Imprensa Diaria

Director, Editor e Administrador—JOAQUIM DOS SANTOS REIS

Redacção e Administração — Rua do Raimundo, 41 e 43  
Officinas de composição e impressão — Rua dos Touros, 6

Telefone n.º 348 — Telegramas «Noticias Evora» Evora  
A correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal.

O diário mais antigo do distrito de Evora — Tipographia propria — Propriedade dos H.º de Carlos Pedrosa

## COISAS VARIAS

Li cá no diário que a magnífica banda de Infantaria 16 dá esplendidos concertos nocturnos no Jardim Publico e por isso felicitos os eborenses.

Mas occorre perguntar: Porque não se faz o mesmo em Lisboa onde ha tantas bandas regimentaes?

Tinhamos um belo coreto na Avenida da Liberdade em que alguns se realisaram, mas pregaram com elle no Jardim da Estrela e nunca mais os libbetes, nas noites calmosas, tiveram um bocado de musica.

Estamos reduzidos á telefonia enfadonha duma esplanada, e isso mesmo com a despesa obligatoria de bebidas fornecidas pelo arrendatario.

E passa se isto na Capital! Dá ou não dá vontade de ir viver na Provincia?

Os meus patricios affecionados á bicycleta, que já não se preocupam muito com os acontecimentos bellicos da Europa nem com a carestia da vida, cada vez mais retorcida.

Neste momento o que lhes interessa é o pedalar do Trindade e do Faisca e a camisola amarela.

E lá estiveram fixes na Ataláia e no Senhor da Serra.

Invejáveis patricios!

Soma e segue. Uma camionete, carregada de pedra, matou duas pobres senhoras. É uma infeliz criança na rua de S. Filipe Nery.

Outra na rua das Janelas Verdes fez o mesmo a uma senhora que, confiadamente, seguia pelo passeio.

E o que faz a grande imprensa não face disto?

Insurge-se? Reclama urgentes providencias a quem de direito compete diligenciar pôr cõbo ao innocuo e innocens das grandes velocidades que tantas victimas teem.

Nada disso. Limita-se, na maioria das vezes, a registrar a occorrença e admirar-se ingenuamente de que os motoristas vão, com as carruagens colher os piões nos passios.

Ora pois. Li esta local que se presta a filosoficas reflexões: «Se não tiver quem lhe faça o funeral será sepultado na vala gemeo e cauleteiro, Raimundo Baptista Cardoso.»

Quantas vezes, lembrando lhas

## O "NOTICIAS D'EVORA" completa hoje 40 anos de existência

Faz hoje 40 anos que nesta cidade viu pela primeira vez a luz da publicidade o diário Noticias d'Evora.

Diferentes tem sido os indivíduos que tem dirigido o leme desta embarcação, umas vezes em mar alteroso, outras em mar bonanzoso

Presentemente, devido a circumstancias varias a que não é estranha a situação anormal que o Mundo atravessa, o Noticias d'Evora tem-se ressentido pelos inumeros encargos que o assoberbam, muito principalmente o elevadissimo custo de papel de impressão.

Procuraremos por todas as formas man-

ter-nos no nosso posto em defeza dos interesses da cidade de Evora e da provincia do Alentejo, embora muitas vezes com sacrificio que da melhor vontade fazemos com a mira de sermos uteis á nossa Patria.

Cumpro-nos aqui agradecer aos nossos presados colaboradores, assinantes e annunciantes o seu valioso auxilio que muito tem contribuido para que o Noticias d'Evora continue a singrar.

Vamos entrar no 41.º ano. Oxalá Deus nos dê forças para levamos por deante a missão de que nos achamos investidos e para a qual trabalhamos ha mais de 30 anos.

que neste Mundo há horas felizes diligenciar a impingir aos outros... teve sorte nenhuma.

Em Lisboa appareceu uma nova fauna de amigos do aluicio os gatunos de doces.

A sua especialidade consiste em surripiar trouxas de ovos, pingas de tocha, pastels e vinhos finos.

Apesar da profissão não ser das mais recomendaveis acho que estes gatunos teem, a seu favor, algumas circumstancias atenuantes.

Primeira: O que é doce nunca amargou.  
Segunda: Há tantos gulosos cá neste Mundo!

Li nas gasetas que um dos nossos organismos teatraes, querendo manifestar o seu reconhecimento a um empresario por ter revertido a seu favor parte do produto duma recita, não se achar melhor maneira de o fazer sendo dedicando-lhe uma estrofe dos «Lusiadas».

Isto custa a crer mas é assim.

Aquêle maduro que pretendendo seguir á risca a postura moralisadora, se atirou á agua, na praia das Maças, de sobrecasaca, chapéu alto e calças arregaçadas, teve uma piadão.

E ainda ele se não lembrou e foi pena de envergar um impermeavel e levar galochas e um guarda-chuva.

O bota abaixo.

A praie de Algés, já muito redudida, desapareceu por completo.

Fui lá no ultimo domingo e não a encontrei. Naturalmente, como teve recelo de ir, sósinha, levou tambem consigo a de Pe-

droucos, que era unha linda praia unica que nos dava a tranquilidade de um jardim.

Dr. Motta Capião  
CONSULTORIO:  
Rua do Geraido, 89 — EVORA.

Centro Garcia de Rezende  
No dia 29 do corrente, vêm a Evora dar um espectáculo no Teatro Garcia de Rezende a Companhia Mirita Casimiro - Vasco Santana, sendo representada a Revista Olárd quem brinca!

Faria e Silva  
interno dos Hospitais Civis de Lisboa.

Doenças dos olhos  
Consultas das 11 ás 13 horas e das 5 ás 10h7.  
Rua de Burgo, 3 (d. R. da Selaria).

Operações  
Deve vir hoje a Evora operar no Hospital da Misericórdia, o sr. dr. Casimiro Afonso, Assistente do sr. dr. Luiz Adão.

Dr. Manuel Lourenço  
CLINICA GERAL  
Doenças das creanças  
Largo de S. Domingos  
1263 EVORA — Telefone 16

Escola Industrial e Comercial de «Gabriel Pereira»

As matriculas nos diversos cursos professados nesta Escola, realisam-se até ao dia 10 do corrente, para os antigos alunos, e de 11 ás 20, para os candidatos a primeira matricula. Na secretaria prestam-se esclarecimentos das 12 ás 16 e das 20 ás 22 horas.

## Orgulho e Fé

Neste mundo envenenado,  
Por estranha aberraçãõ,  
Foi o Bom Deus destrouadõ,  
E endeusada a Razãõ!...

«A Sciencia tudo encerra  
Nos seus arcaicos profundos,  
E o homem — o rei da terra —  
Cre-se tambem rei dos mundos!

Cristo é luz que não subsiste,  
Sua doutrina, uma lenda;  
E dizer que Deus existe  
Pede logo reprimenda!...

Para o livre pensador  
F' coisa bem de humilhar  
Que haja nos céus um Senhor,  
E em cada peilo um altar.

Adoravel, consagrado,  
Só o bipede homem Deus  
Que neste mundo instalado  
Dispõe da terra e dos céus...

Não será triste, bizarro,  
Esse orgulho tão cretino  
Que faz deuses do nil barro,  
E despreza o que é divino?

Crê na sua omnipotencia,  
O pedagogo sãudo,  
Mas Razãõ, Poder, Sciencia,  
Vem a moite e leva tudo!

E que a Razãõ a que nega  
O alma é Deus - fante de luz,  
E que a Sciencia a que pregõ,  
Que nunca existiu Jesus!

Sim, os sem alma, os sem Deus,  
Os sabiosinhos pedantes,  
São miseraveis pigeus,  
Com pretensões a gigantes!

São escravos da materia,  
(Que ao nada reuãõ tributo,  
E só revelam miséria,  
Por se iguãrem ao bruto!

Lamentemos com piedade:  
O pseudo-sábio demente;  
Porque o sábio de verdade  
Esse ajoelha; é um crente!

JOSÉ CORDOVI

**Casa de Saúde**

Operações: — pequena e alta cirurgia.  
Internato para doentes: — Homens e Senhoras.  
Electrificação mediac: — Alta frequência, galvanisação, furação, massagens electricas, banhos de luz e hidro-electricos, etc.  
Consultas diarias: das 10 ás 12 h.

**Dr. Jorge Capinha**  
Rua Serpa Pinto, 21 — EVORA  
1217 — Telefone 117

**Horario nas farmacias**

Hoje, estão de serviço as farmacias Mota e Rebocho, ficando de serviço nocturno a farmacia Mota.  
Amanhã está de serviço nocturno a farmacia Rebocho.

**Amaro Neto**  
MÉDICO CIRURGIÃO

RAIOS X

Diatéria — ONDAS CURTAS  
Raios ultra-violetas e infra-vermelha — correntes galvânicas — e farádicas —

NO POSTO MEDICO DA  
Sociedade Alentejana de Seguros  
**A PATRIA**  
Residência 196  
Consultorio 405 EVORA.